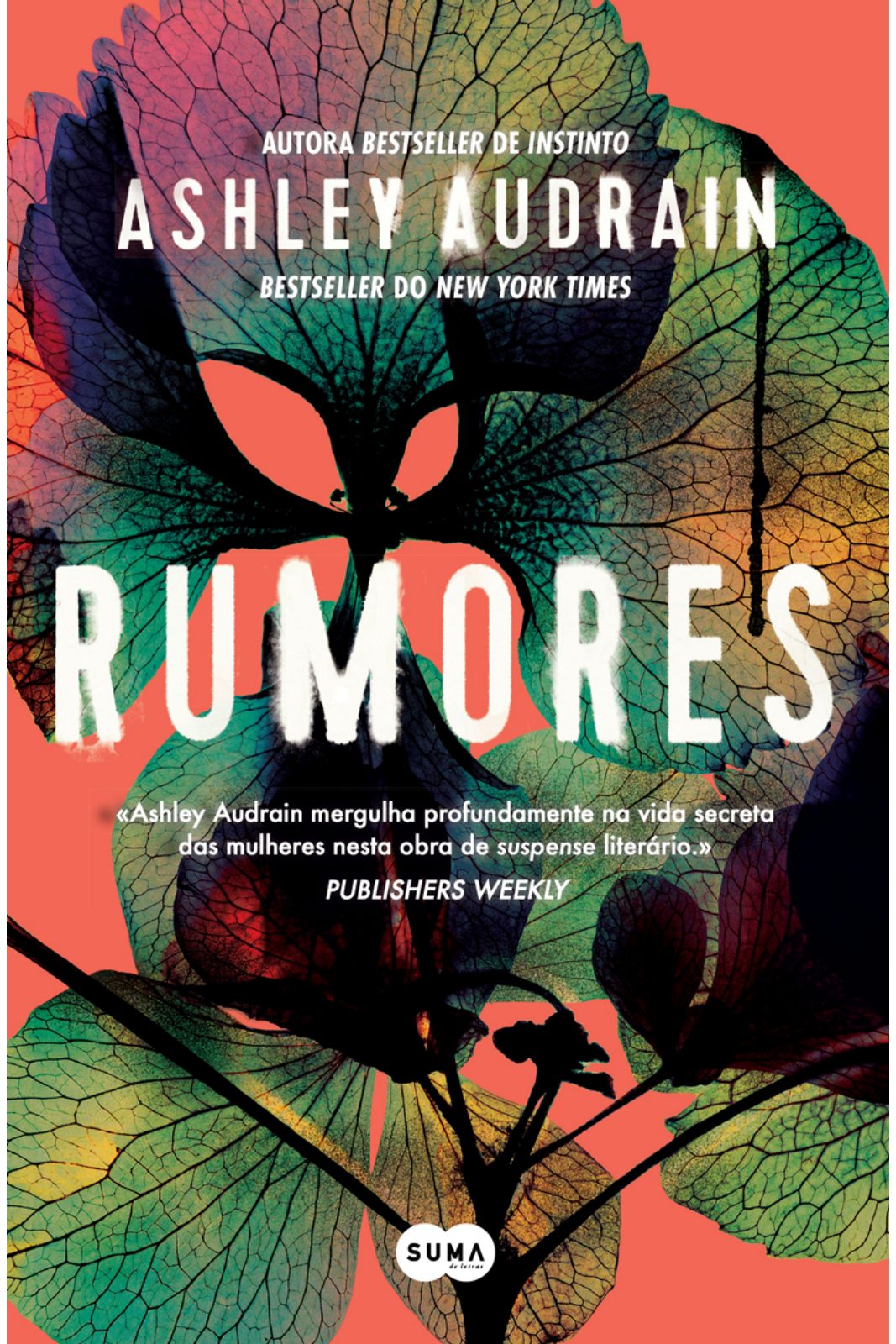




AUTORA BESTSELLER DE INSTINTO

ASHLEY AUDRAIN

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

RUMORES

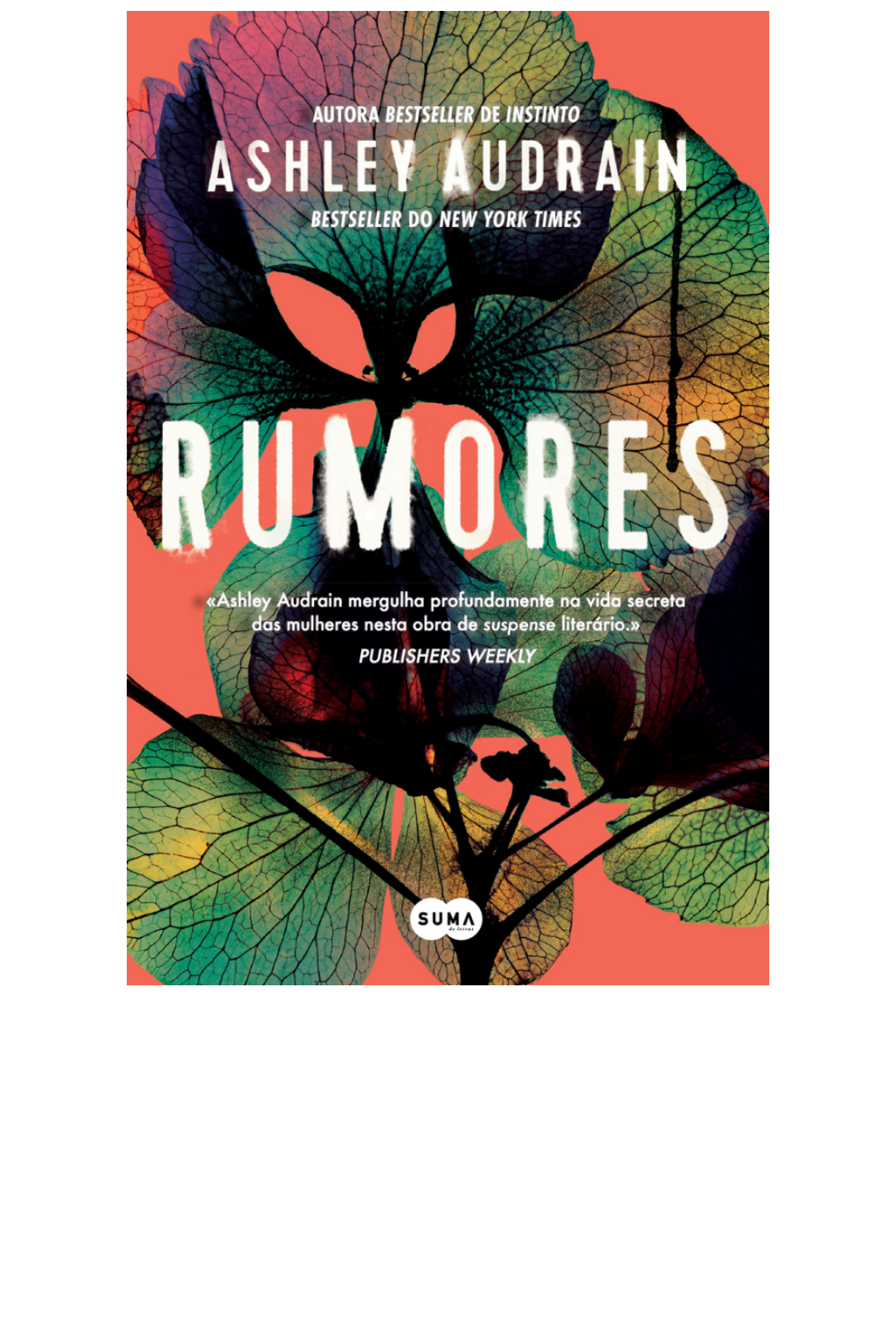
«Ashley Audrain mergulha profundamente na vida secreta das mulheres nesta obra de suspense literário.»

PUBLISHERS WEEKLY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



AUTORA BESTSELLER DE INSTINTO

ASHLEY AUDRAIN

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

RUMORES

«Ashley Audrain mergulha profundamente na vida secreta das mulheres nesta obra de suspense literário.»

PUBLISHERS WEEKLY



Table of Contents

[Rumores](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)
[Rumores](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre este livro](#)
[Sobre Ashley Audrain](#)

Pontos de referência

[Capa](#)
[Índice](#)

ASHLEY AUDRAIN

RUMORES

Tradução de
GONÇALO NEVES





Edição em formato digital: fevereiro de 2024

RUMORES

Título original: *The Whispers*

© 2023, Ashley Audrain Creative Inc.

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Amaia Iglesias

Coordenação editorial: Eva Arim

Tradução: Gonçalo Neves

Revisão: Maria João Fonseca

Capa: Sara Wood

Adaptação da capa: Wonder Studio / Carolina Leonardo

Fotografia da capa: iStock

ISBN: 978-989-787-805-3

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Índice

Rumores

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Rumores

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Ashley Audrain

Para todas as mães que estejam presas por um fio.
E para todas as mulheres que tentam desesperadamente ser mães.

«O que eu sentia cada vez mais, no casamento e na maternidade,
era o facto de ser mulher e ser feminista serem duas coisas
diferentes e provavelmente irreconciliáveis.»

RACHEL CUSK, numa entrevista a
The Globe and Mail, Toronto, 2012

Levando dois dedos ao nariz, ele sente o cheiro da mãe da criança, enquanto os olhos se arregalam na penumbra da cozinha. O relógio do forno diz-lhe que são 0h03. O peito. Sente um enorme aperto. Estará a ter um ataque cardíaco? Será esta a sensação de um ataque cardíaco? Tem de se mexer. Percorre a passo o soalho de carvalho branco e toca em coisas: a alavanca da torradeira; o manípulo de aço inoxidável do frigorífico; as bananas perfumadas que amadurecem na fruteira. Anda à procura de familiaridade para conseguir assentar os pés na terra. Para poder voltar a si.

Um banho. Devia tomar um banho. Trepas pelas escadas como uma criança. Recusa olhar-se ao espelho da casa de banho.

Sente comichão. Coça-se.

Parece-lhe ouvir sirenes. Serão sirenes?

Torce o chuveiro e põe-se à escuta. Nada.

Cama, deveria, isso sim, estar na cama. É onde ele estaria se nada tivesse acontecido. Se fosse apenas mais uma quarta-feira à noite no mês de junho. Seca-se e coloca a toalha no gancho da porta, onde está sempre pendurada. Entretém-se a ver a forma como o tecido felpudo branco descai, ajeitando as pregas como se estivesse a decorar a montra de uma loja de retalho, com as mãos contorcidas num temor incógnito.

O telemóvel. Arrasta-se pela casa na penumbra à procura do sítio onde o terá pousado — o banco do corredor, a bancada da cozinha, a mesa ao fundo das escadas. O bolso do casaco, é lá que está, no chão, junto à porta das traseiras, onde o deixou cair quando entrou em casa. Traz o telemóvel para cima, as pernas ainda fracas, e pára junto à porta do quarto, do lado de fora.

Não pode ficar lá dentro.

Vai dormir no quarto de hóspedes. Deita-se devagar na cama de casal, apreciando o esmero com que alisaram e dobraram os lençóis, e pousa o telemóvel ao seu lado. Mal consegue conter o impulso de lhe ligar.

O que lhe diria? Que sente a sua falta? Que precisa dela?

É tarde demais.

Mas, seja como for, fita o telemóvel, imaginando-se a ouvir a marcha constante do toque enquanto espera que ela atenda. A seguir fecha os olhos e vê novamente a criança.

Passado algum tempo, sente o colchão a tremer. Alguém se juntou a ele. Fica à espera de que lhe toquem. Mas não, é uma vibração. E a seguir outra vez. E mais outra vez. Há um raio de luz cor de tangerina que atravessa o quarto. Para atender, passa o polegar pelo reflexo do seu rosto alquebrado no ecrã do telemóvel.

O tom doloroso da voz dela. Já o ouviu antes.

— Aconteceu uma coisa horrível — diz ela.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

Há algo de animalesco na forma como os adultos de meia-idade se avaliam enquanto simulam simpatia no logradouro da casa mais cara da rua. A multidão encaminha-se para os mais atraentes. Ali estão eles para passar uma tarde de convívio familiar em boa vizinhança, pelas crianças, que jogam um jogo paralelo, mas os homens escolheram sapatos bonitos e as mulheres usam acessórios nada adequados para o parque, e todos eles falam num tom de voz cuidado.

A refeição é servida. Há grandes baldes de aço com cerveja artesanal gelada e hambúrgueres pequenos em longos pratos de madeira e cones de papel a abarrotar de batatas fritas. Há sacos de biscoitos glaceados com o nome de cada uma das crianças, o celofane amarrado com uma grossa fita de cetim.

A vedação das traseiras está revestida de um renque de árvores maduras, plantadas recentemente, erguidas e colocadas com a ajuda de um guindaste. Não há sinais do desagradável beco contíguo, dos moradores das unidades de reabilitação a quatro quarteirões de distância, dos esgotos que transbordam quando chove. A relva é um admirável matiz de verde. Há um sistema de rega. O pátio de betão polido para o qual dá a cozinha está ancorado com canteiros de buxo cuidadosamente dispostos. Há um barracão que não é propriamente um barracão — a porta gira, há um sistema de iluminação adequado.

Três das crianças pertencem a este logradouro, à imponente moradia de três andares que foi construída no lote duplo, inédita num bairro urbano como este. Os gémeos de três anos, um rapaz e uma rapariga, envergam uma anarruga a condizer e deixaram a mãe desta audaciosa moradia pentear-lhes o cabelo com esmero, puxando-o para trás, afagando-o com palmadinhas. O rapaz mais velho, com os seus dez anos, insiste em usar o equipamento de Educação Física do ano passado, com uma mancha na *t-shirt*. Chocolate quente ou sangue, os convidados irão interrogar-se. O marido de Whitney, porém, nos quinze minutos que antecederam o início da festa, convenceu-a a ponderar bem antes de se envolver em qualquer discussão.

Por volta das três e meia da tarde, pôs de lado o desejo de lhe arrancar a *t-shirt* de Educação Física, de o obrigar a vestir o polo azul-

clarinho que comprou para a ocasião. Pôs de lado o *stress* da hospitalidade e aprecia a sensação de ver toda a gente a divertir-se. Já os impressionou a todos o suficiente. Apercebe-se disso pelos olhares, pelos dedos subtilmente apontados entre amigos que reparam nos detalhes nos quais esperava que reparassem. Pensa nas fotografias que vão arrasar nas redes sociais essa noite. O zumbido de vozes soa alto, entrecortado por risadas, e este ambiente de convívio sacia-a.

Este barulho é a razão pela qual Mara, a vizinha do lado, não vem. Recebeu o convite de cartolina grossa na sua caixa de correio no mês anterior, como toda a gente, e este foi direitinho para o caixote da reciclagem. Sabe que estes vizinhos não querem lá pessoas como ela e Alberto. Acham que ela já não tem nada para oferecer. As suas décadas de sabedoria não têm a mínima importância para aquelas mulheres, que andam por ali como se já soubessem da missa a metade. Mas não há problema. Consegue ver e ouvir tudo o que precisa através das ripas da vedação, enquanto cuida do seu jardim, arrancando as pontas das ervas daninhas mais recentes até ficar com as costas doridas na região lombar, o que a obrigará a transferir-se para a cadeira do pátio, já mofada. Apercebe-se de algo nos ramos de pétalas quebradiças do seu arbusto de hortênsias. Dá-lhe um abanão. Um aviãozinho de papel cai na terra com a ponta virada para baixo. Mais um em que não reparou. Encontrou vários no seu logradouro na manhã de quinta-feira. Curva-se para o apanhar enquanto ouve a voz de Whitney a sobrepor-se à dos convidados, a cumprimentar o casal no outro lado da rua.

Esse casal, Rebecca e Ben, faz questão de ir ter com a anfitriã assim que chega. Têm vinte minutos e uma orquídea envasada para lhe oferecer. Rebecca tem de ir trabalhar. Ben tem de apaziguar Rebecca; caso contrário, teria ficado em casa. Mantém-se em silêncio, enquanto Rebecca e Whitney trocam cortesias. Whitney elogia e indaga, dá palmadinhas na mão de Rebecca e depois no ombro, e esta aceita. Está encantada de uma forma que não é habitual nela. Espera que ninguém interrompa.

Ben ainda vem com o cabelo húmido do banho e tem um cheiro matutino. Sente o olhar de Whitney a dirigir-se-lhe enquanto esta fala com a mulher dele. Tem a mão no bolso de trás das calças de ganga brancas de Rebecca. Puxa-a para junto de si. Rebecca pressente que o marido não está a ligar por aí além à conversa que decorre entre as duas, e não se engana. Está a observar o mágico a enrolar um lenço colorido num dos gémeos risonhos de Whitney, a menina, que deu

com o olhar amigável de Ben. Este não é lá muito sociável com outros adultos, mas as crianças ficam sempre encantadas com ele. É o professor favorito. É o tio brincalhão. É o treinador de baseball.

Do outro lado do logradouro, Blair observa Ben e Rebecca a encontrarem formas subtis de se tocarem enquanto escutam a arenga de Whitney, como se ainda encontrassem um no outro tudo o que precisam. Não tiveram filhos, vivem sem filhos, por isso ainda não sofreram alterações irrevogáveis, ao contrário dos restantes. Falam um com o outro por meio de frases completas e articuladas com delicadeza. Provavelmente ainda dão a sua queca diária e desfrutam dela. Adormecem na mesma cama enrolados um no outro. Sem uma almofada enfiada entre eles a separar o lado da cama dela do dele, para imaginar que o outro não se encontra ali ao lado.

Blair observa a melhor amiga, Whitney, a começar a afastar-se enquanto se envolve com Rebecca, numa busca subtil de uma próxima conversa. Aiden, o homem barulhento que dorme do outro lado da almofada-barreira de Blair, aparece de repente no canto do logradouro. Tem público, tem sempre público. Está a desenvolver uma piada que ela já ouviu anteriormente; chamou a atenção de Whitney quando esta passou, e Blair já sabe, por muito que lhe custe, que vai ficar por sua conta. Procura Jacob, o marido de Whitney, que vê com um casal que ainda não lhe foi apresentado. Uma menina de tranças apertadas está enfiada entre as pernas da mãe. Jacob gesticula na direção da sua casa, desenhando a forma do telhado com o dedo, explicando uma parte do *design*. Veste a sua típica *t-shirt* preta e chinos da mesma cor enrolados nos tornozelos, sem meias, com uns ténis brancos impecáveis, de marca, o cabelo, as sobrancelhas, a armação dos óculos escandinavos, é tudo intenso e estiloso, mas ele é tão meigo. Ergue a mão na direção de Blair, olá. Ela fica corada, tem estado a olhá-lo fixamente. Ele é uma pessoa que atrai tais olhares. Os seus olhos procuram novamente a mulher dele.

Whitney está a falar com um grupo de mães de colegas do seu filho mais velho, do ano de Xavier. Têm um grupo de *chat* em que Whitney raramente intervém, pois não sabe as respostas às perguntas que fazem sobre o projeto do primeiro período e o menu do almoço e o prazo para encomendar fotografias da turma. Seja como for, gosta de fazer parte do grupo. Às vezes, intervém com um *emoji*, quando chega ao escritório de manhã cedo para desfrutar da sua terceira

chávena de café quente e do prazer do silêncio e dos seus pensamentos. Polegares para cima. Coração vermelho. Obrigada pelas atualizações! Nada de útil, ligeiramente escarninho. Whitney sente agora a atenção das mulheres a segui-la enquanto vai dizendo olá aos maridos delas, que param de conversar e endireitam as costas ao cumprimentá-la.

Em vez disso, Blair chama a atenção de Rebecca, e agora é a sua vez de trocarem cortesias. A Blair, só lhe ocorre falar do tempo, sempre o raio do tempo, que as noites agora arrefecem tão cedo, e depois as horas extenuantes que Rebecca passa no hospital, onde tem de estar dentro de quarenta e cinco minutos. Rebecca, porém, adora aquelas horas extenuantes. As duas mulheres não têm nada em comum a não ser a sua proximidade. Rebecca funciona, em relação a Blair, como uma enciclopédia médica a pedido, respondendo a todas as SMS que esta envia sobre a nova erupção cutânea da filha ou a sua tosse estridente ou o prurido nos ouvidos ou o seu cocó acinzentado. O género de coisas que conseguem ocupar Blair durante dias. Blair tem curiosidade em saber qual será a sensação de ser tão determinada. De usar calças de ganga brancas num churrasco em família.

De poucos em poucos segundos, o olhar de Rebecca desliza até à filha de Blair, que tem sete anos. Não consegue deixar de olhar para ela. Imaginando como seria estar ali com uma filha sua. Deixa-se levar por esta versão do seu futuro, e esta estica-se cada vez mais, como o lenço do chapéu do mágico. A menina está a fazer desenhos com giz no betão do pátio com os gémeos, que esperam a sua vez com o coelho. As duas mulheres agora observam juntas a filha de Blair, cada uma delas fingindo estar mais divertida com as crianças do que está na realidade.

Whitney junta-se-lhes, com a sua bebida reabastecida, e Blair e Rebecca ganham vida. Pousa a mão no ombro de Blair e finge não se incomodar com as cores do giz que cobrem as palmas das mãos dos gémeos. Dão-se tão bem, comenta Whitney com a voz arrastada, a Chloe tem tanto jeito para os mais pequenos. Dá um passo discreto para trás, com receio de marcas de mãos cheias de giz no vestido.

Rebecca tenta imaginar como será estar interessada em fazer uma coisa daquelas, receber pessoas, mostrar a casa. Restam-lhe três minutos, e o seu cérebro irá percorrer todos aqueles cento e oitenta

segundos, porque é assim que ele funciona. Também tece um comentário sobre a afabilidade de Chloe, enquanto os segundos vão passando.

«Encantadora» é a palavra que Rebecca usa. Blair sorri, minimiza a perfeição da sua única filha, mas fica moralizada de uma forma que só é possível com este tipo de comentário. Por mais superficial que seja.

A palavra «encantadora» faz com que Whitney se interrogue onde pára o seu filho nada encantador. Não o vê no logradouro. Blair disse-lhe que o viu pela última vez há meia hora, junto à vedação de Mara, com a cara enfiada entre as ripas. Nunca está onde devia. Whitney recomendou-lhe que se portasse da melhor forma possível, que entretivesse as crianças mais pequenas, que fosse simpático. Só desta vez. Só por ela. Ele devia estar ali. O mágico está quase a terminar.

Talvez precise apenas de um momento sozinho. Blair profere estas palavras devagar, com a voz contida, interrogando-se se não deveria agir.

Mas não. Whitney há de encontrá-lo.

Porque será que ele não consegue fazer simplesmente o que ela lhe pediu? Que não consegue ser mais como a filha de Blair? Pensa nele sempre a fazer beicinho, quase de trombas, nas pessoas a perguntarem pelo motivo da má disposição, quando se trata apenas da sua aparência. Carrancudo. Taciturno. A precisar de um corte de cabelo com o qual não vai concordar. Apressa-se a percorrer a casa, chamando-o. A despensa. A sala de estar. A sala de jogos da cave. Não deveria ter de fazer uma coisa destas no meio de uma festa com cinquenta convidados no logradouro. Estará escondido? Ter-se-á apropriado do *iPad* novamente? *Xavier!* Porque será que ele tem de andar sempre a dar-lhe cabo da paciência? Sobe apressadamente ao terceiro andar e abre a porta do quarto do filho, e lá está ele, em cima da cama, rodeado dos sacos de biscoitos roubados, que se destinavam às crianças, já esvaziados. Todos eles. Tem chocolate no rosto e nos lençóis. Está a lamber a cobertura de um invólucro de biscoitos com o nome de outra criança.

— XAVIER! QUE PORRA É ESTA?! — Precipita-se sobre ele para lhe arrancar o celofane lambido das mãos, mas o rapaz grita e recua.
— O QUE É QUE SE PASSA CONTIGO?

Xavier franze o rosto e faz beicinho como uma criança com metade da sua idade, e Whitney não vai permitir o gemido irritante que a seguir soará em crescendo, o gemido que lhe dá vontade de o esbofetear.

— NÃO! — grita, agarrando-o pelo braço enquanto ele choraminga e põe o corpo mole. Não tolera tal comportamento. — LEVANTA-TE, SEU MERDAS!

Mas a seguir solta-o. Por perceber que, lá em baixo, o murmúrio jovial diminuiu.

Fez-se silêncio na festa. Whitney só consegue ouvir o baque do seu coração furioso. E o repicar dos seus gritos peçonhentos e mortíferos. O eco familiar da sua raiva. Fica com receio do que possa ter acontecido. É então que se apercebe. A janela aberta. Toda a gente ouviu.

A vergonha impele-a para o chão. Para o ninho de fitas de cetim tiradas dos biscoitos, as extremidades cortantes como a ponta da língua de uma cobra.

Apercebe-se então do que perdeu.

Nove meses depois

Blair

Quinta-feira de manhã

São cinco e meia da manhã numa quinta-feira de junho. Blair Parks toma o seu café e pensa no marido a abrir as coxas de outra mulher como se fossem as asas de uma borboleta.

Imagina-o a cheirá-la. E depois a prová-la, com a língua a circular, a tremer.

Blair tapa a boca com a mão. Pousa a chávina.

Não consegue dormir. Mas é o que tem feito esta manhã, entregar-se a estes pensamentos obscenos. Não é nada bom começar o dia assim, mas ajuda-a a satisfazer a sua preocupação obsessiva para poder seguir em frente. Caso contrário, iria dar consigo consumida quando não o quisesse. A olhar para a prateleira de limpa-nódoas na loja, daqueles que aparecem nos anúncios que dessexualizam mães donas de casa de meia-idade como ela, enquanto imagina a boca de uma mulher mais jovem repleta de sémen do marido.

Enche uma segunda chávina que não sabe tão bem como a primeira e pensa no facto de estar ávida de algo mais. De quê exatamente, não sabe dizer. O problema não é apenas o tédio. Ou uma saudade melancólica. Não é o seu casamento sedativo de dez anos e o tiquetaque do relógio para completar a irrelevância. Será isto normal? Será o que sentem as outras mulheres da sua idade?

A ideia de exprimir alto e bom som o que quer que seja sobre isto, a quem quer que seja, dá-lhe um aperto no diafragma. Mais do que o habitual. É melhor erguer o queixo e enfrentar silenciosamente qualquer hora que tenha pela frente. E a hora seguinte, para que ninguém suspeite que é tão infeliz. Já sabe que é benéfico para todos se reinar a indiferença. Se continuar a aguentar, sem a energia para se preocupar com aquilo que realmente pretende. Ou com o seu real estado de espírito quando o alarme toca pela manhã.

Já sabe que a vulnerabilidade é algo que deveria trabalhar, algo que as mulheres agora deveriam exercitar como se fosse um músculo. É o que lhes têm dito os livros e os *podcasts* e os oradores

motivacionais. Tenta admirar as que admitem terem tomado opções de que se arrependem e que resolvem, alto e bom som, mudar. Esse tipo de agitação, porém, não é para si. Não vê outra vida para si própria. E não consegue afastar a vergonha de ter falhado redondamente. Após mais uma chávena, ouve-se um ranger de dobradiças no quarto da filha no andar de cima. Os seus passos ecoam no soalho do corredor. O autoclismo faz uma descarga na única casa de banho que têm, e as canalizações chamam pela casa. Blair passa a mão pelo rosto cansado.

A dada altura, tornou-se conveniente culpar Aiden pelo que sentia sobre a sua vida. Tem sido um depositário fiável da sua raiva. Ela despeja e volta a despejar, e ele parece nunca transbordar. Na sua forma de pensar, esta situação tinha poucas consequências — no seu caso, nem se punha a hipótese da separação. O desmantelamento, a alteração de todo o figurino da sua vida. A percepção. O impacto na filha que está no andar de cima. Nem consegue imaginar.

A água corre da torneira na casa de banho. Ouve Chloe a abrir o armário espelhado onde as suas três escovas de dentes partilham um copo. Põe um *bagel* na torradeira para o pequeno-almoço da filha. Já tirou o queijo cremoso do frigorífico, por isso está à temperatura ambiente, ao gosto de Chloe.

Atribuir a sua infelicidade a um casamento fraquinho ajudara-a a ir aguentando, até que, há uma semana e meia, encontrou um pedacinho de uma saqueta de papel de alumínio no bolso das calças de ganga de Aiden. Com menos de três centímetros quadrados. Lixo, para qualquer outra pessoa que o apanhasse do chão da lavandaria depois de virar as calças do avesso antes de as meter na máquina de lavar. Blair, porém, reconheceu as estrias do invólucro. E o tom de esmeralda. Era igualzinho aos preservativos que utilizavam há anos. Todas as manhãs, desde o dia em que o encontrou, abre a gaveta onde o guarda e coloca-o na palma da mão para se interrogar.

Poderia provir de inúmeras outras coisas. De uma barra de granola. De um rebuçado de mentol de um almoço de negócios.

Contudo, mais do que qualquer prova que tenha, é um pressentimento.

Uma vez ouvira chamar-lhes vozes — os momentos que tentam dizer-nos que *aqui há gato*. O problema é que algumas mulheres não escutam o que a sua vida tenta dizer-lhes. Não ouvem as vozes até fazerem uma retrospectiva da vida. Sendo apanhadas de surpresa. Ficando desesperadas em confronto com a verdade nua e crua.

Mas talvez esteja a ser paranoica e nada mais. Demasiado tempo disponível para pensar.

Ouve os passos de Chloe a chegar às escadas e espalha o queijo cremoso com cuidado. Vêm-lhe novamente à cabeça as coxas abertas. Os dedos de Aiden a abrirem os lábios apertados da mulher, recobertos de bálsamo. A forma meiga como a terá tratado depois. Talvez ela o faça rir. Blair fica com os pelos dos braços eriçados. Pensa novamente no facto de Aiden não ter ejaculado na única noite em que tiveram relações o mês passado. No facto de consultar o telemóvel com mais frequência do que é habitual.

Chloe está quase ao fundo das escadas. Blair fecha as coxas imaginárias e junta as duas metades do *bagel*. A seguir vira-se e obriga-se a sorrir, de modo que, como todas as outras manhãs da vida da filha, a primeira coisa que Chloe vê é o rosto radiante da mãe.

Rebecca

Algumas horas antes

O interno faz-lhe o ponto de situação enquanto atravessam apressadamente as portas duplas da sala de reanimação, com os ténis a chiar no chão de resina. Rebecca sente o ar húmido lá de fora antes de ver os paramédicos a empurrarem a maca para as mãos da sua equipa. Um rapaz de dez anos encontrado inconsciente às 23h50, suspeita de lesão cerebral primária devido a queda, sem sinais óbvios de trauma. A enfermeira recua quando Rebecca pega nas luvas azuis e se vira para levantar as pálpebras do paciente.

As suas mãos retrocedem. O rosto do rapaz. Rebecca olha para a enfermeira postada do outro lado do paciente.

— Eu conheço-o. Chama-se Xavier. Vive na casa em frente à minha.

— Quer que...

— Não. — Abana as pernas para recuperar a sensibilidade. A cortina está prestes a levantar-se. — Estou bem, estou bem. Sinais vitais? Vamos, vamos lá.

Tem as mãos firmes sobre o pequeno corpo do rapaz enquanto dá as suas instruções, e em breve a coreografia que executa há anos assume o controlo. Intubação traqueal. Punção de veias. TAC requisitada imediatamente. Nunca fica muito tempo com uma criança na mesa de traumatologia, mas cada minuto é crucial e metódico, cada segundo espremido para se aproveitar ao máximo o seu potencial, e mesmo assim, no final, quando se faz tudo o que pode ser feito, encara esses minutos como uma mera massa de tempo com um desfecho ou com o outro.

— Os pais estão cá? Onde é que estão? — Tira as luvas e atira-as para o caixote do lixo. Olha para trás, para o rosto cinzento de Xavier, para a sua boca amordaçada com o tubo que lhe introduziu. Puxa para trás uma madeixa do seu cabelo húmido. O chão onde aterrou ainda estaria molhado da chuva do dia anterior. Toca-lhe na face.

Nas cadeiras do hospital revestidas de vinil já se sentaram

centenas de pais à sua espera. A facilidade com que consegue articular as palavras por vezes inquieta-a. Mas nunca tinha tido um paciente que conhecesse. Nunca os vira a lavar os carros dos vizinhos num monte de espuma, nem sabia que a bicicleta deles era azul-cobalto com guiador de punhos verde-néon. Nunca teve de dizer a um amigo que o filho poderá nunca vir a recuperar.

A sua adrenalina assenta quando sai da sala de traumatologia. Vê o reflexo da luz fluorescente no chão do corredor e começa a recuperar a percepção das coisas: o especialista de doenças respiratórias a receber uma mensagem no *pager*, o gemido de uma criança na sala de espera, o antisséptico que paira no ar. Tira o telemóvel do bolso. Tem vontade de ligar a Ben, para sentir a calma da sua voz, mas ele já deve estar a dormir. E Whitney está à espera dela.

Rebecca bate à porta aberta da salinha para onde a encaminharam. Está sentada a uma mesa redonda, a olhar fixamente para a caixa de lenços de papel ásperos que lhe deram. Não ergue o olhar.

— Whitney, sinto muito.

Whitney move a cabeça lentamente como um robô com falta de bateria. Não diz uma palavra. Rebecca senta-se ao lado dela e toca-lhe. Costuma fazer isto, tocar no braço ou no ombro dos pais, para que as palavras que vai proferir a seguir pareçam mais pessoais, menos rotineiras. Este gesto, há alguns anos, fazia parte do conjunto de ordens emocionais que criou para si mesma. Nem sempre tivera facilidade em mostrar empatia como agora. Quando era mais jovem, mostrava-se mais capaz noutras áreas do trabalho, coisas que obedeciam a medições definitivas, avaliações da sua competência. Coisas que podia provar.

Whitney fecha os olhos ao abrir a boca, mas tem a voz embargada. Nem sabe como começar a articular as palavras.

— Podes dizer-me o que aconteceu?

Rebecca fica à espera de que ela repita o que os socorristas relataram: que, antes de se deitar, foi ao quarto dele ver se estava tudo em ordem e que a cama estava vazia e a janela aberta. Que olhou lá para baixo e o viu estendido na relva. Que não faz ideia do que terá acontecido. *Vá lá, Whitney, conta-me isso exatamente desta forma.*

Pensa no logradouro, no retângulo de relva bem cuidada do qual os paramédicos o teriam levantado. Rebecca esteve lá a última vez em setembro, para a festa do bairro.

Não tem vontade de pensar no acesso de raiva que Whitney teve naquela tarde. No pranto do miúdo que se ouvia através da janela do quarto enquanto a mãe berrava com ele.

— Quero falar contigo sobre o estado de saúde do Xavier.

Whitney cobre o rosto com uma das mãos.

— Diz-me só se ele vai morrer. — A sua voz é um guincho numa oitava praticamente impercetível.

Rebecca pega na outra mão de Whitney. Tem os dedos frios e recolhidos num punho. Whitney puxa a mão para si, mas Rebecca aperta-a com firmeza até ela ceder. Rebecca não se deixa intimidar facilmente, mas havia alguma coisa de diferente em Whitney quando se conheceram. A sua verve, o seu requinte, a astúcia das palavras quando falava.

Com o tempo, porém, à medida que as suas vidas iam orbitando calmamente à volta uma da outra, esse efeito acabou por desaparecer. Existe um forte sentimento de familiaridade para com alguém cuja vida partilha uma proximidade física tão estreita, atendendo a todas as coordenadas possíveis do planeta. Rebecca e Whitney respiram da mesma pequena bolsa de ar. Rebecca vê as latas no lixo de Whitney às quartas-feiras e sabe que eles não reciclam tudo o que poderiam. Sabe onde ela costuma fazer compras, vê as pilhas de encomendas em equilíbrio instável junto à porta da frente, boas lojas de retalho, encomendas depositadas por empresas de entregas para a ama recolher. Sabe que um deles — Whitney ou Jacob — não dorme bem. Vê as luzes da cozinha a acender quando chega a casa a meio da noite. Vê as garrafas de vinho vazias nos sacos de reciclagem azuis transparentes.

Os gritos de Whitney na festa do logradouro não são inéditos. Através daqueles enormes painéis de vidro na fachada da sua casa, chegava-lhe o tom inconfundível da voz de uma mãe que já tivera a sua dose. Deixavam Rebecca sempre inquieta, como durante o churrasco, envergonhada por a ter ouvido. Não sabe ao certo o que acontece mais naquela casa, mas esse tipo de especulação deixa-a constrangida. É médica, e o que lhe interessa são factos. Sente-se à vontade com factos.

— O Xavier tem uma lesão grave. Estamos preocupados com a cabeça dele. Está na UCI, em coma induzido, para descansar o cérebro. Não tarda nada vão falar contigo sobre o que podemos esperar, está bem? Em situações como esta, ficamos a saber muita coisa nas primeiras setenta e duas horas. Sei que isto é difícil de ouvir, Whitney, mas preciso que entendas que há uma possibilidade de ele não recuperar a consciência.

Whitney fica impassível.

Rebecca faz uma pausa para suavizar a voz.

— Estás a perceber?

Sente a mão de Whitney a começar a tremer e observa atentamente o seu rosto impressionante. O brilho firme da testa. As sobrancelhas micropigmentadas. A perfeição exterior.

— O Jacob está com os gémeos?

Whitney fecha os olhos e abana a cabeça.

— Está em Londres. Em serviço. A ama veio logo, mas tive de ficar à espera. — Tem a voz enrolada. — Não podia ir com ele na ambulância.

Rebecca diz a Whitney que vai levá-la para o ver agora, que ele está entubado, e há inchaço. Que poderá ficar assustada, mas que ele não sente dores. A partir desse momento, será outro médico a ocupar-se do caso. A porta abre-se atrás delas e Rebecca, ao virar-se, vê uma enfermeira com dois polícias.

Vão querer falar com Whitney, é uma questão de rotina. Rebecca sente-se constrangida com a situação, embora as perguntas que vão precisar de fazer não lhe digam respeito, pelo menos tecnicamente. Rebecca abana a cabeça na direção deles — *Por favor, agora não, ainda não* — e a enfermeira conduz os agentes em direção ao corredor.

— Há estudos que mostram que os pacientes neste estado sabem quando os familiares estão com eles. Podes pegar-lhe na mão e falar com ele, como se ele estivesse acordado. Está bem?

Whitney ergue-se e pega na bainha da sua camisola. Deixa Rebecca cingi-la com o seu braço forte e firme enquanto caminham pelo corredor. Até que Whitney fica rígida. Vira o rosto para Rebecca e os seus olhares cruzam-se pela primeira vez.

— É por isso que não tens filhos?

Rebecca faz uma pausa. Nem sabe o que dizer. Este trabalho? Este hospital? Este medo constante de que alguma coisa corra mal, a dor insuportável se isso acontecer?

Pensa nas horas que passou sobre o chão da casa de banho. Os orbes ensanguentados a afundarem-se nas sanitas, os fios de muco a balouçarem. O peso da toalha das mãos no colo a caminho do hospital.

Por que razão não tem filhos? Por não conseguir mantê-los vivos.

Blair

— Bom dia, minha querida. Dormiste bem?

Chloe abraça-se à cintura macia de Blair. Sente-se renovada todas as manhãs. Blair tira uma banana da fruteira e põe-na no seu prato, juntamente com um dos *muffins* que fez ontem à tarde, durante uma forte chuvada. Porque tinha sido quarta-feira, e é isso que faz às quartas. Os *muffins*, os lençóis, a lavagem do tambor da máquina da roupa com vinagre branco e bicarbonato de sódio. Por vezes, sente-se embaraçosamente ultrapassada.

Chloe lambe o excesso de queijo cremoso da borda lateral do *bagel* e exprime ruidosamente a sua aprovação.

Blair tem curiosidade em saber se Aiden alguma vez se apercebe da quantidade de tarefas que ela executa diariamente. Ou do planeamento que escreve nos quadradinhos do calendário da cozinha. Interroga-se se ele sabe que um tambor de uma máquina da roupa com onze anos precisa de limpeza. Talvez hoje à noite deixe os trapos sujos do lado dele da cama, para ele ficar pelo menos a conhecer o cheiro de uma máquina de lavar roupa com onze anos.

Mas hoje é quinta-feira. A casa de banho. É preciso ir devolver os livros que Chloe requisitou na biblioteca. Blair meteu-lhos na mochila ontem à noite, juntamente com a lancheira e uma muda de roupa para a aula de Educação Física e um bilhete a dizer que a amava, depois de ter sacudido as migalhas e a areia do parque infantil para dentro do lava-louça. E a seguir tomou dois *Advil* para a dor de cabeça e foi para a cama cedo. Aiden dissera que tinha de trabalhar até tarde a preparar uma apresentação.

Já tinha saído para o ginásio quando ela se levantou; deve ter começado cedo hoje. Não se lembra de o ter sentido na cama ao seu lado ontem à noite. Às vezes, porém, ele dorme no quarto de hóspedes para não a acordar quando chega a casa.

Enquanto arranca o papel da base do seu *muffin* de farelo, permite-se interrogar-se: *terá* voltado a casa?

Põe um pedaço entre os dentes. Imagina Aiden a voltar a casa para beijar a filha, enquanto esta dorme, com a boca revestida da

imundície de outra mulher. Não consegue engolir o *muffin*. Cospe-o para dentro do caixote do lixo.

— Casaco e sapatos, Chloe, está na hora!

É uma menina bem-comportada e inteligente, uma filha única que gosta de rotina e de ter o cabelo limpo e que diz sempre «se faz favor», e mesmo assim as suas necessidades consomem Blair. Ou é Blair que sente que tem necessidade de ser consumida. Houve uma altura em que sentia que era a única pessoa que poderia fazer o que faz pela filha da maneira como faz. É por isso que nunca voltou a trabalhar desde que Chloe nasceu, há oito anos. E é por isso que chegou ao ponto a que chegou. A sentir-se banal. Tem quarenta anos e, aos quarenta, sente as oportunidades cada vez mais remotas.

Blair dá um beijo de despedida a Chloe à porta e vira-se para a casa vazia. De manhã, durante a maior parte dos dias da semana, Chloe atravessa os quatro quarteirões que a separam da escola na companhia do seu melhor amigo, Xavier. Blair tem de se convencer sempre de que a filha chegou à escola em segurança. De que não se encontra na parte de trás da carrinha de um pedófilo. Se o telefone toca pela manhã, há um pensamento que lhe vem logo à cabeça: é da escola, a dizerem que a filha não apareceu lá. Esta preocupação materna é o estado de repouso da sua mente.

No andar de cima, na casa de banho, encosta o nariz à cerâmica côncava do lavatório. Está à procura do cheiro da pasta de dentes de menta que ele teria cuspidido se tivesse estado em casa esta manhã. Há apenas um indício da pasta de Chloe, sem flúor e com sabor a fruta. A toalha branca está pendurada na parte de trás da porta, seca, embora isso não seja invulgar. Aiden toma banho no ginásio nos dias em que vai fazer exercício.

Há uma explicação para tudo, se ela quiser.

Tudo pode bradar-lhe aos ouvidos, se ela o permitir.

Tira um produto à base de lixívia que se encontra sob o lavatório e pulveriza os azulejos. Não pára quando os gases lhe picam os olhos. As perguntas anestesiam-na. Quem é que ele anda a foder? E como é que a anda a foder? E onde é que dão as suas quecas? Correm rios de lixívia pela parede. Os pormenores do caso parecem ser mais importantes do que o significado do mesmo, o que não faz sentido, como ela sabe, mas o cérebro humano acaba sempre por querer saber desesperadamente como acontecem as piores situações. Não conseguimos aceitar a morte de alguém até que nos seja explicada — como, quando e onde?

Contudo, esta é também uma maneira de Blair se abstrair da verdade, que a assusta mais do que a possibilidade de ocorrência do

caso e do que isso significaria: que não faria absolutamente nada a esse respeito.

Que vai silenciar as vozes e deitar fora o pedaço da saqueta de papel de alumínio. Vai dizer a si própria que ele só está no ginásio ou numa reunião sempre que não atende o telemóvel. Optará por viver com isto, com o ruído branco como pano de fundo na vida de um e do outro, por não poder aceitar as consequências da alternativa.

E ninguém teria de saber.

A solidão que sente é humilhante.

Está a observar uma mancha de bolor quando se assusta com Chloe a gritar do andar de baixo:

— Mãe? O Xavi não está em casa.

— Como é que não está em casa?

— Pelo menos ninguém veio abrir a porta. Fartei-me de esperar.

Blair desce as escadas a pensar no tempo, temendo que Chloe chegue atrasada à escola.

Chloe olha fixamente para o relógio, que aprendeu recentemente a consultar.

— Vou chegar depois do toque?

— Talvez ele tenha ido mais cedo para o clube de xadrez e se tenha esquecido de te dizer.

Mas não é habitual. Whitney terá saído cedo para trabalhar e Jacob está fora, mas a ama deles, Louisa, deveria estar em casa, está sempre em casa, a tomar conta daquelas crianças o dia inteiro.

— Estamos em junho, mãe, o clube de xadrez está fechado. Podes enviar uma mensagem à Whitney a perguntar onde é que ele está?

— Está bem, mas vamos andando, eu vou contigo.

Envia a mensagem enquanto enfia os pés nos ténis, com os atacadores ainda atados. Pisa o passeio com satisfação — estava em casa, estava pronta e disponível. *Olha para o meu valor. Vê como a nossa filha ainda precisa de mim.* Gosta de perorar mentalmente o que quer que o marido ouça.

De manhã, a Harlow Street é um corrupio de gente, como se houvesse uma parada. São pais que acompanham os filhos à escola primária. Miúdos da cidade que se deslocam de trotineta em algazarra. Jovens na casa dos vinte que, de bicicleta, se esquivam dos carros, a caminho do tipo de trabalho de *marketing* mal pago que Blair já teve. Esta parte eclética da cidade dantes estava repleta de jovens famílias portuguesas que não tinham possibilidade de comprar casa em mais nenhum lado. Agora, estas habitações transitaram para pessoas que pagam preços impensáveis há cinquenta anos. Como Blair e Aiden, cuja prestação da casa é tão alta que o valor já nem parece

real.

Passam pelas habitações dispostas como dentes de monstros, desiguais e desalinhadas, reconstruções de milhões de dólares situadas entre casas vitorianas inclinadas e indesejadas, que aguardam a sua hora com os tijolos pintados. A *Vogue* chamara-lhe «o próximo bairro mais badalado do mundo», algo que as pessoas citavam como se isso justificasse dois milhões de dólares por uma moradia geminada com uma cave a apodrecer e casas de banho originais cor de abacate. Viram à direita da Harlow Street, passando pelas padarias decrépitas e pelas poucas lojas que restam que importavam roupa de Lisboa. À medida que os contratos de arrendamento de longa duração vão chegando ao seu termo, as lojas, uma a uma, têm dado lugar a estabelecimentos adaptados aos hábitos de uma clientela abastada. Hotéis de poucos andares onde um café custa três dólares. Lojas de plantas pirosas e mercearias veganas e *boutiques* infantis de preços exorbitantes. Blair trabalha numa delas duas vezes por semana, em turnos de cinco horas, e esta semana o seu segundo turno é hoje. Vai abrir a loja dentro de uma hora. Presta contas a uma jovem de vinte e sete anos chamada Jane, que faz face aos custos operacionais com um empréstimo que recebeu dos pais e que nunca conseguirá pagar. Vendem chapéus de linho e brinquedos de madeira que agradam mais aos pais do que aos filhos.

Jane já foi monitora em acampamentos e acha que percebe de crianças, mas não percebe de mães. Nos catálogos de produtos, Blair assinala artigos que irão comprovadamente ter boa saída e, logo que os clientes entram na loja, mostra-lhes algo de que não sabem que precisam. A primeira vez que pensou em trabalhar no estabelecimento foi um dia em que andava à procura de presentes de aniversário para Chloe e meteu na cabeça que gostaria de ser ela a tratar da reposição de produtos e da decoração das prateleiras. Que a loja poderia proporcionar uma melhor experiência aos clientes. Papel de embrulho com acabamento fosco em lindas cores de pastel com longas fitas de fantasia para os presentes. Temas para a decoração da montra e produtos dispostos por cores em mesas de exposição. Largos cestos de vime repletos de artigos sazonais que mães como ela comprem por capricho. Foi um daqueles momentos em que as palavras saíram antes de se permitir uma oportunidade para pensar.

«Dou-lhe uma ajuda», foi a sua resposta aos amigos quando estes a interrogaram sobre o trabalho, como se ela o desempenhasse de graça.

«Acho que vai ser bom para ti», fora a reação de Aiden quando ela chegara a casa e sentira o ataque de arrependimento. Como se fosse uma residente de um lar de idosos a inscrever-se no bingo semanal.

Whitney fora mais encorajadora, apertando as mãos com mais entusiasmo do que é natural no seu caso. «É ótimo! Ela tem sorte de contar com alguém com a tua experiência.»

Blair dá um abraço a Chloe junto às portas da escola primária no momento em que soa o toque de entrada e fica aliviada por terem chegado a horas. Até que vê um grupo de mães de alunos do segundo ano que ela conhece a conversarem. Uma delas olha na sua direção e encontra o olhar de Blair, que não tem outra opção a não ser aproximar-se. Para dizer um olá jovial.

Trazem sapatos de salto alto. Têm o cabelo bem arranjado. Envergam casacos da moda de acordo com a estação. Uma advogada, uma psiquiatra, uma vice-presidente executiva. Uma delas perdeu dezoito quilos e agora anda a vender imóveis, depois de ter estado dez anos sem trabalhar. Designa o fenómeno por renascimento da meia-idade, diz que nunca esteve tão feliz. Dizem estar no auge e ser «umas quarentonas muito senhoras de si», respirando confiança na forma como falam da sua vida. Blair observa-as atentamente, imaginando-se na situação delas por instantes.

«Como vai isso?», perguntam sempre. Isso. Não há nada específico para lhe perguntarem.

Levar os filhos à escola de manhã e fazer voluntariado de vez em quando é o que têm para oferecer, ao contrário de Blair. Blair vai sempre buscar a filha à escola, faz voluntariado sempre que há um almoço de angariação de fundos em que servem *pizza* na escola, não falta a nenhuma festa de aniversário, a nenhuma tarde em que as crianças se encontram para brincar, a nenhum concerto, a nenhuma feira do livro. A nenhuma das malditas reuniões de pais.

Estar envolvida desta forma parecia, no início, uma nobre decisão. E o cuidado e a atenção que estas atividades exigiam eram mais satisfatórios do que escrever textos publicitários sobre tabletes de chocolate e detergentes para máquinas de lavar roupa. Não tinha tantas saudades da azáfama do escritório de espaço aberto como pensava que iria ter. Não tinha saudades de um guarda-roupa que exigia cabides, com roupa informal e um toque de vestuário de executiva. Não se lembrava de se ter sentido realizada com o exercício intelectual do trabalho, embora soubesse que isso tinha acontecido. Agradara-lhe o misto de criatividade e *marketing*, o encontrar a frase perfeita, a estratégia exata. Tinha sido excelente nesse tipo de trabalho. Recebera cinco prémios de campanha com o seu nome. Sentira-se, por vezes, como se fosse um génio — o chefe usara precisamente esse termo, levantando-se de repente em reuniões para debate de ideias e rabiscando a sugestão dela no meio do quadro

branco, assinalando-a cinco vezes com um círculo, enquanto ela tentava desesperadamente não parecer presunçosa.

Contudo, a maternidade fez com que deixasse de se sentir talhada para essa carreira. Apenas Chloe lhe parecera merecer o seu tempo, energia e atenção. Nos primeiros meses, sentia-se eufórica com a bebé. Ao amamentá-la à noite, punha-se a olhar para o escuro e interrogava-se como é que poderia voltar a dar a mínima importância a um *slogan*. O que esperavam dela era que quisesse abarcar tudo. E que conseguisse conciliar tudo. Não esperavam que deixasse a maternidade desviá-la do caminho. Dentro dela, porém, não havia espaço para mais nada, a não ser para a bebé.

Na altura, não lhe parecera um sacrifício. No início, sentira-se feliz ao dedicar-se à maternidade e à vida doméstica que lhe estava associada. E Chloe é fonte de felicidade para Blair. Incomensuravelmente. É tudo o resto que aconteceu paralelamente a Chloe, as mudanças que se operaram em si própria e no seu valor e no seu casamento, tão lentamente que eram impercetíveis. Quando antes sentia que a maternidade lhe dera muito mais do que tivera, agora só lhe parecia que lhe tinha tirado tudo. Agora não consegue conciliar o amor que sente pela filha com o confinamento que lhe parece decorrer do privilégio de ser sua mãe.

São estes os sentimentos que nutre e pelos quais se odeia. São estes os segredos que nunca revelará a ninguém.

— Esperamos que possa vir — diz-lhe uma das mulheres, com uma mala lindíssima ao ombro.

Estão a organizar um fim de semana para as mães fora da cidade, em julho. Tencionam alugar uma casa em Berkshires. Blair não tem por hábito dormir fora de casa sem o marido e a filha, mas, quando o faz, a ansiedade antes da partida deixa-a de rastos... e, a seguir, a liberdade de estar longe deles é inebriante. Ambas as sensações a perturbam de igual forma. Estas mulheres iriam carregar no vinho, perder-se em mexericos sobre os filhos das outras, concordar com qualquer assunto que estivesse na berra. Houve um tempo em que Blair se sentia integrada. Agora encontra-se na periferia de tudo o que tem importância para todos os outros. Iria regressar a casa ainda em pior estado do que quando saísse.

— Obrigada, quem me dera poder ir, mas temos uma coisa marcada para esse sábado, uma festa de aniversário. Fica para a próxima.

É a primeira a deixar a conversa, com um vago pretexto, novamente, sobre uma entrega de que está à espera. Hoje está sem forças para representar, para tentar ganhar o seu respeito mais uma

vez. A mãe dona de casa, que tem apenas uma filha, a mártir. Às vezes, põe-se a pensar que gostaria de ter tido mais filhos para justificar o vazio de outro tipo de acontecimentos na sua vida.

Consulta o telemóvel enquanto se dirige para casa, mas não recebeu nenhuma resposta de Whitney. Atarefada, está atarefada. A fazer coisas que as pessoas que trabalham fazem, com a cabeça repleta de grandes soluções para grandes problemas, numa estratosfera com a qual Blair já deixou de fingir estar familiarizada.

Apesar disso, faz sempre questão de responder às mensagens de Blair na conversa que, de forma continuada, vão mantendo ao longo da semana. Para saberem como tem passado cada uma delas, para planearam o próximo encontro, ao sabor de um copo de vinho. Blair nunca gostou de beber, mas é uma forma de se integrar. Sente que Whitney põe de lado a sua habitual intensidade quando se encontram pessoalmente no final do dia e passam algum tempo juntas a tomar conta das crianças. Sente-a a relaxar lentamente. Começa a prestar mais atenção às palavras de Blair em vez de estar com a cabeça noutro sítio, e o barulho das crianças, por fim, deixa de a irritar. É o vinho, é claro que é o vinho, mas Blair gostaria de pensar que também se deve à sua companhia.

A presença de Whitney, porém, tem o efeito oposto em Blair. Não a deixa relaxada, mas sim estimulada. É humilhante pensar que Whitney possa suspeitar que ela é a parte mais emocionante da semana de Blair. No entanto, como não há muito para contar a Whitney, Blair exagera a importância de coisas triviais. Não há dia em que não lamente tê-lo feito. Whitney não quer saber quem escreveu o quê num *e-mail* que baralhou o tesoureiro da associação de pais nem o que Blair fez para atenuar a situação antes que cancelassem todo o processo de angariação de fundos.

É insignificante.

Whitney, porém, finge gentilmente que não é. Dá a Blair a dignidade de ouvir a sua conversa de uma hora sobre uma mísera venda de bolos de que resulta a angariação de um valor inferior a duzentos dólares por ano.

Por vezes, contudo, enquanto vai falando disto e daquilo, Blair sente Whitney a perscrutá-la. Como se estivesse à procura de um ingrediente que lhe falta a ela própria. Não tem a certeza se isso é verdade ou se é apenas uma coisa em que acredita. No entanto, por vezes parece-lhe que Whitney tem curiosidade em saber qual seria a sensação de estar na pele de Blair. De olhar para o próprio filho e sentir o que Blair sente quando olha para a filha. Ergue o queixo. Isso pelo menos tem.

Mara

Mara Alvaro cruza as pernas ao nível dos tornozelos e senta-se na cadeira dobrável no alpendre da frente. Há algo nesta manhã de quinta-feira que parece estranho. Não estava ninguém na casa do lado quando a filha de Blair bateu à porta, nem sequer a ama, que normalmente se encontra por lá em qualquer dia da semana.

Já sabe, porém, que estas mães andam sempre todas atarefadas. Com muita coisa a acontecer sem que, contudo, aconteça seja o que for, vão criando uma sensação de urgência onde esta não existe e andam numa roda-viva. Nem sabem apreciar a vida. Não param para pensar no que se encontra mesmo à sua frente.

Que depressa se perde o que se tem.

Também não percebe por que razão Blair usa todos os dias aquelas *leggings* pretas horríveis e Whitney anda com aquele cabelo pintado de amarelo, veste aqueles fatos masculinos e leva aquelas malas enormes tão feias. Não são nada femininas. É uma pena as mulheres daquela idade serem assim nos dias que correm.

Pensa em entrar para lavar o prato do pequeno-almoço, que está cheio de migalhas. Também deveria arranjar-se para enfrentar aquele dia, embora essa rotina se tenha tornado menos laboriosa nos últimos anos. O último batom da *Avon*, o *Toasted Rose* que usa há décadas, acabou há mais de nove meses e, pela primeira vez, não se preocupou em substituí-lo.

Por que razão haveria de continuar a preocupar-se? Tem oitenta e dois anos. Ao contrário dos seus vizinhos, tem poucos amigos nas redondezas. Ou já morreram, ou vivem num lar, ou, no caso de um dos felizardos, está a sobrecarregar os filhos nos subúrbios. Houve tempos em que não conseguia abrir a porta da rua para ir buscar o jornal sem que alguém parasse no alpendre para mexericar. Agora está a ser engolida por todas as novidades: as novas remodelações, que são horríveis, os novos carros espampanantes que estacionam na sua rua, as novas famílias jovens e todos os seus ruídos, as suas coisas, os seus excessos. Querem viver numa grande cidade, querem sentir-se importantes, mas ela tem uma novidade para eles — vão todos parar

ao mesmo sítio.

Cumprira o seu dever de boa vizinhança quando cada uma das famílias se instalara nas redondezas. Levou-lhes pastéis de nata e informou-os devidamente sobre as datas e os horários da recolha do lixo. Durante meses, ofereceu-se para recolher as suas encomendas e ficar de olho nas coisas caso não estivessem em casa. Deu-lhes conselhos sobre os seus arbustos de peónia infestados de formigas. Deixou-lhes canja caseira à porta no inverno. Nada disse sobre o desnecessário terceiro andar que agora lhe roubava o sol à hortinha ou sobre os dois anos de poluição sonora que teve de aguentar devido à remodelação que fizeram no seu exclusivo interesse. E o barulho constante daquelas crianças. A gritaria. O bater daquela estúpida porta das traseiras.

No início a simpatia fora geral, apesar das suas diferenças óbvias. Pareciam mostrar algum interesse em saber há quanto tempo vivia ali, e «Oh, deve ter visto tantas mudanças por aqui ao longo dos anos», como se fosse uma coisa maravilhosa. Ninguém se apercebia de que o problema estava exatamente nas mudanças. A Igreja Católica Portuguesa de Santa Helena, na esquina, está às moscas. Os resquícios de uma comunidade meticulosamente construída por uma geração inteira do seu povo não passam agora de um triste espetáculo no bairro *deles*. Aguardam a sua vez para se apoderarem das poucas propriedades que restam, de pessoas idosas como ela. Ansiosos por sinais de falência das últimas mercearias de importação. Toda a gente quer aquela maldita cadeia de cafés da sereia[1] a três passos.

Desde aquelas primeiras cortesias, quase ninguém perguntou nada sobre ela. Ou sobre a sua vida. Ou sobre a forma como foi parar ao bairro. Só os filhos é que se dão ao trabalho de lhe acenar. Assim como Rebecca. Gosta de Rebecca. Uma médica que faz um trabalho meritório e digno. Que tem uma beleza natural.

Por isso, não há necessidade de se arranjar hoje ou em qualquer outro dia. Em vez disso, muda de posição na cadeira, ouvindo a tela a ranger sob o seu corpo.

— Mara!

— Está em cima da mesa, Alberto! — grita em resposta. *Como sempre*, tem vontade de acrescentar. Não há uma manhã em que não esteja. Através da rede da janela da cozinha atrás de si, ouve a cadeira a ser arrastada sobre o linóleo desgastado. Odeia vê-lo a comer aquela salsicha, curvado sobre um manjar gorduroso que não é bom para ele, atendendo aos seus problemas cardíacos e ao colesterol alto.

Em vez disso, irá manter-se sentada ali fora, a desfrutar do ar fresco daquela manhã de junho, a tentar aperceber-se do que vai

acontecendo.

É incrível o que conseguimos ficar a saber sobre a vida alheia quando nos mantemos mais ou menos invisíveis. São as coisas que não querem que ninguém veja que mais nos revelam.

[1] A autora refere-se, provavelmente, à multinacional norte-americana Starbucks, cujo logótipo é uma sereia. (*N. do T.*)

Whitney

Hospital

Apesar do aviso de Rebecca, os tubos não a afligem. A bomba de infusão, o tubo endotraqueal, os fios, a fita adesiva que lhe atormenta a pele. Não repara em nada disso. Há apenas um rapaz. O seu filho. O seu lindo rosto, as bochechinhas que cheiram sempre a ar fresco. Sente-se aliviada ao vê-lo ali. Está no mundo. Soltara a mão de Rebecca e pouco depois pegara na dele, e ainda não a largou.

O hospital onde o deu à luz há dez anos fica a pouco mais de cento e cinquenta quilómetros de distância, num edifício no qual não pensava há muito tempo. *Será que as paredes tinham esta cor, este mesmo verde doentio? E as cortinas, seriam às riscas vermelhas e brancas como estas?* O nascimento do filho é uma memória a que não acede com frequência. Não percorre a estrada da memória com um nó na garganta. Não faz álbuns de recordações nem registos de crescimento nem guarda dentes minúsculos com uma crosta de sangue seco. Não se envolve em conversas com mulheres que tentam superar o relato do trabalho de parto umas das outras. Não tem tempo para isso. Não tem tempo para o tipo de pormenores, medidas e particularidades que parecem revestir-se de tanta importância para outras mulheres.

Não é uma mãe dessas.

Há, porém, uma coisa de que se lembra claramente a respeito do nascimento de Xavier: que fez força três vezes para ele sair de dentro dela. Só foi necessário fazer força três vezes para se separarem um do outro para o resto da vida. Esse pensamento parece-lhe absurdo neste momento, como se tivesse todo o direito de o voltar a colocar dentro de si com o mesmo esforço. Três. Dois. Um. É dela. Foi ela que o fez. Foi ela que acompanhou o seu crescimento e o criou. Seria de esperar que fosse capaz de o proteger. E quer-o de volta dentro de si. Poderia fazer tudo de novo, de outra maneira. Recomeçar tudo.

Traça o nome dele nos finos pelos louros que lhe revestem o antebraço. A pele do cotovelo parece cera onde o último arranhão está a cicatrizar, por enquanto. Ele vai abri-lo novamente nos próximos

dias. Há sempre uma parte a sangrar de que ele próprio mal se apercebe, e ela encontra manchas de sangue na mesa da cozinha, no tapete da casa de banho.

Passa o dedo pelo cotovelo, a seguir pelas cutículas dilaceradas do polegar direito. Parece vermelho, como se ele tivesse andado a chupá-lo. Será que ainda faz isso à noite? Vai passar-lhe uma loção nas mãos depois do banho esta noite. Vai mandar Louisa para casa mais cedo e, desta vez, será ela a comandar as operações. Fará tudo sozinha, todas as noites a partir de agora, as histórias e o segundo copo de água e as perguntas intermináveis, e aprenderá a aproveitar esse tipo de tempo.

É o que lhe vem à cabeça sobre as coisas naquela manhã, como se houvesse novamente uma possibilidade de ele cair de uma trotineta, de prosseguir com um hábito. Como se fosse haver outra oportunidade de mostrar paciência. E contenção.

De vez em quando há acidentes. É o que as pessoas lhe vão dizer, mesmo que não acreditem que ela mereça essa compaixão. Mas não, um acidente é um copo de leite derramado. O lábio rachado de uma criança aventureira.

Alguém lhe pergunta se sabe a que horas poderá chegar o marido. Acham-na incapaz de responder a perguntas, de tomar decisões na qualidade de tutor legal. E talvez tenham razão.

Jacob. Vai verificar se ele voltou a ligar. O telemóvel pesa-lhe na mão. Será que lhe parecera sempre um tijolo? Há uma mensagem dele. Está em lista de espera em Heathrow. Virá diretamente para o hospital assim que aterrar.

Vai voltar atrás no tempo.

Imagina Jacob a apanhar o filho quando este cai. O seu peso, o grunhido de esforço quando o seu corpo pousa no aconchego dos braços paternos.

Envia-lhe uma mensagem — «Vai primeiro saber do Sebastian e da Thea, vê se estão bem com a Louisa». É claro que não irá. Vai pedir encarecidamente ao taxista para acelerar, para não parar nos semáforos. No entanto, ela não se sente pronta para o ver. Ele olhará para ela uma vez e ficará a saber tudo. Tem a certeza disso.

Ignora outra vaga de mensagens e a pequena bola vermelha que diz «27» no ícone do *e-mail*. O número muda para 28 enquanto olha para a bola. Tem seis chamadas não atendidas dos seus colegas. O mundo está a acordar, a andar para a frente com horas que são faturáveis. Reuniões que parecem importantes.

O telemóvel cai ao chão no quarto do hospital. Deixa-o ficar.

Rebecca aparece novamente do outro lado da cama.

Não ergue os olhos.

Como seria se eu não estivesse aqui?

Xavier fizera-lhe esta pergunta certa tarde, há uns meses, no carro. Iam a caminho da clínica dentária aonde estava previsto Jacob levar o filho para lhe fazerem uma obturação, até que, em cima da hora, lhe propuseram uma avaliação prévia numa galeria. Whitney, tecnicamente, tinha a tarde livre.

«Como seria se não estivesse aqui?», repetiu ela, como faz quando não quer pensar na resposta. Em vez disso, pensou em alguém a quem se esqueceu de retribuir a chamada antes de sair do escritório. Pensou em ligar da sala de espera enquanto Xavier estivesse na cadeira odontológica. Pensou se tinha à mão os números do orçamento que sabia que o cliente iria pedir; poderia procurar nos seus *e-mails* assim que estacionasse o carro. «Como assim? Estás a perguntar-me onde estarias se não estivesse na Terra? Explica-te um pouco melhor, Xav.» E então, «Merda».

Tinha deixado passar a entrada do parque de estacionamento subterrâneo.

Agora não consegue lembrar-se da resposta que o filho lhe deu, se é que lhe deu alguma.

Volta a traçar o nome Xavier no braço dele.

Rebecca

Verifica pela terceira vez as análises de um paciente. Não gosta de se distrair quando está a trabalhar, mas não consegue deixar de pensar em Xavier. Nem na conversa que tivera naquela manhã no corredor, quando Whitney lhe perguntara por que motivo não queria ter filhos. Em resposta, dissera-lhe algo que nunca verbalizara antes: «Não há nada no mundo que eu queira mais do que um filho.»

Sentira-se vulnerável por ter proferido aquelas palavras. O tom de voz não conseguira esconder o seu desespero. Quisera, porém, que Whitney soubesse que optaria por ser mãe, mesmo que soubesse que terminaria assim, numa cama de uma UCI. Naquele momento, quis lembrar-lhe que, às 2h08 daquela manhã de quinta-feira, ela ainda tinha o seu filho. Que estava vivo. Que era dela. O semblante de Whitney deixara transparecer uma certa inquietude, antes de piscar os olhos uma vez, lentamente, e de olhar para as portas duplas ao fundo do corredor. A seguir, porém, voltara a pegar na mão de Rebecca.

Normalmente, a fragilidade da vida não é coisa que Rebecca se permita contemplar durante o serviço. Essa tomada de consciência não é consentânea com o estado de espírito que deve manter naquela instituição. É melhor supor que toda e qualquer criança que se achesse no seu caminho irá sobreviver e que ela será responsável apenas pelo fugaz instante seguinte, o qual marcará o início do resto da vida duradoura e repleta de significado dessa criança.

Se a criança, porém, não sobreviver, Rebecca será, a partir de então, a pessoa que mudou a vida daquela família. As suas palavras — «Lamento ter de lhe dizer isto» — ficarão indelevelmente gravadas na memória dessas pessoas até ao dia da própria morte delas. Rebecca passa a fazer parte da história de vida dessas pessoas, agora desfeita. É uma consequência do seu trabalho, à qual já está habituada. É algo que consegue ultrapassar. Hoje, porém, tem sido diferente. Consulta o relógio que traz no pulso — 9h18 — e interroga-se se não será demasiado cedo para ligar novamente para a UCI para saber novidades. A assistente social não tardaria a chegar, para estar com Whitney, se é que não teria já chegado. E a Polícia voltará. A

enfermeira repara que está desconcentrada.

— Desculpe a insistência, mas chegou a falar com os pais? Por causa da suspeita de cardiomiopatia?

Rebecca assente com a cabeça enquanto examina os papéis da alta que a enfermeira lhe pôs à frente.

— É tão fofinha, esta criança. Também chamei o pessoal de plantão pelo *pager*. Eles precisam de um extrator de leite, consegue arranjar um? O que tem aí para mim a seguir?

Esfrega a parte superior da testa sob a touca cirúrgica variegada e, em seguida, pressiona o dispensador de álcool-gel para limpar as mãos. Tem de despertar. Para se livrar disto.

Geralmente está nas suas sete quintas nas urgências — o ritmo, o desconhecido, a rotação constante de casos. Tudo pode acontecer num turno, e interroga-se como é que, em quase todos os restantes empregos, as pessoas saem da cama de manhã para enfrentar a garantia da monotonia. No entanto, também ela encontra bem-estar no seu dia a dia. O bem-estar advém da novidade. Novos filhos, novas famílias, novos problemas, e Rebecca pode ajudar a maior parte deles, quase sempre. Os que não estão assim tão doentes vão para casa e os outros entram no sistema de alguma forma, lá em cima, onde são atendidos por outros médicos, oncologia, neurologia, nefrologia, aonde quer que vão parar, depois de deixarem a apertada fila de boxes, separadas por cortinas, em que ela presta o seu serviço. Algumas das crianças poderão nunca mais sair do hospital, e, quando suspeita que isso possa acontecer, dá por si a examinar os escassos pertences que trouxeram de casa. Os fundilhos desfiados dos pijamas, os ursinhos de peluche a que se agarram. Marcas do desfecho que os pais, mais tarde, levarão sem elas.

Raramente fica a saber o que acontece depois a estas crianças, a não ser que dê de caras com um dos pais no parque de estacionamento ou na fila para comprar café. Tornou-se exímia a simular que está agarrada ao telemóvel enquanto atravessa o átrio de entrada do hospital; não é tão reconhecível sem a sua touca cirúrgica, o cabelo escuro e liso sobre os ombros. Sente-se culpada por esta simulação, mas é a forma de conseguir abrir as portas duplas das urgências, pronta para trabalhar.

Uma enfermeira faz-lhe o ponto de situação sobre a menina de dois anos que está à espera no quarto 3. Febre alta recorrente, letargia, perda de apetite. Os pais da menina estão sentados junto à maca, um de cada lado, a observar a filha, que não tira os olhos do *iPad* pousado no colo. Endireitam-se quando Rebecca entra no quarto, e ela consegue sentir o seu misto de alívio e tensão: já aqui está a

médica, mas alguma coisa se passa. Rebecca verifica o boletim clínico da criança no monitor do computador, e acontece: 19/05/2017. A data de nascimento da paciente. Estava à espera daquilo. Respira fundo e puxa o banquinho na sua direção.

— Lucy? Chamo-me Rebecca. Posso ver como estás enquanto te entreténs com o teu programa? É o Daniel Tiger?

Pega na mão da menina e aperta-lhe a pele suavemente para verificar o seu grau de hidratação, pressionando os seus minúsculos leitos ungueais. Vira-lhe a mão e, lentamente, sente a sua palma macia e rechonchuda. Enfia o estetoscópio na parte de trás do pijama da criança para lhe auscultar os pulmões. Põe-se a pensar no quarto que Ben pintou há dois anos. Vêm-lhe à cabeça lindos lençóis de berço florais. Leva o sino do estetoscópio ao peito da menina para lhe auscultar o coração. Põe-se a pensar na massa pulsante de células que ela e Ben ouviram na primeira ecografia. A menina encara-a, desviando o olhar do ecrã. Rebecca pega no oftalmoscópio e aproxima-se dela. Consegue sentir o cheiro a manteiga de amendoim no seu hálito enquanto lhe examina a retina. Pousa o instrumento. A menina estuda o seu rosto, por partes, o nariz, talvez o rímel das pestanas. Rebecca toca-lhe na nuca. Passa os dedos pelos caracóis finos e escuros. Toca-lhe no lóbulo da orelha. Sente a maciez da sua bochecha quente e rechonchuda. O queixo minúsculo.

A mãe clareia a garganta.

Rebecca vira-se de costas.

— Precisava de lhe fazer análises ao sangue, se não se importam.

Preenche a requisição. Nome. Data de nascimento. O cursor intermitente no ecrã é hipnótico. Teria acabado de fazer dois anos, como ela. Teria sido perfeita.

Blair

Aiden aparecera aos pés de Blair. Foi no ano em que ambos completaram trinta e um anos, na festa de um amigo em comum, num estúdio apinhado de gente. Ela estivera prestes a ir-se embora. Também estivera prestes a pisar uma lasca de vidro de uma garrafa partida. Aiden estendera o braço para a deter enquanto se ajoelhava para pegar na lasca de vidro, erguendo-a na sua palma larga como se fosse um sapatinho de vidro.

Era uma espécie de charada, demasiado dramática para o gosto dela. Quando Aiden se levantou, porém, Blair reparou que ele era o tipo de homem que não costumava olhar para ela. Apercebeu-se disso imediatamente. O sorriso aberto, o seu ar de malícia juvenil, o seu metro e noventa de altura. A forma como toda a gente em seu redor o observava.

Acabou por desejar sentir a adrenalina de ser detetada por ele numa sala, de chamar a sua atenção, de ser a sua preferida. Ele era alto, tinha uma voz profunda e reverberante. Sentira-se desejada por homens antes, mas nenhum como ele. O gregarismo de Aiden fê-la sentir-se vulnerável no início, como se alguém lhe tivesse roubado a roupa em público. Não estava habituada a tantos olhares dirigidos a si quando estava com ele, à corpulência dele, à socialização que lhe era tão natural. Ele era magnético. Era indiscutivelmente bem-parecido. Mexeu claramente com ela. Segurava-a firmemente debaixo do braço e acariciava-lhe o ombro com o polegar quando falavam com outras pessoas. Ela apreciava o facto de este gesto suscitar a atenção geral. Observava-as atentamente a reparar, a dirigir o olhar para aquele toque.

Ele era extremamente meigo quando estavam sozinhos, e ela sentia-se privilegiada por ser a única pessoa a testemunhar essa faceta dele. O carinho que pachorrentamente lhe prodigalizava numa manhã de domingo. O barulho que fazia quando a beijava na face, sucessivamente, como se ela fosse deliciosa, como se precisasse que o seu amor por ela tivesse um som. Banhos noturnos que tinham tomado juntos, enrolados e risonhos, sendo ele demasiado grande para a

banheira, com o cabelo húmido a ir-lhe para os olhos.

— Faça-te feliz? É isto que queres? — Ele fazia-lhe constantemente estas perguntas, a certificar-se de que estava à altura do que ela esperava dele.

Blair nunca pensou que ele deixaria de lhe ter afeto.

Quando ligara à mãe para lhe contar sobre Aiden, que ele tinha um bom emprego na área das vendas, que lhe enviara flores para o escritório no seu dia de aniversário, a mãe mantivera-se em silêncio. Blair olhara fixamente para as vinte e quatro rosas cor de pêssego no vaso de plástico opaco proveniente da cozinha do pessoal e esperara que a mãe dissesse qualquer coisa.

— Estou?

— Muito bem.

Muito bem. «Muito bem» era sempre a resposta da mãe. Muito bem, como as excelentes notas que Blair obteve no liceu. Muito bem, como a bolsa de estudo que ganhou para frequentar a faculdade que fora a sua primeira opção. Muito bem, como o primeiro estúdio que alugou na cidade e que tinha tanto orgulho de conseguir pagar sozinha. À medida que o tempo ia passando, a mãe tinha muito poucas expectativas, mostrava muito pouco interesse, mas Blair tentava lembrar-se de que era alheia a esse problema. Não havia nada que pudesse dizer que suscitasse uma melhor resposta por parte da mãe. O seu ponteiro parecia ter encravado na posição neutra. Por aquilo que Blair podia constatar, a sua mãe deixara de sentir fosse o que fosse.

Mas não era assim quando Blair era mais jovem; a mãe era animada e divertida. Trabalhara três dias por semana como secretária na empresa de seguros do pai até Blair completar oito anos. Levava-a a ela e ao irmão mais novo para o escritório no verão, onde construíam fortes sob as secretárias e andavam à roda nas cadeiras giratórias até ficarem os três tão tontos que não conseguiam manter-se de pé. Blair adorava o cheiro do batom da mãe, que lhe fazia lembrar a tinta de têmpera da escola. Adorava tocar nos seus longos colares de pérolas em camadas, ouvindo o som das contas. Punham o rádio do carro em altos berros quando regressavam a casa, e, no banco de trás, Blair imitava a forma como a mãe mexia os ombros à sua frente.

Contudo, algures neste percurso, a mãe parecia ter-se transformado, de forma lenta e silenciosa. Deixou o emprego e começou a falar menos com eles. Tornou-se rígida no seu relacionamento com o marido.

Blair não se apercebera do fardo que o sufoco da mãe representava até se mudar para a faculdade e sentir como era fácil

respirar. Arranjava pretextos para não ir a casa nas alturas em que os amigos iam. A tensão em casa tornara-se demasiado forte para ela. Por essa altura, os pais só falavam um com o outro através de Blair, como se já não conseguissem reconhecer o som da voz um do outro.

Blair interroga-se, agora, sentada atrás da caixa da Itsy Bitsy, se ela e Aiden são realmente diferentes dos seus pais. Se será isso que a espera. Infelicidade servida todas as noites ao jantar.

Está a olhar fixamente para a girafa de peluche de um metro e oitenta de altura a que atribuíram o preço de duzentos e quarenta e nove dólares quando, pela primeira vez nessa manhã, se faz ouvir o sinal sonoro da porta. Está prestes a forçar algo parecido com um sorriso, mas é Aiden quem entra.

Ele nunca passa por ali para a ver.

— O que te traz por cá?

— Bom dia também para ti. Tive um pequeno-almoço de trabalho aqui perto e lembrei-me de passar por cá.

Vai até à prateleira de carros de corrida de madeira. Por trás, faz-lhe lembrar o Aiden de há dez anos, o fluxo espesso do seu cabelo nas costas. Os ombros largos. Divertiam-se tanto juntos. Longas viagens de carro e aulas de mergulho na piscina. Sincronização labial no carro. Antes tinham vontade de viver embrenhados um no outro. Para onde fora esse sentimento? Teria sido mais do que a paternidade? Será que ela estava muito diferente de quem fora?

Ele ergue um carro na direção dela.

— Estes vendem-se bem?

— Nem por isso.

Ele ri-se.

— Saíste cedo para ir trabalhar esta manhã — diz ela.

— Como sempre, não é?

Ela ergue o sobrolho. Arruma a pilha de papéis das entregas sobre a secretária. Está habituada a ficar nervosa na presença dele. É assim o ambiente entre eles agora. Um ramerrame. E prosaico. Já não falam de nada real. As suas conversas são uma troca de aspetos logísticos e informações.

— Foste comer ao Egg and Bean?

Ele assente com a cabeça.

— Devia ter-te trazido um café. Queres que te vá buscar um?

Ela abana a cabeça, embora quisesse. A afabilidade dele irrita-a. A facilidade com que o dia a dia dele decorre também a irrita. Sentir-se-ia melhor, julga ela, se ele trabalhasse mais para eles. Se ele trabalhasse tanto como ela trabalha na sua função, a puxar pela cabeça, a adaptar-se, a planear, a fazer, a puxar novamente pela

cabeça. À noite, quer vê-lo de cabeça à roda com as coisas que tem de fazer no dia seguinte, para terem uma vida tranquila, para terem as coisas facilitadas.

Será que Aiden já reparou nisso? Como todos eles parecem ter a vida facilitada? Que recebem alimentação e cuidados, que têm champô na banheira, e sal no saleiro e presentes na manhã do dia de aniversário? Que lhes põem comprimidos para as náuseas na palma da mão assim que se sentem enjoados? É obra *dela*. É o seu valor invisível. Isso vale mais do que os míseros dezasseis dólares e cinquenta que Jane lhe paga à hora.

Aiden vende sistemas de segurança de *software* a instituições financeiras, mas, embora Blair seja capaz de debitar essa descrição quando alguém lhe pergunta, pouco ou nada sabe sobre o que isso acarreta. Trabalha sobretudo à comissão, pelo que há anos em que auffer uma boa maquia e outros em que não se pode orgulhar do que recebe.

Por isso, têm de ter cuidado. De dois em dois meses, Aiden queixa-se dos extratos do cartão de crédito e, quando o faz, Blair fica furiosa. Diz coisas como: «Queres que ela vá para a escola com as calças rasgadas?», «Fazes ideia de quanto custa um pão?», «Quanto é que gastaste hoje no teu requintado almoço no escritório?», «Achas que *me apeteceu* desembolsar cento e trinta e quatro dólares e trinta e seis cêntimos para verem o que tinha a máquina de lavar louça?», «Achas que devo recusar todos os convites para festas de aniversário? Dizer-lhes que não temos dinheiro para os presentes?».

«Porque é que estás sempre tão revoltada?», responde Aiden, com uma voz exasperantemente calma.

Está a consultar o *e-mail* agora.

— Vieste para estar comigo ou com o telemóvel? — Blair odeia-se logo que as palavras lhe saem desta forma.

Ele pede desculpa e pousa o telemóvel em cima do balcão. Blair sente que a boa intenção que o trouxe ali está a desaparecer. Esta situação não é nova, a oportunidade que Aiden lhe oferece de retribuir o seu bom humor, de ter um momento de ligação, e como lhe é difícil aceitar. Blair tem curiosidade em saber quando é que ele vai parar de tentar brindá-la com a sua boa disposição.

— A loja está muito bem-apresentada. — Aiden relanceia os olhos pelo estabelecimento, talvez para se afastar do olhar dela. Talvez o esteja a deixar nervoso. Vem-lhe novamente à cabeça o pedaço de saqueta de papel de alumínio. Nunca se ausenta por muito tempo. Será que ele se interroga se estará a ser suficientemente cuidadoso?

Será que se indaga quando é que ela irá descobrir?

— Vou transmitir esse comentário à Jane — responde-lhe, mas não o fará. A boa apresentação da loja deve-se unicamente a si. Gostaria que este momento fosse diferente. Teve uma oportunidade para se sentir à vontade com ele, mas essa oportunidade já desapareceu. O sinal sonoro da porta faz-se ouvir e uma mulher da mesma idade que Blair percorre a loja com o olhar e vai até às estantes de livros na parte de trás. Blair clareia a garganta para voltar a chamar a atenção de Aiden, mas não consegue pôr de lado os pensamentos que a atormentaram naquela manhã. Tem o coração sobressaltado. — Posso perguntar-te uma coisa? — Ele assente com a cabeça enquanto consulta o relógio. Está sem paciência. — Chegaste a ir para casa ontem à noite?

Ele parece atordoado. Mas não entalado. O que dá a Blair uma fração de segundo de alívio.

— Claro que sim. Dormi no quarto de hóspedes. Não queria acordar-te.

Blair, virada para a parede, reabastece o agraphador. Nunca experimenta a satisfação de que está à espera ao dizer as coisas que a angustiam. Fica sempre pior.

Tem curiosidade em saber se Aiden será capaz de sair da loja sem se despedir dela. Contudo, quando se vira novamente, ele está a observá-la com os braços cruzados. Já guardou o telemóvel no bolso.

— Sabes, Blair, às vezes dá-me ideia de que queres que eu te dececione. Como se estivesses à espera de um motivo para me teres o ódio que me tens.

Blair pede-lhe que baixe o tom de voz, sentindo o rosto afogueado. Pode dizer-lhe que não é verdade. Pode defender-se.

Contudo, o que ele está a dizer tem o seu fundo de verdade. Quer ter por ele mais apreço do que tem, mas há uma circunstância que aparentemente o torna impossível. E agora tem um pedaço de lixo que observa atentamente todas as manhãs e que a obriga a encarar a fraqueza que realmente a caracteriza.

Quer pedir desculpa. Quer dizer-lhe que se sente invisível. E sem importância. E que já não sabe o que é ser amada por ele, ou se ser amada é suficiente. Que não sabe remediar nada disto, pelo que vai lidando com a situação da melhor forma que sabe.

Não sente alívio quando ele lhe vira as costas, apenas uma tristeza pungente. Aiden está de frente para a porta quando anuncia:

— Chego a casa às seis para jantar, está bem?

É assim que acaba? Será que ela lhe devia mais agora? Por que razão agiu ela assim novamente? Um dia destes, poderá ir longe

demais. E deixará de poder optar por continuar neste casamento.

Pela janela da loja, observa-o a afastar-se, de mãos nos bolsos, com os olhos postos no passeio. Por vezes, é a própria presença dele que faz com que Blair se odeie.

Passados vinte minutos, quando Jane chega, diz-lhe que não se sente bem.

E é verdade. Sente-se mesmo muito mal.

Está a meio da Harlow Street, a olhar para a casa mortíça de Whitney, que fica de esguelha para a sua, quando decide que precisa de alguma coisa para se animar. É a única coisa que ela prometeu a si mesma que não voltaria a fazer. Porém, é o seu único vício. E sente que merece pelo menos um.

Enfia a mão na mala à procura das chaves.

Mara

Há algo na forma como Blair se detém por um minuto no final da calçada de acesso à casa dos Loverlys que leva Mara a pensar que aquela mulher não deveria estar ali. Contudo, já o fez anteriormente, foi até lá quando ninguém se encontrava em casa, entrou com uma chave sobressalente.

São quase 11h30 e não vê vivalma naquela casa desde ontem à noite, quando Whitney, ao regressar do trabalho, ali encostou o carro, justamente na altura em que parou de chover. Não falara com ninguém todo o santo dia, e ninguém lhe dirigira palavra além de Alberto, que resmungara sobre a temperatura da casa, o odor acre do frigorífico, o atraso de quinze minutos do camião do lixo. Contudo, isso não passava de uma espécie de ruído de fundo que ouvia por acaso quando passava por ele. Acenara a Whitney quando esta saía do carro, tentando chamar-lhe a atenção. Eram apenas seis passos, talvez sete, do carro até à porta de casa, mas a mulher não conseguia tirar os olhos do raio do telemóvel.

Houvera ruídos na noite anterior, claro que houvera.

Mas isso não era nada fora do vulgar para quem vive na cidade.

Poderia perfeitamente ter sido um sonho, algo do seu passado a bater-lhe novamente à porta.

Na infância, Mara tivera sonhos intensos. Durante a noite, fugia do diabo a sete pés. As irmãs enfiavam bolas de algodão nos ouvidos para não acordarem quando Mara falava durante o sono. De manhã, contava histórias bizarras aos irmãos, como se o que acontecia nos sonhos fosse real, e eles apressavam-se a contar à mãe que a irmã estava mais uma vez a aldrabar. E normalmente estava. Contudo, à medida que foi ficando mais velha, os sonhos deixaram de ser unicamente fruto da sua imaginação hiperativa.

Aos dezassete anos, sonhou com o belo Alberto na noite anterior ao dia em que se encontraram pela primeira vez. Ele apareceu na casa da família dela com o pai, que reparava frigoríficos. Vinha na condição de aprendiz, mas passou aquela hora encostado ao papel de

parede verde-lima do corredor a falar com uma rapidez estonteante com Mara, que se mantinha sentada no terceiro degrau das escadas com as pernas educadamente cruzadas. Percebeu que o rapaz estava a tentar fazer charme. Até então, nunca sentira o poder de deixar alguém nervoso. Reparou que ele dava pancadinhas na parede com o nó do dedo indicador para pontuar o final de cada frase, às vezes uma vez, outras vezes duas. O jovem que aparecera no seu sonho na noite anterior fizera o mesmo. *Tum. Tum, tum.* Ela já ali estivera, naquele momento com ele, anteriormente.

Na manhã seguinte à noite em que ficou grávida, quando acordou, já sabia que tinha concebido. Tinham acabado de começar a rezar para que esse milagre acontecesse, mas ela passara a noite a sonhar com o bebé a flutuar no azul do seu útero, com o seu revestimento branco, macio e delgado, como mantas de nuvens estratiformes.

Depois do jantar, serviu uma bebida a Alberto e, como quem não quer a coisa, disse-lhe que era melhor ligar para uma agência de viagens e reservar bilhetes para a mudança. Alberto levantara-se de repente e, agarrando-se a Mara, balouçara-a na cozinha apertada do seu apartamento, derrubando com os pés uma pilha de pratos de vidro azuis. Pousou-a e ajoelhou-se e pôs-se a chorar, derramando as lágrimas no avental dela, húmido da água de lavar a louça, enquanto ela esfregava os lóbulos das orelhas dele entre os dedos.

Como a maior parte dos seus amigos que acalentavam grandes sonhos, diziam sempre que deixariam Lisboa para se estabelecerem num sítio onde houvesse mais oportunidades. Mara insistiu. Portugal não tinha nada além de agricultura, carecia de economia moderna ou comércio, não havia perspectivas de rápido crescimento em nenhum setor industrial. Lisboa parecia ter ficado para trás no que dizia respeito à prosperidade que ia por esse mundo fora, presa sob o domínio de um governo que se opunha à mudança. Alberto não se via a consertar eletrodomésticos antigos dia após dia, não tendo a vida monótona do pai como referência, pelo que arranjou emprego como vendedor de equipamentos de pesca e, em três meses, superou o seu objetivo de vendas anual. Mara sabia que Alberto, caso aprendesse inglês, conseguiria levar uma vida condigna como vendedor algures na América do Norte. Ambos observavam os abastados turistas que, vindos de todo o mundo, inundavam as praias portuguesas no período de férias. Sabiam que havia outro caminho.

Toda a gente aconselhava Alberto a ir sozinho para a América, a fim de encontrar um emprego e estabelecer alguns contactos primeiro, mas ele nunca seria capaz de deixar Mara, nem esta o deixaria alguma vez. Iriam em família. Alberto economizou a maior parte do

vencimento de cada mês, Mara cortou todas as despesas desnecessárias, e quase todas as noites conversavam sobre o sítio a que rumariam, debruçando-se sobre livros e mapas da biblioteca. A Costa Oeste. Ou Massachusetts. Ou Toronto. Tinham aprendido expressões comuns em inglês, fazendo perguntas um ao outro em jantares tardios e bem regados, em que terminavam nus na cama. Estavam prontos.

— O que disse o médico? Muito descanso? Um bebé. Um bebé. — Alberto enxugou o rosto com o lenço, rindo da sua sorte incrível.

— Ainda não fui ao médico.

— Então como é que sabes?

— Sonhei com ele ontem à noite.

— Mara! — Alberto lançou a cabeça para trás, tapando os olhos.
— Por amor de Deus, mulher!

— Confia em mim, Alberto. — disse ela, pousando os lábios no cimo da cabeça dele.

Acabaram por optar por uma zona heterogénea de uma grande cidade, onde, segundo foram informados, uma comunidade portuguesa estava a instalar-se; as rendas eram baratas e as casas estavam degradadas, mas perspectivavam-se mudanças com a chegada de mais famílias, dizia-se que havia pessoas que iriam trazer os irmãos e parentes por afinidade, que iria abrir um restaurante e uma peixaria na rua principal. O inglês de Alberto melhorara o suficiente para conseguir um emprego como vendedor de máquinas de bebidas num distribuidor americano, e deram-lhe uma viatura de serviço, um *Ford* vermelho brilhante. Pediu a Mara que lhe tirasse uma fotografia apoiado no capô, com a sua nova câmara *Kodak*, e enviou a fotografia aos pais pelo correio. Abriu uma conta bancária e começaram a poupar para a primeira casa. Odiavam o frio e sentiam saudades das respetivas famílias, mas havia um sentimento comunitário a surgir em seu redor, clubes paroquiais, uma padaria com fila de espera aos sábados de manhã, exemplares do *Correio Português* depositados no seu alpendre. Mara adorava encontrar oportunidades para falar o inglês que tinha orgulho de ter aprendido, embora raramente precisasse de o fazer no seu novo bairro.

Tudo decorria de acordo com as expectativas e com o planeado, até que, perto do nono mês de gravidez, Mara teve o primeiro sonho intenso desde que concebera.

Sabia que aquela criança teria alguma coisa de diferente.

Duas semanas mais tarde, quando a pôs no mundo, enquanto Alberto deambulava pelo corredor, fechou os olhos e escutou o

silêncio. Um silêncio ensurdecedor. Mas o bebé soltou um grito. Frenético e saudável.

— Aqui está ele, um menino perfeitoinho — ressoou a voz do médico, sobrepondo-se ao choro a plenos pulmões do recém-nascido.

Ela ergueu a cabeça para ver o filho, mas este já estava envolto nas mãos das enfermeiras. Precisava de o ver com os próprios olhos para ter a certeza. Volvido algum tempo, por via do espalhafato que fizera a este respeito, levaram-na na cadeira de rodas pelo corredor até ao berçário, até ao lugar que o filho ocupava nas filas de berços de vidro. Desdobrou o cobertor vagarosamente. Levou a mão ao peito rosado do bebé e agradeceu a Deus. Sentia que ele tinha alguma coisa de especial.

Alberto, com orgulho, levava Marcus até à igreja na esquina, exibindo-o todos os domingos, como se ninguém alguma vez tivesse visto uma criança. Levava o auscultador do telefone à orelha minúscula do bebé quando os seus pais ligavam para lhe cantar. Marcus ficava feliz da vida quando Alberto o segurava por cima da cabeça e andava assim com ele de um lado para o outro. Comprou um avião antigo numa loja de produtos em segunda mão e pendurou-o no teto do berçário com fio de pesca.

— Há de ser piloto, Mara. Aposto o que quiseres.

As principais etapas do desenvolvimento da criança decorreram sem incidências, pelo que o pediatra desvalorizou as preocupações que Mara lhe transmitiu na consulta dos três anos. Marcus expressava-se cada vez menos verbalmente com toda a gente, à exceção da mãe. Tinha medo de outras crianças na caixa de areia. Tapava os ouvidos quando os camiões das entregas passavam, quando uma porta se fechava. Não comia nada que tivesse uma consistência mais líquida.

— São coisas dele, Sra. Alvaro. Nada mais. Qualquer criança tem as suas, só que há crianças mais sensíveis do que outras. Continue a expô-lo às coisas, e ele vai ao sítio. — O pediatra abriu a porta do consultório enquanto falava. — E tente relaxar quando estiver ao pé dele. As crianças conseguem sentir quando a mãe está nervosa.

Como se a culpa fosse dela.

Ele estava destinado a superar tudo aquilo.

Houve uma noite em que, depois de ter dado um beijo de boas-noites a Marcus, lá arranjou coragem para perguntar a Alberto se alguma vez ficava preocupado com o filho. Sobre o facto de não falar com ninguém a não ser com ela. Sobre a sua ansiedade. Sobre a sua natureza fugidia. Alberto pouco ou nada sabia de crianças, mas os outros miúdos da idade de Marcus que frequentavam a mesma igreja trepavam pelos bancos de trás. Durante a missa, os pais viam-se

obrigados a mandá-los calar e, quando saíam disparados pelas portas arqueadas em direção à estrada, a chamar por eles para os deter. Alberto não poderia ter deixado de reparar que o filho se encolhia ao colo de Mara e enterrava a cabeça no pescoço da mãe sempre que alguém lhe dirigia a palavra.

Marcus nunca ia ter com o pai.

Mara queria dinheiro para o levar a um especialista. Sentia-se mal quando verbalizava este pedido a Alberto. Já sabia, antes de ele responder, que tornara a sua preocupação demasiado oficial aos olhos do marido. Os exemplos eram demasiado difíceis de refutar. Alberto queria que o filho fosse um certo tipo de rapaz, radiante no centro desta vida pela qual trabalhara tanto, e ela agora dizia-lhe, com palavras irretratáveis: o nosso filho não é assim.

Saíra da sala para fumar um cigarro e regar o pequeno jardim das traseiras na penumbra. Tinham-no plantado juntos naquela primavera, com Marcus a observar em silêncio debaixo de um guarda-sol, indiferente à terra, às minhocas, aos recipientes de plástico que continham os bolbos. Tinham acabado de comprar a casa na Harlow Street, um *bungalow* com tijolos cor de canela num lote de terreno estreito que Alberto conseguia percorrer com sete passos. Instalara toldos de alumínio às riscas amarelas e creme sobre o alpendre e as janelas da frente. Pintara de um branco imaculado a vedação baixa de ferro forjado no jardim da frente e cuidara com esmero do novo relvado. Naquela noite, da janela do quarto, Mara observou-o no logradouro, com uma das mãos na mangueira, a outra a enxugar o rosto enquanto os ombros lhe tremiam.

Mara levava Marcus consigo aonde quer que fosse. Às vezes, o miúdo escondia-se na zona dos pés do carro e recusava-se a sair. Outras vezes, portava-se normalmente até se ouvir um som estridente, ou até o cabeleireiro do salão se baixar para lhe oferecer um chupa-chupa. Ficava rígido e punha-se a olhar fixamente, como um animal na natureza. Tímido, era o que toda a gente lhe chamava.

Aos cinco anos, só falava com a mãe por meio de sussurros.

Mara às tantas já sentia a falta do hálito quente do filho no seu ouvido, do som do ar a passar por entre os dentes dele.

— Diz lá à mãe, porque é que não falas com mais ninguém? Tens medo de quê?

— É como se estivesse no palco o dia todo. — Pendurava-se nas costas da mãe e agarrava-se-lhe aos ombros, sem nunca se afastar dela.

— No palco? Explica-te melhor.

— É como se toda a gente estivesse a observar-me no teatro. Mas

não me lembro do que vem a seguir. — O hálito quente novamente. — Vão rir-se de mim.

Surpreendia-a com a sua inteligência, falando fluentemente português e inglês, completando *puzzles* para adultos e memorizando todos os países no mapa. Caso Alberto não estivesse em casa, lia em voz alta, de forma serena, sentado ao colo da mãe. A escola, porém, era um desafio. Devido à sua ansiedade, muitas vezes tinha dificuldade em aguentar-se durante um dia inteiro. Os acidentes provocados por dores de estômago e diarreia eram demasiado frequentes. As crianças mostravam-se cruéis.

Mara decidiu optar pelo ensino doméstico, ministrado por ela própria.

Marcus tornou-se mais agarrado a ela do que a maior parte das crianças em relação às respetivas mães, embora Mara não tivesse termo de comparação no que dizia respeito ao invulgar apego que existia entre eles. Nunca ansiava por um momento em que não o tivesse à perna, nunca o enxotava, mesmo quando tomava banho ou usava a sanita. O rapaz vivia colado a ela como uma camada de pele. Não sorria à frente de mais ninguém, mas a mãe sabia que ele se sentia feliz. Sentia-se feliz com ela.

Na primavera, tinha Marcus sete anos, Alberto ficava até tarde a trabalhar quase todos os dias da semana. Regressava a casa muito depois de Marcus se ter deitado e acordava bem antes de o filho se levantar. Na maior parte dos fins de semana, andava ocupado fora de casa. Mara guardava um calendário na gaveta da cozinha e marcava com um X os dias em que Alberto não via o filho uma única vez. Quando completou um mês com a sua furiosa tinta preta, foi verificar se o filho já estava a dormir e a seguir foi até à sala de estar. Desligou a televisão à bruta e atirou o calendário para o colo de Alberto.

— Quatro semanas. Já lá vão quatro semanas desde a última vez que lhe puseste a vista em cima. É a maior dádiva que podias ter, e estás a perder tudo o que se passa na vida dele.

Alberto olhou para o ecrã sem encarar a mulher. Parecia petrificado.

— O que mudou em ti, Alberto? O que te dá o direito de andares tão descontente?

A sua quietude enfureceu-a. Ele conseguia ignorar tudo tão facilmente. O lindo filho deles. O casamento empedernido. O lugar perigoso para onde se dirigiam. Mara não tinha outras opções aqui, nem dinheiro, nem família, nem alternativas. Alberto nem pestanejou. Mara interrogava-se para onde teria ele ido, como é que era capaz de, pura e simplesmente, desaparecer da sala. Pensou em como ela nunca

podia dar-se ao luxo de vacilar durante todos os minutos do dia em que se mantinha acordada. Em como nunca deixava de estar presente. Para eles, com eles, apesar deles.

— Não és o homem que eu pensava que eras.

Agora, Mara observa a casa dos Loverlys.

— O que é que ainda estás aqui a fazer? — Alberto mantém a porta de rede aberta. Enverga o seu roupão *bordeaux*, com o cheiro a gordura impregnado no tecido felpudo.

— Nada. — Com um gesto, manda-o afastar-se da porta para ela poder passar. Fica admirada ao ver uma salsicha que ficou no prato. Ele nunca deixou de tomar o seu pequeno-almoço. — Estás sem apetite hoje?

— Acho que sim — responde ele, indo para o quarto.

Mara dá um jeito à bancada da cozinha, coloca o prato no lava-louça, põe a frigideira de molho. Já sabe que Alberto vai querer mais café, pelo que deita fora o filtro encharcado e substitui-o. Retira as borras do cilindro de estanho. Enche o recipiente traseiro com água. Espera que comece a gorgolejar; nem sempre funciona como deve ser, deve ter uns vinte anos, mas Alberto não há de substituí-lo até estar convencido de que o raio do aparelho já deu o que tinha a dar. Mara tenta recordar-se do que ia fazer de manhã. Lavar a roupa. E recolher os aviõezinhos de papel dos arbustos do logradouro, por ser quinta-feira.

Alberto regressa à cozinha, abotoando a camisa, e os dedos dele fazem-na pensar nas salsichas. As mãos inchadas praticamente já nem conseguem fazer um punho.

— O café está a fazer — diz Mara. — Anda cá, eu trato disso.

Alberto faz um esgar de desagrado, mas deixa-a apertar os dois últimos botões, enquanto desvia o olhar dela. Há décadas que não olham como deve ser um para o outro — pelo menos como dantes. Mara tem curiosidade em saber se Alberto vê demasiadas coisas nos seus olhos vítreos, que há muito perderam o brilho e a nitidez. Ou talvez veja muito pouco. Esperar-se-ia que a vida de um e do outro fosse mais preenchida do que isto? Será que, por vezes, ele também chora por causa disso? Alberto alisa os fios de cabelo no cimo da cabeça e pigarreja. Esfrega o peito. Enfia a camisa nas calças e senta-se à mesa da cozinha.

— Onde é que estás?

Mara faz deslizar a caneca vazia pela bancada em direção à máquina, aponta com um gesto para as natas sobre a mesa e desce à cave.

Blair

Ao aproximar-se da porta da rua da casa de Whitney, consulta novamente o relógio. Ainda não é bem meio-dia. Hoje ainda não teve notícias de Whitney, mas sabe que, às quintas-feiras, Sebastian e Thea, acompanhados por Louisa, geralmente frequentam uma atividade que decorre na biblioteca. Todos os meses Louisa afixa na cozinha um calendário de atividades da família, que Blair arranja forma de fotografar às escondidas.

Graças às enormes janelas e ao conceito de espaço aberto, Blair, da sua sala de estar, geralmente consegue lóbrigar o jardim das traseiras através da casa deles. Pelo menos até ao meio-dia, altura em que o brilho do sol a brinda com o desinteressante reflexo da sua própria casa.

Às vezes, aos fins de semana, observa Jacob a preparar o pequeno-almoço na ampla ilha da cozinha. Tem as calças de fato de treino descaídas. Já viu Whitney abraçar-se aos ombros do marido e colher frutos dos seus dedos. Uma vez, enfiou a mão na parte da frente das calças dele. Jacob pousou a espátula enquanto ela o acariciava, a centímetros da chapa quente, enquanto as crianças viam televisão no compartimento contíguo.

Nada do género acontece do seu lado da Harlow Street. A proximidade de Blair a Whitney deixa-a dolorosamente consciente desta diferença. Ela e Aiden vivem numa estreita casa de retalhos que deveriam ter remodelado há cinco anos. O marido nem sabe onde é que se guarda a máquina de *waffles*. Nunca lhe passa pela cabeça terem este tipo de intimidades, nem na cozinha, nem noutro sítio qualquer.

Contudo, há situações na vida de Whitney que não desejaria para si própria. Não gostaria de se matar a trabalhar e ser uma mãe ausente, constantemente dividida e desatenta. À procura do equilíbrio que escapa a todas as mulheres. O conceito de equilíbrio aparentemente nem sequer faz parte das preocupações de Whitney.

Apesar de tudo, Blair inveja-a. Quer sentir em relação a si própria o que Whitney sente, quer saber como é estar nesse patamar feminino.

A satisfação de ter feito as escolhas de vida certas.

Entregaram-lhe a chave sobressalente para poder entrar em caso de emergência.

Mas nunca há casos de emergência.

Entra na casa e digita com firmeza o código de segurança do alarme. Gira o trinco atrás de si e detém-se na entrada imaculadamente branca. Uma enorme pintura abstrata paira diante do seu olhar, pendurada por fios, como numa galeria. A mixórdia de acrílicos mudos e sórdidos atrai-a tanto quanto um pedaço de vômito, embora tenha fingido o contrário. Inspira. Há uma frescura artificial no ar naquela casa, como um carro no concessionário, como algo acabado de desembulhar.

Tira os sapatos e caminha em direção à cozinha impecável, com as suas largas ardósias de mármore preto e armários de madeira sem nós e gavetas que fecham silenciosamente. Não há nada fora do sítio. Nenhum copo com bico em cima da bancada. Nenhuma colher no lava-louça. Nenhuma dedada de manteiga de amendoim nas superfícies. De certeza que Louisa já lá esteve e tratou da louça e dos restos do pequeno-almoço. No ar paira um odor a menta e citrinos difundido pelo cilindro de cerâmica da ilha. Louisa vende óleos essenciais como atividade paralela. Whitney queixa-se de que lhe fazem dor de cabeça.

Impecavelmente empilhada, ao lado do difusor, está a correspondência que chegou no dia anterior. Blair inspeciona os envelopes. Há um extrato de conta de cartão de crédito que gostaria de abrir. Às vezes leva-os para casa consigo, com a certeza de que, seja como for, ninguém os lê. Uma declaração da companhia de seguros. E um postal com um convite para uma ação de vendas numa loja de retalho onde Blair só se pode limitar a olhar.

Puxa o manípulo de aço inoxidável do frigorífico com painéis. Louisa faz as compras às quartas-feiras ao fim da tarde. As prateleiras repletas são organizadas por tipo de alimento, a seguir por tamanho do recipiente e, por fim, por data de validade. Tira uma maçã verde da gaveta e dá três dentadas, ficando com um travo a amargo. Deita-a para o lixo geral e repara que o caixote está vazio — não há cereais empapados nem folhas de morangos. Como se as crianças não tivessem comido nada naquela manhã.

Examina a mesa embutida ao lado da despensa. Serve para as crianças fazerem os trabalhos de casa, embora nunca tenha visto Xavier ali sentado. Há um copo de lápis de cera recentes para os gémeos. Mexe no rato do computador, e o ecrã preto desaparece passando a mostrar uma página de início de sessão. Lamentara o aviso

assim que as palavras lhe saíram da boca, há algumas semanas.

«A propósito, os vossos ecrãs estão todos bloqueados? Têm o controlo parental ativado? Os miúdos já estão na idade em que conseguem encontrar seja o que for *online*.»

É frequente referir coisas em que Whitney não terá pensado. Medidas que só uma mãe atenta tomaria. Whitney não desperdiça energia com preocupações sobre o que poderá correr mal.

Fica desiludida por não poder verificar o histórico do navegador ou abrir os *e-mails* pessoais de Whitney. Gosta de ver o que Whitney mantém separado da conta de trabalho gerida pela sua assistente. Uma vez deu com uma confirmação de uma mastopexia sobre a qual Whitney nada dissera a Blair. O que lhe dá mais prazer, porém, são as mensagens que troca com outras amigas. São superficiais e escritas sobre o joelho. Essas mulheres não recebem o tempo e a atenção que Whitney dispensa a Blair.

Faz estas visitas há pouco mais de um ano, de dois em dois meses. Cada vez que ali vai, detendo-se ao fundo das escadas, iluminadas pela claraboia plana lá em cima, põe-se a pensar: E se for apanhada? E se alguém a vir através de uma das muitas janelas enormes e interrogar Whitney a esse respeito? Do outro lado da rua, Mara já a seguiu com o olhar em várias ocasiões.

Tem uma série de respostas já prontas.

Desesperada para fazer chichi, sem as chaves de casa.

Estava convencida de que tinha deixado o telemóvel na tua cozinha ontem.

Ia jurar que ouvi o teu detetor de fumo a apitar.

Tudo pretextos plausíveis.

Nem sempre sobe ao terceiro andar, onde ficam os quartos de Xavier e Sebastian. Não há nada que lhe interesse por ali, e pesa-lhe mais na consciência andar a bisbilhotar o espaço de uma criança. Hoje, porém, está particularmente curiosa, atendendo ao que se passou de manhã. Abre a porta do quarto de Xavier primeiro. Sente logo uma lufada de ar frio, o que lhe parece estranho. A janela está aberta. Quase pisa algo escuro espalhado por todo o soalho. É café, o nariz não a engana. Há salpicos na parte de trás da porta e num troço da parede. No chão jaz a caneca de cerâmica branca e a asa que dela se separou. Fica com os nervos em franja ao imaginar a cólera que terá feito o café de Whitney voar através do quarto. O edredão e a almofada também estão no chão, amontoados. Há folhas de papel por todo o lado, lápis e marcadores espalhados, uma carteira vazia. Há vários aviõezinhos de papel dobrados e empilhados em cima da mesinha de cabeceira. É então que algo escuro chama a sua atenção —

uma confusão de rabiscos pretos na parede branca. Tinta de pintar. Ou talvez de escrever. O quarto parece sinistro nesse momento. Como se ela estivesse a testemunhar algo que não devia.

É um traço de personalidade que odeia na amiga, a frustração com os filhos, embora saiba que Whitney tenta refrear-se na presença de Blair. É desconfortável ouvir o tom de voz agressivo quando lhes dirige a palavra, testemunhar a sua frustração. O desagrado generalizado de quem assiste a estas cenas. Até Blair fica com o coração em sobressalto quando Xavier ou os gémeos passam das marcas, como acontece a qualquer criança, a escalada da sua energia, a cacofonia das vozes, um grito, e a seguir um berro, e depois um a culpar o outro — Whitney a levantar-se de repente, a agarrar um braço, a puxar uma das crianças para outro compartimento, com uma força que Blair nunca usaria. Não lhe agrada a ideia de Chloe presenciar cenas destas quando vai brincar lá a casa; agradece o facto de, a maior parte das vezes, Louisa estar presente e conseguir amenizar o ambiente.

Já para não falar, é claro, do que aconteceu na festa que decorreu no logradouro em setembro.

Interroga-se se não será melhor ir-se embora, atendendo aos estranhos acontecimentos daquela manhã. Em vez disso, porém, detém-se no segundo andar junto à *suite* de Whitney e Jacob. Abre a porta de mansinho, sentindo-se constrangida por estar a fazer algo que não devia.

Passa os dedos pelo tecido de fibras naturais cor de aço que reveste as paredes. Os lençóis brancos estão impecavelmente dobrados no fundo da cama, mas o local onde Whitney dormiu ainda está amarfanhado. Não é habitual — ouviu dizer que Louisa começa sempre por arrumar os quartos. Alisa o fundo da capa do edredão e fica maravilhada, como sempre acontece, com o seu toque amanteigado. Examina o quarto, mas está arrumado, não há mais nada fora de sítio.

No roupeiro *walk-in*, a roupa está pendurada em cabides de madeira uniformemente espaçados. O guarda-roupa de Whitney é demasiado extenso para se conseguir deduzir o que terá vestido naquele dia. Blair passa a mão pelas bordas inferiores dos casacos de lã e pelas bainhas dos vestidos estruturados. As peças de caxemira estão dobradas e empilhadas, a roupa branca disposta nas prateleiras como os gradientes de uma cartela de cores.

A peça favorita de Blair escorregou do cabide e está espalhada no chão. Um roupão de seda curto com renda floral azul-marinho, algo que nunca lhe passaria pela cabeça poder possuir. Veste o roupão

sobre a sua camisa de algodão e sobre as *leggings* e aperta o cinto.

O roupão escarnece dela ao espelho. Aos quarenta anos, Whitney está com melhor aparência do que nunca, apesar de ter dado à luz os gémeos há quatro anos. Usa roupas que mostram as costas, as pernas longas e esbeltas, a pele lisa e sem marcas. Comparativamente, Blair sente-se imatura. Tem umas sardas que em nada a favorecem. Os seus braços parecem umas braçadeiras insufláveis a precisar de ar. Tem dificuldade em desviar o olhar da perfeição de Whitney quando estão juntas, sobretudo quando a cabeça da amiga está virada noutra direção. Tornou-se exímia em consumi-la de forma expedita, sofregamente.

Volta a pendurar o roupão no cabide.

A roupa de Jacob é informal, monocromática, invariável. As suas camisas revestem a extremidade menor do armário, espaço que partilham com as malas de Whitney. Leva à sua face o algodão pesado da camisola preta de gola redonda de Jacob. Sente-se mais constrangida a tocar nas coisas dele do que nas de Whitney. Não acha inadequada a atração que sente por ele, considerando o que sentiria a maior parte das mulheres caso vissem Jacob. Contudo, o que mais a atrai nele são coisas em que as outras não reparariam imediatamente. A forma como a barba rala lhe define a linha do queixo dois dias depois de se escanhoar. A covinha subtil, somente na bochecha esquerda. O facto de se manter em silêncio apenas por ser um pensador.

Sente a adrenalina da traição, tanto contra o marido como contra a melhor amiga, ao tocar nas coisas de Jacob. Tira um par de cuecas brancas de Jacob da gaveta e imagina-o a ficar excitado, o chumaço a preencher-lhe o bolso de licra. A ligeira humidade que iria excretar no tecido. Olha para a linda cesta de vime destinada à roupa suja. Louisa, porém, já tratou da roupa.

Abre a gaveta de cima do lado de Whitney, no armário. Os seus *soutiens* são estruturados e frescos. As formas ainda estão intactas, as tiras elásticas ainda esticadas. Leva a mão a uma das conchas firmes, como se estivesse a segurar o peito de Whitney.

Na segunda gaveta, todas as cuecas estão dobradas em pequenos quadrados e dispostas como uma caixa de chocolates. São pretas e de seda. Blair pensa no par que está a usar agora sob as *leggings*. Desfiadas, outrora brancas.

Leva a mão à parte de trás da terceira gaveta, passando pelos dispendiosos lenços e meias-calças. Tira a bolsa para sapatos, azul e macia, que contém dois vibradores. Um é pequeno e vermelho e firme e liga-se com um clique, o outro é maleável e tem várias velocidades e

frequências. Tira cada um deles da bolsa e leva-os ao nariz. Por vezes, o odor de Whitney ainda permanece na borracha aveludada. Outras vezes é o sabonete de alecrim da casa de banho principal.

Olha para o maior e imagina Whitney de costas, toda arqueada, enquanto o empurra para dentro de si. Deitada na cama *king size*, enquanto Jacob a observa da *chaise longue* no outro lado do quarto. Sabe que gostam de o fazer. Foi Whitney que lho revelou no verão passado, ao chegar ao fim de uma segunda garrafa de vinho. Blair adorava possuir esta confissão, este pensamento excitante nos escaninhos da mente quando os via juntos. Esperava mais de Whitney, mais comentários desinibidos sobre a sua sexualidade, mas ultimamente o assunto parece extinguir a conversa entre elas. Talvez Whitney tenha consciência de ter revelado demasiados pormenores, embora Blair seja naturalmente a mais pudica. Ter relações com Aiden é uma atividade para a qual já dificilmente consegue arranjar disposição. Aqui, porém, no quarto de Whitney, é fácil excitar-se. Passa o polegar pela borracha sedosa do vibrador maior, após o que volta a colocar os dois na bolsa.

Em seguida, abre a gaveta onde Whitney guarda a *lingerie* mais chique. Tira o *body* de renda azul-marinho que combina com o roupão que experimentara. Repara na abertura do tecido na zona da virilha. Enfia lá os dedos e imagina Jacob a fazer o mesmo e sente-se excitada. Antes que mude de ideias, despe-se. Enfia-se no *body* e puxa-o para cima. Fica-lhe apertado nas ancas, embora seja cavado, e os seus seios são demasiado pequenos para preencher as copas com arame.

Deita-se na ponta da cama e leva a mão à abertura na renda. Já nem se lembra da última vez que se sentiu assim. Não é habitual tocar-se. Agora, porém, imagina que Jacob e Whitney se encontram no quarto com ela. Que Whitney está a assistir, enquanto Jacob se aproxima de si. Convidaram-na, pediram-lhe que entrasse neste jogo. Ela é digna deles. É desejável. Ele penetra-a.

Segundos depois, estende-se. Olha para o pingente de vidro soprado acima de si. A ousadia abandona-a muito mais depressa do que surgiu. Despe o *body* e arruma-o na gaveta.

Ao lavar as mãos na casa de banho da *suíte*, com o mármore quentinho sob os pés, lembra-se do que Jacob realmente veria. Afasta-se da imagem de si própria refletida no espelho, as endorfinas já se foram. Nunca poderia deixar outro homem meter os dedos onde os seus estiveram agora mesmo. Ou o rosto no seu cabelo crespo e nas suas pregas frouxas. Até a intimidade de um beijo lhe parece repugnante. Não sabe quando se deu esta mudança.

No armário atrás do espelho, examina os grossos boiões de vidro

verde com produtos para a pele. Creme de limpeza regenerador. Hidratante reparador. Creme restaurador para os olhos. Sêrum exfoliante. Argila facial rejuvenescedora. Bálsamo refirmante para o corpo. Óleo corporal revitalizante.

Pega no *blister* de pílulas anticoncepcionais. Ao longo do mês, há novamente compartimentos por abrir. Há algumas semanas, descuidara-se e mencionara-o a Whitney inadvertidamente. O tema das vasectomias viera à baila. Jacob nunca o faria.

«Mas não ficas preocupada quando te esqueces de tomar a pílula?»

Whitney olhara para ela com curiosidade. Nunca dissera a Blair que andava a tomar a pílula.

«Já há tanto tempo que a tomo que nunca me esqueço», fora a sua resposta sucinta.

Blair volta a colocar o *blister* na prateleira.

Supositórios para infeções fúngicas. Pomada para infeções fúngicas. Desodorizante sem alumínio. Pasta de dentes para esmaltes sensíveis. Um carretel de fio dentário com sabor a menta. Creme para as hemorroidas. Creme de alisamento para o cabelo.

O frasco cilíndrico cor de laranja transparente a que arrancaram o rótulo. Tira a tampa branca e agita os comprimidos na mão para os contar. Restam apenas seis ao todo. Havia vinte e três da última vez que ali esteve, há quase dois meses. Gosta de monitorizar a frequência com que Whitney precisa deles, embora esta nunca lhe tenha referido que lhos prescreveram. Blair procurara informação *online* sobre os comprimidos pentagonais e descobrira que se chamam *Ativan*. Para a ansiedade. Insónias. Distúrbios do sono.

Olha para os mosaicos de mármore sob os pés. Pensa no café espalhado pelo chão do quarto de Xavier. Passar-se-á alguma coisa estranha com Whitney ultimamente? Algo que lhe tenha escapado? Tenta recordar-se das últimas vezes que estiveram juntas com as crianças. Não se têm visto com tanta frequência como é habitual, mas Whitney tem tido jantares de trabalho e festas de noivado.

Observa o prato de joias finas que Whitney roda com mais frequência e fica admirada por aí se encontrarem as suas alianças de casamento, o diamante de lapidação esmeralda entre baguetes e a aliança de ouro maciço. Quase nunca as tira, mesmo quando vai dormir. Blair enfia-as no dedo anelar direito, mas não consegue fazê-las deslizar para além do nó da falanginha.

Pega então numa pulseira com pavê de diamantes. Enfia a mão na pulseira e põe-se a admirar o pulso em várias posições, como se estivesse ao balcão de uma joalheria. Faz sempre isto. Um ritual que não se prende com a admiração que sente pelas peças, mas com o

facto de se sentir uma mulher diferente. Uma mulher que tem confiança para usar peças caras. Que pode comprar tais peças para si própria. Deixa-a cair no prato sem a delicadeza com que a tirara.

Veste-se e pega no telemóvel pousado na mesinha de cabeceira de Whitney. Repara na hora que aparece no ecrã e percebe que Louisa não tardará a regressar a casa.

Há, porém, um sítio que se esqueceu de inspecionar. Senta-se na cama e abre a gaveta da mesinha de cabeceira. Tampões para os ouvidos. *Spray* perfumado para almofadas. Um empurra-cutículas. O habitual. Desdobra um cartão de aniversário dos miúdos feito por Louisa. Xavier escreveu o seu nome em letra cursiva com um coração no lugar do pontinho do «i».

Pousa o cartão e enfia a mão até ao fundo da gaveta, não vá haver alguma coisa fora do alcance da vista. Sente um objeto que não se encontrava ali a última vez que inspecionou a gaveta. Puxa-o para a frente para ver o que é. Uma bolsinha de cetim cor-de-rosa com algo lá dentro. Um objeto frio e metálico. Abre a bolsinha, aperta o objeto na mão.

Uma chave. Vira a etiqueta presa com uma argola prateada e reconhece-a. O porta-chaves é do marido de Blair. Tem as suas iniciais gravadas no cabedal. A. P.

Whitney

Hospital

Whitney tenta contabilizar quantos dias de vida já terá Xavier. 3680 é o número a que chega após aturados cálculos de cabeça ao lado da cama do filho no hospital. A matemática serve para lhe desanuviar o espírito. Repete este número para si própria, várias vezes, para não o esquecer: 3680 dias. Quantas vezes já sentiu o peso dele sobre si, nas ancas, nos braços, nas costas? 3680 dias. Quantas vezes lhe disse que o ama? Este número parece importante. Põe-se a pensar que, nas lápides, deveria gravar-se o número total de dias vividos em vez de datas, que nada querem dizer. É então que afasta da cabeça a imagem de granito húmido e cinzento; aquele pensamento era uma traição. Sussurra o número. Agora quer contar cada dia, um a um. Sentir o peso de 3680 na boca.

Um. Dois. Três...

Dois dias após o nascimento de Xavier, trouxeram-no para casa do hospital, aconchegado e protegido na cadeirinha do carro, com mil e uma cautelas, como se transportassem munhões vivas. Jacob queria que Whitney passasse o dia na cama com o bebé.

— Estou bem. Dei à luz, não fui operada ao coração.

Mas ele insistia. Trouxe-lhe café e torradas e *Advil*, e escancarou as janelas para deixar entrar aquele sol de início de primavera.

Envolveu o bebé num cobertor, embora parecesse mais embrulhado do que enfaixado, e pousou-o delicadamente ao lado da mãe antes de se deitar na outra metade da cama. O bebé, postado entre os dois, era examinado como uma espécie rara. Apoiados nos cotovelos, observavam-no atentamente. A criança bocejava, nem que fosse o mais ínfimo dos bocejos, e eles entreolhavam-se de imediato. Um bocejo! Whitney tocou-lhe no cabelo emaranhado, nos ápices dobrados das orelhas. Jacob foi buscar um copo de água para a mulher. Quando voltou, esta estava inconsolável sem saber porquê. Pegou-lhe na cabeça entre as mãos e esfregou-lhe as têmporas com os

polegares. Deu-lhe um lenço de papel e acenou com a cabeça, embora ela não tivesse dito nada. Tudo, ambos o sabiam, tinha mudado.

Quando Whitney parou de chorar, com as lágrimas a desaparecerem tão facilmente quanto tinham surgido, o marido foi comprar mantimentos para o jantar. Whitney lembrou-se então de um *e-mail* do seu chefe a que não respondera antes de sair de casa para o hospital. Entrara em trabalho de parto duas semanas e meia mais cedo e ainda não resolvera os últimos pormenores relacionados com o escritório, embora lhe tivessem prometido que ninguém iria assumir as suas funções. Diretora principal do departamento de recursos humanos. Oito a doze meses até terem aquela conversa sobre a eventual passagem a sócia, era esse o seu plano. Caso não desse em nada, sairia pelo próprio pé.

Sabia, porém, como é que estas coisas funcionavam, pelo que não iria prolongar muito a licença de maternidade. Não iria ficar ali sentada durante meses, preocupada com a possibilidade de lhe tirarem o lugar e os clientes. Ficaria mais calma caso continuasse envolvida, sabendo que não perdera terreno. Conseguiria tomar conta das coisas em modo remoto até estar pronta para regressar ao escritório, dentro de algumas semanas. Com o marido, começara a entrevistar amas, mas ainda não tinham encontrado a pessoa certa. As amigas que tinham filhos diziam-lhe que ela não estava a ser realista. «Sim, todas pensámos que não tardaríamos a regressar ao trabalho.» Ouvira esse estribilho com quase tanta frequência quanto este: «Que surpresa, pensei que não querias ter filhos.»

E, durante muito tempo, não tinha efetivamente pensado nisso. Só que, quando chegou aos trinta, parecia que, em seu redor, não havia ninguém que não estivesse grávida. Mesmo as amigas que, por uma espécie de solidariedade, ainda não tinham filhos. Cada um desses novos bebés era considerado uma façanha, e surpreendia-a o facto de encararem a maternidade desta forma. O seu súbito ar de superioridade. Foi nessa altura que começou a sentir o apelo.

Além disso, não queria arrepender-se de não ter filhos. A decisão fora simples quando pensou no assunto nesses termos. E Jacob, obviamente, queria o que ela queria.

Saiu pausadamente da cama e tirou o telemóvel do saco de viagem que levava para o hospital. Estava sem bateria. Encontrou o carregador e estremeceu ao agachar-se para o ligar perto da cama, sentindo outro coágulo de sangue a deslizar para a faixa de algodão áspero que tinha entre as pernas. Não conseguia pensar no que lhe acontecera ao corpo. Não queria saber, tocar, sentir nada disso. A enfermeira pedira-lhe que levasse a mão ao sítio, que sentisse a cabeça

do bebé a despontar, e só de pensar nisso sentiu-se sem forças. «Tire-o de dentro de mim. Feche-me as pernas.»

Pôs-se a observar o ecrã preto à espera de que o sinal da bateria desaparecesse e surgisse o ecrã inicial. *Vá lá.* A angústia familiar da ansiedade, da necessidade de saber quem estava a tentar entrar em contacto com ela e por que motivo. O ecrã ficou iluminado e sobreveio a serenidade de quem sente o telemóvel na mão. A tábua de salvação. As mensagens preencheram o ecrã inicial, o número subiu no ícone da caixa de entrada. Os alertas de notícias, um após o outro. A satisfação de tudo aquilo se encontrar ali, por ler, por verificar, o consumo de informações que tinha pela frente.

Foi então que, de repente, se lembrou do bebé.

O bebé. Tinha um bebé. Estava ali, já fora dela. Sentia-se ainda mais radiante com este facto do que estava à espera. Estava tudo a correr conforme previsto.

Levou uma das mãos aos seios inchados, duros como pedras, e a seguir olhou para o ecrã. Afastou-se da criança e encarou a brisa quente que entrava pela janela. Respondeu ao *e-mail* do chefe. Respondeu a outro. Percorreu aquela catrefada de mensagens. Enviou uma mensagem à sua assistente a perguntar como iam as coisas. Perscrutou as notícias e, em seguida, enviou uma mensagem ao seu enorme grupo de amigos com uma fotografia do hospital, uma em que os olhos raiados de sangue e o rosto inchado não estavam virados para a câmara.

«Aqui está ele! Xavier Wesley James Loverly. Precisamente 3,175 quilos. O bebé e a mãe estão de volta a casa, na cama, estão ótimos, à espera da primeira taça de champanhe.»

As respostas não tardaram a chegar em catadupa, *ding, ding, ding.* Mais *e-mails*. Mais respostas. Mais perguntas após as suas respostas. Concordava com aqueles limites orçamentais? Não havia problema em enviarem-lhe a versão mais recente de uma proposta? Será que podia dar uma vista de olhos a um *e-mail* que redigiram para um cliente? Fazia questão de não responder com maior brevidade do que o habitual. Sentia-se necessária. Tinha autoridade. Nada tinha mudado. Verificou o valor das ações. O Twitter. Percorreu mais manchetes e leu na diagonal um artigo sobre masculinidade tóxica. Respondeu a mais algumas mensagens. Voltou a verificar a caixa de *e-mail*.

— Voltei. Como é que ele está?

A voz de Jacob, vinda do fundo das escadas, apanhou-a de surpresa. Fixou o olhar no teto antes de se virar para encarar novamente o bebé. Envolveu com a mão a barriguinha do filho. Estava

quente e pulsante. Jacob espreitou para o quarto. Parecia que estivera a prender a respiração desde que saíra.

— Tens estado sempre a tomar conta dele?

— Tenho.

Mentiu sem sequer pensar nisso. Não deveria ter-se distraído dele, por questões de trabalho ou pelo que quer que fosse. Ele está aqui há poucas horas, é um milagre, olhem para ele! Como é que poderia ter tirado os olhos dele? Sorriu e disse-o em voz alta.

— Não consigo tirar os olhos dele.

Jacob sentou-se na parte lateral da cama. Tirou os óculos e levou ao lábio a armação preta e grossa. Usava o mesmo tipo de camisa todos os dias, tinha dez iguais, e Whitney estendeu a mão em direção à manga de algodão preto, para o puxar para mais perto de si. Jacob fazia-a sentir-se segura. Em relação a si própria. E ao receio de não conseguir satisfazer as responsabilidades que tinha para com o marido e o filho.

— Pus-me a pensar lá na loja que nunca mais iremos voltar a viver este dia. O segundo dia de vida do nosso filho. Olha para a pele dele, tão fininha e rosada. — Ergueu a mão do bebé e tocou nas suas unhas de papel.

Whitney não se lembrava de ter visto este nível de pura euforia noutro ser humano, o que lhe causava mágoa; também queria sentir o que Jacob sentia. Já estava a perder tanta coisa com os olhos colados àquele ecrã.

Jacob saiu do quarto e Whitney pegou no telemóvel e largou-o no chão ao lado da cama. A seguir esticou o braço e empurrou-o para debaixo da armação da cama, de modo a ficar fora do seu alcance. Voltou-se para o bebé, para o segundo dia de vida do filho. A criança entreabriu uma nesga os olhos. Whitney leu nalgum lado que uma mãe deve olhar para o seu bebé com prazer genuíno, um alimento tão valioso como o leite. Dava o seu melhor. A criança olhou fixamente para o semblante escancarado da mãe. Era dela, pertenciam um ao outro. Whitney nunca entendera aquele sentimento de posse em relação a uma criança, aquele egoísmo que os pais têm. Mas, sim, agora vivia ali um pedaço dela própria, ali mesmo.

No hospital pediátrico, ouve a voz de alguém que se encontra junto à porta aberta atrás de si, e é como a música de fundo de uma loja de retalho. Uma melodia familiar, uma versão de uma canção que talvez conheça. Ignora o que estão a dizer, faz de conta que aquelas preocupações, aqueles exames, aquelas siglas médicas são dirigidos a outra mãe. Assente com a cabeça, responde às perguntas com poucas

palavras, as palavras que lhe facilitarão a vida. Isso fará com que desapareçam todos. Em vez disso, quer sentir novamente todas as partes do corpo do filho.

Servindo-se do dedo como um lápis, traça a forma das sobrançelas do filho, do nariz, dos maxilares que um abre-boca mantém escancarados, do pescoço inchado, ao longo das clavículas. Nem se apercebe da fita, dos tubos, da órtese, do plástico. Traça círculos nos ombrinhos do filho, no braço fininho, e novamente à volta dos cotovelos. Detém-se quando chega ao antebraço e aperta-o.

O aperto parece-lhe tão familiar, sentir o osso magrinho como um galho que ela poderia quebrar. Costumava agarrá-lo assim? Tê-lo-á apertado com força, puxando-o para si, quando ele não lhe prestava atenção, quando já deveriam ter saído há cinco minutos? Ter-lhe-á apertado o braço quando, em vez de a olhar nos olhos enquanto ela falava com ele, se entretinha a deitar a língua de fora ao irmão mais novo? Terá perdido as estribeiras tão rápido a ponto de lhe torcer o braço apenas o suficiente para ele protestar, mas nem mais uma fração de segundo?

E agora fez-lhe algo muito pior.

Apoia-se na grade da cama do filho. Puxa para baixo o lençol que lhe cobre o peito e enche o filho de beijos suaves, por entre os adesivos e os fios, pela barriga, pelas ilhargas, onde ele dantes gostava que lhe fizessem cócegas. Imagina que cada marca dos seus lábios contribui para melhorar o estado de saúde dele. Que afasta o medo e tudo o que magoa. E a seguir pega-lhe no antebraço sardento, leva-o à sua face e volta a cheirar-lhe a pele.

Blair

O porta-chaves de Aiden. Olha para ele na sua mão, desejando ver diminuir o pânico crescente. Foi um presente dos pais dele, com uma carteira a condizer. Usara-o durante anos, com a chave do seu escritório. Não sabe, porém, se é a mesma chave que está agarrada à argola que segura naquele momento. Nem o motivo de o porta-chaves estar na posse de Whitney. Escondido, na parte de trás da gaveta. Numa bolsinha de cetim cor-de-rosa.

Não lhe vem à cabeça nenhuma explicação com a urgência de que precisa. Senta-se no chão, encostada à cama. O peso do possível significado da chave perpassa-a, de forma intrusiva. É impossível. Inimaginável.

Vem-lhe então à cabeça o pedaço de papel de alumínio. Whitney e as suas infinitas liberdades. A sua natureza esquiva ultimamente. A forma como às vezes a olha, como se estivesse a estudá-la. Ou a ensaiar a traição. A ensaiar o sentimento de culpa.

Nunca há de descobrir. Não faz a mínima ideia. Nem consegue imaginar exatamente como soariam essas palavras na voz do marido.

Fica afogueada, nauseada devido à humilhação. Pensa em Chloe.

Sente um aperto no peito, esfrega-o. Deita-se de lado.

Não quer ver nada atrás dos olhos fechados, quer que tudo escureça, mas agora as coxas abertas com as mãos do marido são as de Whitney. Imagina outro tipo de mulher, que não ela própria, a conduzir sem parar nos sinais vermelhos, a interromper a reunião de vendas do marido. A exigir respostas. A telefonar à amiga vezes sem conta até ela finalmente atender. A atirar peças de roupa. A fazer as malas.

Mas sente-se constrangida. E assustada.

Há um pensamento a que se agarra: faria Whitney uma coisa destas a Jacob?

Sabe que é patético não poder dizer o mesmo a respeito do próprio marido.

Poderia ter vivido em negação anteriormente. Com o conhecimento silencioso no subconsciente, algo que ninguém tinha de

saber. Se fosse outra pessoa que não Whitney.

Volta a sentir-se enjoada, tem de sair da casa de Whitney quanto antes. Ao descer as escadas, escorrega duas vezes.

Pode pôr termo a isto esta noite, aparecer de surpresa quando Whitney chegar do trabalho. Vai sugerir que abram uma garrafa de vinho branco, como costumam fazer, e, como quem não quer a coisa, enquanto enche os copos, perguntar-lhe-á se viu uma chave que Aiden perdeu, que ele acha que deixou cair da última vez que estiveram ali em casa. Terá a explicação lógica de que precisa e passarão a outro assunto.

Vai deitar fora o pedaço da saqueta de papel de alumínio quando chegar a casa.

Esta espiral de ansiedade não lhe é nada benéfica.

Tem de fazer com que isto desapareça.

Tranca a porta dos Loverlys atrás de si e, quando se vira, vê Ben a observá-la do outro lado da rua. Sente novamente a boca a ferver com ácido gástrico. Ben vem na sua direção quando ela começa a percorrer a calçada de acesso em passo acelerado. Levanta ligeiramente a mão, como se estivesse prestes a fazer algo em relação ao qual Blair tivesse de se precaver. Ela detém-se e engole o ácido que tem na boca.

— Está tudo bem contigo, Blair? — Ben afrouxa o passo e cruza delicadamente os braços.

— Sim, está tudo bem. Porquê? — Blair protege os olhos do sol.

Ben parece confuso. Vira-se para a casa dos Loverlys e abana a cabeça, como se não conseguisse acreditar no que está prestes a dizer.

O tempo pára. A expectativa do que Ben poderá revelar é eletrizante, a fugaz euforia de saber que algo terrível terá acontecido, mas sem saber o quê. O pior cenário. Acidente de viação. Aneurisma. Homicídio. Devaneios inusitados, mas nada se materializa conforme Blair imagina. Nem a chave, nem o caso. Nem a chávena de café arremessada no quarto de uma criança. Ciente disso, permite-se o prazer de imaginar Whitney num breve instante de aflição. O dia de trabalho interrompido. A perda de importância do dinheiro. A trajetória da sua vida bem-sucedida ligeiramente menos segura. A singela existência de Blair a não parecer afinal tão negativa.

— Peço desculpa, Blair, mas... mas vi-te ali, com cara de quem já sabia. — Faz uma pausa. — Aconteceu uma coisa terrível.

Só consegue subir metade das escadas de sua casa. Encosta-se aos balaústres. Desvia o olhar em busca de um ponto de referência. O ponto na parede onde se nota a pincelada. Uma lantejola magenta proveniente da caixa de trabalhos manuais de Chloe que ficou presa à

sua meia. O fio que se vai desenrolando da borda da passadeira.

Aiden ficou demasiado tempo em silêncio quando o chamou do passeio há um minuto para falarem sobre Xavier. Não pretendia analisar a sua reação, o ritmo da sua respiração, as pausas, mas acabara por o fazer. Aiden começou por perguntar por Whitney.

— Tens de ir ao hospital fazer-lhe companhia — disse-lhe. — O Jacob está fora, não é?

Blair não lhe tinha dito que Jacob estava fora. Os dois homens, porém, são amigos, se bem que não muito chegados. Talvez Jacob lhe tenha contado, talvez Aiden o tenha visto a sair de casa para o aeroporto.

— Preciso de pôr a cabeça em ordem.

— Blair, não a devias deixar sozinha. Tens de ir, é tarde.

— Eu vou, mas... preciso de tempo para processar isto. Meu Deus, como é que vamos contar à Chloe?

Aiden, porém, não pareceu preocupado com isso. Pareceu preocupado com Whitney. Blair esteve quase para lhe contar, na altura, sobre o estado em que se encontrava o quarto de Xavier. O café derramado. Contudo, deteve-se a tempo. Não podia contar-lhe que esteve na casa deles.

Quer que a chave desapareça. Preferia que a chave nunca tivesse existido.

Vem-lhe à cabeça a ideia de a atirar para o lago do parque. Ou para uma fonte. Imagina-a a afundar-se, a ficar camuflada entre as moedas que as pessoas atiram enquanto formulam algum desejo.

Cora de vergonha quando pensa no que fez antes de remexer na gaveta da mesinha de cabeceira. No prazer que lhe dera o orgasmo na cama de Whitney. Da estupidez que fora imaginar-se nessa situação, atendendo a tudo o que sabe neste momento.

Levanta-se, agarrando-se à grade.

Não se pode deixar levar pela angústia.

Xavier vai ficar bem, vai recuperar.

É apenas uma chave, diz a si própria. Um pedaço de metal.

É apenas a sua mente desocupada e ociosa.

Rebecca

É meio-dia quando a enfermeira encarregada do serviço de café ergue uma chávena na direção de Rebecca. Esta agradece, mas volta a prestar atenção ao ecrã do computador, para ver que análises já terão chegado do laboratório. Abrindo sucessivamente os separadores que aparecem no ecrã, sente os olhos a latejar, mas estará de plantão até à noite. A esta hora, normalmente, não costuma ter de contrariar a vontade de encostar a cabeça à secretária. Neste momento, há um terceiro interno no turno, que está a receber da enfermeira o resumo clínico, e Rebecca sente-se aliviada por contar com a sua ajuda. Fazendo um esforço tremendo para manter as pálpebras abertas, luta contra a fadiga extrema e tenta convencer o cérebro a ir buscar mais energia. Para chegar à hora seguinte, e depois à seguinte, até transpor os limites do cansaço. Bebe um copo de água fria para despertar e volta a enchê-lo no dispensador, enquanto uma das mães com quem se encontrou anteriormente guarda no frigorífico dos pacientes dois saquinhos do leite que tirou do peito.

Rebecca liga novamente para a UCI para saber de Xavier. Não houve nenhuma alteração. A mãe continua parca em palavras, respostas sucintas à assistente social, ao agente da Polícia — terão uma conversa com o pai assim que este chegar. Dirigir-se-á ao andar de cima no final do turno, para ver se pode dar uma ajuda com Whitney, mas agora tem de sair. Pede à enfermeira que a chame caso surja alguma coisa urgente.

No momento em que encosta a anca à pesada porta de entrada do hospital, ouve uma voz embargada a chamá-la.

— Olhe, se faz favor! Se faz favor! — Quando se vira, vê uma mulher com um bebé ao ombro, a balouçá-lo, como se estivesse a tentar mantê-lo acordado. — Onde é que ficam as urgências?

Rebecca começa a dar-lhe instruções, mas a mulher parece baralhada. Pergunta-lhe se pode tocar no bebé e, em seguida, leva as costas da mão à testa dele, passando um dedo pela fontanela. A criança está bem, está fresca e hidratada. Leva uma mão ao ombro da mulher e faz questão de a encarar nos olhos. Contudo, a mulher põe-se

a chorar como o bebé e tenta entregá-lo a Rebecca.

— Deixei-o cair, deixei-o cair quando vinha a descer as escadas. Ele não está bem, dá para perceber.

Há pessoas a olhar fixamente, a afrouxar o passo, a fingir que não ouvem. Rebecca pega no bebé, observa-lhe os olhos, apalpa a parte de trás do couro cabeludo, tentando detetar algum inchaço. Olha em redor à procura de um voluntário e avista um adolescente com o colete verde do hospital a distribuir panfletos. Pede-lhe que conduza a mulher ao balcão de admissão. A seguir devolve o bebé à mulher e põe-lhe a mão no braço.

— Sei que está com medo, mas vai correr tudo bem. Vamos fazer-lhe a triagem. Garanto que ele vai ficar bem.

Mais tarde fará à mulher as perguntas difíceis. Quem é que estava a tomar conta da criança na altura? O que é que aconteceu logo a seguir? Quanto tempo é que esperou para o trazer? Irá concentrar-se nos factos. Lacerações. Inchaços. Fraturas. Não há nenhum pai nem nenhuma mãe que queira estar naquelas urgências com o filho, mas é seu dever garantir que não haja inconsistências, que a criança esteja segura — apenas isso. Lembra-se disso nos momentos em que sente o terrível apelo do juízo de valor. Não lhe compete fazer esse tipo de juízo.

Terá, porém, insistido o suficiente com Whitney? Tanto quanto irá fazer com esta mulher?

Faz uma nota mental para acompanhar a situação com a equipa da UCI. Para garantir que terá sido aplicada a devida diligência. Uma questão de protocolo, e nada mais.

Sente o efeito purificante do ar fresco no peito, bem como a rara sensação de não querer voltar imediatamente para o trabalho. Há outra coisa que tem de fazer.

Às vezes, fá-lo na sala de reanimação num turno calmo, ou na sala de materiais hospitalares, nos bastidores do bloco operatório, a meio da noite. Esta tarde, porém, vai de elevador até aos sombrios corredores da cave, onde guardam máquinas sobressalentes nas antigas clínicas. Escolhe uma sala ao fundo do corredor.

No momento em que a porta se fecha, deixa-se consumir pelo medo. Do que poderá não encontrar. Ou de alguém que entre e a veja ali. Mas há também uma sensação de euforia, e a expectativa do alívio do outro lado, por mais efémero que possa ser; a incerteza prevalecerá novamente, como sempre.

Deita-se na marquesa, de olhos fechados, enquanto a máquina aquece. Puxa para baixo a parte superior das calças cirúrgicas e esguicha o gel azul e frio sobre o abdómen. Pega no *doppler* e estende

a mão para inclinar o ecrã na sua direção.

A massa de células é agora uma forma que consegue reconhecer. Pés, com os respetivos dedos. Cabeça. Cérebro. Um cérebro que irá desenvolver a função de amar. O feto agita-se sob a pressão do aparelho enquanto Rebecca procura discernir, no meio do ruído estático, o som que a trouxe ali. Até que consegue. O batimento cardíaco. Deixa-o preencher a sala, até começar a soar mais como uma sirene constante e distante.

A seguir afasta o olhar do ecrã. Não gosta de se lembrar da forma. Será melhor se, daí para a frente, assumir que aquilo que confirmadamente está vivo dentro de si em breve não o estará. Uma matéria que vai expulsar. Há segurança, pelo menos, no constante estado de decepção, onde é menor o nível de ameaça para si.

Limpa o gel da pele e enfia o pano no bolso. Gira as pernas e senta-se para consultar o telemóvel. Há uma série de mensagens do marido. Rebecca ligara-lhe antes para o pôr a par do estado de saúde de Xavier. «Meu Deus», não parava de dizer Ben. Pergunta agora como é que ela está. Diz-lhe que a ama. Estão a tentar melhorar. Estão a tentar seguir em frente. Volta a perguntar sobre a viagem ao Oregon. Quer levá-la a Willamette Valley, visitar as empresas vinícolas de bicicleta. Sabe que tem sido um dia difícil, mas ela já marcou finalmente uns dias de férias para meados de outono? Ele tem de reservar os voos.

O bebé deverá nascer em outubro. Mas ele não sabe disso.

Rebecca abre a galeria das fotos. Encontra um álbum que criou.

São fotografias de mulheres que não conhece. Mães que recebeu nas urgências nos últimos dois anos. As que têm filhos que Rebecca não acha que vão conseguir sobreviver. Começou a tirar estas fotografias sem se dar ao trabalho de pensar no que estava a fazer. Um toque rápido e silencioso do canto da sala numa altura em que supostamente estaria a fazer outra coisa, a enviar um *e-mail* a outro médico ou a consultar uma dosagem. Vai passando as fotografias. Algumas estão de perfil, lábios mordidos, uma mão numa têmpora. Outras estão distorcidas devido ao movimento. Noutras, as mulheres estão a olhar diretamente para ela. Todas elas estão pálidas, cansadas e curvadas. Nenhuma delas se apercebe do que ela está a fazer.

Trata-se de uma violação de privacidade que pode levar ao seu despedimento, e prometeu a si própria que as eliminaria. Por enquanto, porém, precisa destes rostos, caso este bebé também a abandone. Se o seu útero não conseguir aguentar, como lhe disseram que provavelmente aconteceria. Precisa deles para se lembrar de que, apesar do seu enorme desejo, ser mãe é a maior tolice que uma

mulher pode fazer. Que um amor daqueles irá inevitavelmente causar-lhe um sofrimento maior do que poderia imaginar. Massacrará-la, como as mãos das fotografias, como Whitney, três andares acima. Feri-la reiteradamente durante os longos anos de maternidade, uma dor de cabeça persistente que a segue por todo o lado.

Contudo, deseja tanto passar por tudo isso. Algures ao longo do percurso, ficou assustadoramente obcecada por isso.

Whitney

Quarta-feira

É a manhã antes de ficar de guarda no hospital, junto à cama do filho mais velho. Na sala de reuniões, encostada à parede, Whitney finge estar a desfrutar do *baby shower* que organizaram em honra da sua mais valiosa executiva de topo, que lhe pediu um período suplementar de seis meses de licença de maternidade. Whitney concordou com a licença suplementar porque não quer dirigir a sua empresa como os homens que chefiam as da concorrência. Quer apoiar as mulheres que emprega. Quer ser apreciada por elas. Ficou, porém, desapontada quando Lauren lha pediu. Whitney julgava que Lauren era mais parecida consigo.

Fazem circular *babygros* macios e delicadas mantinhas estampadas. Há ainda mais presentes para abrir e *croissants* para comer e mimosas para beber, para toda a gente exceto Lauren. Há alguns pais jovens na sua equipa, mas Lauren será a primeira mãe além de Whitney, pelo que as mulheres estão a falar febrilmente de bebés sem conhecimento direto, apenas pela experiência de uma amiga que dorme com gémeos, de uma irmã que deu à luz na banheira. O facto de os bebés e os casamentos serem os únicos episódios na vida de uma mulher celebrados desta forma não é do agrado de Whitney. Recusara que lhe fizessem uma festa destas. Alguém põe a circular um cartão para que cada um deles escreva votos de felicidades e conselhos, mas Whitney não tem nenhum, apesar dos três filhos. Nada que Lauren queira ouvir. Em vez disso, escreve que vai sentir a sua falta.

Regressa discretamente à sua secretária para pensar na apresentação que decorrerá na manhã seguinte. Concluíram a apresentação há cinco dias e ensaiaram cada palavra, simularam perguntas e respostas, prepararam-se para aquela reunião durante três meses. Gosta desta fase do processo, do aperfeiçoamento. Dos pormenores decisivos. Praticar em silêncio a sua exposição, as palavras certas, os momentos de ênfase. Visualizar o sucesso do outro

lado da mesa.

O resultado da reunião é crucial para o futuro da empresa de consultoria que erigiu ao longo de sete anos e que continua em crescimento. Se o banco lhe adjudicar este negócio, um mandato de gestão para a introdução de alterações significativas que possibilitem um processo de fusão global, as receitas da empresa mais do que quadruplicarão. Tal desfecho dará à empresa acesso a novos mercados. Permitirá a Whitney abrir um escritório em Londres. Atrairá os melhores talentos da concorrência. Preparará a firma para um nível diferente de aquisição, e Whitney terá a influência necessária para manter a sua posição de acionista. Sairá valorizada.

Anseia por esta vitória mais do que tudo na vida.

Enquanto analisa pela quarta vez o orçamento proposto, Lauren vem bater-lhe à porta.

— Whitney! Foste muito generosa, como sempre. És demais.

— Tu mereces.

— Tens a certeza de que não queres que eu vá à reunião amanhã?

— Nem penses nisso. Essa tarefa para ti acabou. Vai tratar dos pés ou algo do género, aproveita o dia antes que chova.

Para Whitney, é difícil associar relaxamento a prazer. Sente, porém, o corpo de Lauren a amolecer quando lhe dá um abraço de despedida, apercebendo-se do alívio que lhe proporciona a simples ideia de esquecer o trabalho. O marido de Lauren ganha rios de dinheiro na mediação de imóveis comerciais, mais do que Whitney pode pagar a Lauren, embora esta aufera o salário mais elevado da sua equipa. Lauren poderá não voltar ao trabalho, Whitney sabe disso. Depois de pôr a criança neste mundo, há uma grande probabilidade de ficar convencida, como acontece à maior parte das mulheres, de que dar é a coisa mais importante da vida. O seu leite. O seu sono. A sua autoestima. Quanto mais der, mais será elogiada. A mãe altruísta. Vejam só como é extremosa com aquele bebé. É assim que começa.

Whitney sabe que nem todas as mulheres acreditam no mesmo que ela: que a independência, em todas as suas formas, é o mais importante tipo de poder. Que o mundo é constituído por pessoas invejáveis e pessoas que têm inveja. No seu percurso de vida, cedo tomou a decisão de que nunca seria daquelas pessoas que se limitam a perpetuar a sensação de poder com que vivem as pessoas mais invejáveis — em vez disso, seria uma delas. E cada decisão que toma contribui deliberadamente para permanecer na extremidade superior dessa escala de equilíbrio.

Percebia que o seu leque de opções seria limitado, caso pretendesse um estilo de vida diferente daquele com que cresceu. O

conceito de injustiça era uma constante no discurso do pai — as regras eram injustas, o governo era injusto, o mundo era injusto. Whitney, porém, não conseguia entender por que razão ele nunca fizera nada a esse respeito. Por que motivo nunca havia um plano que permitisse melhorar as coisas. Trabalhava para a Câmara com contratos sazonais, a cortar relva e a salgar estradas, mas, de tempos a tempos, ficava incapacitado devido a uma dor nas ancas.

«Não insultes o teu pai», dissera-lhe a mãe, batendo-lhe na parte lateral da cabeça quando Whitney perguntara por que razão ele não arranjava um emprego diferente, porque é que eles não tinham mais dinheiro. E a seguir beijara-a e esfregara o sítio onde acabara de lhe bater. Fazia-o com frequência, culminando com afeto as suas agressões, como se uma coisa apagasse a outra. «Somos pessoas como as outras, Whitney, a tentar dar o nosso melhor. Um dia vais perceber o que isso é.»

Levanta-se todos os dias às quatro da manhã há praticamente dez anos. Não é uma hora ao acaso. É a hora a que acorda com a cabeça à roda, e não ganha nada com a fútil tentativa de voltar a adormecer. Não faz sentido deixar o seu diálogo interior cirandar, criando problemas onde não existem. Não faz sentido limitar-se a andar *atarefada* — nos dias que correm, toda a gente anda atarefada. O que faz sentido é o foco. A satisfação que advém do controlo e da produtividade do trabalho lucrativo.

Sai de casa quase todos os dias antes de Jacob e as crianças acordarem. Louisa chega às 5h45 para preparar o almoço das crianças e tratar da rotina matinal. Whitney tenta chegar a casa a tempo de lhes dar as boas-noites, ou à hora do jantar, quando Jacob está fora. Sabe, porém, o que Louisa e Jacob não lhe dizem — que as coisas correm melhor quando ela não está em casa.

Não se submete aos artifícios sociais que causam um sentimento de culpa tão grande a outras mães que trabalham. Nem quer pensar no que acontece em casa durante a sua ausência. Para ela, é uma questão de desfrute, e prefere estar a trabalhar do que passar momentos de lazer com os filhos. Não consegue encontrar gratificação nessas horas. Não reconhece em si o corpo quente que conduz as rotinas deles, coordenando todos os seus passos, responsável pelas formalidades escolares, mudas de roupa e aplicação de protetor solar. O massacre de exigências, a choraminguice, a constante mudança de opinião deles depois de ter feito o que queriam, de ter cedido às suas pretensões, de ter comprado o que pediram.

Precisa de janelas de tempo com eles, não de períodos prolongados. Janelas diminutas e ordeiras.

E depois põe-se a questão de Xavier. O rapaz acrescenta a tudo isto um nível de tensão com o qual Whitney nunca foi capaz de lidar. No caso dele, há uma frequência que colide com a dela. Por vezes, a irritação que se apodera dela parece elétrica, um aspeto que não lhe agrada em si própria. É inquietante a facilidade com que ele ameaça o controlo que ela cultiva. Não sabe de onde vem a raiva. Por que razão está sempre presente, à espreita.

Com os gémeos há mais tolerância recíproca. A sua experiência com eles é distinta da que tem como mãe de Xavier. O companheirismo inato deles, a sua fixação no rosto carnudo e feliz um do outro, a forma como aparentemente precisam mais um do outro do que dela. Whitney é a figura materna itinerante. A mãe que não é Louisa. Por vezes, sente que aceitam as suas limitações de uma forma que Xavier não consegue.

É inquestionável que adora os três filhos, mas nem sempre é a melhor mãe para eles, e eles nem sempre são os melhores filhos para ela.

Recebe uma chamada de Jacob a partir de Londres e desvia novamente a atenção da folha de cálculo. São três da tarde em Londres, mas isso para ele não interessa, porque nunca se ajusta à hora local quando viaja. Põe o telemóvel em alta-voz. Jacob parece stressado, mais uma vez. Este ano tem-se ausentado muitas vezes por motivos de trabalho, e estas viagens ao estrangeiro causam-lhe ansiedade. Fala-lhe das obras de arte que lhe mostraram naquela tarde, e Whitney escuta-o da forma habitual, ou seja, desdobrando-se em tarefas, respondendo aos *e-mails* que requerem apenas respostas breves enquanto lhe dá conselhos que ele não pediu.

— Posso interromper, querido? Por um segundo? Falaste em exclusividade, pelo menos?

Jacob é negociante de arte. Não tem, porém, todas as qualidades de um negociante de arte de sucesso. Fica quatro dias em Londres a pesquisar obras de arte para os seus clientes, que são ricalhaços sem tempo, interesse ou inclinação para encontrar as suas obras. Gostam de Jacob por ele ser um intelectual, filho de dois professores de humanidades de Yale. Com relutância, irá frequentar as suas casas opulentas e beber os seus vinhos primorosamente envelhecidos enquanto lhes ensina tudo o que deveriam saber sobre o mundo da arte contemporânea, destilando o seu doutoramento em noventa minutos generosos e eloquentes, em troca da obra única a que poderão deitar a mão nos próximos cinco anos.

Na negociação de obras de arte, porém, o dinheiro não se baseia em conhecer o valor e as tendências, como ele conhece, ou em ser

capaz de recitar todos os recordes de vendas das casas de leilões de Nova Iorque, como é o seu caso. Prende-se com o volume de vendas e com as comissões sobre essas vendas, e Jacob não se sente à vontade a explorar nenhuma dessas medidas, apesar da orientação amorosa e voluntária de Whitney.

Sabe disso. Não se importa com isso. Ambos percebem que, antes de mais, Jacob é condescendente em relação à necessidade de interferir de Whitney. Por mais que isso a irrite, ele não tem a mesma avidez de sucesso, dinheiro e estatuto social que ela. Jacob não trabalha e investe desde os quinze anos como ela, não tem o MBA que ela obteve à custa de noites e fins de semana quando já era uma executiva de relevo, mas, apesar disso, é *ele* quem está mais próximo da real riqueza. Whitney inveja a naturalidade com que ele se encaixa nesse patamar da sociedade, a educação que recebeu para ingressar num mundo pelo qual não sente grande apreço. Jacob tem o privilégio de não ter nada a provar. Nesse mesmo tipo de espaço, Whitney teria de representar. E ficaria mais constrangida do que jamais admitiria.

— Já sabes o que vou dizer, Jacob. No teu mundo, que é tão exigente, não se pode valorizar pouco o produto e depois vendê-lo acima da tabela. O que conta é o entusiasmo, certo? Tens de carregar mais nas tintas à cabeça, ou perdes logo o interesse dele.

Whitney, porém, não se sente ameaçada pelo intelecto de Jacob, porque ser o centro das atenções com um copo de vinho na mão não confere poder. O poder emana dos rendimentos que ela aufera. Da sua própria segurança financeira. De uma carteira de investimentos bem recheada e de um negócio em crescimento, com receitas de oito dígitos. Foi a ambição dela que deu à família deles a vida que têm, que lhe permite a ele passear-se pelas instalações de uma feira internacional de arte durante quatro dias e regressar sem nada para mostrar a não ser inspiração. Foi ela que lhes proporcionou os três filhos, a casa num lote duplo, as férias várias vezes por ano, a ama a pedido, as obras de arte tão procuradas que ele escolheu para decorar as paredes da casa. Graças a ela, não há nada de vulgar em tudo isto. Por enquanto. Whitney gostaria que ele contribuísse mais. Para, pelo menos uma vez, aliviar ligeiramente a pressão que ela sente.

Sabe que a maior parte das pessoas tem aversão à ideia de mulheres como ela procurarem a riqueza com o mesmo vigor com que os homens o fazem constantemente. Mesmo que não o admitam. Que é constrangedor para uma mulher querer mais dinheiro do que a sociedade pensa que ela merece.

— O que sugiro é tentares que o Pearse se comprometa em relação aos trinta por cento primeiro. Tens de ser firme. Muito mais firme —

diz-lhe.

A sua assistente, Grace, entra no gabinete e diz qualquer coisa ao pousar as cópias encadernadas da apresentação na secretária. Coloca uma nota mesmo ao lado.

— Tenho de desligar, mas liga-me amanhã, está bem? Se quiseres falar de alguma coisa? Ao meio-dia já terá terminado a apresentação.

A apresentação, diz ele, é claro, não se esqueceu disso. Está ansioso por saber o desfecho. Sabe que ela vai sair-se lindamente.

Contudo, por vezes Whitney interroga-se se Jacob fica tão feliz com o sucesso dela como deseja ficar. Se não terá algum dia nutrido a esperança, num momento de fraqueza, de que ela falhasse, uma vez que fosse. Nota-se, por vezes, uma certa tensão nas palavras dele, embora sejam exatamente as palavras que se esperaria que dissesse.

— Vê lá se saís a horas decentes logo — diz-lhe ele.

Whitney mantém-se em silêncio.

— Talvez eu não devesse ter vindo — continua ele.

Whitney fica rígida, põe-se de costas para a porta aberta do gabinete.

— Porque é que dizes isso? Explica-te.

Ele não lhe responde.

Não sabe. Sente-se distante. Tem saudades das crianças, está cansado. Tudo bem.

Ela não gosta dele assim, indeciso e ansioso. Olha para a nota que Grace fixou sobre a secretária. É o nome e o número de telemóvel da professora de Xavier. Não transmite ao marido nada a este respeito. Dobra o papel e guarda-o no bolso do peito. Não quer vê-lo a pairar em seu redor.

Diz a Jacob para não ser tolo. Que está tudo bem. Que vai correr tudo bem com as crianças.

Fica à espera de que ele diga que sabe que ela tem razão. Em vez disso, porém, ele mantém-se em silêncio, até que lhe fala num táxi, que tem de sair a correr. Whitney diz-lhe que o ama. Jacob nada diz, e a seguir ouve-se uma porta de um carro a bater, e a chamada termina.

Há uma mensagem no ecrã do *iPhone* quando Whitney desliga.

«Olá ☺ Mantém-se para esta noite? Às 23h?»

Whitney recosta-se na cadeira e desabotoa o botão dourado do seu *blazer* cor de leite. Tenta perceber a inquietação de Jacob. Não lhe agrada aquela sensação. Dá uma pancadinha no queixo com o telemóvel. Respira fundo antes de responder e, em seguida, percorre o ecrã com o dedo para apagar a conversa.

Rebecca

Quando começa a subir as escadas, é acionado o código azul: paragem cardiorrespiratória. Terceiro andar. Quarto 3103. Ela não está na equipa de resposta, pelo que continua a percorrer os seus *e-mails* enquanto sobe as escadas lentamente, com cuidado, para não tropeçar, sem os olhos nos degraus, mas depois assimila aquela informação — terceiro andar.

Quarto 3103.

Tenta lembrar-se em que quarto se encontra Xavier, é 31... 31 qualquer coisa... 3108, 3111? Sobe as escadas a correr, balouçando os braços, mais um lanço até à saída do terceiro andar. Quarto 3103, este número é-lhe demasiado familiar, deve ser ele. No corredor, quase obstrui o caminho do carrinho de emergência, mas depois chega-se para trás com um movimento brusco para os deixar passar e segue a marcha constante da equipa até ao corredor à direita do posto de enfermagem. O corredor de Xavier.

Não, não, não. Quer que parem, o quarto dele fica um pouco para lá do meio daquele corredor, mas já vão a trotar a grande velocidade, estão quase à porta dele, e agora vê a porta a abrir-se. Imagina Whitney a um canto do quarto, a receber ordem de saída, enquanto tentam reiniciar o coração do filho. Passam dois médicos por ela em passo acelerado, sente um cotovelo a bater-lhe na anca e detém-se.

É o quarto ao lado do dele.

Curva-se levando as mãos aos joelhos. Sente um aperto na garganta. Prepara-se mentalmente. Se não está a ajudar, é sua obrigação desimpedir a zona. Voltará mais tarde para verificar o estado de Xavier.

Não está em si agora.

Precisa de dormir umas horas antes que cometa algum erro que poderá sair caro.

Normalmente, quando se dirige para Hospital Row, no centro da cidade, e quando regressa dessa zona, viaja no sentido contrário ao trânsito. Desde sempre que tem a sensação de que a sua vida se

desenrola numa direção diferente da que segue a maior parte das pessoas. Gosta de ver os carros a acumularem-se no sentido oposto. Gosta de ir para casa dormir quando as outras pessoas já se encontram em plena azáfama. Não tem necessidade de fazer estes longos turnos de plantão com tanta frequência, mas é uma forma de se afastar das rotinas que não pode ter. Deste modo, não precisa de transpor a porta da rua para jantar tranquilamente a sós com Ben, num banco estofado com tecido lavável e resistente a manchas. Daqueles que são apropriados para famílias com dedos pegajosos.

As crianças no hospital são diferentes. Precisam dela, e Rebecca normalmente consegue resolver o problema que as traz até si. É o facto de não ser necessária quando sai do edifício que acabou por se tornar difícil de suportar.

De há uns anos a esta parte, Ben já não precisa dela da mesma forma. Poderá ser apenas o andamento do casamento, a maneira como o amor primitivo se funde lentamente numa forma menos nectárea. Rebecca, porém, sente que ficou desvalorizada aos olhos de Ben desde que as perdas começaram a parecer algo que ia para além da falta de sorte. Desde que aprenderam a lidar com uma falha mecânica definitiva. Que ela, a máquina, está avariada.

Tem uma inclinação natural para as estatísticas, para a probabilidade, para os desfechos que se podem esperar de determinados tratamentos. Esse tipo de pensamento, porém, não funciona no caso da biologia reprodutiva. Não há linhas retas. Rebecca e Ben não estão na categoria da impossibilidade, mas as probabilidades já não parecem favorecê-los. Abortos recorrentes. Três anos. Esperma modelar. Óvulos de trinta e sete anos. Um útero inóspito com um revestimento endometrial nada exuberante. «O seu é um bocadinho liso», foi o que lhe disseram. «Era melhor se fosse mais esponjoso.» O seu corpo não respondia como deveria. A linguagem deles é uma linguagem de fracasso.

Trata-se de um problema para o qual não existe solução. «Não sabemos», é a resposta à maioria das perguntas que faz, como se esta vasta lacuna de conhecimento médico fosse aceitável. O único tratamento que lhe propuseram foi não receber nenhum tratamento. Para continuarem a tentar, caso estivessem dispostos, caso conseguissem lidar com a decepção. Na última consulta, depois de o médico sair da sala, a enfermeira, uma jovem cujos ovários provavelmente estariam repletos de bons óvulos aderentes, cujo útero, supunha Rebecca, estaria maduro como um fruto tropical, disse a palavra que ela menos queria ouvir: milagre. Que todos os dias assistem a milagres.

Rebecca, porém, é cientista. Nunca acreditara que a esperança fosse um poder influente. Nunca acreditara em milagres.

Durante o seu primeiro ano de internato pediátrico, um médico da equipa disse-lhe que a melhor coisa que ela poderia fazer pelos pais no hospital seria aproximar, tanto quanto possível, as expectativas deles da realidade. Por outras palavras, o sentimento de esperança, aquilo que todos procuravam, não era necessariamente algo positivo. O que fizera todo o sentido do mundo para ela. Fora treinada durante treze anos para acreditar em dados concretos. Para tomar decisões assentes no seu conhecimento sobre o funcionamento do corpo. Sobre o seu próprio corpo, porém, não tem quase nenhum neste momento.

Estaciona na rua junto à sua casa de quatro quartos e três casas de banho e um quarto de arrumos com cabides amarelos brilhantes ao alcance de braços jovens. Fizeram um adiantamento à construtora três meses e meio após o seu primeiro teste de gravidez positivo. Tinham tido, na altura, o privilégio da certeza.

Lá dentro, Ben estará a fazer uma sandes para o almoço de Rebecca, a preparar-lhe um café. Tirou uma licença na escola este ano, uma decisão que surpreendeu toda a gente, incluindo Rebecca. Sempre gostou de ensinar. Adorava as crianças. Dera aulas durante vários anos numa escola secundária a dez minutos de distância, uma das razões pelas quais compraram uma casa naquele bairro. E agradava-lhes o facto de este manter a sua heterogeneidade em termos étnicos e de rendimentos, apesar da preponderância, na escola, de um diminuto e privilegiado grupo de pais demasiado envolvidos na vida escolar.

Ben, porém, acabara por desejar uma pausa na rotina diária, que consistia em ensinar o mesmo programa curricular ano após ano. Um amigo dele, que tinha uma *startup* de tecnologia, uma aplicação destinada a ajudar os pais que optavam pelo ensino doméstico para os filhos, andava à procura de um educador para consultoria em regime de tempo integral. Ainda estavam a pagar a dívida que Rebecca contraíra para tirar o curso de Medicina, e o vencimento oferecido era o dobro do que ele auferia como professor. Ben ficara animado com a ideia de tentar algo novo, pelo que aceitou o contrato de oito meses, em que trabalharia sobretudo a partir de casa. E concordou em treinar uma equipa de *softball* da escola primária que ficava a poucos quarteirões de distância, para fazer um favor a um colega. Parecera aliviado com a mudança.

Rebecca interroga-se se Ben não terá na verdade deixado a escola por lhe ser demasiado difícil lidar com crianças todo o dia. Se o

lembrete do que nunca poderiam ter não se terá tornado insuportável.

Foi Ben que sempre quisera ter filhos.

Conheceu-o num encontro de última hora marcado por uma amiga do trabalho, que entendia que Rebecca deveria sair mais, pôr umas calças de ganga bonitas e uns saltos altos para variar. Já tinha passado quase um ano desde o seu último relacionamento, de curta duração, como todos os anteriores — com um homem que trabalhava na indústria dos plásticos por razões estritamente financeiras e que escondia dela que fumava cigarros eletrónicos. Rebecca mostrara-se relutante, mas quando a amiga lhe disse que Ben era professor, uma pessoa verdadeiramente íntegra, percebeu que não havia mal nenhum num jantar a desoras. Ficou admirada quando Ben se levantou da mesa para lhe estender a mão. Era alto e atlético, como ela, e parecia mais genuíno do que na fotografia que a amiga lhe mostrara, de tronco nu no cais de um lago.

Engraçou com ele imediatamente. Ficou encantada com a forma como, ao rir-se, levava um nó dos dedos ao lábio superior. Ben falava dos seus alunos do sétimo ano com o orgulho de um pai. Contudo, quisera sobretudo falar sobre ela. As coisas de que ela gostava e não gostava, os sítios onde tinha estado e aonde queria ir. Os seus hábitos de corrida. O seu trabalho. A sua investigação. A sua infância, a forma como crescera na condição de filha única de uma mãe solteira que passara dificuldades, que dera o seu melhor para garantir que a filha singrasse na vida.

Depois, levantada a mesa, e após farta risota que incomodou as pessoas das mesas vizinhas, seguida de várias trocas de olhares em silêncio, Ben fez um sinal ao empregado para lhes trazer uma última bebida. Perguntara então a Rebecca: «Queres ter filhos?»

Esta só percebeu que já não tinha vinho no copo quando o levou à boca. Voltou a pousar o copo, consciente dos segundos que iam passando.

«Sim. Acho que sim.» E então, para se sossegar, reforçou a ideia: «Sim. Quero ter filhos.»

Ben olhara para baixo, levava novamente um nó dos dedos à boca enquanto sorria. Ouvira a resposta que esperava. Rebecca percebeu que, entre eles, tudo se desenrolava exatamente como ele desejava.

Tinha ela trinta e três anos. Sempre tivera a certeza do que queria e do que não queria, mas a maternidade parecia ser um assunto para outras pessoas discutirem. Não era o caso dela. Era uma ideia que não a entusiasmava de modo nenhum. Fora uma fonte de discórdia entre ela e a mãe durante anos — a mãe queria desesperadamente um neto. Queria que Rebecca conhecesse o tipo de amor materno que ela

conhecia. E, embora Rebecca se sentisse em dívida para com a mãe e não pudesse conceber a ideia de a dececionar, nunca imaginara a sua vida com um filho.

Contudo, agradava-lhe a alegria que sentiu ao regressar a pé ao seu apartamento naquela noite, depois de ter verbalizado aquele desejo a Ben. Algo começara a mudar. Algo começava a parecer maior do que ela própria. Interrogava-se se, porventura, o desejo materno não teria estado dentro de si, sem que quisesse escutá-lo. A sua ambição falava mais alto e a ciência monopolizava-a. O conhecimento infinito que tentou absorver, as horas extraordinárias que teve de trabalhar. Durante muito tempo, não percebeu o que havia para além dessa dedicação.

Pensou na mãe, sozinha. Nos anos que iam passando e no beijo que Ben lhe dera à saída do restaurante. Não tanto no beijo em si, mas na possibilidade, e às vezes é assim que o amor começa. Ligou a Ben quando chegou a casa para dizer que estava sã e salva, e ficaram na conversa durante mais duas horas.

Casaram passado um ano e meio, uma pequena cerimónia familiar na casa de campo onde Ben cresceu com dois irmãos e uma irmã. A mãe de Rebecca levou-a do alpendre branco pintado de fresco da casa de campo até ao altar de rolos de feno empilhados e baldes de aço recheados com centenas de girassóis. Falou-se muito, depois, dos bebés que um dia se juntariam às outras nove crianças da família. Rebecca tinha estado a observar os sobrinhos de Ben a correrem uns atrás dos outros pela relva alta sob o brilho ruivo do sol daquele final de tarde de setembro e, ao virar-se, reparara que a mãe também estava a observar. A mãe não conseguira dar-lhe tudo, mas levava-a até ali, até aquele momento. Realizada, respeitada e segura. Uma vida que a mãe nunca poderia ter tido.

Ben aparecera então no alpendre, ficara ao lado da mulher que se tornara sua sogra. Pousou o braço forte sobre aqueles ombros que tinham carregado mais peso do que qualquer um deles podia compreender e sussurrou-lhe algo que a fez rir. Viraram-se e olharam para as crianças que brincavam na relva. Ben piscou o olho a Rebecca, e esta sorriu, com as bochechas a doer da alegria do dia. Teria tirado os sapatos de cetim e corrido com ele para os campos se lho tivesse pedido, teria deixado a borda inferior do vestido sujar-se de terra, teria corrido contra o sol poente.

Algures entre esses primórdios e os dias de hoje, o desinteresse de Rebecca deu lugar a uma obsessão que não consegue expressar. A sua desconfiança em relação à maternidade deixou de existir. A falta de

vontade de ter um filho deu lugar a uma necessidade imperiosa de o ter.

Contudo, a maior parte das vezes, fica com raiva de si própria por ser refém desse desejo. O desespero parece ser a sua maior fraqueza. Não consegue encontrar a disciplina necessária para se livrar dele, apesar de conseguir concentrar-se com tanto afinho em todas as outras áreas da sua vida. Em todos os outros pensamentos que lhe passam pela cabeça.

Quando Rebecca chega a casa, vê o portátil de Ben aberto na mesa da sala de jantar, com os auriculares pousados ao lado. Ben chama-a da cozinha.

Puxa-a para si e esfrega o polegar na marca vermelha da testa dela, onde a touca cirúrgica a aperta. É um gesto paternal, como limpar o *ketchup* do canto da boca de alguém. O seu casamento caracteriza-se agora por uma energia refreada. Ben preocupa-se com a escassez de horas de sono de Rebecca, com a dor que ela tem no arco dos pés, se se alimenta como deve ser quando está de serviço. Faz deslizar o prato sobre a mesa e senta-se, à espera de que ela se sente também. Pousa o queixo na mão, com o cotovelo em cima da mesa.

— Como é que ele está?

— Bem, cada hora que passa conta, mas parece que ainda não começou a melhorar. Quanto mais tempo ficar em coma, menos hipóteses terá de recuperar. Vão enviar-me uma mensagem com o ponto de situação.

— Meu Deus. — Ben abana a cabeça. Nem consegue imaginar.

— Eu sei. Esta manhã nem queria acreditar que era ele. Quero dizer, são coisas que acontecem todos os dias, mas, do outro lado da rua, a uma família que conhecemos. É... é horrível.

— Vou buscar-te um copo de água.

Rebecca observa-o a percorrer a cozinha. A demonstração de preocupação, a constante tentativa de tomar conta dela. Como se Ben estivesse a tentar convencer-se de que cuidar dela, e não do bebé deles, será suficiente para ele. A tentar silenciar a amargura que poderá acabar por vencer.

Sabe que Ben quer amá-la. O amor, porém, pode mudar. O amor baseia-se numa ideia sobre quem é a outra pessoa, e Rebecca já não encarna totalmente essa ideia.

— Porque é que não vais correr? — pergunta-lhe ele.

Rebecca corria a toda a hora. Quilómetros, após um longo turno, libertando-se de todos os resquícios, da dúvida sobre a forma como lidara com um caso, da preocupação irritante por ter mandado uma

criança para casa quando não deveria tê-lo feito.

— Talvez vá — diz ela. Leva o copo de água aos lábios.

Ben vira-se para limpar as mãos no pano de cozinha. Demora um pouco mais do que precisa.

Pergunta-lhe agora sobre os dias de férias, por causa da viagem ao Oregon. Rebecca promete tratar disso.

Ben pergunta por que razão não quer o café.

Ela olha para a caneca intacta. Diz-lhe que tomou um café a mais no hospital.

Agora pode fazê-lo, mentir-lhe com esta fluência. Como se as palavras não fossem realmente suas. Como se nenhuma desonestidade contasse, por ter acontecido no Antes. E tudo ficará melhor no Depois. Rebecca só se preocupa com o Depois.

Sobe as escadas para ir dormir e certifica-se de que o telemóvel tem o alerta de chamada bem audível. Dentro de menos de três horas terá de regressar ao hospital, a não ser que o interno precise dela mais cedo. No quarto de casal, tira as calças, que lhe estão demasiado apertadas na cintura. A seguir põe-se à escuta para se certificar de que o som dos passos de Ben ainda vem do andar de baixo. Ergue a *t-shirt* e olha para o ventre no espelho que forra a parte de trás da porta. Nunca chegou aos cento e vinte e nove dias. Faltam algumas semanas, talvez apenas uma, até a sua forma se tornar demasiado óbvia para poder escondê-la.

Ele já não consegue suportar o fardo de uma esperança tão ténue. Mas Rebecca não consegue viver sem ela.

Whitney

Hospital

Põe a ponta do dedo indicador direito do filho entre os dentes e rói-lhe a unha até arrancar a lasca fininha. Mantém o pedaço de unha entre a língua e o céu da boca. Toca na pele rosada que ficou exposta na extremidade do dedo dele e interroga-se o que ele conseguirá sentir. O toque dela? A presença dela? Tê-la-á ouvido dizer que lamenta imenso?

Aos dez anos, tudo o que se relaciona com ele parece ser tão familiar. É uma parte dela. Contudo, chegaram quase ao momento em que a situação começa a mudar. Ele tem-se afastado dela desde o dia em que nasceu, e em breve ela começará a sentir isso, fisicamente, na forma como uma criança já não procura conforto no gesto de afeto de uma mãe. Em breve, irá amá-la menos do que outrora. E não tardará a chegar o dia em que ela começará a sentir-se irrelevante para ele. Ficará mais constrangido com a mãe por perto do que longe dele. Nessa altura, não pensará muito nela, nem a terá em grande conta. O seu contacto limitar-se-á a um breve «Olá», uma cordial pancadinha de despedida nos ombros fortes e redondos de um homem.

Não é assim que acontece com os filhos?

Isto se ele sobreviver. Se não se lembrar do que aconteceu.

Passa o dedo sob os olhos do filho, como se ele tivesse lágrimas para enxugar. Põe a mão sobre o ventilador que cobre a boca dele. Imagina-se a encher os pulmões dele com ar, como se apenas ela pudesse salvá-lo.

Vem-lhe então à cabeça a risada dele. Consegue imaginar a elevação das maçãs do rosto do filho, o alongamento dos maxilares, mas não se lembra de como soa. Que tom apresenta? Como é possível não se lembrar da forma como ele se ri? Lembrar-se-á Jacob? Lembrar-se-á Louisa?

Será que alguma vez se ri quando anda junto a ela?

Também não se lembra de se rir muito quando era criança. A única risada de que se recorda provinha da televisão do apartamento

contíguo, através da parede. O pai, de vez em quando, batia na parede para baixarem o som, e a mãe reclamava que as batidas eram piores do que o barulho do aparelho, e o pai dizia-lhe que, caso ela estivesse descontente, ninguém a impediria de sair de casa, embora todos percebessem que ela nunca faria tal coisa.

Whitney, porém, sabia que a mãe mantinha um bilhete de autocarro escondido no bolso interior do casaco. Utilizável em qualquer dia da semana, sem data de validade, direto para o terminal nacional que ficava a três horas de distância. Esta troca de palavras ainda lhe ecoa na cabeça, e até se lembra da sensação de conforto que havia na previsibilidade de tudo aquilo, na forma como o pai voltava a sentar-se bruscamente na cadeira, estremecendo com a dor da anca que lhe tirara o sustento. E a maneira como conseguia encostar a mãe à parede com a sua violência verbal. Cantarolava um verso ou dois de Johnny Cash para se acalmar, não mais do que isso. Não se lembra, porém, de ouvir qualquer um deles a rir.

Por isso, não, talvez não haja risadas suficientes na casa dos Loverlys, pelo menos quando Whitney está presente. Quando está em casa, o seu telemóvel é rei e senhor, e há uma série de obrigações, e lágrimas em barda quando o comportamento não se coaduna com as suas necessidades. Não há grande margem para a espontaneidade. Não há muito tempo.

Tenta lembrar-se de quando terá sido a última vez que brincou com ele, aos legos ou a jogar xadrez ou um jogo de tabuleiro, ou com uma daquelas coisas de plástico que rodam e que ele coleciona, cujo nome não lhe vem à cabeça.

Não gosta lá muito de brincar. Na verdade, detesta brincar. Não há produtividade nos jogos. Detesta as caixas de plástico cheias de brinquedos e odeia sentar-se no chão. Detesta imitar o barulho de um carro e fingir ser um puma. Detesta a mundanidade. Detesta tentar parecer leve, alegre e surpreendida quando não o está. Detesta fingir interesse em coisas que não são reais.

«Queres brincar comigo? Quando é que podes brincar comigo? Podemos brincar a seguir ao jantar? Vamos construir alguma coisa juntos?» Tem de fechar os olhos e preparar-se para a choraminguice, para o alarido, quando lhes diz: «Lamento, mas não posso. Tenho outras coisas para fazer.»

Terá sempre outras coisas para fazer, ou será que *arranja* sempre alguma coisa para fazer? Pensa na agenda do telemóvel, naquele calendário todo preenchido, com atividades marcadas com diversas cores, sem o qual se sente completamente perdida. Não há nenhuma cor atribuída a Xavier ou aos gémeos. Não há nenhuma cor atribuída a

Brincar.

Alguma vez se deitaram juntos ao sol, a olhar para as nuvens? Terão inventado histórias juntos, canções tolas, palavras tolas? Conhecerão o género de alegria única que deveriam conhecer?

Não é uma mãe dessas.

Uma mãe como Blair. Que tomou decisões diferentes das suas.

Pega na mão de Xavier e leva de novo as unhas dele aos lábios. Houve um dia em que ameaçou, sem pensar, esfregar-lhe cebola nos dedos todas as manhãs se ele continuasse a roer as unhas implacavelmente, algo que a mãe dela costumava dizer-lhe. Xavier não recorrera às suas desculpas habituais. Limitara-se a pedir-lhe que parasse de falar no assunto. Dizia que roer as unhas, por vezes, era a única coisa que o fazia sentir-se melhor.

«Melhor em relação a quê?» Xavier, porém, não tinha uma resposta. Whitney deixou-o em paz. Sabe o que é fazermos algo que não deveríamos fazer por isso nos dar o que mais precisamos. Uma sensação de alívio. Uma sensação de controlo.

Entrou um médico no quarto. Não consegue escutar esta pessoa, não consegue fingir que sabe o que ele lhe está a dizer. Tem vontade de o mandar calar, de tapar os ouvidos. *Vai-te embora, vai-te embora, vai-te embora*. Cheira-lhe a álcool. E depois a látex. Aperta a mão mole de Xavier por ser bom ter a certeza de que ele ainda se encontra ali, que há tecidos, músculos e ossos. Que ele não é uma memória.

Memória. O médico emprega esta palavra agora, no exato momento em que ela lhe vem à cabeça. A memória de Xavier. Traumatismo. Há um exame de imagem qualquer. Inchaço. Os termos «placa» e «crânio» e «írrigação sanguínea». Um amontoado de números com casas decimais.

Abre os olhos para o ver. Ouviu outras mães a dizer que, muitas vezes, têm um vislumbre do semblante dos filhos com uma idade mais avançada, que uma certa expressão faz com que a sua imaginação progrida no tempo. É o que lhe acontece, por vezes, em relação aos gémeos. Contudo, nunca pensa em Xavier desta maneira. Em relação a ele, nunca conseguiu ver para além do dia, da hora, do rapaz que ele é naquele exato momento. Necessitado, carente, desafiante. A levá-la ao limite das suas forças.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

A aspereza na garganta é-lhe familiar, mas não consegue engoli-la — desta vez, trata-se de vergonha, amarga e espessa. Whitney ergue-se do chão do quarto e fita Xavier, que não tira os olhos dela. Ambos olham para a janela aberta que dá para a festa do logradouro. Ela agarra-se aos seios como se tivesse sido exposta, como se alguém lhe tivesse arrancado a roupa e a tivesse deixado nua. Tem o rosto a ferver agora, o cérebro a cronometrar as opções que poderiam melhorar a situação.

Pode fingir que ele estava prestes a ingerir algo venenoso.

Pode trancar-se no seu quarto durante o resto da tarde.

Pode fingir-se doente.

Sabe, porém, que terá de enfrentar um logradouro repleto de pessoas que acabaram de ouvir a parte mais monstruosa dela a ganhar vida. Terão arregalado os olhos, sentido o próprio coração a acelerar ao vivenciar aquela demonstração da sua raiva. Sentirão o calor de humilhação de Whitney quando a virem. Por que razão terá ela feito uma coisa daquelas? Porque é que se passa dos carretos tão facilmente com o filho? São biscoitos, não passam de biscoitos. Xavier é apenas um miúdo.

É o álcool, poderá dizer. Uma bebida a mais. Toda a gente está com um copo na mão.

Contudo, não será suficiente para o que fez.

A sua fúria dá lugar aos remorsos. Leva as palmas das mãos a ambos os lados do rosto besuntado de Xavier. Sente repugnância ao descer do familiar auge da raiva.

— Peço imensa desculpa. Não queria gritar. Podes ficar aqui no teu quarto.

O que ela quer dizer, porém, é: *Não vás lá abaixo. Não piores ainda mais a situação.*

Fecha a porta atrás de si.

Sente fraqueza nas pernas ao dirigir-se para a cozinha. Será melhor acabar já com isto. *Tu consegues, tu consegues.* Irá procurar

Blair; esta fingirá que nada daquilo aconteceu. Agirá como se não sentisse qualquer constrangimento. Vê Jacob a vir na sua direção, perplexo e escarlate, e sorri-lhe, tenta dar o seu melhor. Toca-lhe no braço, sente que o marido está tenso. Diz que está tudo bem e que falarão sobre aquilo mais tarde e continua a dirigir-se para o logradouro, com o seu longo vestido de seda a fluir atrás de si com uma elegância que traiu.

Lá fora, sente olhares a desviarem-se, os convidados a evitarem o desconforto de a encarar. As conversas foram retomadas lentamente, mas com restrições. A ignomínia que sente é desconcertante. Está postada sobre o arco-íris que a filha de Blair desenhou no pátio e aparentemente não consegue mexer os pés. Sabe que tem de dizer alguma coisa a alguém, mas não vê Blair. Precisa dela. Blair pode ajudá-la a superar aquela situação. Volta-se para três mães que conhece da escola. Todas elas forçam um sorriso. Estremece.

— Peço imensa desculpa pelo que aconteceu. O Xavi tem tido sérios problemas ultimamente. Do foro mental. Não vou entrar em pormenores agora, mas estamos preocupados. — Faz uma pausa. Tem de acrescentar qualquer coisa. — Está a ser seguido por um especialista comportamental.

Não é verdade, mas pode parecer uma justificação para o auge da sua raiva. Explicação necessária, até, se pensarem no pior. Vão pensar que ele tinha um objeto perigoso nas mãos. Vão pensar que iria magoar-se com esse objeto perigoso. Irão entender a explosão, irão interpretá-la como preocupação, sentirão solidariedade. Por favor, que sintam solidariedade.

E parece que sim, todas falam ao mesmo tempo. «É claro. Nós entendemos. Não peças desculpa.»

Há uma pausa que parece não ter fim. E a seguir:

— Estávamos a falar dos planos da Câmara para o novo parque infantil, e achas que...

Blair está a observá-la agora, e Whitney olha-a de relance, como se conseguisse sentir o seu olhar. Blair ouviu aquela mentira sobre Xavier. Está agachada com as crianças para disfarçar o constrangimento e doem-lhe os joelhos, mas não vai levantar-se. Alisa o rabo de cavalo da filha, dá uma pancadinha com os dedos no braço de Sebastian para o fazer rir. Imagina-se a subir as escadas para ver o que se passa com Xavier, para o animar, mas Whitney não vai gostar da ideia. Em vez disso, acaba por se levantar, interrompe educadamente o grupo de mulheres oferecendo-se para ajudar a levantar os pratos e os copos de papel. Pede a Whitney que lhe

relembre onde é que guardam os sacos do lixo.

Whitney agradece o alívio deliberado. Blair sabe perfeitamente que os guardam debaixo do lava-louça. Curva-se para pegar em Thea e beija-a na brincadeira, três, cinco, sete vezes. Roda-a uma vez e ela ri-se. Espera que esteja toda a gente a observá-las. Repete a manobra. Thea pergunta por Zags, o apelido que os gémeos dão a Xavier. «Está tudo bem com ele, o Zags está lá em cima, está tudo bem com ele», diz Whitney, e põe-na no chão. Pergunta a Blair em voz baixa se ela e Aiden podem ficar depois de saírem todos. Sabe que Aiden vai tomar mais bebidas com ela, vai desanuviar o ambiente. Há a possibilidade de Blair se sentir intimidada com o que aconteceu, mas Blair consente. Claro que sim, adorariam ficar, e, assim, fingem que o incidente é irrelevante.

As outras mulheres, porém, irão falar, como se nunca tivessem gritado com os filhos.

Quero dizer, é claro, todos perdemos a paciência, mas coitado do rapaz.

Irão repetir a história nas suas conversas privadas, classificando o momento de terrível e completamente inesperado. Irão até empregar o termo «assustador». Porque Whitney é o género de mãe em quem outras mulheres tentam encontrar falhas.

Whitney sabe disso. Normalmente consegue reprimir o juízo de valor a respeito das suas prioridades por este estar associado à inveja. Esta tarde, porém, no seu belo território, fez com que essa inveja diminuísse, e essa perda de controlo irá humilhá-la sempre que pensar nisso.

Blair consegue ler esta perceção a ganhar forma no rosto de Whitney naquela tarde. Nunca viu Whitney naquela posição enfraquecida, e isso deixa-a fisicamente desconfortável. As outras mães que conhecem da escola começam a recuar e a combinar recolher os filhos. Consultam o relógio no telemóvel. Blair quer desanuviar a situação em que Whitney se encontra, tal como ela própria, pelo que começa a elogiar a atuação do mágico. Refere que estão todos a divertir-se. Que os pratos de queijo estão ótimos. Consegue ignorar as transgressões maternas da amiga com uma facilidade inquietante. Fala num tom elogioso e entusiástico, e até seria capaz de tomar mais uma bebida.

Whitney, porém, observa atentamente os convidados, fazendo um

inventário de todas as pessoas que a ouviram a passar-se dos carros. Os rostos que a consumirão nas próximas semanas, ou durante o tempo que for necessário para a vergonha se dissipar.

Vai acenando com a cabeça enquanto Blair fala, estende o olhar para além da amiga, para o outro lado do logradouro, até Aiden, até uma mulher que se ri de tudo o que ele está a dizer naquele momento. Olha para a vedação, para a silhueta de Mara a mover-se entre as ripas de madeira, e a seguir para o quarto do filho, para a janela aberta, através da qual lhe parece ter acabado de o ver a espreitar cá para fora. Sobressalta-se quando a mão de Jacob lhe toca no ombro.

Há algo na forma como Whitney acabou de estremecer com o toque do marido que faz Blair sentir-se ansiosa, até que ouve o tom jocoso da voz de Aiden atrás de si. Sente as faces afogueadas quando tenta interpretar aquele tom. A seguir, do outro lado da vedação, a porta das traseiras da casa de Mara bate com um pouco de força a mais, como se esta já tivesse ouvido o suficiente. Whitney e Blair entreolham-se. Após a festa, vir-lhes-ão novamente ao pensamento aqueles escassos segundos de tensão, mas nenhuma delas perceberá o motivo. Só muitos meses mais tarde, numa noite de quarta-feira em junho, quando tudo começar a implodir.

Duas horas depois, o logradouro já está mais desimpedido, e a maior parte das crianças pequenas foram encaminhadas para casa, direitas à cama, e o vestido de Whitney descaiu tanto que Blair consegue ver o vale que repousa entre os seios. A dada altura tirou o *soutien*, e a rigidez dos mamilos transparece sob a seda. Também está descalça, depois de ter atirado as sandálias de tiras para o relvado. Blair ajusta a sua camisa de algodão liso. É nova, o branco ainda resplandece. Ajeita a batinha dos calções de pregas verde-azeitona, os que comprou com a camisa. Recordam-lhe, agora, uma peça que a mãe usava. Já abriram uma tequila das boas, e, embora não goste de beber tequila pura, fora Jacob a entregar-lhe o copo, e por isso não recusou.

Aiden e Jacob aproximam-se, e Whitney diz a Aiden para se sentar no mobiliário do logradouro, para ficar e divertir-se, e a seguir pede a Jacob que ponha a música mais alto. Quando este regressa, entrechocam copos com sal nos rebordos e os homens falam, mais uma vez, da excessiva pluviosidade do verão, dos níveis de água dos Grandes Lagos, e nessa altura Whitney, desinteressada, puxa Blair para dançar.

Blair recusa, mostra-se rígida e resistente, diz que a festa a deixou

de rastos e que ainda está demasiada gente. A perspetiva de dançar fá-la corar ainda mais do que a tequila. Detesta dançar, e Whitney sabe disso. Detesta o facto de, ao dançar, se sentir tão incompetente e tola. Detesta que a obriguem a ser desmancha-prazeres por se recusar a participar. Sente um rubor a subir do peito até ao pescoço.

Mas é impossível dizer que não a Whitney. A música parece a de um bar de praia em Miami. Blair observa a forma como Whitney se mexe e tenta não pensar muito sobre o que o seu próprio corpo estará a fazer. E começa a surtir efeito. Sente um tipo raro de liberdade, uma incógnita sensação de diversão, a que se segue algo semelhante a orgulho. Sente-se aliviada por ter mais álcool, toma outro gole. Ergue as mãos acima da cabeça como vê os outros fazer, solta, serpenteando-se, e abana a cabeça para um lado. E a seguir para o outro lado. O seu olhar perde o foco. Ainda consegue surpreender-se a si própria. Ainda se sente viva.

Então Jacob levanta-se, e, por um instante, Blair julga que ele vem dançar com elas também, fica desengonçada, começa a perder o ritmo. Só que Jacob toca nas ancas de Whitney e, passando pelas duas, entra na cozinha. Blair pega nas mãos de Whitney e imita novamente os seus movimentos, começando a recuperar a confiança. Vira a cara e vê Aiden sentado, a observá-la, com uma perna cruzada e a mão sobre o tornozelo. Vai gostar disto, a sua mulher tensa a divertir-se por uma vez. Vai ver que ela consegue soltar-se. Que pode ser uma pessoa divertida. Talvez se sinta um pouco excitado. Franze ligeiramente os lábios. Fica com a ideia de que, esta noite, poderão ter relações. Por uma vez, poderá ser ela a tomar a iniciativa. Enfiar-lhe a mão nas cuecas enquanto ele lava os dentes. Sente-se inchada entre as pernas e fica novamente admirada. Ao erguer os olhos, encontra os dele.

O marido, porém, não está a observá-la. Tem um olhar vítreo que ela reconhece. Fome. Não tira os olhos do corpo de Whitney, dos seus seios, do decote traseiro do seu vestido. A ponta da língua dele percorre lentamente o lábio inferior. Blair pára de se mexer. Sente o ardor da tequila no peito. É como se ela nem estivesse presente — nunca está.

Rebecca

Acorda da sesta ao som da televisão que vem da sala de estar, no andar de baixo. Leva alguns segundos a perceber que só está a meio da tarde, que ainda se encontra de plantão. Vem-lhe novamente à cabeça a imagem de Xavier na sala de traumatologia. Ben está a assistir ao jogo de basebol da noite passada, a bater palmas e aos gritos, esquecendo-se, na excitação das bases preenchidas, que Rebecca está a dormir no andar de cima.

— Vá lá. Va lá! SIM!

Deve estar a usar o chapéu dos Yankees com a pala virada para trás. Deve estar a beber uma cerveja. Rebecca vai enfiar-se ao lado dele no sofá e repousar a cabeça no seu colo durante mais vinte minutos, antes de voltar ao hospital para cumprir as últimas horas do turno.

Contudo, primeiro pega no *iPad*, que estava pousado no chão ao seu lado, e clica no *link* do fórum que guardou nos favoritos. Tem resistido ao impulso de o fazer, pelo menos nesta gravidez. Encontra a página do mês para o qual está previsto o nascimento do seu bebé, outubro, um mês fresquinho e bonito, e começa a percorrer os quadros de mensagens. As *selfies* em *soutien* e roupa interior que acompanham cada uma das mudanças de forma, as perguntas sobre a cor, o odor e a textura do corrimento, tudo a fascina, embaraça e emociona, como de todas as outras vezes em que não resistiu ao apelo de tais leituras. Não vai retomar o hábito de consumir os detalhes, mas dedica cinco minutos à leitura, só hoje.

Quando depois desce as escadas, ouve Ben a bater palmas novamente. Ele sobressalta-se quando Rebecca, por trás do sofá, lhe toca no ombro.

— Estás acordada. A televisão está muito alta? Mais uma entrada e retomo o trabalho, tenho uns telefonemas para fazer esta tarde.

Estende os braços para cima em direção a ela, quer abraçá-la. Rebecca imagina a sensação de passar uma criança para aqueles braços, alimentada e cansada. Senta-se ao lado dele e pousa a cabeça no seu colo, recebendo de chapa o brilho do ecrã. Ben tem a mão na

ilharga dela, acima da anca, e Rebecca retesa o corpo — ele poderá cingir-lhe o ventre, senti-lo inchado, ao puxá-la com mais força para si. Contudo, é tão raro tocar-lhe no ventre agora, depois de tudo o que aconteceu.

— Temos de parar de tentar ter um filho — dissera-lhe.

Estavam sentados ao fundo da cama, há cinco meses e meio. Ben pegara-lhe nas mãos e mexera nos anéis que ela tinha no dedo, os anéis que ele lhe oferecera. A sua voz denotava exaustão. Ele não queria ter este tipo de pensamento. Rebecca abanara a cabeça — não, não, não iam ter esta conversa naquele momento. Não, nunca iriam ter esta conversa.

— Estás a falar a sério?

— Acho que não consigo voltar a fazer isto.

— A fazer o quê? É o que tu queres, Ben! Queres ter um filho comigo.

Era suposto quererem os dois o mesmo. O mesmo futuro, a mesma casa, a mesma família. Rebecca puxara a mão dele para a sua boca, para se certificar de que Ben se apercebia de que ela estava ali ao lado dele, os lábios da mulher que ele amava. Ben fitara os dedos dos pés dela. Não podia estar a falar a sério.

— É demasiado penoso. Para os dois — explicara. Estava monocórdico no início. — É melhor tirarmos daí a ideia. Não podes continuar a engravidar e a perder bebés desta maneira. Tantos desejos gorados, vezes sem conta. E durante quanto tempo? Quando é que isto vai acabar, qual será o número? Seis? Dez? Quinze? Um de nós tem de tomar esta decisão, ou acabamos por nos destruir a nós próprios. Não sentes que já nos está a acontecer?

— Estás é com medo, Ben. Queres desistir porque estás com medo. Que tal esperarmos algum tempo? Podemos fazer uma pausa este mês, vais ver que te vai fazer bem. — Rebecca precisava que o marido ouvisse o desespero que a sua voz deixava transparecer. Ben manteve-se em silêncio durante um longo período, após o qual começou a abanar a cabeça lentamente. — Então, queres simplesmente... queres desistir? Não tentamos ter um filho? Assim, sem mais nem menos?

Ben disse que lamentava, que a amava. Que precisava que ela entendesse. Manteve-se em silêncio, enquanto Rebecca o deixava abraçá-la. Contudo, ela odiava-o.

Outra mulher poderia ter sentido alívio. Ou ter batido com as mãos no peito dele. Poderia ter gritado que não era uma decisão dele. Poderia tê-lo convencido de que não deveriam perder a esperança. Ter relatado as histórias lidas nos quadros de mensagens sobre as

mulheres que tentam durante anos a fio, a quem dizem que é impossível, até que um dia acontece. Magia, era uma espécie de magia, e se ela, que não tinha razões para isso, conseguia manter o otimismo, não poderia ele fazer o mesmo? Aquela palavra — milagre — acompanha-a por todo o lado, flutua pelos corredores do hospital e é sussurrada na clínica de fertilidade, e todos dizem que acontecem diariamente; sendo assim, onde está o dela?

Podia implorar-lhe. Parece ser a única opção que lhe resta.

Rebecca, porém, interroga-se se Ben não teria outra coisa em mente quando disse «É melhor tirarmos daí a ideia». Tirarmos. O que ele queria dizer é que era por causa dela. Ben tinha de aceitar que escolhera uma pessoa que não estava em condições. Os sobrinhos que ele ia visitar quatro vezes por ano em diversos pontos do país, o berçário que mandara pintar com uma cor chamada calamina. No início, Ben tinha mais vontade de ter um filho do que ela. E agora queria desistir? Seria agora demasiado difícil nutrir aquela esperança? Agora que a obsessão e o desespero dela a desgastaram completamente? Esta situação deveria tê-la deixado furiosa, mas deixou-a apenas assustada. *Fica comigo*, pensou ela. *Não me rejeites*. Tinha vergonha destes pensamentos inseguros, os quais, porém, não lhe saíam da cabeça.

Estavam tão longe daquele tempo em que os irmãos andavam a perseguir-se uns aos outros pelo campo na fazenda dos pais dele. Do tempo em que enchiam o quarto de arrumos com capas da chuva e botas sujas.

Por isso, Rebecca concordou por meio de palavras que mal conseguia proferir. Iriam deixar de tentar. O que Ben dizia tinha o seu fundamento e era aceitável para a parte racional do cérebro em que Rebecca confiava a maior parte das vezes. Contudo, tremia nos braços dele.

A derrota não era uma trégua, era excruciante. Chorava em silêncio sobre a almofada cada vez que se encontrava sozinha no quarto. Mal conseguia atender quando a mãe lhe ligava. Arrastava-se de turno em turno no hospital, sentindo-se mais estéril do que antes, embora tecnicamente nada tivesse mudado. Andara mais esperançada do que imaginava.

Ben fora particularmente meigo com ela nos dias que se seguiram. Amoroso e ternurento. Durante um breve período, porém, parecia sentir uma espécie de leveza. Devia ser alívio, até as semanas passarem e o vazio voltar a ser palpável. Mas Rebecca nunca experimentara nenhuma sensação parecida com alívio. Dava consigo a afastar-se de Ben quando ele estava por perto, a sair da sala, a pôr os

auriculares nos ouvidos, sem estar a ouvir nada. Começou novamente a correr, para sair de casa, mas cada pisada no pavimento parecia um soco, um lembrete do corpo estragado em que vivia.

Passadas três semanas, depois de sentir a dor surda do ovário a libertar um óvulo, como acontecia exatamente de vinte e nove em vinte e nove dias — uma regularidade quase cruel —, não conseguiu conter-se. Deitada no sofá, enfiou a mão por debaixo do cobertor para o sentir, enquanto uma lista de créditos finais passava na televisão. Voltou a sentir um enorme desejo por ele. Por ele, e não pelo seu esperma, pela primeira vez em muito tempo. Não tinham relações sexuais desde o dia em que Ben lhe dissera que não voltaria a tentar ter um bebé.

— Não estou a ovular — sussurrara-lhe para o tranquilizar. E a seguir, num tom mais terno, mais convincente: — Quero-te, simplesmente. Preciso de ti.

Agarrara-se firmemente às ancas de Ben quando ele se viera.

No dia anterior à realização do teste de gravidez, para confirmar o que já sabia, perguntara-lhe uma última vez. Um ato desesperado que poderia mudar o que ela tinha feito.

— Não mudaste de ideias? Sobre tentarmos?

Ben puxara-a para si, pousando o queixo no ombro dela. Rebecca sentira o peito dele a afundar-se, todo o ar desaparecera antes de ele falar.

— Não consigo voltar a passar por isso, Rebecca. Lamento esse futuro. Vou seguir em frente. E tu também tens de seguir em frente.

Ouve-se uma batida, seguida de um *home run*, e Rebecca estremece quando Ben bate palmas e fala com os jogadores como se estivesse na linha de base. Então, ele acalma-se, enrolando uma madeixa de cabelo dela no dedo indicador. Inclina-se para lhe beijar a cabeça e avança rapidamente a gravação enquanto passa a publicidade.

Rebecca vai contar-lhe esta noite. Amanhã estará com mais cinco dias do que na primeira vez. Nunca teve de admitir uma mentira antes. E talvez isto seja mais do que uma mentira. O desfecho poderá fazer disto uma traição impensável e imperdoável.

Ela, a Dra. Rebecca Parry, dissociou-se da mulher irracional que anda há quatro meses a esconder a gravidez ao marido. Que não lhe contou porque era provável que, em breve, não passasse de uma mentira sem importância. Agora, porém, aquela outra mulher, a que iria certamente perder o bebé, que apenas escondia algo do tamanho

de uma ervilha, e depois de uma baga, e depois de uma uva, e depois de uma ameixa, voltou finalmente a encontrar um motivo de esperança, e as mentiras não são de modo nenhum irrelevantes. São mísseis. *Tenho uma coisa para te contar, Ben. Peço que me ouças até ao fim. Pode ser que desta vez dê certo. Pode ser a nossa grande oportunidade.*

Um desfecho positivo. Ben agita o braço, emborca a cerveja. A seguir inclina-se para trás e remete-se ao silêncio. Tem o portátil, fechado, em cima da mesa. O Sol está a esconder-se atrás da casa e a sala fica sombreada e fria. Quando chega a casa, à tarde, Rebecca encontra-o ali cada vez com mais frequência, a dormir naquele sofá.

Sabe que Ben não sobreviverá a mais uma perda.

Contudo, não tem a certeza se sobreviverão sem um bebé.

Talvez tenha chegado a hora do seu milagre. Talvez ela os tenha salvado.

Do seu telemóvel, pousado em cima da mesa, vem um clarão, uma mensagem do seu colega na UCI.

«O estado do Xavier está a piorar. A mãe continua a não falar. Podes dar uma ajuda?»

Blair

Anda pela cozinha, a tentar pensar no que deveria levar para o hospital para Whitney. Nos últimos vinte minutos, desde que Rebecca lhe ligou a perguntar se poderia ir ter com ela, tem estado sem capacidade de reação. Olha para o outro lado da rua, para a casa dos Loverlys, mas agora não pode voltar lá para ir buscar as coisas de Whitney. Em vez disso, sobe as escadas e mete no saco a sua única camisola de caxemira, um presente de Whitney que sempre lhe parecera demasiado bom para usar. Uma pasta de dentes mais pequena, própria para viagens. Um carregador de telemóvel sobressalente.

Coloca cada artigo no saco com o mesmo pensamento: foi traída e enganada. Agora, porém, Whitney precisa dela. Liga-lhe novamente, embora Whitney não tenha atendido o telemóvel o dia todo.

Xavier. Não parece possível que esteja inconsciente. Senta-se em cima da cama e abraça o saco de viagem. Dói-lhe o peito. Deseja ver Chloe. Tem vontade de ir a correr para a escola e arrancá-la da sala de aula e mantê-la a salvo de tudo. Está preocupada, está constantemente preocupada, e é por isso. Às vezes, o mal abate-se sobre nós. Quando Blair estica o braço para proteger uma criança no carro, grita para a rua por precaução, pergunta se o frango grelhado não estará malpassado. Whitney faz um suave movimento descendente com as mãos, como se estivesse a acalmar uma orquestra. *Não te preocupes tanto*. Como se a preocupação de Blair fosse um defeito e não o estado natural da maternidade. Uma emoção desperdiçada. Como se não servisse um propósito.

No hospital, Whitney não estará presa a pensamentos catastróficos, estará a assumir o comando. A exigir que os médicos façam tudo para salvar o filho, não aceitando nenhum outro desfecho. Whitney é a forte, a controladora, a que consegue exatamente o que quer a todo o custo.

O último pensamento perturba-a. Blair fecha o saco com os dedos trémulos.

Agora tem de separar as coisas. Tem de fazer o que Rebecca lhe

pediu e ir para o hospital. Quando sai de casa, Mara, do seu alpendre, chama-a.

— Peço desculpa, Mara. Tenho de ir, já estou atrasada. — Blair fala enquanto corre, mal vira a cabeça ao encaminhar-se para o carro estacionado na rua.

Whitney enrolada com Aiden. Uma traição quase inconcebível. Quase.

Pára de pensar nisso, diz a si própria ao ligar o carro. Não é a altura certa. Para começar, não deveria ter andado a bisbilhotar.

Não deveria ter visto a chávena de café desfeita no quarto de Xavier.

Ou aquela receita, tantos comprimidos já tomados.

A festa do logradouro em setembro não foi a única vez em que ouviu Whitney a perder a paciência com Xavier. Poderá ter havido uma discussão. Um deslize. A imprudência da raiva.

O impulso de uma pessoa para mentir quando há tanta coisa em jogo.

Mas é claro que de vez em quando há acidentes.

Há algumas semanas, Blair fora ao logradouro dos Loverlys buscar Chloe para irem jantar. Whitney acabara de chegar do escritório. Ficaram as duas na conversa, de pé; Whitney tinha os sapatos de salto alto na mão. Blair gostava destas oportunidades de participar no ritmo do dia de Whitney.

Blair interrogou-a sobre as férias que ela e Jacob estavam a planear passar num sítio nas Caraíbas do qual nunca ouvira falar, embora Whitney se referisse à ilha como se fosse uma loja qualquer da Target. Blair estava ávida de mais detalhes para além dos que Whitney partilhou — quanto custara, que tipo de quarto. Se viajavam em classe executiva. Contudo, tinha o cuidado de refrear a sua curiosidade. Não gostava de realçar as disparidades entre elas.

Estivera com um ouvido atento a Chloe, que se encontrava lá dentro a brincar com Xavier no andar de cima. Estavam aos saltos em cima da cama no quarto dele, aos gritos, e no logradouro ouvia-se o eco das suas risadas.

A cama ficava debaixo da janela.

Blair queria interromper Whitney, pedir-lhe para não se esquecer do que ia a dizer e aguentar só um minuto para ela poder lançar um grito a Chloe, a recomendar-lhe cautela junto à janela aberta, mas então Chloe, debruçando-se, gritou:

— Ei, mãe! Anda ver a nossa coreografia de ginástica!

— Ela já quase que consegue dar um mortal! É uma miúda incrível! — Xavi assomou com a cabeça e com os ombros ao lado de

Cloe.

— SAIAM DA JANELA! TENHAM CUIDADO!

No segundo seguinte, Blair corou com o pânico da própria voz, com o agitar frenético do seu braço.

Interrogara Whitney a esse respeito várias vezes, o risco de acidente, tão óbvio, de uma cama debaixo de uma janela do terceiro andar sem nenhuma grade de proteção. Será que Whitney não se apercebia disso? Dissera-lhe que trataria do assunto, que iria montar um bloqueio na janela, mas Blair nunca a vira tratar de nada do género. Naquela casa, as coisas aconteciam por si só. Whitney encontrava sempre ajuda, Jacob arranjava sempre uma solução, enquanto Aiden nem conseguia aperceber-se dos problemas. Não havia listas nem tardes inteiras preenchidas com tarefas consecutivas que os mantivessem em atividade. Whitney mexia os cordelinhos, Blair desdobrava-se em tarefas.

Whitney mal erguera os olhos para a janela.

— Fecha a janela, Xavi! — Parecia, porém, apática. Soara indiferente. — Não te preocupes. Ele sabe ter cuidado.

Consultara então o telemóvel, que acabara de apitar. Era um *e-mail* que aguardava. Blair olhara para o rosto de Whitney, concentrado no ecrã. Às vezes, era como se os filhos não estivessem presentes. Pelo menos até a irritarem o suficiente para ela se passar dos carros.

Blair cerra os dentes. Não pode questionar Whitney sobre a chave agora. Talvez se justifique, dadas as circunstâncias, imaginar como é que um rapazinho cai de uma janela do terceiro andar a meio da noite.

Whitney

Hospital

Uma voz atrás dela diz que têm boas notícias: alguém está finalmente a caminho para ficar com ela, chegará dentro de dez minutos.

Ouve o nome de Blair. Nada daquilo a deixa à vontade.

Durante o primeiro ano de residência na Harlow Street, o convívio entre as duas pouco passara de um olá apressado e casual quando se apanhavam fora de casa ao mesmo tempo. Tinham-se mudado com um mês de diferença, os Loverlys para a sua bela casa nova que demorara dezoito meses a construir, e os Parks para a sua vivenda geminada do outro lado da rua, a precisar de obras. Xavier e Chloe eram ainda demasiado jovens para gostarem genuinamente um do outro.

Quando os gémeos tinham duas semanas de idade, Jacob apanhou uma gripe tremenda e ficou de cama durante três dias, mal conseguindo manter líquidos no estômago. Louisa não podia vir; morava com a avó, de saúde débil, e não podia arriscar levar viroses para casa. Whitney tinha-se aguentado bem até àquele momento, a recuperar de uma cesariana e a trabalhar a partir da cama, muitas vezes ao mesmo tempo que amamentava um dos gémeos. Previra amamentar durante seis semanas. Não podia repetir o que fizera com Xavier, que durante muito tempo exigia o peito à noite. Queria voltar ao trabalho. Queria fugir das crianças que se multiplicavam. Fora ambivalente no que dizia respeito a ter mais filhos, mas Jacob tinha a certeza de que um irmão, um, seria positivo para Xavier, e desta vez podiam comportar a despesa de ter alguém para ajudar.

Tentara dissociar-se da opressão dos gémeos no segundo em que o médico lhe contou; pareciam mais um conceito do que dois filhos adicionais. Acabaram por lhe proporcionar um alívio peculiar: podia ser uma mãe naturalmente dividida, o que, como é compreensível, a libertava da pressão de se dedicar exclusivamente a um ou a outro, como a sociedade esperara que fizesse em relação a Xavier.

Foi a meio da manhã, após duas noites sem dormir, que Whitney percebeu que havia um problema sério, que os bebés não conseguiam mamar sem causar um sofrimento extremo aos três. Tinha os seios inchados. Duas torneiras latejantes e a pingar. Os gémeos gritavam há horas, e Sebastian estava ligeiramente febril. Jacob levava Xavier à escola e fora direitinho para a cama, que estava encharcada de suor do seu lado.

Whitney telefonou a Louisa para pedir ajuda, mas a chamada foi diretamente para o correio de voz.

Tinha o rosto dorido e a mandíbula massacrada da exaustão. Três filhos eram filhos a mais. Apetecia-lhe doar um deles. Queria continuar a empurrar o carrinho para a extremidade mais distante da cidade, onde o betão confinava com o lago escuro e profundo. Contudo, mal conseguia andar sem um esgar, a incisão ainda inflamada quando deveria estar sarada, mas o ar da rua era a única coisa que aparentemente acalmava os gémeos durante mais de quarenta segundos seguidos. Contara esses segundos. Conseguiu enfiar os gémeos no seu novo carrinho duplo e, juntos, lá iam percorrendo lentamente, para trás e para a frente, o mesmo troço do quarteirão, de um sinal de *stop* até outro e de regresso ao anterior, com a incisão a ferver. Fazia um esgar quando a camisa roçava nos mamilos, que pareciam nervos recentemente expostos.

Passava aqueles momentos de agonia a imaginar como seria dormir. Acordar de manhã e pensar apenas em si própria. Ser libertada. Poderia abandonar as crianças, mas estas continuariam a existir. Assombrá-la-iam como fantasmas. O fardo que representavam nunca desapareceria, mesmo que fugisse para bem longe, mesmo que demorasse muitos dias ou semanas ou anos a regressar, isto se regressasse.

Achou que iria vomitar ali mesmo no passeio. Limpar a boca com a manga, deitar-se na estrada e fechar os olhos, esperando que um cão viesse lambar toda aquela porcaria.

Não reparou na mulher que, vinda do outro lado da rua, caminhava na sua direção, até que ouviu o seu nome, duas, três vezes.

— Peço desculpa, será que me enganei no seu nome?

Whitney não se lembrava de se ter apresentado àquela mulher. Uma menina mantinha-se timidamente atrás da mulher, segurando-lhe a mão.

— A barulheira deles está a incomodá-la? — perguntou Whitney.
— Lamento.

A mulher riu-se.

— Nada disso! Lembro-me bem desse tempo. Olha, Chloe, não são

tão giros? Ela estava ansiosa por conhecê-los. — Pegou na filha ao colo e Whitney puxou o cobertor de Thea para baixo, para poderem espreitar o rosto do bebê, que continuava a berrar. — Ah. — A mulher olhou mais de perto. — Aquela coisa branca na língua. Têm sapinhos?

Sapinhos?, pensou Whitney. *O que é isso? Estaria ela boa da cabeça?*

— Sabe o que é? — perguntou a mulher. — A minha filha teve isso. É só o médico passar-lhe um antifúngico.

Ficaram a observar o rosto dos bebês, cada vez mais ruborizado. Whitney não se via com forças para se meter num carro e levá-los ao médico naquele momento. Nem se via com forças para regressar a casa.

— A propósito, chamo-me Blair. Posso? — Blair pousou a filha no chão, pegou na mantinha que estava guardada no cesto debaixo do carrinho e estendeu-a sobre o seu ombro. Pegou em Thea e pousou-a na mantinha, delicadamente. — Oh, pronto, querida. Às vezes, portam-se melhor quando não conseguem sentir o cheiro da mãe. Vês, Chloe? Os bebês gostam que os embalem um bocadinho, assim.

Whitney não era dada a choros. Contudo, levou a mão ao rosto e não teve um pinga de energia para reter as lágrimas. Estava zangada consigo mesma por se sentir tão desesperada logo no início. Era incompetente. Era inútil. Deveria ter melhorado, era já a sua segunda vez, é uma mulher eficiente, extremamente privilegiada, de trinta e seis anos, com fácil acesso a uma série de recursos. O problema não era que não soubesse o que fazer. Era que não queria fazê-lo. Já não os queria.

— Sabe que mais? — disse Blair despreocupadamente. — Não temos planos para esta manhã. Se precisar de ajuda, estamos à disposição.

Blair conseguiu que Thea adormecesse e insistiu em passear com os bebês durante uma hora para Whitney poder descansar um pouco em casa. Poderá ter parecido uma tolice confiar os seus recém-nascidos a uma estranha, entregar-lhe um recipiente com leite em pó e dois biberões limpos e abalar. Sabia que Jacob não iria gostar, mas aquela mulher era mãe, morava do outro lado da rua e parecia ser tão simpática. Whitney não tinha capacidade para se preocupar. Não queria saber se aquela mulher enviase os bebês num vaivém espacial para a Lua. Já aturara o suficiente. Deitou-se no sofá da sala de estar ainda com o casaco vestido e com os ténis calçados. Dormiu quatro horas, até ouvir a voz de Jacob a perguntar onde estavam os gémeos.

No dia seguinte, sentia-se envergonhada. Nem acreditava no que tinha feito. Enviou a Blair um ramo de flores de duzentos dólares. Blair veio ter com ela à tarde para lhe agradecer e ver como se sentia.

Na manhã seguinte, o médico confirmou que eram sapinhos; Blair deu-lhe dicas sobre a forma de colocar a dose completa da medicação na língua irrequieta dos bebés. Whitney observava-a a estudar os bebés, o seu interesse genuíno, a bondade que transparecia na forma como estreitava os olhos. Havia algo discretamente estiloso em Blair, a sua franja cortada a direito, o casaco caqui, os ténis de lona branca. Falava com a sua filha tão pacientemente, fazendo-lhe perguntas bem formuladas, e agachava-se até ao nível dos olhos da menina, esperando atentamente para ouvir a sua resposta. Nada era retórico nem apressado. Whitney poderia tentar fazer o mesmo com Xavier, pensou. Poderia fazer uma pausa e ouvir, poderia tentar importar-se. Tal como fazia aquela nova amiga.

Ao contrário das outras mulheres, Whitney nunca tivera amigas que fossem mães. Não tivera tempo para isso com Xavier. Sentira pena de lhe faltarem esses vínculos sociais quando ia a almoços de trabalho e via um grupo de mães na mesa ao lado a desfrutarem do seu vinho e saladas, enquanto os respetivos bebés, do tamanho de Xavier, dormiam nos ovos aos pés delas.

E agora ali estava Blair, que parecia ansiosa pela companhia de Whitney. O facto de serem vizinhas exercia um certo encanto, por ser tão singelo e sadio. Tal como Blair o era. Um lembrete, ali mesmo, do outro lado da rua, de como a maternidade poderia ser vivida. Whitney estava entusiasmada com a ideia de serem amigas.

— Posso vir dar-te uma ajuda amanhã? Não me faz diferença. Não tenho nada programado.

Jacob, porém, começava a sentir-se melhor, e Louisa estava de regresso.

— E que tal apenas um copo de vinho? A tua filha pode brincar com o meu filho a seguir à escola.

— Gostaríamos muito. — Blair pegou em Sebastian, que estava ao colo de Whitney, e ajoelhou-se, para Chloe poder deixá-lo segurar-lhe no dedo. — Que sorte a tua em teres uma mãe assim, rapazinho — disse.

Whitney sorrira e a seguir virara-se.

Não era uma questão de sorte, nem pouco mais ou menos.

Blair

Blair está sozinha no átrio de entrada do hospital, com dois galões nas mãos, à espera de Rebecca, que lhe enviou uma mensagem para o telemóvel a dizer que iria ter com ela. Está nervosa por ir ver Whitney. Terá de transmitir conforto e confiança. Em prol de Xavier, terá de pôr de lado o que ficou a saber. Estão a contar com a sua ajuda e ambos precisam dela.

Rebecca esfrega rapidamente as mãos ao virar a esquina. Denota autoridade, com a sua impecável bata branca, os cartões de identificação pendurados ao pescoço. É uma sensação estranha vê-la fora da Harlow Street. Blair pousa os galões e abraçam-se.

— Devia ter trazido um para ti também, não pensei nisso.

— Não há problema. — Rebecca pousa a mão no ombro de Blair.
— Lamento imenso. Sei da proximidade das vossas famílias. Parece não haver melhoras. Acabaram de me dizer que estão preocupados com a pressão arterial dele. Ainda não há sinais de resposta.

— Sabes mais alguma coisa sobre o que terá acontecido?

— Ainda não, a não ser que a queda ocorreu entre as oito da noite, quando o Xavier se foi deitar, e a meia-noite, quando a Whitney o encontrou.

— Meu Deus, é impensável, um acidente destes. E em casa — diz Blair, abanando a cabeça. Interroga-se se será essa a palavra que todos estão a usar, «acidente».

Observa Rebecca à espera de uma reação, mas esta limita-se a assentir com a cabeça. Faz então um gesto para Blair a acompanhar. Mantém-se em silêncio no elevador e a caminho da UCI, com os olhos postos no telemóvel. Depois, sem olhar para cima, diz:

— Blair, sabendo que vocês são amigas chegadas, posso perguntar-te se a Whitney tem andado bem ultimamente? Quero dizer, de modo geral. Nada de preocupante, nada fora do habitual?

Blair abana a cabeça, observando os painéis de iluminação acima delas. Um caso — um caso com o seu marido seria preocupante.

— Nada de que me lembre. — Volta a abanar a cabeça. — Porquê?

— Tem andado completamente desligada, nada mais. Sem falar com ninguém. — Rebecca olha para Blair e, em seguida, passa o cartão de identificação para abrir as portas duplas. — Mas são coisas que podem acontecer, esse tipo de choque. Acho que a tua presença vai ajudar.

Fala discretamente com o médico no balcão de admissão e inscreve o nome de Blair. Esta agarra nas bebidas com demasiada força e a espuma irrompe das tampas, pingando-lhe as mãos. Convencera-se de que Xavier ficaria bem, que seria uma crise temporária, mas agora tudo parece precário. Percorre com o olhar o corredor de portas fechadas enquanto Rebecca lhe prende um cartão de visitante à borda inferior da camisola. Nada disto lhe parece real. Estarem na unidade de cuidados intensivos do hospital pediátrico. Xavier encontrar-se num desses quartos. Senta-se à espera numa fila de cadeiras cor de canela.

Ao longo dos anos, desde que começaram a morar na Harlow Street, já deve ter passado centenas de horas com os Loverlys e os filhos deles. O tempo de ócio que preenche a vida familiar, o vaivém diário que dá a conhecer o ritmo da semana. O que a outra família encomenda na noite de *pizza*, o toque dos telemóveis uns dos outros, como funciona o trinco na vedação lateral. O pijama preferido dos filhos de cada família. É isso que torna a amizade dela e de Whitney tão especial — essa familiaridade do mundano, o conforto de serem testemunhas da vida interior uma da outra.

O que só piora a situação — Whitney e Aiden. Mantém os olhos bem erguidos.

Pega no telemóvel e percorre as fotos de Xavier e de Chloe juntos. Do lanche que as duas prepararam para o aniversário dos gémeos, com a boca suja de sumo de uva. Da última vez que Xavier fora lá a casa, em que trouxera o seu jogo de xadrez. Blair reparara, mais uma vez, no desvanecimento do brilho que Xavier tinha quando era mais novo. Tornara-se tão carrancudo, pensara ela ao vê-lo a montar o tabuleiro de xadrez para jogarem.

— Gostas de jogar comigo?

O ceticismo na voz do rapaz abalara-a.

— Oh, Xavi, claro que sim! Divirto-me imenso com as tuas lições de xadrez.

Ele parara por um momento, a avaliar a sinceridade de Blair, e só sorria depois de ela sorrir. Blair interrogara-se então como é que ele se veria a si próprio. De que forma a perceção que tinham dele influenciava o seu estado emocional. Xavier colocara cuidadosamente o resto das peças. Lentamente. Ganhando tempo com ela.

O telemóvel de Blair toca três vezes na sua mão.

«Como é que ela está?»

«Alguma novidade sobre o X?»

«Estás bem?»

Blair olha para a primeira mensagem de Aiden e sente as entranhas novamente revoltas. Tem de se ocupar com tarefas úteis para manter o foco.

Irá verificar o estado do voo de Jacob.

Irá oferecer-se para fazer telefonemas a todas as pessoas que seja necessário manter a par.

Irá pedir a uma enfermeira para preparar uma cama para Whitney dormir um pouco.

Irá a casa buscar-lhe um cobertor macio e uma almofada de penas; já deveria ter pensado nisso.

— Mais uma vez, obrigada por teres vindo — diz Rebecca, sobressaltando-a.

— É o mínimo que posso fazer. O Ben disse que foste tu que atendeste o Xavi quando a ambulância o trouxe.

Rebecca cruza os braços.

— Sim. Fiquei chocada quando o vi.

— Tenho a certeza de que também é difícil para o Ben. Dá-me ideia de que se afeiçoou ao Xavi ultimamente — diz Blair. Rebecca parece confusa. — Refiro-me ao tempo que passam a jogar à bola no logradouro.

— Ah, sim. — Tal ideia, porém, parecia não ter ocorrido a Rebecca. — Anda. Eu levo-te lá dentro.

O cabelo na parte de trás da cabeça de Whitney está emaranhado devido à chuva do dia anterior. É a primeira coisa em que Blair repara. Demora alguns instantes a obrigar o olhar a desviar-se da amiga e a dirigir-se à cama onde está Xavier.

A cabeça dele é pequena e frágil em comparação com a quantidade de equipamentos médicos em seu redor. Parece uma experiência. Tem o rosto inchado e cinzento, as pálpebras brilhantes, os lábios grossos com vaselina. Uma ligadura castanha apertada atravessa a ponte do nariz e uma massa de tubos transparentes. O ar é bafiento e assético, e, embora o quarto esteja sombrio, Xavier é iluminado pela luz suave de uma lâmpada no teto. Um sinal sonoro constante. No tubo acumulam-se gotículas de fluido. O quarto parece

ao mesmo tempo calmo e caótico, dezenas de tomadas elétricas, caixas de luvas nas paredes, cartazes com avisos, sacos de líquido pendurados em varões junto à cama. Há um carrinho de suprimentos, palhinhas e seringas marcados com etiquetas, recipientes de água estéril, toalhetes, agrafos. Linhas brilhantes laranjas e vermelhas rastejam pelo monitor como o tráfego noturno da cidade.

Whitney não se mexe, com a mão sobre a do filho, as longas pernas cruzadas, calçada com sandálias de enfiar o pé. Os dedos dos pés estão arroxeados. Blair sabe que Whitney detesta ter frio. Deveria ter-lhe trazido umas meias. Atrás de si, ouve Rebecca a sair do quarto.

— Whit — diz Blair baixinho. Whitney, porém, não se mexe. Parece que nem a ouve. — Whit — tenta novamente.

Toca-lhe nas costas. Whitney está a tremer, de frio ou por outro motivo. Blair envolve-lhe os ombros com o casaco de malha que trouxe. Ajeita as mangas, para lhe descaírem elegantemente ao longo do corpo. Da forma que Whitney gostaria. Pousa as mãos nos ombros da amiga e curva-se, para aproximar o seu rosto do dela. É então que as suas faces se tocam. Whitney está sem perfume, sem chama.

Quando Blair se afasta para encarar o rosto de Whitney, repara que ela tem os lábios secos e gretados. Bálsamo labial, pensa Blair. Bálsamo labial e umas meias. É isso que lhe vai trazer no dia seguinte. Bálsamo labial, umas meias, a almofada dela. Loção. A bela loção facial do armário da casa de banho que cheira a rosas de jardim.

Blair olha para o chão. O telemóvel de Whitney está virado para baixo, abandonado debaixo da cadeira. Pensa nas mensagens não lidas que lhe enviou de manhã, a perguntar onde estava Xavier. Todos os *e-mails* enviados do escritório. Toda a gente a tentar entrar em contacto com ela.

Não é esta a mulher que esperava encontrar ali, a assumir o comando, a exigir segundas opiniões, a pesquisar no Google no telemóvel para corroborar tudo o que os médicos dizem. Parece oca.

Ouve-se um gorgolejo nalguma parte do corpo de Xavier, e Blair inala audivelmente antes de conseguir conter-se. Whitney, porém, não se mexe. Nunca a viu tão calada e inerte como agora. Nunca pára quieta, sempre com alguma tarefa, a interagir com alguém ou a pensar numa nova ideia.

Interroga-se se não estará a rezar. Se não estará a implorar a um poder superior que lhe salve o filho. Blair também não é uma mulher religiosa, mas seria o que estaria a fazer se Chloe se encontrasse naquela cama. A dor que Whitney deve estar a sentir. Volta a pousar a mão no ombro dela.

Whitney, porém, contrai-se. Inclina-se para a frente na cadeira,

afastando-se de Blair. Esta sustém a respiração enquanto Whitney abana a cabeça.

— Eu sei, Whit. Lamento imenso que isto tenha acontecido. Nem acredito. — As palavras saem-lhe com dificuldade. Não quer desatar a chorar novamente.

Whitney, porém, volta a abanar a cabeça.

— Não... não, não te posso ter aqui.

Blair fica atordoada. Percorre o quarto com o olhar.

— Queres que... me vá embora?

Whitney tapa o rosto com as mãos em concha, protegendo-se de tudo o que não seja o filho. A seguir assente com a cabeça. Começa a fungar com a garganta cheia de muco e expira compassadamente pela boca. Não quer Blair no quarto. Nem se digna a olhar para ela.

— Está bem. — A voz de Blair treme. Não quer obedecer. Não quer aceitar o significado de tudo aquilo. — Mas se houver alguma coisa que eu possa fazer...

— Por favor. Vai-te embora.

Blair vira-se para a porta. São unha com carne, amigas leais. Os rumores desagradáveis que irão circular, as conclusões que toda a gente irá tirar sobre o que aconteceu a Xavier... Será que Whitney não precisa dela? Quem é que ela tem mais?

E no entanto... Numa altura destas, seria difícil olhar Blair nos olhos, se anda enrolada com o marido dela. Se a presença de Blair junto a si lhe fizer ver quão horrível é como pessoa. Indigna do milagre de que precisa naquele momento.

Ao ver Blair a sair do quarto, Rebecca chama-a do corredor, mas ela estuga o passo e quando chega aos elevadores já vai a correr. Faz de conta que não ouve. Fazer de conta é com ela.

Whitney

Quarta-feira

Whitney está no escritório, na outra linha, quando a professora de Xavier volta a ligar-lhe para o telemóvel. E de novo. A urgência incomoda-a. Põe o cliente em espera e atende apressadamente.

— Para começar, Whitney, devo dizer que não é nada de grave, mas o Xavier não está a ter uma boa semana.

Whitney levanta-se; põe-se a andar pelo gabinete enquanto a chuva começa a tamborilar na janela do décimo andar. Não está a ter uma boa semana. Boa semana como? Ainda só é quarta-feira. Houve um teste de Matemática no dia anterior. Ele esteve a estudar com Louisa. Estava bem quando ela chegou a casa ontem à noite, estava como costuma estar sempre — cansado do dia, mal-humorado. Não disse nada a esse respeito. Louisa não mencionou nada.

— Anda cada vez mais calado, está a leste nas aulas. E houve um incidente no recreio esta manhã, quando outras crianças lhe chamaram nomes. São situações que não toleramos, isso podemos garantir-lhe.

Whitney pergunta quem são essas crianças. Sente-se afogueada, com um aperto no estômago. Alarga as mangas do *blazer* junto às axilas. A professora não pode dizer quem foi. Em vez disso, garante a Whitney que falaram com as crianças em causa. Que trataram do assunto.

— Mas como as férias de verão começam dentro de poucas semanas, sugeria que se empenhasse no fortalecimento da amizade de Xavier com os colegas de turma. Era bom que, no verão, ele tivesse um ou dois amigos com quem brincar. Para entrar com o pé direito no sexto ano, em termos de sociabilidade. Posso enviar-lhe os nomes de alguns pais...

Mas não. Whitney não quer os nomes de mais pais. Não tem vontade de ouvir as críticas veladas da professora. Percebe perfeitamente o que a mulher lhe quer transmitir: o seu filho não tem amigos; é um falhado. Já resta pouco tempo para inverter a situação.

Será que ela acha que Whitney não sabe disso? Será que julga que Whitney não consegue perceber isso sobre Xavier? É filho dela. É mãe dele.

Whitney sente um aperto na garganta. Não quer deixar extravasar as emoções. Já sabia que aquela escola pública da treta, na qual Jacob insistira, não era grande coisa. Aquela escola não assume qualquer responsabilidade. Xavier merece melhor. Há de encontrar uma escola privada para ele, para começar em setembro, com alunos mais simpáticos; a primeira coisa que vai fazer amanhã à tarde é pegar no telefone e falar com toda a gente que lhe puder meter uma cunha e há de doar tudo o que for necessário. O desempenho escolar de Xavier, por si só, não será suficiente para o admitirem, mas Whitney há de arranjar forma de o conseguir.

Agradece à professora. Demonstra o seu apreço pelo telefonema. Tem vontade de ir já até à escola e tirá-lo da aula, afastá-lo daqueles miúdos. Imagina as raparigas no refeitório a troçarem dele à hora do almoço, ao verem Xavier a comer de boca aberta — o filho já lhe tinha contado que às vezes apontam para ele e começam a cochichar sem que ele saiba o motivo. Ela já lhe disse, vezes sem conta, que fechasse a boca enquanto mastiga. Fica destroçada ao pensar que troçam dele daquela forma. Que ele se sente rejeitado.

Os nomes de alguns pais. Pensa novamente no churrasco de setembro. Que, desde então, pouco mais soube das outras mães de alunos do quinto ano. Nas fofocas de grupo das quais foi excluída. Como dói. Esperara um convite para alguma coisa nalgum momento, que uma delas entrasse em contacto. Contudo, nada recebera a não ser silêncio.

E a seguir pensa no que Jacob lhe dissera ao telefone naquele dia. Que não deveria ter ido a Londres. Como se ela não fosse suficientemente capaz. Não é frequente Jacob verbalizar juízos de valor sobre ela, mas eles estão lá. No seu silêncio frio depois de ela perder a paciência com os miúdos, na forma como os puxa para si, lhes envolve a cabeça com os braços enquanto olha para ela, como se desejasse que, naqueles momentos, ela não estivesse presente.

Como se achasse que ela não é confiável.

Whitney deveria, por uma questão de segurança, cancelar os seus planos para esta noite.

Bate com o telemóvel no tampo da secretária.

Do lado de fora da porta do seu gabinete, Grace ergue dois dedos. Faltam dois minutos para a última reunião da tarde. Whitney recolhe a agenda, o bloco de notas, o telemóvel. O ecrã está rachado, onde se vê uma fotografia de Jacob e dos três miúdos na praia, que ela tirou o

ano passado. Os fatos de banho às riscas, a condizer. O cabelo aos caracóis, salgado. Deixa o telemóvel em cima da secretária. Para já, vai deixar de pensar na família.

Mara

Mara aprimorou-se na leitura labial. É um talento que as pessoas solitárias desenvolvem. Todavia, naquele dia, na calçada de acesso, Ben estava de costas para ela quando falou com Blair logo depois de esta ter saído de casa dos Loverlys. E Blair tinha a mão em concha a tapar a boca. Parecia estar em choque. Algo está a acontecer na casa ao lado, e Mara está satisfeita por ter tido um palpite durante toda a manhã. Está irritada por não ter visto Rebecca a sair de carro enquanto preparava o lanche de Alberto — era a sua oportunidade.

O melhor é ir dar uma volta durante uma hora para desanuviar a cabeça, senão aquilo vai consumi-la o dia todo. Ir buscar umas batatas para o jantar e esticar as pernas. O problema é que, se sair, poderá perder mais alguma coisa, e não há de haver ninguém que lhe venha contar o que está a acontecer. O melhor é ficar por ali. Vai acabar de tratar da roupa na cave e depois voltará para o alpendre, para ver toda a gente a regressar a casa.

Enquanto dobra a roupa, pensa na altura da sua vida em que se sentia amarrada à casa de uma forma diferente. Em prol da família que precisava dela. Durante anos a fio foi o árbitro num ringue de boxe, com combates desiguais. Apenas um deles sabia dar um soco, embora esses socos nunca tenham sido físicos. De alguma forma, porém, isso acabou por piorar as coisas. Era muito mais difícil proteger o filho das palavras de Alberto. Do impacto emocional que exerciam no filho. Ainda assim, Mara tentou.

Já não consegue evocar a sensação de sufoco provocada por aquele nível de responsabilidade. Pela obrigação interminável. Leva a mão ao pescoço, lembrando-se da dificuldade que, por vezes, tinha em respirar. Da dor que sentia no peito. Puxa uma pele flácida que dá a sensação de não lhe pertencer.

Na altura, vinha também sentar-se no alpendre, quando o fardo era demasiado pesado. A meio da noite, enquanto dormiam, aconchegava-se no seu roupão e acendia um dos cigarros de Alberto. Havia algo na primeira passa que lhe dava uma espécie de permissão. Podia satisfazer o seu lado mais sombrio, o lado que não conseguia

encarar quando o hálito doce do filho lhe fazia cócegas na orelha ou quando sentia o cheiro do creme que ficara nos cantos da boca dele. Nunca mentia quando dizia que era uma bênção ter o filho que tinha. Que ele a iluminava. Fazia-a sentir-se completa.

Durante todos aqueles anos, porém, outra verdade ardia-lhe também no íntimo, a verdade que nunca teve a coragem de verbalizar. Que se sentia agastada. E ressentida. Por ter um filho que precisava dela daquela forma. Pelo tipo de mãe que ele precisava que ela fosse. Pensar nisso agora sufoca-a. A exaustão de carregar aquele fardo todos os dias, minando a resiliência de que dependia para sobreviver, enquanto dava e amava e escutava desesperadamente a sua voz como o vento que assobia entre as árvores.

Foi nessa altura que deixou de olhar Alberto nos olhos. Ficava aterrorizada com o que ele poderia reconhecer nela. Ao contrário dele, Mara não podia dar-se ao luxo de se transformar numa pedra.

O amor que sentia por Marcus podia deixá-la de rastos. E foi o que aconteceu, algumas noites, ali mesmo no alpendre, sobre as tábuas envernizadas de pinho. Algumas noites, o amor, a raiva e a injustiça de tudo aquilo doíam tanto que Mara seria capaz de jurar que as mãos de alguém lhe agarravam o pescoço. Estendia as suas para as sentir. Nunca se refugiava nas lágrimas.

Agora, sobe as escadas da cave com o cesto de roupa dobrada apoiado na anca dorida. Pousa-o na bancada da cozinha ao lado das escadas e repara que falta o recipiente na cafeteira. Sente, porém, o forte cheiro do café. Vira-se. Alberto está deitado no chão de linóleo, com as calças encharcadas numa poça castanha.

Mara agacha-se e leva as mãos a ambos os lados da cabeça do marido. Alberto está consciente, mas, ao encará-la, parece não dar pela sua presença. Mara dá-lhe pancadinhas nas faces, sem saber o que fazer. A parte superior do corpo dele parece tensa. Ela tenta atabalhoadamente pegar nalguma coisa, para fazer alguma coisa, sem perceber exatamente o quê. Corre para o telefone na divisão contígua.

— Uma ambulância, para o meu marido. Está deitado no chão da cozinha, não consegue falar.

Mal consegue entender o que o operador lhe procura transmitir, que deve ficar com ele, verificar-lhe a respiração, e o pânico apodera-se dela, não consegue perceber o que fazer a seguir. Pousa o auscultador na mesa lateral e volta para junto do marido.

— Alberto? Consegues ouvir-me? Vem aí uma ambulância. Não sei o que fazer mais.

Molha um pano de cozinha e limpa-lhe o suor da testa. Ajoelha-se

ao seu lado, sentindo os joelhos artríticos a arder, e ergue-lhe a cabeça, pousando-a no seu colo. Ouve uma voz provinda do auscultador no compartimento contíguo, tão fraca que não consegue perceber o que diz. Tenta raciocinar se já passaram alguns minutos ou apenas alguns segundos desde que ligou para o número de emergência e se, quando começar a ouvir as sirenes, a porta da rua estará destrancada. Conseguirão subir as escadas e transpor o vão da porta com uma maca? Caberá na porta? Serão eles a levá-lo lá para fora?

Entretanto, Alberto baixou ligeiramente as pálpebras. Ela leva a mão à boca dele e, em seguida, coloca um dedo sob o seu nariz, sem ter a certeza de conseguir sentir alguma coisa. Não tem a certeza.

O seu pensamento saltita entre o ruído estático do auscultador do telefone, o peso da cabeça de Alberto no seu colo e o cheiro do café. Nunca mais vai preparar nenhum café. Fecha os olhos e não volta a abri-los até ouvir as sirenes. Olha para a porta e fica à espera de que aconteça alguma coisa. Batem à porta antes de a abrirem, e o chão treme com o peso dos passos deles, das enormes botas pretas que vêm na sua direção. Mara cai para trás, afastando-se de Alberto, rasteja como uma lesma para o canto do chão da cozinha. Não sabe como há de responder às perguntas deles. Cortam a camisa de Alberto com uma tesoura e põem-lhe eléktrodos na pele. Vem-lhe à cabeça a ideia de rasgar a camisa dele em trapos para as suas limpezas, como faz com qualquer peça de roupa esfarrapada. Os quadrados de flanela encharcados a absorver o derrame depois de eles saírem.

Parece que estão a tratar dele há horas. E, a seguir, há minutos. Impera uma calma na cozinha que Mara não consegue entender, tão pouco barulho. É quase superficial. Descontraem-se. Um dos paramédicos pergunta se está mais alguém em casa. Ela abana a cabeça. Não está mais ninguém.

— Tem alguém que possa ajudá-la neste momento? Filhos ou...?

— Não — responde Mara. — Não tenho família.

— Um vizinho, talvez?

Ela abana a cabeça.

Aproximam-se um do outro para Mara não os conseguir ouvir. Um deles parece estar a tentar convencer o outro sobre o que devem fazer a seguir, gesticula para Mara, que se encontra no chão, percorre a cozinha com o olhar. Mara, de um momento para o outro, sente-se envergonhada, como se eles pudessem sentir o cheiro da sua solidão. Como se pudessem constatar a miséria da sua vida na bancada manchada, na mesa com apenas duas cadeiras, na porta nua do frigorífico. Sem fotografias. Sem ímanes. O outro sai à rua, falando para o rádio que traz ao peito. O primeiro paramédico ajoelha-se junto

a Mara, que está encostada às gavetas da cozinha.

— Não podemos fazer mais nada. Lamento. — Mantém as luvas azuis calçadas. Limpa a testa com o antebraço. Mara acena com a cabeça. Ele ajuda-a a levantar-se e a sentar-se na cadeira da cozinha. — Podemos ligar para o médico-legista, e a seguir terá de tratar de tudo com uma funerária à sua escolha. Terão de vir buscar o seu marido. O que poderá levar algum tempo. Provavelmente o dia todo. — Volta a percorrer a cozinha com o olhar, observando toda aquela sujidade no chão. — Ou podemos levá-lo para o hospital, provavelmente o Sinai, onde tratarão de tudo. Não deveríamos transferi-lo num caso destes... mas, se isso a ajudar...

O médico-legista. Alberto, molhado, manchado, deitado no chão da cozinha, a ficar frio. Mara interroga-se se o cobrirão com alguma coisa caso o deixem ali. Se ele irá recobrar vida. Se irá começar a cheirar mal. Se tudo aquilo aconteceu mesmo.

Responde que a solução do hospital seria a melhor.

O paramédico pergunta-lhe se ela deseja acompanhá-los, se quer ir buscar as suas coisas primeiro.

— Acho que vou ficar.

O outro paramédico está de volta com a maca, que cabe sem problemas na porta, e começam a enfiar correias e a mover alavancas. Mara prefere não olhar enquanto o levam dali para fora. Senta-se à mesa da cozinha e fica à espera de ouvir novamente as sirenes quando eles abandonam o local, mas, desta vez, não as ligam. Ele estava ali, estava vivo. Há apenas trinta e cinco, quarenta minutos. Ainda se ouve o zumbido do frigorífico. A janela da cozinha está aberta, deixando entrar o eco da cidade. Alberto partiu e Mara é a única testemunha até ao fim, e tudo parece impossivelmente normal.

Nada como o dia em que perdeu o filho.

Rebecca

Deixa-se ficar no corredor, à porta do quarto de Xavier, e observa Whitney com o filho, interrogando-se por que razão Blair terá saído tão apressada. Um enfermeiro, Leo, que normalmente trabalha consigo na sala de urgências, está escalado para a unidade de cuidados intensivos esta semana. O seu turno está quase a terminar. Leo postase ao lado dela, esfregando lentamente desinfetante nas mãos. Rebecca gosta de Leo. Aquando da sua primeira gravidez, ele reparara que ela deixava arrefecer, intocados, os cafés que ele lhe trazia.

Quando regressara ao trabalho dois dias após a primeira perda, com discos de amamentação no *soutien* para absorver a secreção de líquido dos mamilos, Leo cumprimentara-a no início do turno dela, como fizera durante semanas: «Como é que está a mãe e o bebé?» Rebecca só conseguira abanar a cabeça enquanto observava os seus dedos a digitarem a palavra-passe para iniciar a sessão no computador. *Não, por favor, não me faças essa pergunta. Não, o bebé já não está cá.*

Rebecca tentara impedir que a testa se franzisse. Pensava que ficaria bem. Leo entendera imediatamente. Pousara-lhe uma mão delicada entre as omoplatas e fizera tudo para que ela não precisasse de explicar a mais ninguém o que acontecera. Ninguém lhe dissera uma palavra. Leo tivera a melhor das intenções.

Nas vezes que se seguiram, os colegas de Rebecca poderão ter reparado que ela estava grávida, mas ninguém referia o assunto. Sendo assim, como poderia ela fazê-lo? *Como é que estou hoje? Muito bem. Mas ontem estava grávida, e agora já não estou. E vocês, como estão?* A regra do silêncio de três meses faz com que as pessoas evitem falar desse tipo de perda. As gravidezes não deveriam ter uma importância que justificasse que toda a gente em seu redor se sentisse constrangida.

Agora, à porta do quarto de Xavier, Leo informa-a de que ouviu dizer que o avião de Jacob não tardará a chegar.

— Será que acham que ele poderá ter saltado?

Diz a última palavra em surdina. Saltado. Caído. Perdido o

equilíbrio. Rebecca não tem a certeza do que estão a considerar. Já não faz parte do seu círculo de cuidados, pelo que a mantêm à distância, embora ela também tenha feito questão de não saber mais. Sim, trata-se de um rapaz de dez anos, e os acidentes graves com crianças são mais frequentes do que se pensa. Os pais, porém, também mentem. Protegem-se, pois pensam que aprenderam uma lição e não voltarão a cometer o mesmo erro.

Os gritos, os berros que ela ouvira vindos daquela casa. E o facto de Jacob ter estado fora ontem à noite. Interroga-se se os agentes da Polícia presentes no corredor do serviço de urgências teriam concordado em voltar mais tarde caso aquela mãe branca com a cabeça nas mãos tivesse outra aparência. Uma que não estivesse associada a todo o tipo de privilégios. No entanto, fora Rebecca a fazer um gesto de apaziguamento à enfermeira, a mostrar solidariedade no semblante para que os agentes se limitassem a assentir com a cabeça e seguissem pelo corredor. Decidam isso, sim, isto pode esperar, está tudo bem.

— Acho que não passou de um acidente — diz Rebecca a Leo. — Um rapaz que não conseguia dormir. A testar os limites da gravidade. — E é provável que tenha sido mesmo isso. Não tem nenhuma razão factual que a leve a especular o contrário.

Liga a Ben enquanto regressa à sala de urgências. Não há melhoras, diz-lhe. A equipa de assistência não lhe fez nenhuma atualização positiva. Whitney continua remetida ao silêncio. Como se já estivesse de luto. Rebecca anda nisto há mais de dez anos e ainda tem dificuldade em entender como é que os pais conseguem lidar com este tipo de situação.

— Ben? Estás a ouvir-me? — Interroga-se se não terá ficado sem rede. Até agora Ben não proferiu palavra.

— Sim. Sim, estou a ouvir-te.

Rebecca também está a pensar nisso, que não têm filhos. Como sempre. Nunca lhe perguntou: *Pensas nisso todos os dias? Desvias o olhar quando passas pelo baloiço no parque? Ouves o eco dos meus gemidos através do chão da casa de banho todas as manhãs enquanto esperas que venha a água quente?*

Ben diz-lhe que a ama.

Rebecca diz-lhe que tem de ir.

Blair

A voz sonora de Aiden chama por Chloe da porta da rua, mas esta já pulara da cadeira quando ouviram a maçaneta a rodar. Blair aquece o prato do marido, tentando não se irritar com o facto de o molho, agora, ir ficar pastoso. Há coisas mais importantes a acontecer do que um jantar estragado. Consulta o telemóvel de poucos em poucos minutos, ansiosa por uma atualização sobre Xavier. Ou por uma mensagem de Whitney a pedir desculpa — a dar-lhe uma explicação para o facto de a ter despachado, tirando aquela que consome todos os pensamentos de Blair.

A chave está lá em cima, na sua gaveta, o seu peso palpável por cima da cabeça de Blair.

Em prol desta noite com Chloe, tem de pôr tudo de lado durante as próximas horas. É exímia a esconder este conflito interno, a executar mecanicamente os movimentos enquanto pensa o pior de Aiden. Está a contar com uma reaproximação depois da visita dele à loja naquela manhã. Ele normalmente esquece os problemas facilmente.

Neste momento, porém, Aiden praticamente não mantém contacto visual com ela. Só está concentrado em Chloe. Concordaram em não lhe contar hoje onde Xavier se encontra, só na manhã seguinte, na esperança de receberem mais informações. Aiden faz uma série de perguntas em catadupa a Chloe sobre o dia dela. Adoram esta energia que recebem um do outro. *E depois... e depois...* Há sempre mais coisas que Chloe quer contar-lhe. Chloe adora ser o recetáculo da inesgotável exuberância do pai. Aiden adora as partes fáceis.

Chloe começa a tossir, e Aiden empurra a cadeira para trás.

— Vou buscar-te um copo de água. O pai já percebeu — diz ele.

Blair está de pé mesmo junto ao lava-louça. Sente o marido a mexer-se à sua volta, o copo de plástico a mudar de mãos, o toque na torneira. Aiden só enche o copo quando a água começa a correr fria, tal como Chloe gosta.

Tinham ido ao México em março passado. Não conseguiram três lugares juntos no avião, pelo que Blair ficou sentada com Chloe na fila

atrás de Aiden.

Entreteve a filha durante duas horas com jogos de cartas e várias rodadas do jogo «Vejo, vejo». Quando faltavam trinta minutos, Chloe perguntou-lhe se podia sentar-se ao lado do pai. Trocaram de lugar, e Blair acabou por fechar os olhos. Passado algum tempo, acordou e ouviu a voz alegre de Aiden atrás de si:

— Ora aqui tens, querida. O pai cuida de ti, não é verdade?

Blair pensou na hospedeira de bordo a preparar a *pizza* pequena no micro-ondas. A trazê-la até ao lugar de Aiden, a passar o cartão dele pela máquina de pagamento. Sentira vontade de se virar e enfiar a cabeça entre os assentos. *Não. Não cuidaste dela coisa nenhuma. Dormiste uma sesta e estiveste a jogar póquer no telemóvel e só fizeste a tua mala de mão. Não tomas conta dela. Eu é que tomo! Eu é que faço tudo. Tu só pediste uma pizza de um menu a bordo!*

Em vez disso, porém, olhou para o seu reflexo no ecrã digital preto no assento à sua frente. Nem valia a pena falar no assunto. Tinham seis dias de férias pela frente. Ouvira um dia um terapeuta a dizer num *podcast* que a nossa cara-metade deveria acalmar o nosso sistema nervoso. Nunca deixou de pensar nisto — a forma como a própria presença de Aiden a fazia sustar a respiração.

Agora, Chloe, sentada à mesa da cozinha, bebe a água. Blair coloca o prato com o jantar de Aiden no individual à frente dele.

— Mãe. Não cumprimentas o pai? — O tom de voz de Chloe está alterado.

Blair sente o peso da reprimenda. Durante anos a fio, viu a sua própria mãe a pousar com força pratos de frango frio à frente do pai. Era a tensão que sentira todas as noites.

— Claro que sim! — Sorri. Inclina-se para beijar os lábios rígidos de Aiden. — Como te correu o dia, amor?

— Muito bem. — Aiden nem olha para ela. Em vez disso, aproxima a cadeira da mesa e sorri para Chloe, que tem os olhos cravados na mãe.

Em seguida, retomam os dois o que estavam a fazer. Blair arruma a bancada e fica à escuta.

Não consegue imaginar uma vida desprovida daquelas conversas entre pai e filha. Chloe ri de forma diferente quando Aiden está em casa. Canta mais. Diz mais tolices.

Blair começa a magicar numa cena que poderá ser o seu futuro. O saco de viagem que teria de preparar para Chloe. A batida na porta do apartamento quando Aiden vem buscar a filha. Ter de ver as roupas

novas dele, o novo corte de cabelo. Ter de enfrentar a felicidade que Aiden encontrou sem ela, ali no vão da sombria porta do apartamento dela. O trinco de segurança que as mulheres usam quando sentem que ninguém as protegerá. A repetição opressiva da solidão crónica, o silêncio ensurdecedor de horas a fio sozinha, contra a sua vontade. A roupa de Chloe com um cheiro diferente quando regressa da casa do pai. O cuidado com que Chloe responde à curiosidade inerente às suas perguntas. O que as pessoas vão pensar dela. Como se sentirá constrangida.

Não tem a certeza se ficaria menos agastada do que está agora.

Estão a chamá-la. Querem contar-lhe uma piada que inventaram. Chloe pede então sorvete com granulado.

Blair passa a colher de gelado por água quente e ouve-os a negociar quantas vezes vão jogar ao jogo da força antes da hora de dormir. O vapor da água embacia a janela acima do lava-louça. Blair transfere o gelado, bem compactado, para o cone. Espalha o granulado colorido por cima.

A boca do marido no mamilo de Whitney. A adrenalina que ele sentiria ao olhar para o ânus dela, escuro e apertado, enquanto a fode por trás. Sem vontade de se separarem quando têm de ir para casa. A sentirem mais pena do que culpa quando veem Blair, com as suas calças de ganga esticadas. Os seus seios, que parecem sacos de areia debaixo da camisa. O não fazer ideia.

Entrega o cone a Chloe e, a seguir, faz outro para Aiden.

Quando volta a colocar a embalagem de cartão no congelador, repara no telemóvel de Aiden em cima da bancada da cozinha. Vira-se de costas para eles.

O seu coração dispara cada vez que digita a palavra-passe dele. Nada disto lhe faz bem. Esta colisão de medo e antecipação. Não quer encontrar uma coisa que depois não seja capaz de esquecer. Não quer que este seja o último segundo no prelúdio da vida deles. É aterrorizador e é viciante, e Blair nunca consegue convencer-se a não o fazer.

Percorre rapidamente o ecrã, procurando o nome de Whitney nas SMS enviadas por ele e, a seguir, a caixa de *e-mail* e, logo depois, a aplicação de mensagens instantâneas e, por fim, as chamadas recentes. Seria normal Aiden telefonar-lhe, enviar-lhe uma mensagem para saber se ela está bem. Contudo, não há nada além de conversas inócuas com os amigos.

Volta a pousar o telemóvel na bancada e puxa a camisa afastando-a da humidade nas axilas. O alívio é um anestésico, por enquanto.

Chloe está a chamá-la. Blair tem de estar com eles. Tem de

participar no jogo.

Tenta novamente. Põe-se atrás de Aiden, de pé, e pousa as mãos nos ombros dele. Aiden puxa-a para baixo, de tal modo que a cabeça dela fica ao lado da dele. Esfrega o seu rosto no dela, e ela sente na face a aspereza da barba por fazer daquele dia, cheira o remanescente do *aftershave*. Aiden ergue o seu cone em direção à boca dela, uma oferta. Blair sente Chloe a observá-los. Como que desconfiada. Blair lambe o gelado.

Será que Chloe pressente o desmoronamento da sua base de apoio? Irá porventura acordar um dia e deixar de se sentir tão segura como nos últimos sete anos? Blair pensa no coração da filha, intacto e impressionável. Não pode fazer-lhe uma coisa destas. Tenta desesperadamente não o fazer. Deve-lhe mais e assumirá qualquer custo.

O ressentimento e o aconchego podem coexistir. O desespero e todo aquele amor. Blair dá ao marido um leve beijo no canto da boca. E a seguir outro. Vê a satisfação no rosto da filha e a seguir baixa o olhar para o jogo da forca.

Rebecca

Ainda só são sete da tarde, mas Rebecca precisa de encontrar um sítio onde se possa deitar. Consegue sentir a tensão nas costas após escassas horas de pé. Cada pequena dor deixa-a nervosa agora. *Vai-te embora, vai-te embora*. Avisa o interno do turno que voltará dentro de vinte minutos e descobre uma sala de plantão onde pode descansar.

Consegue vê-la às vezes quando fecha os olhos. O primeiro. Era do tamanho de uma romã, dizia a aplicação, na semana em que a deixou, embora parecesse maior nas suas mãos. Medem-na no útero do alto da cabeça até ao rabinho, como se as pernas do bebé, completamente formadas com cada osso, com dez dedos minúsculos, não importassem ainda. Pensa na toalha das mãos em que a envolveu, suja da maquilhagem que tirara do rosto algumas horas antes, no final de um turno de dezanove horas. No que o bebé terá sentido ao sair dela. Na sensação física da protuberância a atravessá-la. Não consegue esquecer essa sensação.

Ainda não tinham escolhido um nome. E nada fizera sentido depois de a ter visto. É difícil escolher um nome do nosso agrado que nunca vamos chegar a proferir.

Não quer pensar nisso agora, a meio de um turno.

O aborto espontâneo, porém, é mesmo assim. Não é um episódio, algo que tenha acontecido uma vez e terminado. É um processo que não tem fim, que persegue uma mulher através dos seus dias e dos seus sonhos; irá desfrutar de frações de segundo em que esquecerá, em que o cérebro conseguirá sentir ainda a gratificação de ter aquele bebé, até se lembrar de que o bebé já não é dela, há dias ou mesmo semanas que não lhe pertence. Haverá sangue a encharcar-lhe os lençóis e um odor que não consegue reconhecer. Haverá consultas em que vão examiná-la, para se certificarem de que terá expelido tudo; caso contrário, o que sobrou dessa vida poderá provocar-lhe a morte. Pensará em si própria como um recipiente que só consegue expulsar, que nunca mais encontrará prazer em ser penetrado.

Rebecca deitara-se na cama após a primeira ocorrência, só conseguindo sentir o calor da raiva. Enganada sobre o que pensara ser

dela durante quase dezoito semanas. Não sabia que era tão forte o desejo de ter aquele bebé até perceber que não o podia ter. Todavia, não havia ninguém a quem pudesse gritar na cara, que pudesse convencer a devolver-lhe o que lhe era devido. E quando a ira se transformou em tristeza, só conseguia pensar na mãe. Como seria insuportavelmente penoso dizer-lhe que o bebé partira.

Ben sentira-se destroçado, mas a seguir mostrara-se otimista. Pouca sorte, dissera da primeira vez, quase despreocupadamente. Vamos voltar a tentar. Como uma segunda oportunidade no seu jogo de golfe.

O segundo feto caíra na sanita numa massa de lenços de papel. Rebecca estivera a sonhar com os membros do bebé a pender do seu corpo no corredor de um sombrio bloco de partos quando acordou com a sensação de contrações. As dores cresceram ao longo das horas que se seguiram, enquanto Rebecca se mantinha no duche, agachada, vestida com a camisa de dormir, até sentir que estava na hora.

Em seguida, deitou-se, molhada, no chão frio de azulejos, até Ben entrar na casa de banho e a trazer novamente para a cama. Pediu ao marido para não puxar o autoclismo, e Ben abanara a cabeça, acedendo ao seu pedido.

Assim que ele adormeceu, Rebecca tirou o feto da água cor-de-rosa da sanita. Parecia um peixe dourado na palma da sua mão. Tocou-lhe com o dedo, o viscoso primórdio de vida. Enfiou-o num saco de plástico para sandes, colocou-o debaixo do lavatório da casa de banho numa pilha de rolos de papel higiénico e ficou à espera de que amanhecesse, sem adormecer. Naquela semana, estava a fazer turnos diurnos. Tomou um duche, vestiu-se e, ao nascer do Sol, trouxe o saco para o logradouro desguarnecido da casa nova, o logradouro que deveria estar atulhado de triciclos e de brinquedos para a caixa de areia. Cavou um buraco tão fundo quanto conseguiu junto à vedação de pinho, com a madeira ainda clara e fresca e a cheirar a floresta, e enfiou lá dentro o saco de plástico com o feto. Cobriu-o de terra, compactou-a firmemente e a seguir pôs-se a caminho do hospital, com as mãos sujas ao volante do *Prius*. Quando lá chegou, lavou-as no lavatório de aço de uma sala de operações vazia.

O terceiro deixou-a na casa de banho do pessoal durante um turno atarefado, na mesma semana de gravidez que o segundo. Foi rápido, como uma evacuação intestinal, como se o seu corpo estivesse a habituar-se a livrar-se de qualquer vida que não fosse a sua. Sangrara no dia anterior, mas, com dores tão leves, convenceu-se de que era cansaço nas costas, algum músculo tenso. Durante duas horas, talvez três, lá foi acreditando que o mal-estar se devia apenas a isso.

Introduziu a massa, embrulhada em papel higiénico, num saco de amostras da sala de suprimentos, que enfiou no bolso da bata branca. Regressou ao posto de enfermagem para perguntar onde é que precisavam de ajuda a seguir. Quarto 11. Abriu a cortina, mas não foi capaz de esboçar um sorriso.

— Então, diga-me — dissera, puxando um lado do estetoscópio para o ouvido. — Quando é que começou a febre?

De manhã, a caminho de casa, parara na clínica de fertilidade e ficara no parque de estacionamento à espera de que abrisse. Iriam testar o feto. Os resultados não revelaram nenhuma anomalia genética. A vida tinha uma oportunidade, mas não dentro dela. Chegada a casa, foi direitinha ao logradouro e pôs-se a olhar para o local onde enterrara o primeiro.

Ben viu-a a entrar pela porta das traseiras e perguntou-lhe por que razão estava lá fora. Rebecca não respondera. Fora até ao frigorífico, tirara um pão e pegara no primeiro utensílio que lhe aparecera à frente. Enquanto tentava espalhar a manteiga de amêndoa com um garfo, calculou as datas de cabeça, para descobrir quando é que poderia engravidar a seguir. Poderia voltar a ovular dentro de quinze dias, era tecnicamente possível, faria um teste todos os dias com o *kit* de ovulação. Os dias entre as perdas e a altura em que pode tentar novamente são longos e vazios. Não têm sentido para ela.

Ben perguntara-lhe novamente o que estava a fazer lá fora. Rebecca limitara-se a abanar a cabeça. A seguir abanara-a novamente. Queria livrar-se dos marcos que traçara no calendário, novamente, como uma tola: final de setembro, altura em que chegaria o bebé e a temperatura lá fora estaria ideal para passear. Dezembro, altura em que passariam férias na quinta, a passear pelos campos cobertos de neve com os outros miúdos, o bebé enfiado num porta-bebés ao peito. Fevereiro, altura em que ela começaria a regressar lentamente ao trabalho, três dias por semana, talvez quatro. Julho, altura em que iriam de férias em família pela primeira vez para a zona litoral com a mãe dela. Longas sonecas sob o guarda-sol com a avó. Pés rechonchudos na maré.

Ben afastou-a da bancada e tirou-lhe o garfo da mão.

— É o bebé?

Rebecca nunca conseguia responder, mas ele já sabia. Chorava baixinho no pescoço dela, mas Rebecca não podia chorar com ele. Não conseguia encontrar qualquer emoção.

Da quarta vez que esteve grávida, Ben limitou-se a assentir com a cabeça quando Rebecca lhe mostrou a vareta. Já não havia nada que parecesse um milagre de alegria. Cada dia que passava parecia um

perigo, como se vivessem no gume de uma faca. Rebecca pediu ao tempo para andar mais depressa.

Faltavam doze dias até à marca das dezoito semanas quando Rebecca viu a mancha no papel higiénico. Marcaram-lhe uma dilatação e curetagem para praticamente uma semana depois, com a maior urgência possível, e, durante esses cinco dias, ficou com os seios doridos e o cansaço da gravidez deixou-a de rastos. O seu corpo estava confuso, ou talvez não conseguisse expelir.

Queria tirá-lo de dentro de si. Era o único pensamento que acalentava enquanto os dias iam passando. Aguardava ansiosamente pela agulha intravenosa na mão, pelo estado alegremente inconsciente da sala de operações. A faixa entre a touca e a máscara por onde espreitam olhos indiscerníveis, as ferramentas de aço frio, as luzes ofuscantes, o cheiro mordaz do iodo. A raspagem impecável de cada última célula inviável. O alívio de não ser obrigada a ver, desta vez, o que crescera dentro de si.

— Parece estar tão calma — dissera-lhe Ben com a voz sumida, mudando de posição no seu assento na sala de espera pré-operatória. O que quisera dizer era que ela não estava a chorar, como seria de esperar. Como a mulher que se encontrava duas filas à sua frente. — Acho que é por seres médica, por estares habituada a estas andanças.

Mas não. Era por ter passado por aquela decepção vezes sem conta, de tal forma que estava preparada. Já tinha vivido aquele exato momento.

Limitara-se a assentir com a cabeça. *Sim. O meu coração frio e clínico já está habituado a isto.*

Quando, na verdade, não queria falar sobre o assunto, só lhe apetecia gritar. Todavia, não havia para onde ir, nenhum espaço vazio que pudesse conter esse tipo de raiva.

Ben mal abrira a boca nos dias que se seguiram a cada uma das perdas. Nunca lhe perguntou o que acontecera aos bebés que a deixaram. Por isso, não tinha de atualizar mentalmente a contagem, como Rebecca fazia: um no próprio logradouro, dois em caixotes de lixo médico e um na gaveta de baixo da cómoda, num saquinho de plástico do forno crematório.

Os fetos tinham-se perdido, e a forma como Rebecca se compreendia a si própria à medida que cresciam dentro de si mudara. Como mãe. Como uma pessoa nova. Amava aquela mulher — era aquela mulher que queria ser.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

O olhar de Aiden salta dos seios de Whitney, enquanto esta dança, para o balde de gelo que Jacob pousa sobre a mesa. Blair está abalada. Move-se lentamente enquanto o ar se escoia do seu corpo. Desloca-se discretamente para trás, para o sofá do pátio, e clareia a garganta. É uma coisa que detesta nele, o facto de estar sempre a olhar para mulheres atraentes da forma que outrora fazia em relação a ela, provavelmente imaginando-as nuas. É uma falta de respeito. Estica o pescoço para procurar Chloe e Xavier, tentando distrair-se e disfarçar a humilhação estampada no rosto. As lágrimas assomam-lhe às pálpebras.

Aiden parece aperceber-se desta alteração do estado de espírito de Blair. Faz-lhe sinal para que se aproxime — anda cá, senta-te aqui ao meu colo. Como se fossem adolescentes. Como se estivessem apaixonados. Como se fosse Blair a mulher que ele quer foder. *Oh, vai-te foder.* Apetece-lhe dizê-lo em voz alta. Contudo, Jacob e Whitney também estão a observá-la, pelo que vai ter com ele como deve ser. Cinge-lhe o pescoço com um braço rígido e pensa em todo o ódio que nutre por ele. Espera não se desfazer em lágrimas.

É então que uma mulher na qual Blair reparara antes, alta e ágil, com óculos de sol cómicos de tão grandes e calções mais parecidos com roupa interior, vem interrogar Whitney e Jacob sobre o fornecedor dos comes e bebes. Aiden parecia ter notado a presença da mulher quando ela entrou no logradouro, como um cão a farejar algum odor que pairava no ar — queixo erguido, cabeça ligeiramente para a esquerda, atenção dispersa. Será que mais alguém vê a avidez no rosto dele que Blair deteta sempre?

Era assim, porém, que ela vivia no que dizia respeito ao seu casamento. Em estado de alerta. Habituara-se a detetar perigo em qualquer sítio que atraísse o seu olhar. «Estás a exagerar», dizia-lhe Aiden. «Não estás boa da cabeça.»

«Eu não sou o teu pai.»

Whitney mostra-se melosa e desfaz-se em atenções com a mulher,

que é namorada do amigo de faculdade de Jacob. Não vivem na zona, e Blair sente-se incomodada por estarem infiltrados num churrasco de bairro, por ficarem até tão tarde. Suspeita que se tenham feito convidados. A namorada é jovem e atlética e fala alto, e há demasiado brilho na sua maquilhagem, talvez até purpurinas. O tipo de maquilhagem que Chloe gostaria de usar. Blair acalenta uma sensação de superioridade em relação a ela. A mulher, aparentemente, também terá deixado Jacob constrangido — afastou-se dela —, e Blair gosta desta afinidade para com Jacob, da aversão comum àquela aura de pirose que ela não suporta.

Blair está atenta às conversas em seu redor, mas isso não é suficiente para a distrair da raiva que sente em relação ao homem em cujo colo está sentada. Sente um ardor na garganta. E nos olhos. Apetece-lhe esmurrar Aiden na parte lateral do rosto, nas faces recentemente escanhoadas, repletas de *aftershave*; tem vontade de lhe enfiar o pé no escroto vezes sem conta.

Aiden leva a mão às costas dela, e Blair rejeita o toque.

— Não.

Ele nem lhe pergunta o que se passa.

Blair volta a circunvagando o olhar pelo recinto, em busca de Chloe. A filha está agora junto à vedação, com Xavier, que finalmente saiu do quarto. Estão a conversar com Mara, que, através das ripas de madeira, entrega violetas a Chloe para esta enfeitar o cabelo. Blair, em condições normais, interromperia, imiscuir-se-ia na conversa, ostentaria os seus conhecimentos acerca das crianças. Porém, detém-se.

Pensa no que Rebecca lhe disse, a ela e a Whitney, duas horas antes, pouco antes de sair da festa. Fizera um gesto na direção do logradouro de Mara, aproximara-se e baixara a voz.

— Ela não vem? — perguntou Rebecca.

— É demasiado para ela deste lado da cerca, com as crianças e a barulheira. E a diversão — respondeu Whitney.

Blair riu-se.

— Quanto tempo é que acham que ela vai aguentar até vender?

Rebecca limitou-se a torcer os lábios, desviou o olhar e bebeu até ao fim o seu copo de água. Blair tinha-a visto de olho nos grupos de mães anteriormente, enquanto os empregados continuavam a encher-lhes os copos de vinho.

— Não sei o que sabem sobre a Mara. Mas ela e o Alberto tiveram um filho. Criaram-no naquela casa. Morreu muito jovem, pelo que sei. — Rebecca fez uma pausa e acrescentou: — Era apenas adolescente.

Blair olhou para Whitney. Não sabiam. Whitney manteve-se em

silêncio, mas Blair observou a mudança nos olhos dela enquanto olhava para o logradouro de Mara.

— Sabes o que aconteceu?

Rebecca abanou a cabeça.

— Ela nunca mo disse.

— Meu Deus — sussurrou Blair. — E nunca quiseram voltar para Portugal?

— Perguntei-lhe se algum dia sairia daqui. Foram os únicos na família que imigraram para cá — respondeu Rebecca. — Poderiam viver com todo o conforto no país de origem com o dinheiro que receberiam por aquela casa. Suponho que haverá demasiadas memórias do filho associadas àquela casa. Pode ser difícil deixar isso para trás.

Whitney, que tinha uma resposta para tudo e que andara numa roda-viva toda a tarde, levou apenas a mão à clavícula. Blair tocou-lhe no ombro.

— Faz-nos vê-la com outros olhos, não é? — disse Rebecca.

Blair interrogou-se se poderia interpretar as palavras de Rebecca como um juízo de valor — é claro que têm empatia por Mara, embora não se sentem a conversar com ela naquele alpendre como Rebecca. Ela e Whitney são as mães, pensou Blair. Rebecca não consegue certamente entender como elas.

Mara já se afastou da vedação e Chloe está sentada na relva, a atar os caules das flores uns aos outros para fazer uma grinalda. Blair sai do colo de Aiden e observa-a, interrogando-se se não deveria ter ido até à vedação cumprimentar Mara. No mínimo.

— Olá, está tudo bem? — pergunta Whitney.

Entrega uma bebida a Blair, mas esta não pode tomar mais nenhuma. Irá despejá-la no lavatório da casa de banho, para Whitney não a ver. Vai tentar encontrar o comando remoto das colunas exteriores e diminuir o volume do raio da música; os gémeos já deviam estar na cama. Gostaria que Whitney pusesse um *soutien*. Odeia sentir saudades de casa quando está a dezassete passos da sua própria porta. Quer ver Aiden fora daquele logradouro. Quer que ele repare o ralo da lavandaria e, a seguir, que limpe a grelha do churrasco e ajude Chloe a fazer o trabalho de casa que lhe falta dos que trouxe para o fim de semana. Quer voltar a ver algo saudável nele. Algo que a possa pacificar.

Blair não respondeu à pergunta de Whitney, mas esta aparentemente nem repara. Blair vira-se à procura da mulher, a namorada de faces reluzentes, para saborear uma sensação de domínio

a que sente ter direito naquele território — primeiro, porém, vê Jacob e Aiden juntos, também a olharem para a mulher. Observam-na a passar o dedo sob a bainha dos calções, a puxar a ganga presa entre as nádegas redondas e firmes. O dedo aí permanece, dentro dos calções, durante um interminável instante, demasiado enfiado para não repararem. Aiden vira-se ligeiramente ao mudar de posição, pelo que Blair deixa de conseguir ler-lhe os lábios, mas Jacob sorri com qualquer comentário impróprio que ele terá feito.

Blair desvia o olhar. Há algo naquele episódio que lhe diz, calma e racionalmente, que o casamento tem os dias contados. A seguir pensa no que sentiria se Aiden morresse. No alívio que sentiria se ele saísse realmente de cena, em vez de sair apenas da vida dela.

Mara

A porta da rua ainda está aberta após a passagem dos paramédicos, e do alpendre ouve o telefone a tocar novamente na sala de estar. Com a descida do Sol, a luz do dia fica mais opaca. Não param de lhe ligar. O hospital, presume, ou a morgue. Vão querer que ela tome decisões e provavelmente lhes pague alguma coisa. Pensa na carteira de Alberto, no banco, no que fazer a seguir. Vão querer que ela vá buscar as roupas húmidas dele. O relógio dele. Quanto tempo poderá esperar? O que farão quando não há ninguém a quem telefonar?

Está ali há horas, a tentar perceber a sensação de solidão. Só repara em Ben quando este já se encontra mesmo à sua frente.

— Como está? — pergunta ele, mas não espera pela resposta. — Deve estar a perguntar-se o que estará a acontecer.

Com o corpo do meu marido?, pensa ela. *Com a sua alma? Será que ainda acredito nas portas de pérolas do Céu?*^[2] Mas, não, Ben está a falar da porta do vizinho. Do rapaz. Diz que houve um acidente ontem à noite. Acrescenta que Rebecca está a trabalhar, que o pai vem de avião de Londres e fala de uma cirurgia cerebral. Ben não faz ideia de que Alberto morreu. De que o levaram hoje de ambulância. É possível apagar aquela minúscula fração de tempo com uma borrachinha na ponta de um lápis. Mara limita-se a assentir com a cabeça. Pensa na pequenez da sua cozinha com a maca lá dentro, como se fosse uma casa de bonecas. A seguir, é como se Ben se afastasse do alpendre a flutuar, para o interior da sua própria casa. Não se lembra do que lhe disse a ele.

Coitado do rapaz.

Apercebe-se então de que se esqueceu de inspecionar o logradouro de manhã, à cata de aviõezinhos de papel, embora possam estar húmidos por causa do chão molhado da noite anterior. É fundamental que não se esqueça de ir lá dar uma vista de olhos. São importantes para ela.

Mantém as mãos à frente do corpo. Estão a tremer.

Tem vontade de estar lá em baixo, na cave. No antigo quarto de

Marcus.

Puxa o cordão do candeeiro de cabeceira. Marcus nunca o desligava à noite, embora Mara lhe pedisse para o fazer por causa do consumo de energia. Contudo, ela gostava de descer até ao quarto depois de ele cair no sono, para ficar a observar a cara dele enquanto dormia. Às vezes, dorme lá, quando está inquieta à noite e não consegue deixar de pensar nele. Imagina como seria ver sessenta e um anos no rosto dele ao seu lado.

Montara aquele quarto na cave para Marcus quando ele fez treze anos. Esperava que alguma distância física de Alberto ali em casa o ajudasse a sentir-se menos ansioso. Alberto nunca chegou a ver o quarto. Limitava-se a pisar o soalho do piso de cima, e os seus passos eram como uma batida de tambor que elevava a frequência cardíaca do filho, enquanto este lia livros de banda desenhada sob os cobertores. Os modelos de aviões ainda estão na cómoda, tinta azul-celeste nas paredes. Mara nunca chegou a arrumar as gavetas da cómoda. No roupeiro está uma caixa com as coisas preferidas de Marcus, umas bugigangas, uma bola de borracha, um livro dos Hardy. *Os Ladrões do Aeroporto*. Houvera também um avião fundido na caixa durante anos, mas foi a única coisa que Mara deu.

Marcus adorava aviões quando era miúdo e todos os dias perguntava à mãe quando é que iria ter um. Quando ele tinha dez anos, Mara decidiu que iriam à sua terra natal de avião, embora o custo fosse estupidamente elevado. Há anos que acalentava aquela ideia, mas, já que iriam gastar essa maquia, queria ter a certeza de que Marcus teria idade suficiente para se lembrar da viagem. Decidiu informar Alberto em vez de lhe perguntar. Os pais deles estavam a envelhecer, e a mãe dele tinha um cancro irreversível, pelo que Mara sabia que Alberto iria concordar com relutância.

Uma noite, deixou a fatura da agência de viagens em cima da mesa da cozinha, ao lado do prato quente de presunto glaceado do marido, com um número para ligar para a agência de manhã a respeito do pagamento. Alberto dobrou a fatura, enfiou-a no bolso de trás e disse que trataria do assunto.

Mara encheu uma mala inteira com presentes para as respetivas famílias. Mandara fazer um casaco desportivo para Alberto no alfaiate da rua, sabendo que o marido gostaria de se apresentar bem diante da família dele. Alberto, porém, nem chegaria a experimentá-lo. Mara sentia a relutância dele a respeito da viagem e sabia que não tinha nada que ver com o custo das passagens aéreas. Deve ter sido fácil para ele descrever a diferença do filho a outras pessoas: é como as outras crianças da mesma idade, só que não fala com ninguém, a não

ser com a mãe. Sofre de ansiedade. Não havia nada de mal com ele, nada que fosse necessário resolver, curar ou esconder.

Um dia, Mara ouvira Alberto usar a palavra «lento» ao falar baixinho ao telefone com a irmã mais velha. Não tinha a certeza se a palavra vinha da cabeça dele ou se outra pessoa lha pusera na boca, mas, fosse como fosse, não correspondia de modo nenhum à realidade. Era uma palavra que descrevia o trânsito em hora de ponta, e não o seu filho sensível e perspicaz. Ninguém conseguia ouvir as coisas que o rapaz sussurrava à mãe, pelo que não sabiam nada sobre ele. Não faziam a mínima ideia.

Mara, porém, já não se importava com o que Alberto pensava de Marcus. Não se importava com o que pensavam dele, fosse quem fosse. Estava desejosa de lhe proporcionar uma viagem de avião. Marcus nunca aguardara nada com tanta emoção, e Mara adorava ver aquela parte dele a ganhar vida.

Na manhã do voo, um sábado, Mara acordou cedo para se lavar e pôr rolos no cabelo. Embrulhou um pequeno presente que comprara para o filho levar na viagem: o seu próprio aviãozinho fundido que dizia «American Airlines» na parte lateral. Ele iria adorar. Pousou-o ao lado da tigela de cereais do filho e foi-se vestir enquanto Alberto dormia. Por volta das nove horas, abanou o ombro de Alberto e disse-lhe que eram horas de ele se levantar e de fazer a barba; que o táxi chegaria dentro de meia hora, que ele ainda nem tinha feito as malas, que ela estava prestes a acordar o filho para o pequeno-almoço. Alberto virara-se para o outro lado e pedira-lhe que corresse os cortinados.

— Mas temos de estar no aeroporto às...

Assim que aquelas palavras lhe saíram da boca, percebeu que não iriam apanhar o avião. Nem tinha a certeza se ele comprara os bilhetes. Alberto mudara de ideias. Não conseguia levar avante aquele plano de viajarem até à sua terra natal.

Quando Alberto saiu da cama, passada uma hora, Mara estava a beber o seu café, à espera dele, sentada à mesa da cozinha. O filho encontrava-se na outra divisão, a brincar com o avião, de mau humor. Chorara quando a mãe lhe dissera que a viagem fora cancelada, perguntara se era um problema com os motores a jato, porque não conseguia entender qualquer outra razão que os impedisse de entrar naquele avião.

— Vais ligar a toda a gente, Alberto — sibilou ela. — Vais dizer-lhes porque é que afinal não vamos.

Alberto nem sequer lhe mentiu. Não teve a hombridade de lhe dar uma justificação.

Naquela noite, Alberto chegou a casa trôpego, tropeçando e enfiando o cotovelo na rede da janela. Mara nem lhe perguntou onde estivera. Nunca o tinha visto tão embriagado. Marcus estava sentado no chão da sala a fazer um *puzzle*. Mara ergueu-se para ir ter com ele, para o levar para o quarto e fechar a porta. Tinha um pressentimento. Alberto, porém, esticou o braço para a deter, antecipou-se-lhe.

Com voz mastigada, proferiu palavras cruéis contra o filho, com o nariz vermelho e irado encostado à face macia de Marcus, os seus perdigotos fedorentos a molharem o pescoço delgado do rapaz. Palavras que Mara nunca mais queria ouvir enquanto vivesse. Palavras em relação às quais não teve outro remédio a não ser convencer-se de que nunca tinham sido ditas.

Levou o filho para o quarto e agarrou-se a ele com todas as forças para impedir que tremesse. Alberto seguiu-os, preenchendo o vão da porta. Mara tapou os ouvidos ao filho e implorou ao marido que se fosse embora.

— Olhem-me só para estes dois, parecem umas miudinhas a cochichar ao ouvido uma da outra o dia todo. Foste tu que o tornaste assim, Mara. Deste cabo dele.

Na manhã seguinte, o filho não falava com a mãe. Mara levou o ouvido à boca dele, esfregou-lhe as costas, tentou convencê-lo a dizer o que queria para o pequeno-almoço.

— Ele foi à vida dele, só estamos aqui os dois. Diz à mamã, estás bem?

Sabia, porém, que Marcus já não estava bem. Recusara admitir a possibilidade de que aquele dia haveria de chegar. Ficou então a saber que o tinha ouvido a falar pela última vez. O rapaz limitou-se a abanar a cabeça. Não sussurrou nenhuma palavra carinhosa à mãe, nunca mais.

[2] Referência ao Livro do Apocalipse, 21:21. (*N. do T.*)

Whitney

Quarta-feira

Já ligou a Jacob três vezes ao chegar a casa do trabalho, e, entretanto, a chuva esmoreceu. Sabe que ainda estará acordado, mas não atende. Estaciona o carro na calçada de acesso. Está prestes a abrir a porta do carro quando, ao olhar pelo espelho retrovisor, vê Blair a deitar um saco de lixo doméstico no contentor ao lado de sua casa. Blair, porém, não ergue o olhar, não se apercebe das luzes traseiras vermelhas brilhantes do carro de Whitney.

Esta noite, fica aliviada por Blair não a ver antes de se virar para entrar em casa. Tem muita coisa na cabeça. A apresentação na empresa no dia seguinte de manhã. As preocupações sobre a vida escolar de Xavier. Blair, porém, deixou a porta da rua aberta, deverá ter ido buscar o saco de reciclagem à cozinha. Whitney aguarda.

O tempo que passa com Blair normalmente é bem-vindo, pois serve para lhe desanuviar a cabeça. Blair fá-la ter os pés bem assentes na terra. É como leite morno. Ajuda Whitney a cumprir o quociente de horas que deve passar a pensar como mãe. Às vezes, porém, esse convívio provoca-lhe uma inveja indescritível. Aquela aura que Blair emana. Como é fácil apreciar a companhia de Chloe, como é sinérgico o amor entre elas. Por vezes, afigura-se-lhe que Xavier é um presente dado por alguém que deveria conhecê-la melhor; algo que lhe está destinado, mas que parece não lhe pertencer. É uma mágoa que por vezes a assalta, por se sentir incompreendida.

Na calçada de acesso, desliga o motor e observa a casa de Blair pelo espelho retrovisor, ficando à espera de que ela conclua aquela operação com os sacos de lixo e volte para casa. Pensa na conversa que tiveram a semana passada. Sobre Aiden e sobre a pouca frequência com que se veem ultimamente. Blair tende a lançar o tema do seu casamento como isco, querendo falar do assunto — ou nem por isso. É um exercício fútil. Whitney, porém, age geralmente de forma a evitar qualquer suspeita por parte de Blair.

Sabe que Blair, quando fala, recorre a meias-verdades, testando o

constrangimento inerente à partilha dos seus problemas conjugais, antes de recuar inevitavelmente. Isso parece satisfazê-la a certo nível, a proximidade de ser quase sincera com Whitney sem ter nada de que se possa arrepender. Quer que sejam confidentes. Contudo, não quer realmente que Whitney a veja.

A porta da rua abre-se mais, e Blair aparece com o lixo de reciclagem. Abre a tampa do contentor e empurra os sacos para baixo, para obter mais espaço. Whitney tem o cuidado de se manter quieta para as luzes com sensor de movimento não acenderem.

Blair mudou ao longo dos quatro anos em que se conhecem. Rapidamente desenvolveram uma intimidade maior do que qualquer outra que Whitney tivesse com amigas desde a faculdade ou com o círculo de mulheres bem vestidas com quem se relaciona profissionalmente. E já não tem contacto com as mães da escola, não desde setembro. No decurso desses quatro anos, porém, notou uma certa perda de confiança em Blair. Repara na forma como ela admira a sua casa bem equipada, a avidez com que tenta participar no convívio entre Whitney e Jacob. E, para ser franca consigo própria, essa dinâmica de poder entre elas é algo que Whitney não quer perder. Tem um papel dominante na amizade delas, tal como na maior parte das áreas da sua vida. Embora não se orgulhe de precisar desse domínio, a verdade é que precisa.

Uma amiga diferente poderia levar Blair a mostrar-se confessional. *Tens a certeza de que não estás preocupada com nada? Está tudo bem com o Aiden?* Uma amiga diferente poderia pousar a mão no joelho de Blair, insistir que lhe contasse qualquer coisa. Que dissesse que todas elas — mulheres da idade delas — têm momentos em que percebem que já não querem o que queriam antes, mas que agora é demasiado tarde. Quer o admitam ou não.

Whitney, porém, não tem espaço para esse tipo de obrigação na vida tão rigorosamente organizada que leva.

E há outras questões perigosas.

Questões que a própria Whitney complicou.

Muda de posição. Liga novamente a Jacob. A chamada vai para o correio de voz. Envia-lhe uma SMS. Quer que ele saiba que ela já chegou. Quer deixar uma melhor imagem. Tranquilizá-lo.

Blair pressiona a tampa do contentor mais algumas vezes. A porta da rua fecha-se firmemente atrás de si: Whitney está a salvo.

No *hall* de entrada, pendura o sobretudo e põe-se à escuta, para saber onde param os miúdos e Louisa. Já deveriam estar prontos para dormir, sobretudo os gémeos. Whitney quer sossego, quer espaço para pensar. Quer as crianças, já cansadas, de pijama. Contudo, não tardam

a rodeá-la, há mãozadas na sua perna e pedaços de plasticina na sua cara e relatos de joelhos magoados que parecem ilesos. Louisa chama as crianças para junto de si, mas estas não querem dar-lhe ouvidos esta noite, querem que Whitney se entregue a elas e diga «Ena, ainda bem para ti!» e «És tão corajoso!» e «Sim, parece um tetradáctilo!» e coisas do género. Whitney, porém, está a pensar em como seria aquela casa vazia. Na reunião que vai ter de manhã. Nos planos que tem para aquela noite. Era melhor cancelar. Era melhor.

Xavier entra na cozinha a arrastar os pés, com as meias quase saídas.

— Essas meias estão imundas. Vai já tirá-las.

Ele ignora-a. Whitney curva-se para as tirar, mas o rapaz não levanta os pés e, quando a mãe lhe agarra o tornozelo, emite um som animalesco, um gemido, como se estivesse ferido. Whitney arranca-lhe as meias. Uma delas tem um buraco na zona dos dedos e Whitney deita-as no lixo.

— O que é que estás a fazer? Essas meias são minhas!

Whitney sente um aperto no peito.

— Como é que correu a escola?

— Sabias que tens o telemóvel rachado?

Whitney tira-lho da mão e repara que a sua última mensagem enviada a Jacob está marcada como lida. Contudo, ele não respondeu. Não lhe telefonou. Pousa o telemóvel em cima da bancada, com o ecrã para baixo. Tira o celofane do prato que Louisa guardou para ela. Os gémeos estão na sua periferia, em cima do tapete branco da sala contígua, onde não deveriam estar com plasticina azul nas mãos.

— Aconteceu alguma coisa hoje na escola que me queiras contar?

Xavier volta a pegar no telemóvel da mãe e enfia a unha na racha.

— Podemos jogar xadrez antes de ir para a cama?

Whitney interroga-se onde andarás Louisa.

— Esta noite não, desculpa.

— Vá lá...

— Xavier. É tarde.

— Quando é que o pai vem para casa? Tenho saudades do pai.

— Só daqui a dois dias.

— Tudo bem, então a Lou vai jogar xadrez comigo.

— Já te disse que é tarde. Vai-te preparar para ires para a cama.

— Mas *ela* disse que queria jogar xadrez comigo.

— Xavier.

— Mas ela disse que queria muito jogar comigo.

— É só para te fazer a vontade.

— Não é nada.

— É, sim.

— Pelo menos é boa para mim.

— Eu também, mas já é tarde.

— Não és nada. Não és boa para mim. — A voz enrola-se-lhe. Whitney encara-o e nota que o filho está a fazer um esforço para não chorar. — Não gostas lá muito de mim.

Antes queria que ele lhe tivesse gritado, irrefletidamente, que a odiava. Antes queria que tivesse armado uma birra como se tivesse três anos. É a suavidade no semblante do filho quando este profere aquelas palavras — *Não gostas lá muito de mim* — que lhe dá um aperto no estômago. Vem-lhe à cabeça o telefonema com a professora. Que a forma como uma criança é tratada pode moldar-lhe a personalidade para sempre.

— Xavi, meu querido, anda cá. — Leva a mão à nuca do filho para o puxar para o peito.

Ele, porém, reage pressionando o estômago dela com as palmas, empurrando-a. Afasta-a, e o corpo dela acaba por bater no puxador do frigorífico. A seguir, ele vira-se e varre a ilha da cozinha com o braço. A fruteira de vidro cambaleia pelo chão e as laranjas rolam como berlindes. Dá um pontapé numa banana e sai polpa mole pela fenda da casca. Com o pé descalço, pisa a polpa e atira um pedaço para a perna das calças de Whitney.

O instinto dela, como gás inflamável, leva-a a agarrá-lo. Ele consegue fintá-la.

— Anda cá IMEDIATAMENTE! — Tenta agarrar-lhe o braço com um gesto brusco, mas Xavier é demasiado rápido para ela e já está do outro lado da ilha. Whitney sente a raiva a subir-lhe à garganta. — Estou a AVISAR-TE!

Sebastian, porém, está aos seus pés agora, chora com medo e agarra-se à perna salpicada de banana. Whitney pega nele ao colo e segura-o com força contra o coração latejante. Alisa-lhe o cabelo. Beija-o.

— Não gosto nada quando gritas com o Zags — queixa-se o menino ao ouvido da mãe, que sente a investida do bafo húmido. — O pai disse que não queria mais gritos.

Xavier olha para ela e sai da cozinha, chamando por Louisa. Que terá ouvido tudo no compartimento contíguo e terá pensado que Whitney, acabada de chegar e sem ter estado com eles horas a fio, não tem o direito de se sentir sufocada só com a presença deles. Thea, escarrapachada no chão, choraminga para chamar a atenção da mãe. Whitney sente as omoplatas doridas do ressentimento, e a dor sobe, envolvendo-lhe o pescoço. Não pode estar com as crianças. Esta noite,

não. Pousa o filho no chão, mas este agarra-se a ela como uma lapa. Whitney solta-se, mas ele não pára de chorar. Quando sai da cozinha, Thea chama por ela novamente. Whitney sobe para o quarto com o portátil, afastando-se de todos eles.

Blair

Aiden enfia a cabeça no quarto de Chloe enquanto Blair lhe lê a história para adormecer.

— Vou sair, está bem?

Blair volta a olhar para a página. Tudo dentro dela se intensifica, como se, no quarto, estivesse perante uma ameaça, e não na presença do marido.

— Onde é que vais, pai?

— Vou só ter com uns colegas de trabalho, querida. Hoje foi o último dia do meu amigo Lin.

Chloe volta a recostar-se na curvatura do braço de Blair. Fica à espera de que a mãe retome a leitura, mas Blair não consegue. Como pode ele socializar numa noite como esta, quando o filho dos seus amigos está nos cuidados intensivos? Pensa no duche que ele acabou de tomar, no cheiro do *aftershave* que ela consegue sentir. Talvez ele não vá nada socializar. Interroga-se se Jacob já terá chegado ao hospital. Ou se Whitney estará sozinha, à espera de se encontrar com Aiden.

Sente que não está boa da cabeça. Ou será uma voz a falar com ela? Imagina-se a olhar para este momento com a vergonha da idiotice.

Aiden mantém-se à porta do quarto de Chloe. Está à espera de que Blair lhe diga «Diverte-te. Não chegas muito tarde, pois não?». Contudo, ela só consegue articular as palavras que estão à sua frente na página, até que Aiden a interrompe:

— Ficas bem? Peço desculpa, é má altura... — Acena para Chloe com o queixo. — Liga-me se souberes mais alguma coisa, está bem?

Blair olha fixamente para o livro.

Depois de ouvirem a porta da rua a fechar, Chloe encara a mãe.

— Estás zangada com o pai?

— Zangada? Claro que não. Porquê?

— Andas sempre zangada com o pai. Já não gostas dele.

Blair, boquiaberta, finge-se surpreendida.

— Chloe! Isso não é verdade, e sabes disso. Gosto muito do teu

pai. É a minha pessoa preferida, além de ti.

Chloe desvia o olhar da mãe e volta a fitar a página.

— Está bem. Se tu o dizes.

— Minha querida. Está tudo bem, está mesmo. Não te preocupes.

O pequeno rosto de Chloe, porém, denota ceticismo. Já sabe. E Blair acaba de lhe dizer que não tem razão. Que a sua intuição não é válida, pelo menos quando é confrangedora. *Não, minha querida, andamos a fingir. É assim a vida de uma mulher.*

Blair engole em seco e volta ao sítio onde estava na página.

Estas decisões que tomou — este casamento, esta filha, esta vida —, tomou-as como toda a gente. Com esperança. Acreditando que era uma mulher diferente da mãe. Que seria feliz quanto bastasse.

Certa vez, quando Blair tinha onze anos, fora a casa dos avós com o pai num sábado de verão. A mãe não quisera ir, mas Blair não se importara; gostava de ir a sítios só com o pai. Quando saíram de casa, a mãe estava na cozinha, a tirar as peças do fogão e a mergulhá-las no lava-louça. Blair notou que ela estava a enxugar os olhos com a manga, com as mãos enfiadas numas luvas de borracha amarelas que supostamente deveriam cheirar a limão. As marcas pretas que tinha na camisa talvez fossem do carvão acumulado sob as bobinas. Ou talvez estivesse a chorar. Blair passou apressadamente por ela e despediu-se já junto à porta da rua.

Não muito longe do pequeno *bungalow* dos avós, a caminho de casa, o pai de Blair parou a carrinha junto a um prédio de apenas três andares, com tijolos cor de mostarda picante. Uma mulher gritou através de uma pequena janela quadrada dizendo que não tardaria a descer. O pai de Blair não desligou o motor e disse à filha para não tocar em nada. A mulher abriu a porta do prédio e o pai de Blair desapareceu.

Blair roeu as unhas todas à espera dele. Tirou o cinto de segurança, deitou-se no banco traseiro de vinil quente e fingiu que estava nua na cabina de um veleiro. Com Ian Mackenzie da escola, que parecia ter a capacidade sobre-humana de lhe ler os pensamentos. Enfiou a mão entre as pernas e apertou o corpo sobre a roupa interior.

Todo o carro tremeu quando o pai de Blair entrou de repente. Tirou o isqueiro e soprou o fumo para o reflexo do seu rosto no espelho retrovisor.

— Senta-te aqui à frente, se quiseres.

Ele nunca a deixava ir à frente. Cheirava à laca para o cabelo da tia, mas aquele não era o apartamento dela.

Passada meia hora, Blair teve vontade de fazer chichi, mas não

queria pedir ao pai que parasse para ela ir a uma casa de banho. O pai não dissera uma palavra depois de terem saído com o carro da zona de estacionamento do prédio, até que teceu o seguinte comentário:

— A tua mãe é boa pessoa. Sabes disso, não sabes? — Estava com um tom de voz diferente. Blair teve de observar os lábios do pai a mexerem-se para ter a certeza de que aquelas palavras vinham dele. — Aguenta muita coisa. Muito mais do que devia.

Ele fungou. Por isso, Blair também fungou, não dando grande importância ao assunto. Como se as pessoas passassem a vida a fungar. Como se nem sequer tivesse notado que o pai estava a chorar.

Cheia de calor, baixou a janela. Tinha vontade de estar em casa com a mãe. A tal que era boa pessoa. Queria comer queijo grelhado sentada à mesa da cozinha, enquanto a mãe fazia um assado e ouvia *The Young and the Restless* no compartimento contíguo, com a televisão em altos berros. Queria deitar-se no tapete do quarto de hóspedes e ver o pé direito da mãe, debaixo da secretária, a operar o pedal da máquina de costura.

Quando chegaram lá, porém, o convívio com a mãe não correu de feição. A mãe não tinha vontade de ser agradável com ela. Não queria sentir o cheiro da laca para o cabelo da outra mulher.

— Porque é que não vieste connosco? A casa da avó? — perguntou-lhe Blair.

A mãe suspirou. Fechou o forno com força.

— Sei lá.

Tinha-se virado de costas. Pousara as luvas do forno na bancada laminada e aí se mantivera até ouvirem o autoclismo a funcionar ao fundo do corredor. O pai de Blair entrou na cozinha, apertando o cinto. Levou a boca ao pescoço da mãe de Blair e segurou-lhe os ombros com firmeza. «Minha doçura», era o que chamava sempre à mulher, embora esta detestasse tudo o que fosse demasiado doce. Disse que o jantar cheirava bem. E que estava com fome. Blair viu a mãe a ficar rígida. Viu-a a virar a cabeça para o lado, desviando-a dele, e a fechar lentamente os olhos.

A tal que era boa pessoa.

Whitney

Hospital

É um Jacob mais novo que está a tentar silenciar o detetor de fumo a apitar no sonho dela. Está em equilíbrio instável em cima da perna de uma cadeira na cozinha da primeira casa deles, como num número de circo, a manipular os botões acima para silenciar o alarme antes que este interrompa cedo demais a sesta do bebé. Whitney sibila-lhe para o apressar. Ainda tem tanta coisa para fazer. Tanta coisa para terminar antes de ter a criança novamente deitada sobre o seu corpo, a sugá-la, a testá-la. Abana a cadeira em cima da qual Jacob se encontra. Cheira-lhe a pasta de dentes.

A seguir acorda.

Abre os olhos sentada na cadeira do hospital e repara que não há nenhuma fresta de luz em redor da janela na qual tem o olhar fixo. Já deve ser de noite. Está uma enfermeira a limpar a boca de Xavier com uma esponja verde-hortelã e outra a trocar-lhe o frasco de medicação da bomba de infusão, cujo sinal sonoro ecoa pelo quarto. Ou das bombas. Poderá haver três, ou uma dezena, ou cinquenta. Whitney recusa-se a olhar para elas. Faz de conta que a enfermeira não está presente e examina novamente a mão de Xavier. O rapaz tem a pele quente dos fluidos que lhe correm para o interior da veia. Há um penso castanho sobre a agulha, e o cheiro recorda-lhe os que lhe davam na escola e que lhe deixavam a pele pegajosa durante semanas a fio.

Xavier tinha razão no que dissera quarta-feira à noite na cozinha, antes de dar uma pancada na fruteira. Whitney nem sempre sentia afeição por ele. Houve alturas em que desejou que o filho fosse uma criança diferente. É difícil dizer exatamente como, ou o que queria que mudasse nele ou quando começou a sentir isso. Xavier, porém, apercebera-se.

Há um casaco na cadeira em frente que não se encontrava aí anteriormente.

Whitney percebe que é o casaco do marido. Ele está no hospital.

Põe a cabeça entre as pernas. Alguém coloca uma bacia de plástico sob o seu rosto, e Whitney cospe ácido gástrico durante uns minutos até começar a sentir vômitos. Não sai nada. Trazem-lhe um pano húmido que cheira a antisséptico para limpar o queixo.

Sente Jacob a entrar no quarto e fecha os olhos enquanto o marido lhe toca na nuca. Dececionou-o, é o pensamento que lhe vem à cabeça. Sempre soube que o dececionaria.

— Estás acordada.

Whitney, porém, está exausta. Ergue a cabeça e, escudada na familiaridade da voz dele, acalenta pela primeira vez a esperança de conseguir sobreviver a este episódio. Este sentimento, porém, desaparece pouco depois de ter surgido. Fica à espera da reprimenda dele. Que lhe parta alguma coisa na cabeça, como ela merece. Que lhe dê um pontapé no crânio. De modo a rachá-lo, com o sangue a escorrer-lhe pela testa, entre os olhos, um rio ao longo da ponte do nariz. Quer que Jacob seja violento com ela, por uma vez. Quer conhecer essa sensação.

Implora-lhe em silêncio.

Mas é claro que Jacob seria incapaz de a magoar. Adora-a. Precisa dela. É cuidadoso quando a cinge com os braços, como se fosse ela que estivesse fragilizada e à beira da morte, e não o filho deles. E talvez esteja. Sente o calor do bafo dele no pescoço, e o cheiro a café, e a seguir o pescoço fica molhado com o muco dele e as lágrimas, e sente o tremor do peito dele nas suas costas. Ergue a mãos para lhe afagar o cabelo e parece-lhe sentir o cheiro do ar estagnado do avião na camisa dele.

Quando Jacob pára de chorar, dirige-se lentamente até à outra cadeira e senta-se diante dela. A aliança dele tilinta na barra metálica da cama quando estica o braço para pegar na outra mão de Xavier, e o ruído perturba-a — olha para o seu dedo, nu, no qual os diamantes que o marido lhe ofereceu há treze anos deveriam refletir as luzes das máquinas contra a pele pálida do rapaz.

Dorme sempre com as alianças postas. Contudo, tinha-as tirado na noite de quarta-feira.

Não houvera um segundo para pensar em algo tão óbvio antes de sair para o hospital para ver se o filho estava vivo.

Interroga-se se o marido irá reparar.

Interroga-se se ele estará a pensar na janela do quarto. Se terá havido uma fração de segundo em que terá acreditado que fora algo tão inocente como uma vidraça destrancada, um rapaz irrequieto e insone, o infortúnio absoluto de um acidente estranho.

Jacob pedira-lhe que não gritasse tanto. Já lhe dissera antes:

«Whitney, alguma vez te ouviste? Sabes o impacto que isso tem nos miúdos?» Contudo, Jacob é mais delicado com Whitney do que deveria ser, como se fosse a única pessoa a aperceber-se de toda a fragilidade dela. Whitney está à beira do seu limite.

Põe-se a magicar no que o marido lhe vai perguntar, na acusação que poderá lançar-lhe, mas o que ele diz naquele exato momento é:

— Sinto muito. — Tem a cabeça inclinada, o queixo enfiado no peito, como se também desejasse desaparecer dentro de si próprio. — Estou sempre a pensar que se eu estivesse lá...

Se ele estivesse lá, nada teria acontecido. Xavier teria ficado em segurança. Não é bem isso que ele quer dizer. Contudo, é um facto que ela estava presente e ele não. E é um facto que o filho deles está a definhar numa cama de hospital. Que o seu fim é uma questão de horas, e não de meses, nem de décadas.

Whitney pensa no que Xavier escreveu na parede.

Pensa no que aconteceu antes de o filho cair da janela.

Então, sente novamente vómitos.

Rebecca

Está como que ausente quando atende os últimos pacientes. Com a energia em baixo. Parece alheada de tudo.

«Peço desculpa, não se importa de me dizer novamente a medicação que ela anda a tomar?»

«Não se importa de me pôr a par do historial clínico dele mais uma vez?»

É por causa de Xavier, de Whitney, de Blair que está tão perturbada, mas é sobretudo devido à conversa que terá com Ben quando chegar a casa. Poderia esperar, adiá-la mais uns dias de novo. Contudo, sabe que há um aspeto da tragédia que pode mudar a perspetiva de uma pessoa sobre as coisas. É possível que, no meio de uma crise, Ben consiga descobrir em si a capacidade de lhe perdoar pelo que fez. Rebecca já está com mais de dezoito semanas. A apenas seis semanas de o bebé ser considerado suficientemente viável para uma médica fazer tudo o que estiver ao seu alcance para o salvar. Há finalmente uma razão para sentir esperança. E até gratidão. Os vizinhos, como Rebecca fará questão de lhe recordar, estão a rezar pela sobrevivência do filho deles.

Compra uns chinelos na loja de lembranças antes de esta fechar. A Dra. Menlo, encarregada da supervisão do caso de Xavier, está a sair do quarto dele quando Rebecca chega para os entregar a Whitney. Transmite a Rebecca a sua preocupação com a profundidade do coma. Informa-a de que os danos cerebrais poderão ser piores do que se pensava inicialmente. As possibilidades de recuperação diminuem a cada hora, sem qualquer tipo de indicação positiva. Vão esperar que passe esta noite para ver se as coisas melhoram; caso contrário, será provavelmente necessário avançarem com a cirurgia.

Rebecca bate à porta do quarto de Xavier. Dá um abraço a Jacob.

— Sinto muito. Sinto mesmo muito — lamenta.

Jacob diz que tem a cabeça à roda. Lembrou-se de outra pergunta que gostava de fazer à Dra. Menlo. Pede a Rebecca para ficar com Whitney enquanto ele tenta encontrá-la.

Whitney não saiu da cadeira onde se sentou naquela manhã.

Rebecca pousa os chinelos no chão, perto dos pés de Whitney, e senta-se na cadeira do outro lado da cama de Xavier. Pensa naquela lacuna de que o médico falava quando Rebecca era interna, a distância entre as expectativas e a realidade. Essa lacuna torna-se cada vez mais estreita na altura em que tudo o que os pais podem fazer é aguardar. Em breve, não haverá qualquer margem de esperança.

A bomba de infusão começa a emitir um sinal sonoro, o antibiótico chegou ao fim. Rebecca silencia o aparelho e sente novamente borboletas no estômago.

— Estou grávida. — Não pretendia dizer uma coisa daquelas a uma mãe que está a perder o filho, mas as palavras saem-lhe da boca sem que consiga detê-las. Aquela confissão é uma troca de vulnerabilidades. Tem testemunhado demasiados momentos de intimidade naquele quarto. — Há dias fui fazer análises ao sangue e a enfermeira que estava a preencher o meu impresso perguntou-me quantas vezes estive grávida. Levantei uma mão. Cinco dedos. Cinco. — Rebecca faz uma pausa. Inclina-se para a frente, com os olhos postos em Xavier. — A seguir perguntou-me quantos filhos é que eu tinha. Vi-a a escrever o zero na caixa e pensei: *Ena*. Aí está, como se fosse um resultado final. Cinco a zero. — Observa Whitney a amassar os dedos do filho como se fossem de barro. — As pessoas adoram dizer que há muitas maneiras de ser mãe. Como se fosse uma espécie de consolo para mulheres como eu. — Rebecca está de pé. Toca no pé de Xavier sob o cobertor. — Fizeste-me essa pergunta uma vez, porque é que eu não tinha filhos. Só queria que soubesses.

Ouve Whitney a inspirar longa e firmemente, e então ela diz:

— Rebecca? — Whitney faz uma pausa e finalmente ergue o rosto. — Lamento.

É a única vez em três anos que alguém lhe diz isto, e apenas isto — «Lamento». Sem recomendações, sem chavões, e Rebecca não espera que a simplicidade daquela validação a afete daquela forma. Clareia a garganta e faz um gesto na direção de Xavier.

— Espero que as coisas corram bem esta noite. Ligo amanhã para saber.

Jacob regressa ao quarto e, com um gesto, convida Rebecca a sair. Pergunta-lhe se o pode acompanhar até ao refeitório para ir buscar alguma coisa que Whitney possa finalmente comer.

Enquanto descem, Rebecca reitera o que, tanto quanto sabe, a Dra. Menlo já terá contado a Jacob e fica-se por aí. Jacob parece entender, mas quer ouvir tudo de novo da boca de Rebecca. Pede-lhe que repita tudo, como se não tivesse fixado nada. Leva a mão à armação dos óculos, pensativo, interroga Rebecca sobre os possíveis

desfechos, algo sobre o qual ela não se sente à vontade para responder. Pede um *bagel* para Whitney e um café para si próprio, e sentam-se num banco no átrio de entrada.

— O Xavier não tem o sono pesado. Às vezes acorda. Uma vez, quando tinha cinco ou seis anos, teve um episódio de sonambulismo.

Jacob tenta raciocinar no meio da irracionalidade. Rebecca observa o átrio de entrada, que começa a ficar deserto, com o pessoal hospitalar de regresso a casa e às respetivas famílias. Os pais de chinelos, sem apetite, a deambular a caminho do refeitório, de onde, depois de olharem para as opções, voltarão para cima de mãos vazias.

— Fizeram-me uma série de perguntas assim que cheguei aqui — diz Jacob, atordoado. — Sobre o Xavier. E sobre o sistema de abertura da janela. — Faz um gesto com a mão, como se a estivesse a destrancar, tentando lembrar-se. — Também estava lá uma assistente social. Disse-me que era apenas uma formalidade. Para ela ter a certeza de que não há razão para se preocupar com a segurança do Xavier lá em casa. — Dá um toque com o dedo na tampa de plástico do copo de café. — Só essa insinuação, sobre a minha mulher, já me dá a volta ao estômago. É claro que o Xavier estava em segurança com ela. Connosco.

— Claro que sim — corrobora Rebecca. Talvez ele só esteja a pensar na janela, na altura até ao chão, na tranca que nunca colocaram.

— Então, e agora, será que vamos ficar sinalizados nalgum sistema para sempre? É assim que funciona? Quero dizer, os ferimentos devem mostrar que o Xavier perdeu o equilíbrio e caiu, talvez tudo estivesse escorregadio devido à chuva de ontem. Conseguem ver o impacto no crânio dele e medir a altura e tudo isso, certo? Os médicos devem ser capazes de avaliar isso, é uma questão de física. Não têm motivos para pôr nada em questão. Foi o que lhes disse. Somos uma boa família, tudo boa gente.

Rebecca assente com a cabeça. Interroga-se se Jacob terá posto a hipótese de Xavier acordar e se recordar do que aconteceu. Em caso de traumatismo craniano e perda de oxigénio, pode haver problemas de memória de curto prazo — mas a memória pode voltar. Jacob olha fixamente para o chão. Abre a boca. Parece querer acrescentar algo, mas hesita. Rebecca deveria persuadi-lo: *Jacob, se tens alguma coisa que precisas de partilhar sobre o que poderá ter acontecido, estou aqui para te ouvir*. Engole em seco, clareia a garganta, mas Jacob ergue o pequeno saco castanho apaticamente.

— Acho que o melhor é eu voltar para o quarto. Tentar convencê-la a comer isto. Não arreda pé da cama dele, recusa-se. Nem sei se já

foi à casa de banho.

Integram-se no fluxo de tráfego pedonal e Jacob mantém-se calado. Rebecca prime o botão do elevador por ele.

— Como estão os gémeos?

— Disse-lhes que íamos de viagem com o Xavier durante uns dias. Pedi à Louisa que os levasse para o apartamento dela até ao fim de semana. Imaginei que a Polícia pudesse aparecer lá em casa, não me saía da cabeça aquela imagem da fita de sinalização amarela. — Jacob detém-se. Afasta-se de Rebecca, olha para o outro lado. — Continuo a torturar-me, a ensaiar as minhas palavras se tivermos de dizer-lhes que o Zags morreu, se as coisas...

— Concentra-te numa hora de cada vez — recomenda Rebecca, tocando-lhe no braço. — Se eu ou o Ben pudermos fazer alguma coisa para ajudar, é só dizeres.

Sente-se inquieta ao vê-lo a subir no elevador de vidro. Aquela suposição de uma cena de crime. Só que Jacob está em estado de choque, não consegue raciocinar como deve ser. E ela também não. Quer ir para casa. Ir ter com Ben, que lhe enviara uma mensagem quando ela estava com Whitney. Queria saber se havia alguma novidade. Telefona-lhe enquanto regressa à sala de urgências para ir buscar as suas coisas.

— Está todo inchado. Mas pouco poderão fazer esta noite. É uma questão de esperarmos, mas não sei...

— Meu Deus.

Ela passa o cartão de identificação.

— O Jacob já cá está. Conseguiu apanhar um avião cedo em Heathrow hoje.

— E a Whitney?

— Recusa-se a falar ou a comer. E não larga o Xavier nem por um segundo. É natural, encontrou-o inconsciente no logradouro. Está traumatizada.

Diz-lhe «Até já». Pensa no que Blair disse anteriormente naquele dia, sobre o facto de Ben jogar à bola com Xavier. Ben evita qualquer referência a crianças com Rebecca por perto, não querendo lembrá-la do seu enorme desejo de ter um filho seu com quem possa estar. De tudo aquilo a que renuncia ao estar casado com ela.

Rebecca tem de lhe contar esta noite.

Ao transpor as portas duplas, ao despedir-se da enfermeira no balcão de admissão, ao pegar no *pager* para apagar as mensagens, vem-lhe novamente à cabeça o desânimo de Whitney. É algo que mexe com ela. E então, de repente, percebe-o, consegue visualizá-lo: um vidro recentemente estilhaçado, os milhões de minúsculas lascas que

ainda não caíram ao chão, e é-lhe tão familiar, este lugar onde Whitney se encontra, ao qual se agarra desesperadamente antes do inevitável.

Rebecca

Ergue a cabeça do volante, e ali está Ben, sob a luz amarela do candeeiro de rua, a olhar pela janela do carro, sempre empoeirado por ter estado no parque de estacionamento subterrâneo do hospital. Ben esboça um sorriso. Rebecca está em casa, tem folga nas próximas quarenta e oito horas e o marido não sabe o que ela está prestes a contar-lhe. Ben abre a porta e ergue-a, puxando-a para si.

— Estás bem?

Ela assente com a cabeça. Quando chega à cozinha, repara que Ben lhe preparou um jantar tardio, mas Rebecca está sem apetite. Em vez disso, vai tomar um duche e deixa a água correr o mais quente possível antes de entrar. Já está ligeiramente molhada quando ouve Ben a bater à porta; sente o vapor a fluir em direção à porta que se abre. A silhueta difusa de Ben desloca-se do outro lado do vidro embaciado.

— Posso entrar?

— Não demoro nada. — Rebecca vira-se de costas para o vidro.

— Deves estar esgotada.

Rebecca sente a adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Não pode deixá-lo ver a mudança que se operara nos seus mamilos, a obviedade da sua forma.

— Conte à Mara o que aconteceu. Ela esteve no alpendre o dia todo.

— Perguntaste-lhe se ouviu alguma coisa a noite passada?

— Parecia chocada. Não sabia de nada.

Rebecca observa a silhueta do marido a aproximar-se do polibã. Vira-se.

— Achas que ele tem alguma hipótese de recuperar? — pergunta Ben.

— Bem, tem de haver algum progresso em breve, ou o mais provável é que não recupere totalmente. — Rebecca não mitiga a verdade com chavões como qualquer outra pessoa. *Mas tudo pode acontecer. Mas as crianças são resistentes. Mas vemos cada milagre na pediatria.* — Parece que as autoridades os interrogaram.

— A Polícia?

— São formalidades. A maior parte das vezes só querem saber se a criança acaba por falecer. Porque, nesse caso, o procedimento terá de ser diferente... — Rebecca enxagua o cabelo, ainda de costas para Ben. Olha para o seu corpo, imaginando o que Ben diria se a visse agora. Se ela saísse, se levasse a mão dele ao ventre quente e molhado e a mantivesse aí. Se Ben pudesse esconder o desejo que Rebecca sabe ainda estar presente nele. Escondido, por causa dela. — A Blair disse-me que jogavas à bola com o Xavier.

— Uma vez por outra, sim.

Rebecca fecha a água. Quem ouvisse Blair ficaria com a ideia de ser uma coisa habitual, mas a maior parte das pessoas são assim, falam em ideias em vez de factos. Rebecca precisa de uma toalha para envolver o corpo. Ben, porém, estará à espera de que ela saia, como costuma fazer, que se seque enquanto falam, que espalhe loção no corpo. Que seque o cabelo com uma toalha.

Ela estende uma mão. Com a outra, agarra-se à porta do polibã, segurando-a com firmeza. Interroga-se se Ben a irá provocar... *Porquê tanta timidez hoje?* Rebecca continua a falar. Os jogos de bola.

— Achas que me deixaria constrangida passares tempo assim com um rapazinho?

Ele mantém-se em silêncio. Então diz:

— O Xavier queria fazer uma prova para a equipa de *softball*, por isso eu estava a dar-lhe umas dicas. Acabou por nunca comparecer nas eliminatórias, acho que sabia que ainda não estava preparado. Fiquei triste, mas teria sido pior se lhe tivesse dado para trás. Seja como for. — Ben solta um suspiro. — Não foi nada de especial.

Rebecca continua a guardar a luvinha de basebol na parte de trás do roupeiro. Um dia fora à loja onde Blair trabalha, minutos antes de fechar, buscar um presente para o bebé de uma enfermeira. Sobreçara uma série de coisas práticas, *babygros* e mantinhas, até dar com um cesto com luvinhas, cada uma delas com uma bola de basebol macia costurada no centro. Fizera o teste de gravidez no dia anterior. Até então ainda não pensara numa forma de contar a Ben. Blair embrulhou-a esmeradamente em papel de seda com os outros presentes, mas Rebecca, ao chegar a casa, tirou-a do saco e colocou-a sobre a almofada de Ben. Naquela noite, deixou o marido ir para a cama primeiro. Ben pegara na luva e olhara para Rebecca.

A sério? Puxara-a para baixo e tinham rido de uma forma que não se repetiu desde então. Foi há apenas três anos, mas, na opinião dela, eram adolescentes. No ponto, excitados e cheios de tesão.

Quando Rebecca sai do polibã, Ben já não se encontra na casa de

banho.

Rebecca

Vira-se e revira-se durante uma hora antes de sair silenciosamente da cama, com cuidado para não acordar Ben. São três da manhã. A casa está demasiado quente. No andar de baixo, às escuras, roda o botão do termostato e enche um copo de água. Xavier não lhe sai da cabeça. Tira o casaco de Ben do cabide junto à porta da rua e enfia os pés nos ténis de corrida do marido.

O carro de Jacob está estacionado na calçada de acesso. Agasalha-se com o casaco e, lesta, atravessa a rua para o lado da casa dos Loverlys, arrastando os atacadores de Ben. Levanta o trinco do portão e encolhe-se ao ouvir o clique do metal. O portão é mais pesado do que parecia, mas consegue segurá-lo antes de este bater na vedação.

Desloca-se lentamente ao longo da parte lateral da casa até ao logradouro.

Não sabe bem ao que vai, por que razão está a invadir propriedade alheia daquela forma. Parece um ato mais intrusivo do que esperava. Esta noite a Lua está coberta de nuvens, e o olhar de Rebecca atravessa o relvado sombrio. Liga a lanterna do telemóvel para escrutinar a relva, como se fosse possível encontrar uma marca do corpo de Xavier entre as folhas lanceoladas. Há linhas ténues que correm como trilhos no sítio onde Rebecca se encontra, rodas, talvez, da maca da ambulância. Vê uma bola de futebol encostada à vedação. Um minipino cor de laranja. Um aviãozinho de papel molhado sobre o relvado. E, no pátio de betão, do lado de fora da porta das traseiras, um copo tombado.

Pega nele e leva-o ao nariz, adivinhando o cheiro que vai sentir.

Recua alguns passos e olha para o terceiro andar, para a janela do quarto. Mantendo a sua linha de visão, desloca o olhar ligeiramente para a direita, para o sítio onde acha que Xavier terá aterrado. De onde está, a altura é impressionante.

Terá uma criança de dez anos alguma noção do que o seu corpo pode aguentar? Terá a capacidade de entender as suas próprias limitações físicas? Será que algum deles a tem? Como é possível que a forma física humana, sendo tão precária e frágil, consiga criar outra

vida e regenerar dezenas de milhões das suas próprias células numa questão de segundos? Como é que foi capaz de passar décadas no seu dia a dia, no seu trabalho, sem deixar que esta discrepância a consumisse, como está a acontecer neste momento?

Baixa o queixo, olha para as portas de vidro da cozinha sombria. Consegue ver o seu próprio reflexo esbatido, as suas mãos, agora agarradas ao peito, o casaco a ondular suavemente. Baixa o olhar encarando o sítio onde cresce um novo ser no seu interior. Sente algum tipo de ligação a Whitney. Talvez seja algo maternal. Por que razão terá sido atraída àquele local?

Ouve vozes na rua e, a seguir, uma porta de um carro a fechar antes de este arrancar. Sai do logradouro com a cabeça baixa e enfiada no capuz do casaco. Vê a porta da rua da casa de Blair fechada e uma luz a acender. No espaço entre os cortinados, observa Aiden a percorrer a sala de estar. Está a olhar para o telemóvel, a escrever com os polegares. Tira a camisa e cai no sofá.

Quando Rebecca regressa a casa e entra no quarto, sente que Ben está acordado. Enfia-se nos lençóis e chega-se para junto dele.

— Ouvi a porta da rua — diz Ben.

— Atravessei a rua, fui até ao logradouro deles. Para ver onde é que ele caiu. — Fica à espera de que Ben lhe pergunte o motivo, mas ele mantém-se em silêncio. — Acho que ele, se calhar, andava a tentar aleijar-se. Talvez para marcar uma posição. Ou talvez tivesse perdido a vontade de viver. Não me parece que tenha sido um acidente estranho. — Ao proferir estas palavras, reflete sobre a sua percepção. Uma intuição. Acaricia o ventre sob o cobertor. — Não tenho nenhuma prova, nada a que me possa agarrar, e já sabes que não é o meu estilo. Mas tenho um pressentimento quando estou no quarto com ela e com o Xavier. Esta... profunda tristeza em relação a ela, como se houvesse alguma coisa que ela não pudesse revelar. Mais do que um sentimento de culpa ou arrependimento. — Agora esfrega a testa e sente-se exausta. — Não sei se me faço entender.

Ben vira-se, ficando deitado de costas, e Rebecca imita-o. Pega na mão do marido e beija-lhe os nós dos dedos. Ele desloca-se para cima dela e leva a boca ao seu pescoço, degusta-a, chupa-lhe a pele fria. O contacto com o corpo da mulher desperta-lhe a tesão. Há muito tempo que não sentem este desejo um pelo outro, com todos aqueles anos de calendários, testes e sangue.

Esta noite, algo mudou. Rebecca deixa-o tomar-lhe o corpo oculto na penumbra. Começa a escapar ao domínio da mente agitada, mas acaba por lhe vir novamente à cabeça a relva sobre a qual Xavier terá jazido. O tremor da mão de Whitney nas suas. O útero destróçado. A

sua sucessão de mentiras. A marca de cento e vinte e nove dias que será atingida no dia seguinte. A sensação de sangue entre as pernas. Ben está dentro dela agora, está a preenchê-la. Pensa nas varetas com que a examinaram na clínica, na profundidade com que lhe entraram pelo corpo adentro. Na dor que a faz arquear as costas na mesa de exame, o choro que tem de sufocar. Sente humidade então, humidade real, e o pânico está de volta. Contudo, as mãos de Ben fixaram-lhe os ombros sobre a cama, e Rebecca ouve-o a sibilar através dos dentes cerrados. Recupera o fôlego cada vez que ele a penetra, com muito mais força do que nunca. Como se estivesse zangado. Só consegue pensar no pénis dele manchado com o seu sangue, nos lençóis encharcados de vermelho debaixo deles. Na forma como a visão de tudo isto a afetará.

Leva as mãos ao peito de Ben e afasta-o. Ele sai de dentro dela.

— Estás bem? — Ele tenta abrandar a respiração.

Ela encolhe-se quando o suor dele goteja sobre o seu rosto.

A sua mão sente a viscosidade no interior das coxas, e leva os dedos ao nariz na penumbra, em busca do familiar cheiro metálico. Sente Ben a deitar-se ao seu lado.

Rebecca está bem. Está ótima. Não há sangue. Rola em direção a Ben, e as mãos deles encontram-se e agarram-se com força. Ela tivera a cabeça noutro sítio, tal como ele.

Tem de acreditar que vão ficar bem.

Ben vira-se de lado, Rebecca aproxima-se do corpo dele. Quer sentir o calor das costas dele no seu ventre crescente, acreditar no que estão a tornar-se.

Whitney

Sete meses antes

Whitney senta-se à secretária e lê o relatório de avaliação escolar de Xavier referente ao mês de outubro. Louisa encontrara-o na mochila dele e enviara-lhe uma fotografia para o telemóvel.

Abaixo da média. Abaixo da média. Abaixo da média. Quase todas as linhas do relatório. Precisa de ajuda significativa para cumprir os objetivos. Precisa de lembretes diários. Não satisfaz as expectativas. E talvez o pior: falta de motivação. Não se orgulha do seu trabalho.

Nada disso constitui uma surpresa. Contrataram um explicador. Concordaram em deixar Xavier entrar para o clube de xadrez sénior com os alunos mais velhos, uma oportunidade para melhorar a sua confiança. Destaca-se em Matemática, no raciocínio abstrato, no reconhecimento de padrões. Tem dificuldades em tudo o resto.

Whitney sabe disso, mas sente repugnância ao ver essas falhas escarrapachadas no papel. Tem de ser mais dura com ele, apesar do que Jacob pensa. O pai defende-o. Fica preocupado por a mulher o rebaixar demasiado, por o criticar abertamente diante de outras pessoas. E é possível que Jacob tenha razão e que Whitney tenha tendência a empolar as falhas de Xavier por isso a ajudar a gerir as suas próprias expectativas em relação ao filho como pessoa. *Mas olha. Vê-me só este relatório. Esta prova.* Whitney sente a janela a fechar-se sobre o tempo que tem para moldar Xavier de modo a torná-lo a criança que ela quer que ele seja, em vez de ser a criança que é.

Está prestes a sair quando Grace entra e lhe pergunta se viu o *e-mail*. Não o viu, mas percebe, pela tibieza no tom de voz dela, pela forma como segura a ombreira da porta, que o teor do *e-mail* não será do seu agrado.

E não é. O *e-mail*, curto e formal, é-lhe endereçado em cópia cega. A cliente foi despedida da empresa de telecomunicações. E, se a cliente foi despedida, a empresa de Whitney seguirá o mesmo rumo. Em cima da secretária da cliente há uma proposta relativa a uma estratégia de envolvimento dos funcionários, no valor de meio milhão

de dólares, que aquela se comprometera a assinar até ao final do ano civil, e Whitney percebera então que tal atraso, pouco habitual, trazia água no bico. Há quatro anos que essa empresa era o nome mais sonante na lista de clientes de Whitney, justificando o salário de toda uma equipa de excelentes gestores de conta, e Whitney precisa dela.

Olha fixamente para o *e-mail*, para tentar saber a quem mais poderá ligar na empresa, alguém com quem tenha um relacionamento razoável. E que possa assumir essa ligação. Talvez ainda haja uma hipótese, se conseguir adiantar-se. Poderá solicitar uma reunião e reforçar tudo o que fizeram pela empresa, apresentar uma revisão do projeto inicial e reduzir os honorários. Ao consultar a sua lista de *e-mails* para encontrar a última correspondência com um diretor que conheceu num jantar de beneficência, um homem desagradável que molhava os cantos da boca ao falar e cujo nome não lhe vem à cabeça, a dita cliente envia-lhe outro *e-mail*, do qual, desta vez, Whitney é a única destinatária.

Lamenta imenso. Gostaria que tudo terminasse de outra forma em relação à empresa de Whitney, mas informaram-na de que iriam acabar com todos os contratos de consultoria. O departamento de compras entraria em contacto. Podemos combinar um almoço um dia destes depois das festas, sugere.

Vai. Te. Foder. É tudo o que lhe vem à cabeça, e é precisamente o que diz ao ecrã, mesmo sabendo que deveria ser mais graciosa, que deveria responder expressando a sua solidariedade, dizer-lhe que voos mais altos se seguirão, agradecer-lhe pelas centenas de milhares de dólares ganhos em honorários. Agora, porém, deixa prevalecer a raiva.

Estas frustrações — o péssimo desempenho escolar do filho, a perda do seu cliente mais lucrativo — são as desculpas que invocará mais tarde, nos breves instantes em que sentir necessidade.

Envia a fotografia do relatório de avaliação escolar a Jacob, que está em Manhattan para assistir à noite de abertura de uma galeria. Não acrescenta nenhum comentário.

Quando estaciona o carro na calçada de acesso, vê as crianças através das janelas altas da fachada de sua casa. Os gémeos estão a perseguir Xavier pela sala de estar, passando por cima do tampo da sua dispendiosa mesa de vidro, e há uma coisa escura, talvez um *brownie* de chocolate, na mão de Thea. Interroga-se se Louisa terá desistido. Deveria entrar, deixá-la ir para casa mais cedo. Contudo, há uma sensação desconfortável que lhe percorre a coluna até ao pescoço, e é a antecipação disto: *Mãe, anda cá abaixo! Estou cheio de fome! O Sebastian bateu-me! Preciso de um toalhete! O Zags não me empresta!*

Não consegue ir para lá. Em vez disso, vai ficar sentada no carro, agarrada ao telemóvel. Engrena a posição P, e é nessa altura que vê uma figura no espelho retrovisor — é Blair. Blair, que resolve qualquer problema. Blair, que acha que o filho dela, desafiador e de baixo desempenho, é especial. Blair, que certamente vai querer um ou dois copos de vinho. Liga-se como se se tivesse acionado um interruptor. Sai do carro e diz-lhe que estava a pensar nela. Chloe vem atrás de Blair, à procura de Xavier.

— Vai lá ter com ele, Chloe, andam numa correria com a Louisa. — Whitney nunca vai a casa de Blair. Hoje, porém, olhando para o outro lado da rua e pensando no caos que reina para lá da porta da sua própria casa, pergunta: — Importas-te se, desta vez, formos para tua casa?

Abrem uma garrafa de uma empresa vinícola local de que Whitney nunca ouviu falar; não está fria, mas é a única bebida alcoólica que Blair tem em casa. Whitney relanceia o olhar pela sala de estar sem se recordar da última vez que ali esteve. Há algo de singular e reconfortante na casa de Blair. O sofá com capa de proteção removível e a cadeira a condizer. A televisão num antigo banco de pinho que Blair se encarregou de branquear. O algodão leve dos cortinados, quase como lençóis infantis, translúcido de tão fino.

Vai até às prateleiras que Blair estilizou com lombadas de livros na horizontal, organizadas por cores, um arranjo cuidadoso de fotografias em molduras rosa-dourado, pequenas suculentas envasadas. Pega numa fotografia de Chloe, Aiden e Blair, provavelmente tirada no verão passado. Blair e Chloe ficam as duas tão fofinhas com as suas sardas. Têm a cabeça encostada uma à outra, com o cabelo solto, de tal forma que é impossível discernir onde termina o de Blair e começa o de Chloe. Aiden encontra-se atrás delas na fotografia, bronzeado, sorridente. Parece ter menos dez ou quinze anos. Há algo nele que a intriga. Whitney tem a nítida sensação de que Aiden está desenquadrado. Delas, do momento em que foi tirada a fotografia.

— Pus gelo. — Blair encontra-se agora postada ao seu lado, entrega-lhe um copo, dedica à mesma fotografia mais do que um simples olhar.

Whitney mantém-se em silêncio. Blair regressa à sala, pede desculpa pela desarrumação, que, porém, não existe. Whitney garante-lhe que está tudo no sítio, que está tudo ótimo. Pega noutra fotografia, desta vez dos pais de Blair, e tenta encontrar as feições dela no nariz deles, no contorno do rosto, na postura, cada um deles com a mão

pousada no pescoço de um cavalo de frente para a câmara.

— Não costumavas falar muito da tua mãe — observa Whitney. — Como é que ela é?

— A minha mãe? Ora bem... — Olha para a linha divisória entre a parede e o teto, como se nunca tivesse sido obrigada a pensar no assunto. — É uma pessoa muito simples. Gosta de costurar. Farta-se de ver telenovelas.

Whitney não consegue refrear o riso.

— Só isso? Oh, meu Deus, só espero que os meus filhos, um dia, possam dizer algo mais interessante sobre mim. Que tipo de mulher é a tua mãe? O que é que a move?

Blair leva a mão ao rosto e também se rende ao riso.

— Oh, ela é apenas uma espécie de... Sei lá. Vazio. — O riso desaparece. Blair bebe um gole.

— Como assim?

— Acho que, a dada altura, tinha eu oito ou nove anos, houve nela uma mudança. Antes disso, era uma pessoa mais viva. Mais feliz. Brincávamos todos às cócegas e coisas do género. Só que os meus pais acabaram por deixar de falar um com o outro, e o clima ficou... tenso. — Desvia o olhar de Whitney. — Acho que, se calhar, o meu pai tinha alguém. — Interrompe o que ia dizer, abanando a cabeça. — Sei lá. Talvez não. — Clareia a garganta e senta-se.

Whitney fica à espera, mas Blair parece rígida. Não vai dizer mais nada.

— Acho que a minha mãe pensou em deixar-nos quando éramos novos. Em deixar o meu pai, de certeza, mas também em deixar os filhos — diz Whitney, passando o dedo pela borda do copo de vinho. Nunca tinha partilhado isto com ninguém.

— Lamento imenso.

— Não, é que, às vezes, gostava que ela se tivesse ido embora, com toda a franqueza.

— Mas isso teria sido traumático, Whit. Teria mudado a tua vida por completo.

— E teria mudado a dela. Em vez disso, com setenta anos, mal consegue valer-se a si própria. Parece ter mais vinte anos em cima. Sabes que ela ainda vive naquele apartamento triste onde crescemos? Dali já não sai. Deve estar à espera de que o meu pai morra.

— Pois, mas olha quem te tornaste. E a vida que tens agora em comparação com o meio em que cresceste. Sei que ela não tinha muito, mas alguma coisa te deu ao decidir ficar, certo? Esse tipo de estabilidade molda uma pessoa para melhor.

Whitney abana a cabeça. Não quer contar a Blair a forma como o

pai falava com a mãe. Por vezes interrogava-se se a mãe não preferiria que o marido estivesse a sofrer e sem trabalho, para deixar de a importunar e de lhe gritar aos ouvidos. Ele mal conseguia manter-se de pé.

— Não, ela sentia-se presa, escrava da rotina — responde Whitney. — Percebi isso desde o início. Manteve um bilhete de autocarro escondido no bolso durante anos, como se, num dia qualquer, pudesse simplesmente sair para fazer compras e ir direitinha ao terminal.

— Nunca hei de perceber como é que alguém é capaz de querer deixar a família assim.

— Só que o sacrifício da maternidade não é para todos, certo? Muda a forma como uma pessoa se identifica com o mundo. É esta decisão irreversível que altera tanto uma pessoa. Ela amava-nos, eu sei. Sentia-o. Mas acho que ela sonhava acordada com quem poderia ser se não tivesse este fardo tão pesado que éramos nós. Não é fácil para toda a gente. Mesmo para uma pessoa que julgue que era isso que queria.

Blair ergue as sobranceiras e relanceia o olhar pela sala.

— Estou a ver. Mas avançamos para a maternidade sabendo que é um ato de altruísmo, certo? Damos prioridade aos filhos, mesmo quando é difícil. Tentamos tomar as decisões certas, aconteça o que acontecer. E então eles singram na vida, são felizes e praticam o bem. No fim de contas, é isso o mais importante. É tudo o que eu quero.

Estás a brincar comigo?, pensa Whitney. *Vamos mesmo por aí?* Como se querer algo mais para si própria fosse excessivo. Como se tivessem de satisfazer aquela quota de abnegação e só pudessem aspirar a algo mais depois de terem sido atenciosas e agradáveis.

— É claro que qualquer mãe quer ver os filhos felizes. O que eu quero dizer é que é quase impossível uma mulher não se perder pelo caminho. É uma espécie de... morte voluntária, de certa forma.

Blair, porém, não comenta. Um silêncio que acaba por parecer demasiado pesado.

— Bem, seja como for. Foda-se. Não é para os fracos de coração, pois não? — Whitney toma um gole, exagerado, com vontade de fazer desaparecer a tensão.

A tentativa de Blair de rir com ela é gutural e insincera; pega na garrafa para reabastecer os copos. Whitney sabe que Blair vai mudar o rumo da conversa agora. Vai falar sobre os planos que têm em comum para a noite de Natal, a refeição de *fondue* que vão partilhar com as crianças, os chinelos a condizer que encomendou para todos eles.

Em vez disso, porém, Blair mantém-se em silêncio. Encolhe as

pernas debaixo do corpo.

— Que tal o relatório de avaliação da Chloe? — Whitney sabe que Blair está desejosa de que a interrogue sobre isso.

— Está tudo bem — responde Blair, de forma contida. O desempenho escolar de Chloe é sempre excelente. — E o do Xavi?

— Não tão bem. Quero dizer, tivemos de o pôr num explicador este ano, mas... Não sei.

— Vai levar o seu tempo, mas vai ajudar. Com a ajuda certa, ele há de lá chegar. E com paciência. Ele é muito talentoso. Qualidades não lhe faltam.

Como se ela é que fosse a especialista. Como se Whitney precisasse de ser convencida em relação ao potencial do próprio filho. Como se Blair pudesse fazer por ele o que ela não consegue.

Whitney deseja ir embora. Começa a sentir os efeitos do vinho, está com fome e quer consultar o telemóvel que deixou na mala.

— Bem, por falar nisso, tenho de ir substituir a Louisa. Vou dizer à Chloe para vir para casa.

— Sim, o Aiden deve chegar a qualquer momento.

Abraçam-se e, ao afastar-se, Whitney mantém a mão de Blair na sua.

— Está tudo bem?

— Claro — responde Blair após uma pausa.

Whitney, porém, interroga-se se, afinal, não seria melhor ficar. Poderia dizer-lhe que entende mais sobre Blair do que ela imagina. Que gostaria que Blair tivesse a sua própria versão do bilhete de autocarro da mãe dela escondido algures num bolso. Uma opção. Blair, porém, nunca teria comprado o bilhete de autocarro. Nunca teria sequer considerado essa hipótese.

Há liberdade na verdade, pensa Whitney junto à porta da rua, ao ver Blair a passar os óculos por água, repetidas vezes, no lava-louça. E há sofrimento na mentira.

Whitney sai dali com os sapatos de salto alto na mão, sentindo o pavimento frio através dos *collants*. Ouve a porta de um carro a fechar-se atrás de si.

— Ouvi-te a dizer ao teu filho que não andasse na rua descalço.

Whitney vira-se e depara-se com o sorriso dele.

Apesar do entorpecimento derivado do álcool, ainda consegue reconhecê-lo: o momento que tanto pode dar para um lado como para o outro. Roçando a desonra, mas ainda não a incriminação. Palavras, não passa de uma troca de palavras. Segundos. Nada ainda que possa gerar sentimento de culpa. Nada que uma mãe não deva fazer.

— Nunca chegámos a tomar o tal copo, pois não? Acho que

devíamos, um dia destes, sabes, faria sentido.

O olhar de relance à casa dela. À dele.

Poderia ter sido isso, uma coisa que alguém diz e que nunca se concretiza. A proposta, a possibilidade, como o bilhete de autocarro no bolso do casaco da mãe.

Blair

Sexta-feira

São 6h45 do dia seguinte ao acidente de Xavier, mas não foi nele que Blair pensou mal acordou. Bate com as portas do armário e chocalha os pratos no lava-louça. Trata-se de um generoso período de graça. Blair está em ebulição há uma hora. Chloe olha para cima, interrompendo a sopa de letras que está a fazer à mesa da cozinha enquanto termina o pequeno-almoço. Blair fecha suavemente a porta do armário.

Chloe chama por ele, que está na sala de estar, onde continua deitado no sofá.

— Pai? A mãe quer que te levantes agora.

Aiden entra na cozinha e enche um copo de água.

— Bom dia, minhas queridas. — Despenteia o cabelo de Chloe e aponta para uma palavra na folha. — Irada. I-R-A-D-A.

— Onde? — Chloe olha com mais atenção e Aiden sorri de forma provocadora para Blair, mas esta afasta-se dele. Aiden põe-se atrás dela e pausa-lhe a mão no ombro. Quer amenizá-la. Blair sente o cheiro a álcool enquanto ele se serve de café.

O marido ainda não estava em casa quando ela adormeceu, às duas da manhã. Enviara-lhe sete mensagens para o telemóvel. «Onde é que estás.» «Já é tarde.» «Onde é que estás.» O carro de Jacob estava estacionado junto à casa deles às onze da noite, pelo que Whitney estaria sozinha no hospital. Blair atormentara-se com especulações. Pusera a cabeça debaixo da almofada e implorara que o cérebro parasse de andar à roda.

Não pode continuar assim.

— Lá para cima. — É tudo o que consegue dizer-lhe.

Senta-se na ponta da cama deles e aguarda pelo marido. Aiden está à espera de que Blair seja a esposa irracional, que vomite a raiva que reserva exclusivamente para ele. Blair pondera o que pode dizer. Até onde pode ir. Não tem nada tirando o canto de um invólucro de papel de alumínio e uma chave. E horas e horas a presumir o pior. É

tudo o que tem.

Não tem nenhum plano. Nenhuma ideia do que fazer a seguir caso ele diga que sim. *Sim, foi uma chave que lhe dei para ela entrar no meu escritório, onde damos umas quecas. É uma saqueta do preservativo que usei. Não posso continuar a mentir-te. É tudo?*

Aiden deita-se na cama ao lado de Blair e pousa a mão na parte inferior das costas dela.

— Queres um pedido de desculpa, e tenho obrigação de to apresentar. Peço desculpa por ter chegado tão tarde.

— Onde é que estiveste?

— Devia ter-te ligado. Fomos para casa do Lin depois do bar, e ele foi buscar as fichas de póquer. Nem me apercebi das horas a passar. — Afaga-a ternamente.

— Não respondeste a nenhuma das minhas mensagens.

— Não tinha o telemóvel ao pé de mim, só as vi quando me fui embora. Desculpa.

Blair olha para as mãos de Aiden, que agora repousam no peito dele, como se ele estivesse prestes a dormitar. Pensa em quem aquelas mãos terão tocado. Na facilidade que algumas pessoas têm em mentir.

Desce as escadas até à sala de estar para pegar nas calças que Aiden deixou no chão. Explora cada um dos bolsos. Os cartões de crédito dele, a chave do carro, o telemóvel. Não há nenhum recibo do bar. Digita a palavra-passe dele no telemóvel e percorre as mensagens. Não há nada da noite anterior. Nem sequer as mensagens frenéticas que ela lhe enviou. Ele apagou-as.

Nunca tinha apagado as suas mensagens. A cadeia de mensagens trocadas entre eles é como um apêndice do seu casamento. Um registo dos seus dias. Blair está sempre presente, no topo do ecrã dele. É a primeira coisa que ele vê.

Aiden parece ter adormecido quando ela regressa ao quarto.

— Porque é que apagaste todas as minhas mensagens?

— O que é que andas a fazer?

— Responde à minha pergunta.

— Não faço ideia. Apaguei-as, e pronto.

— Para mais ninguém as ver?

— Não primavam propriamente pela gentileza. A última dizia «Vai-te foder». Achas que queria guardá-las?

Blair caminha até à cómoda e tira a chave. Põe-na na palma da mão e mostra-lha de perto.

— Essa chave é minha. Onde é que a encontraste? — pergunta Aiden.

Estende a mão para pegar nela, mas Blair fecha o punho. Há algo

na voz dele, uma paciência distinta de que ela não estava à espera, um esforço para manter a calma. Volta a recomendar cautela a si própria. Ser-lhe-á impossível retroceder. Pensa em Chloe, que, no andar de baixo, prossegue com a sua sopa de letras. Poderá levá-la à escola e, de seguida, separar a roupa em pilhas por cores. Poderá tirar a carne picada do congelador para descongelar para o jantar. O dia poderá continuar, com tudo intacto.

— Era a Whitney que a tinha — diz.

— A Whitney? Porquê? — Apoiado sobre o cotovelo, esfrega a barba rala. O branco dos olhos está rosado.

— Explica-me tu.

Aiden desata então a rir. Volta a deitar-se. Fez pouco da preocupação dela. Está à espera de que ela faça figura de parva.

— Talvez a tenha encontrado no ginásio? Achei que talvez a tivesse perdido lá. Não sei, tu é que és a detetive. Pergunta-lhe.

O coração de Blair bate com força enquanto Aiden tenta desanuviar o ambiente.

— Ela já não frequenta aquele ginásio. Se foi ela que a encontrou, porque é que não ta entregou?

— Não sei aonde é que queres chegar, Blair. Ter-se-á esquecido, talvez? É uma chave da porta das traseiras do meu escritório. Seja como for, de nada serve, tiveram de mudar a fechadura por eu a ter perdido.

Aiden sai do quarto e abre a torneira do polibã.

Blair vai atrás dele. Apetece-lhe sair de casa e deixá-lo lá com Chloe, com os pratos do pequeno-almoço, com o frigorífico vazio, as pilhas de roupa, o tédio, a rotina. Com o nó no estômago que lhe pesa há semanas, desde que encontrou o canto do invólucro do preservativo. Quer que ele se sinta assoberbado por tudo aquilo. Quer despojá-lo da capacidade de enfrentar a vida sem constrangimentos, da calma que consegue arranjar tão facilmente. Apetece-lhe arrancar a cortina do polibã dos frágeis ganchos de plástico, aumentar a temperatura da água até ficar a ferver, agarrar-lhe nos pelos púbicos e arrancá-los todos.

Abre a cortina de vinil com um gesto brusco.

— Andas com alguém?

Todo o corpo dela pulsa, à espera. À espera.

Rebecca

De manhã acorda com a sensação do colchão a mexer-se ao seu lado. Está de folga nos próximos dois dias. Fica na cama à espera até sentir o cheiro do café que Ben está a preparar. No andar de baixo, fecha o roupão, fica de pé junto à bancada, observa-o a tirar os víveres do frigorífico para fazer o pequeno-almoço. Interroga-se se Ben não estará a pensar na noite anterior, na sensação de ser repellido por ela. Terá sentido que Rebecca estava a proteger alguma coisa? Ter-se-á interrogado?

— Ben.

Ele ergue a cabeça, sorri-lhe. Pergunta-lhe como é que quer os ovos.

— Estou grávida.

Ele mantém o olhar fixo na caixa de cartão que acabou de abrir.

Cada segundo de silêncio deixa-a com a sensação de que ele se afasta cada vez mais dela. Apesar de permanecer imóvel. Deseja que ele esmagasse um ovo. A caixa inteira. Que lhe dissesse que ela não é boa da cabeça. Tudo menos o silêncio.

— Já estou com mais de dezoito semanas. Já ultrapassámos em cinco dias o nosso máximo.

Ben olha para um ponto no chão da cozinha. Rebecca tem vontade de lhe dizer que também está assustada. Que por vezes se sente como um monstro a arremessar fetos à parede para ver qual deles é que pega, mas aqui estão eles — desta vez está a correr bem. Quer dizer-lhe que lamenta, mas que fez o que tinha a fazer.

— Disseste que conhecias o teu ciclo, que não precisávamos de preservativo. — Ele pousa as pontas dos dedos na borda da bancada. — Não foi...

— É importante para mim queres isto tanto quanto eu.

— Não é o que eu quero que está em questão. — A acutilância dele assusta-a. — O que está em questão é a nossa capacidade de sobrevivência. E tu não estás a aceitar isso! Estás a apostar num milagre. Não és... já não és a mesma pessoa.

— Há uma possibilidade. Há uma esperança.

A quebra de voz ao proferir a palavra «esperança» faz com que Rebecca se sinta mais vulnerável do que é habitual na presença de Ben. Mais do que as horas que passaram juntos em salas de espera e as noites sobre o chão frio de mosaicos e o sangue dela que Ben ajudou a limpar. Rebecca está cansada de se sentir resiliente. De ser racional, como se espera de uma médica. Que se lixem as estatísticas das quais passou a fazer parte. Que se lixem as probabilidades do desfecho. Sim, é ciência, é biologia, é uma questão de células. O seu corpo ou é fisicamente capaz de sustentar uma vida ou não é. Contudo, Rebecca também é uma mulher com vontade de sentir o peso do seu próprio recém-nascido a contorcer-se sobre o seu peito nu. Deseja saber como é sentir-se fanaticamente consumida. Ver-se, um dia, a imitar os gestos do bebé e ficar estupefacta por essa magnífica criatura lhe pertencer. Sente que merece essa oportunidade, independentemente do que for racional, sensato ou provável.

Observa a respiração de Ben, longa e firme, e não quer ficar ali com o marido, a não ser que este erga a cabeça e lhe diga o que ela precisa de ouvir. Aguarda.

A seguir, vira-se, sobe lentamente as escadas, entra no quarto que Ben pintou há três anos, com esmero, amorosamente, enquanto se interrogava quem seria o filho deles. Sente a falta dela, do primeiro bebé que teve, embora não saiba quem é. Não conhece a voz da filha nem a sensação de ser observada por ela. Ou amada por ela. É indefinida. É etérea. O quarto está vazio, à espera, e Rebecca deita-se no meio do piso de madeira a observar o modo como a luz matinal matiza a cor das paredes.

Blair

Aiden nem abre os olhos. Inclina o rosto para cima para receber o ténue fluxo do velho chuveiro. Já a aturou o suficiente esta manhã. Está a ignorá-la. Nem se digna a negá-lo com palavras.

— Ouviste a minha pergunta?

— Ouvi, pois! E a resposta, como é evidente, é não. Porra, até fico ofendido por me fazeres essa pergunta. — Fecha a cortina do polibã.

Blair fita as manchas de bolor ao longo da borda que não conseguiu tirar. Fica à espera de que ele lhe diga: *Não projetes em mim os problemas do teu pai. Não sou como ele.* Aiden, porém, não o diz.

Blair vai para o quarto de Chloe. Alisa e enfia os cobertores na cama, apanha a camisa de dormir do chão. Dói-lhe o peito e sente o rosto a ferver. Está cansada de tudo, de todos os sentimentos, de todos os pensamentos. De quem se tornou. Ouve a água a deixar de correr nos canos, os pés molhados de Aiden a pisarem os mosaicos limpos do chão da casa de banho. Quer que Aiden venha ter com ela. Que estenda um braço para a acolher. Que o negue novamente e faça tudo o que tem de fazer para a reconfortar.

Recorda as mãos dele a tremer junto ao altar. Lembra-se de apanharem mirtilos no final da calçada de acesso à casa dos pais dele quando Chloe tinha três anos, de os dedos ficarem todos manchados de roxo durante dias. Pensa na humidade que enche o segundo andar quando Aiden toma banho com a porta aberta e que faz com que as pontas dos cabelos deles fiquem todas enroladas. No odor da pele dele entranhado nas almofadas, mesmo depois de lhes ter mudado as fronhas. Na delicadeza com que ele lhe preparava o café todas as manhãs, o açúcar extra, muita nata. É o fluir banal de uma vida segura em conjunto, a vida que anteriormente parecia ser suficiente.

Blair não consegue decidir o que significa ter finalmente confrontado o marido. Ter libertado um perigoso roedor de uma gaiola, uma ameaça ainda viva algures, embora tenha deixado de vibrar nas suas mãos. E que irá voltar.

Precisa de ver tudo esclarecido. Irrefutavelmente. Neste momento, porém, não pode interrogar Whitney.

— Porque é que estás a chorar?

Blair não ouvira os passos dela. Afasta-se da porta para Chloe não conseguir ver-lhe a cara.

— Volta lá para baixo — diz bruscamente.

— Só queria...

— Chloe, preciso de estar sozinha um bocadinho! Sai, se não te importas.

Chloe, porém, não sai. Abraça-se com força à cintura da mãe. Blair pensa na primeira vez que achou a sua mãe pequena. Triste. Fraca.

— Mas porque é que estás a chorar, mamã?

— Não estou, está tudo bem. Está tudo bem. Vamos terminar a sopa de letras antes de ires para a escola. — Enxuga as lágrimas e sorri. Atira uma almofada em forma de arco-íris para a cama e dá uma pancadinha no rabo de Chloe. Puxa o cabelo para trás, envolve-o com um elástico e diz, no tom mais alto que consegue: — Tudo bem? Vamos lá.

Ao descer, porém, sente que Chloe estacou no cimo das escadas, a observá-la.

Aiden entra na cozinha enquanto Blair ajuda a filha a encontrar a palavra CHANUCÁ. Evita o olhar dele enquanto enxagua a colher que ele usou, fecha a embalagem das natas que ele deixou aberta, limpa as gotas que ele desleixadamente deixou cair em cima da bancada.

Na mesa, puxa Chloe para o seu colo. Têm de lhe contar o que se passa com Xavier antes de ela ir para a escola e de o boato começar a circular. Blair leva a mão ao peitinho de Chloe para lhe sentir a batida do coração e cheira o suor do parque do dia anterior na nuca da filha. Recorda a sua cabeça sedosa na palma da mão, o peso de uma toranja, todo o aconchego e esperança que a vida de um recém-nascido ainda comporta. É então que Chloe se afasta.

Graças a Deus que não foi ela.

— Não se importam de me dizer o que se passa? Com o Xavi?

Aiden senta-se e afaga a face da filha.

— O Xavi sofreu um acidente — explica. — Deu uma queda grave da janela do quarto na noite de quarta-feira. Vai ficar algum tempo no hospital enquanto melhora.

— Oh. — Chloe mantém-se em silêncio por um instante. Olha para a mãe. — Mas como é que ele caiu?

— Não sabemos bem. Era de noite, já tarde, por isso ninguém sabe o que aconteceu.

— Oh — exclama Chloe novamente. Baixa o queixo e olha para o

colo. Blair puxa-a com força. Não queria contar-lhe. Não queria que ela se preocupasse. — Ele vai ficar bem, depois de os médicos o tratarem?

— Claro que sim, querida. Vai correr tudo bem, não te preocupes. — Blair dá-lhe um beijo na cabeça enquanto Aiden a fita. Blair, com um olhar, pede-lhe que não diga mais nada.

— Era por isso que estavas a chorar lá em cima? — Blair não olha para Aiden. Assente com a cabeça. — Podemos levar-lhe um cartão? E dar-lhe aquele avião velho que ele deixou aqui? É o preferido dele, por isso vai querer brincar com ele no hospital.

— És uma boa amiga, Chloe. — Blair beija-a. — Porque é que não te vestes e vamos comprar um cartão à farmácia antes de irmos para a escola? Temos tempo se sairmos já.

Aiden suspira audivelmente quando Chloe sai da cozinha. Blair levanta-se e começa a andar de um lado para o outro.

— Soubeste de mais alguma coisa hoje de manhã? — pergunta Aiden, com uma desenvoltura que Blair acha estranha depois daquilo com que acabou de o confrontar.

— Nada.

Não lhe contara sobre a reação de Whitney no hospital no dia anterior. Dissera apenas que, dentro do esperado, estava a lidar bem com a situação. Que lhe levara algo para comer. Aiden folheia o jornal, mas não tira nenhuma secção, ao contrário do habitual. Larga-o em cima da mesa e toma o seu café. Blair, apoiada na bancada, observa-o. Admirada.

Aiden aproxima-se dela e beija-lhe a cabeça, envolvendo-lhe o pescoço com o braço. Mantém aí os lábios por um instante.

— Vamos esquecer aquele absurdo de há bocado — sugere-lhe Aiden. Parece sempre disposto a fazer isto, perdoar.

Esta manhã, porém, o ambiente é diferente. Blair observa-o a movimentar-se em seu redor, estuda a rápida subida e descida do peito dele. Aiden serve-lhe mais café, a seguir tira mais um pouco para si, e o silêncio é denso. Aiden coça o queixo, o queixo que ela poderia delinear mesmo a dormir. Esfrega o pescoço, onde ela se pendurou tantas vezes. Há traços físicos de Aiden que quase parecem dela, e, embora Blair não consiga sentir por ele a mesma atração de outrora, embora nem sequer goste dele a maior parte do tempo, sente-se possessiva em relação a ele. Aquele queixo é dela. Aquele pescoço. Aquele marido que gosta de assobiar.

Talvez o seu casamento tenha atingido um ponto intermédio, vacilante e ambíguo.

Aiden sobe as escadas, vai preparar-se para ir para o trabalho.

Blair espera por Chloe e relanceia os olhos pela cozinha, a mesa que ninguém limpou, as almofadas espalmadas no sofá onde Aiden dormiu.

Vem-lhe à cabeça uma noite quando estavam no início do seu relacionamento. Tinham saído para jantar depois do trabalho. Ainda encontravam temas de conversa, histórias e coisas preferidas e sítios aonde queriam ir juntos. Lembra-se de ter pensado, enquanto ele falava, que já não sabia o que era estar sozinha. Perdera a inveja que tinha pelos amigos trintões que, um após o outro, se haviam refugiado nos seus próprios relacionamentos, na certeza de que tinham futuro. Encontrara finalmente esse futuro para si própria. Já não tinha medo de nunca conquistar as coisas por que tanto ansiava: um filho, uma bela casa, uma boa vida. Já enveredara por uma carreira e não tinha de desistir dela. Atingiu a maioridade nos anos noventa, o poder feminino, o direito da mulher de ter tudo, de ser tudo. E estava determinada a ir por esse caminho, ao contrário da mãe.

Quando o empregado viera buscar os pratos, Aiden tocara-lhe no joelho debaixo da mesa. Ela pensara na cera dolorosa aplicada no dia anterior. Nas relações sexuais que teriam naquela noite. Escolhera uma refeição ligeira para o jantar. Estendera a mão por debaixo da mesa e pegara na mão dele, e tocaram nas unhas um do outro, nos nós dos dedos um do outro. Aiden perguntara-lhe o que é que queria fazer no dia seguinte.

— Oh, sei lá. Ir ao supermercado. Ir ao *yoga*, talvez, e depois recuperar o atraso no trabalho.

— Que tal vermos uns sítios? — perguntara ele.

— Uns sítios?

— Uma casa. Juntos.

Aiden rira-se então da alegria, da estupefação dela. Erguera o copo na direção dela, e ela alçara o seu para tocar no dele. Blair tivera a sensação de ter conquistado alguma coisa. Tê-lo-ia conquistado a ele? Uma vida parecida com as vidas felizes? O champanhe que Aiden pedira fez-lhe então sentido. Sentira-se animada. E apaixonada. E, depois, aliviada. Então, desenhara traços com o garfo na mousse de chocolate pousada entre eles sobre a mesa.

Refletira em voz alta sobre os bairros que, juntando os dois ordenados, estariam ao alcance deles. Sobre o número de divisões. Aiden ia assentindo com a cabeça enquanto ela falava, e, quando Blair ergueu os olhos, ele parecia agradavelmente focado em algo atrás dela. Blair lambeu o chocolate do fundo do garfo e segurou-o à sua frente, olhando para os dentes, com o rosto de Aiden desfocado ao fundo. Não queria virar-se para ver o que atraía a atenção de Aiden.

Acabara, porém, por fazê-lo. A mulher parecia divertida, falava com uma amiga, protegendo a boca com a mão, e, em seguida, olhou para cima para voltar a observá-lo. Em vez disso, deparou-se com o olhar de Blair. Esta voltou-se para Aiden, que clareou a garganta. Ele rapou a sobremesa e disse-lhe:

— Fica então para amanhã. Tenho visitas a casas marcadas para nós às dez.

Naquele momento, Blair apercebeu-se de um aspeto sobre ele que não queria que fosse verdade. Contudo, há riscos que as pessoas correm quando querem muito alguma coisa. Há coisas que aprendem a ignorar. Foi só um olhar. Ela amava-o. Era o seu mais que tudo, ou, pelo menos, era quem ela tinha escolhido. Blair já tomara uma decisão sobre uma vida ao lado dele. Já chegara tão longe.

Blair

Lá fora, vê Mara de pé no alpendre, de camisa de dormir. Chloe acena ao passar por ela de trotineta, mas Blair fica intrigada por Mara ainda não estar vestida, ao contrário do que é habitual. Diz a Chloe para esperar, atravessa a rua e transpõe o portão de ferro enferrujado.

— Já sabem o que aconteceu em casa dos Loverlys? Na quarta à noite? — O sol da manhã bate-lhe nos olhos, e Blair protege o rosto para conseguir ver Mara.

— Sim, sei — responde Mara.

Blair fica à espera de mais pormenores, há sempre mais alguma coisa. Segue o olhar de Mara até à entrada dos Loverlys. Lá está o carro de Jacob, mas os cortinados estão corridos, a casa ainda sem vida. Os seus lábios parecem tensos.

— Está bem, então... — Blair recua alguns passos, e, pela primeira vez, Mara nada diz para manter a conversa. — Nós avisamos se houver novidades.

Estuga o passo para acompanhar a trotineta de Chloe, para oeste, atravessando a Harlow Street em direção à farmácia. É um daqueles dias de primavera que faz com que toda a gente se sinta leve e otimista, mas Blair não consegue libertar-se do cimento que lhe pesa no estômago. É Xavier. Mas é também a chave sobre a qual não pode interrogar Whitney. É algo na forma como Aiden deixou as coisas correrem demasiado depressa naquela manhã.

Não está convencida de nada.

Param no semáforo. A pergunta sai-lhe da boca antes de conseguir detê-la:

— Chloe, tenho uma pergunta para te fazer. Já alguma vez viste a Whitney a zangar-se com o Xavi sem eu estar presente? A ficar muito, mesmo muito zangada?

As palavras sabem-lhe a traição. É a sua melhor amiga. Uma decisão que não poderá anular. No turbilhão de culpa há um desejo embrionário de ouvir algo condenatório sobre Whitney. Algo que seria obrigada a transmitir.

Fita o passeio enquanto Chloe pensa.

— Sei lá.

— Não sabes ou não me queres contar?

Chloe bate com a biqueira de borracha do ténis no passeio. Pensa um pouco mais.

— Nunca a vi zangada. A não ser uma vez, naquela festa no logradouro deles. E naquela vez em que fomos lá deixar os biscoitos.

Tinham passado por lá na véspera de Natal com uma lata de biscoitos ainda quentinhos do forno. Chloe queria deixá-la em cima da mesa do *hall* de entrada para ser surpresa, escrevera um bilhete em nome dos duendes do Pai Natal e prendera-o à tampa com fita-cola. Entrara silenciosamente e a seguir regressara para junto de Blair com os olhos arregalados. Blair também ouvira. O grito de uma criança algures, o rosnar da voz de Whitney. Pancadas. Batidas. Por fim, choro.

Blair puxara Chloe para fora, fechara a porta silenciosamente e colocara os biscoitos sobre o capacho. Sentira o mesmo medo inquietante que no churrasco, a testemunhar algo muito íntimo. Preferia não o ter ouvido. Em casa, sentara-se no sofá e puxara Chloe para junto de si. Lembrara-lhe que, por vezes, os adultos perdem a paciência. «Mas tu não perdes», dissera-lhe Chloe. «Nunca me metes medo.» Blair referira que toda a gente tem dias maus. A seguir, convencera-se do mesmo.

Agora, Chloe tem os olhos fixos no passeio. Blair sabe que a filha não está a ser franca. Conhece-a a fundo, cada expressão, cada maneirismo, e sabe que está a esconder alguma coisa. Que está a fazer o que acha que uma boa rapariga deve fazer.

Na farmácia, deixa Chloe perscrutar as fiadas de cartões de melhoras. Olha para a prateleira de preservativos na parte de trás, perto do balcão. Há mais opções do que se lembrava. Mais sérums e texturas e géis formigantes, um mundo no qual Blair já não encontra utilidade. Imagina alguém a desenrolar a borracha até ficar esticada na sarda de Aiden.

Enfiando a mão no bolso, tira o canto do invólucro de papel de alumínio. Uma a uma, abre caixas da marca que Aiden costumava comprar. Procura o mesmo tom de verde, a mesma borda ondulada, mas só consegue encontrar um tom brilhante semelhante em cor de ameixa. Tira uma fiada de preservativos da caixa e segura o roxo ao lado do papel de alumínio rasgado. Têm peso e textura idênticos. O canto que segura na mão tem a mesma dimensão.

Poderia consultar o *site* da marca para ver a linha de produtos. Poderia perguntar a alguém que ali trabalhe se têm outras variedades na sala dos fundos. E depois? Ficaria no ponto em que está há meses.

À procura de mais provas e, a seguir, de mais desculpas.

Vai ter com Chloe, que está indecisa entre os três cartões que segura na mão. Quer sair sem comprar nenhum deles. Está a assimilar a verdadeira dimensão das notícias sobre Xavier. Blair agacha-se até ficar ao nível da filha e segura-lhe a cara entre as mãos.

— Ei, querida, estás bem? Diz-me como te sentes.

O rosto de Chloe desfigura-se e Blair já sabe que as lágrimas virão a seguir.

— Só quero ir para casa. Hoje não quero ir à escola.

— Lamento que estejas tão abalada. Eu percebo-te, percebo mesmo. É completamente normal sentires-te assim, é o teu melhor amigo. Só queres que ele melhore, certo?

Chloe chora no peito da mãe e tenta abafar o barulho. Blair fecha os olhos. Não deveriam ter-lhe contado ainda, numa altura em que ainda há tanta coisa por saber.

— O problema é esse. Ele já não é o meu melhor amigo. — Chloe afasta-se de Blair e tenta recuperar o fôlego entre soluços. — Na quarta-feira, no recreio da manhã, fui bruta com ele. Fui tão bruta que o pus a chorar à frente de toda a gente. E então a Hayden Ross atirou-lhe uma barra de granola à cara. Quem me dera tê-lo ajudado. Mas não ajudei, desatei a rir, e toda a gente fez o mesmo, e depois ele foi esconder-se na casa de banho. Ia pedir-lhe desculpa ontem quando fomos para a escola, mas agora não posso.

— Oh, Chloe. Anda cá.

Puxa a cabeça da filha contra o peito e toma consciência. Quarta-feira. A noite do acidente. Xavier adora Chloe. É a única amiga dele, mas ele é um dos muitos amigos que Chloe tem. O episódio tê-lo-ia destruído.

Contudo, não é o momento de a repreender. Em vez disso, sossega-a e leva os lábios aos seus ouvidos:

— Não te preocupes com isso agora, está bem? — Beija-a. Enxuga-lhe as lágrimas e pega-lhe na mão. — Toca a pagar isto e a ir para a escola.

— Levas-lhe o cartão e o avião? E dizes-lhe que peço desculpa por lhe ter dito que ninguém se iria importar se ele morresse e que o melhor era ele desaparecer?

Ninguém se iria importar se ele morresse. Desaparecer. Estas palavras mirram na mente de Blair, cada vez mais, até se tornarem quase impercetíveis. Olha para a frente, para a exposição de quadrados de papel de embrulho e para os pompons de fita espiralada para presentes, e só vê uma coisa. Xavier, sozinho, empoleirado na janela do quarto. Também ele sem se importar se morresse.

Whitney

Hospital

O seu telemóvel aparece-lhe à frente, na mão de Jacob, que está de regresso ao quarto, a cheirar a pasta de dentes. Mudou de roupa. Deve ser de manhã. Refere umas mensagens da assistente dela, que enviou três mensagens a Whitney, mas o ecrã está bloqueado, por isso não pode ler-lhas. Pergunta se ela as quer ver. Se quer que ele ligue para o escritório dela. A reunião, houve aquela grande reunião esta manhã. Ele pode explicar-lhes o que aconteceu a Xavier, informá-los de que ela não estará disponível durante alguns dias. Whitney não responde, não quer pensar no trabalho. Jacob aguarda. Não tem a certeza do que ela quer. Toma então a decisão por ela. Diz-lhe que vai sair do quarto para ligar a Grace, que só demora um minuto.

Whitney, porém, arranca-lhe o telemóvel da mão. Inala o ar bafiento do quarto do hospital, mas os pulmões não se enchem como precisam. Segura no telemóvel com toda a força, e precisa que Jacob se afaste, que saia do quarto. Porque Grace nunca lhe envia SMS, apenas *e-mails*.

É outra pessoa que, no telemóvel dela, aparece com o nome de Grace.

Pede a Jacob que vá lá abaixo buscar-lhe uma sandes. Acha que afinal é capaz de estar com fome. A voz denota grande tensão; Jacob mantém-se em silêncio por uns instantes. A seguir circunvaga o olhar à procura da carteira, diz que é bom vê-la novamente com apetite, mas Whitney sabe que ele não acredita nela.

Depois de o marido sair, desbloqueia o ecrã e lê as três mensagens.

«Lamento. Por tudo.»

«Preciso de voltar a ver-te.»

«Acho que ela vai descobrir não tarda.»

Rebecca

Continua sozinha no chão do berçário vazio. Sente-se ansiosa em relação a algo que inicialmente não consegue reconhecer, até que a evidência se torna esmagadora. Quer ver a mãe.

A voz da mãe preenche-a e dá-lhe alento do outro lado da linha quando Rebecca lhe pergunta se pode passar por lá ainda durante a manhã. Tem evitado ver a mãe com a frequência com que deveria. Estar perto dela faz-lhe lembrar o relacionamento que ela própria poderá nunca vir a ter. Geralmente falam de outros assuntos, política, o trabalho de Rebecca, o conselho do condomínio de que a mãe passou a fazer parte, mas sabe que a sua fertilidade está na mente de ambas.

Antes de sair, tira um dos diários de bolso da gaveta da mesinha de cabeceira. É fininho e está desgastado, tem quase a sua idade, um brinde do banco onde a mãe lhe abriu a primeira conta-poupança. Com letra cursiva e apertada, nos quadrados do calendário, a mãe descrevia as atividades diárias que desenvolviam em conjunto. *Explorámos a secção livre do museu. Trabalhámos nos sons de A a M. Praticámos a soma no nosso novo ábaco (dois dólares na Goodwill!). Passeio do jardim de infância.* Com o passar dos anos, os quadrados em cada diário adicional pareciam ter passado a retratar a história de outra família — não a da mãe pobre e solteira com a sua filha aguerrida. *Terceiro exame de piano, passou! Campeonatos nacionais de debate. Pedido de empréstimo universitário apresentado. Primeiro dia como caloiira na Universidade de Columbia. CONSEGUIU!*

Milhares de quadrados em dezoito pequenos diários, a obrigação de manter um registo de tudo o que Rebecca já empreendeu. A mãe deu-lhos numa caixa de arquivo quando ela terminou o curso na faculdade de Medicina, e Rebecca guarda alguns na sua mesinha de cabeceira. Valorizava-os pelo que representavam: gestos de amor, sinais da perseverança da mãe em proporcionar à filha uma vida que a mãe nunca teve. Os quadrados, porém, eram igualmente uma quantificação — de tudo o que Rebecca já recebera na vida.

E agora pode finalmente dar um neto à mãe.

Tivera a ideia no polibã. Vai entregar-lhe o último dos diários e apontar para o quadrado que juntou — a data prevista para o parto.

Basta passar umas horas na cozinha da mãe para tudo lhe correr de feição.

Vai comprar peónias ao mercado e a seguir atravessa a cidade até à autoestrada. Leva o telemóvel no banco do pendura, ao lado do diário, e consulta-o várias vezes para ver se Ben lhe enviou alguma mensagem. Imagina-o de volta a casa esta tarde, sentado à mesa da cozinha, pronto para conversar. Pronto para lhe perdoar. Encontrará novo motivo de esperança à medida que o bebé for crescendo dentro de si. Este episódio tornar-se-á uma fração de tempo de que mal se recordarão. Tudo terá mudado.

Liga o rádio e sente-se finalmente relaxada.

Passados quarenta minutos, vira na saída que conduz ao sítio onde vive a mãe. Muda de posição no assento enquanto abranda no primeiro semáforo. Tem calor com as calças de ganga e ocorre-lhe que deveria ter trazido um vestido, está a suar, mesmo com o ar condicionado ligado. Abre a janela do carro e debruça-se para usufruir do ar fresco da primavera. Pensa em parar para ir buscar um café para cada uma delas. Volta a mudar de posição no semáforo seguinte e sente-a mais distintamente desta vez, uma humidade quente na roupa interior. Estende a mão para puxar as calças apertadas, afastando-as das virilhas. O pensamento óbvio deixa-a ansiosa. Todavia, está sempre à beira do pânico, sempre à espera de ficar novamente arrasada. Volta a concentrar-se na estrada, no semáforo que ficou verde. Toca nas pétalas lisas das peónias no assento ao seu lado.

Estaciona no Starbucks e procura a carteira na mala. Sente novamente a ebulição do pânico, o que a deixa com raiva de si própria. Levanta o traseiro do assento e enfia os dedos nas cuecas, esperando encontrar a secreção clara que a acalmará.

Sente-se atordoada.

Tem os dedos carmesins e pegajosos.

Whitney

Hospital

Recorda aquela noite de quarta-feira. Vezes sem conta. A vergonha desliza-lhe pela garganta como um verme, dando-lhe vontade de vomitar. Só de pensar no que fez.

Depois de Louisa ter saído ao final da tarde, Whitney fez um café para se manter acordada. Fazia tenção de enviar uma SMS a cancelar. Em vez disso, preparar-se-ia para a reunião do dia seguinte. A seguir, porém, entrou no quarto de Xavier para ver se estava tudo bem com ele.

Reparou no corpo a mexer-se e, a seguir, num pestanejar demasiado vigoroso, indício de que não adormecera ainda. Chamou-o. Chamou-o outra vez com um tom mais firme. Queria que ele lhe pedisse desculpa pela cena que fizera na cozinha. Queria encerrar aquele capítulo com um sinal positivo. Queria dar-lhe um abraço.

Xavier deitou-se de costas, soergueu-se sobre os cotovelos e acomodou os olhos à luz proveniente do corredor. Olhou, então, na direção da parede que se erguia aos pés da cama, sob os cartazes dos carros de corrida antigos. Parecia fitar um ponto específico.

Whitney virou-se para ver o que atraía o olhar do filho.

As letras das palavras escritas na parede eram grandes, esmeradas e elegantes, a tinta, espessa como alcatrão.

O marcador preto estava no chão.

Agora, afasta a cabeça do peito dele para o encarar à luz dos monitores, a boca aberta, a pele cinzenta e mortiça. Um corpo que não se mexe. Nenhum pestanejar. «Como seria se eu não estivesse aqui?», perguntara-lhe Xavier há alguns meses no carro.

E agora, já aqui não está. Whitney sente novamente um aperto no peito, vê-se obrigada a pressioná-lo com as mãos para aliviar a tensão. Está tão vazia. Todos os pensamentos lhe parecem atolados em lama.

Interroga-se qual será o primeiro pensamento de Xavier se abrir os

olhos e ela estiver ali, de pé junto a ele, a mover os lábios. Que memória guardará o filho? *Estou aqui*, dirá ela. *Estive sempre aqui, nunca te deixei sozinho*.

Imagina-o a virar-lhe a cara. A querer o pai em vez dela, a procurá-lo com o olhar.

Sente-se sufocada. Fica ofegante. Jacob regressará a qualquer momento com a sandes. Jacob, a quem ela mentiu, que a deixará. Que talvez nunca mais a deixe ver os filhos. Vai perdê-los todos. Imagina o que lhe dirá Xavier, se sobreviver, se conseguir falar, se puder expressar as palavras que lhe passam pela cabeça. Se tiver sequer capacidade para pensar.

Toda a gente tem falado acerca disso em seu redor — as suas funções cognitivas, as suas capacidades mentais, se chegar a acordar —, têm dito coisas que Whitney se recusa a admitir, sobre a pressão que está a pulverizar o cérebro do filho. Poderá não voltar a ser o mesmo Xavier, poderá não ter uma vida fácil, e é por causa dela. Nunca foi uma mãe à altura para ele e não o será agora, no momento em que ele mais vai precisar dela. Não tem essa capacidade. Vai dececioná-lo novamente.

Leva a mão à boca do filho, por cima da secção transversal dos tubos. Tremem-lhe os dedos ao percorrerem a linha principal, até à peça mole de acordeão presa ao ventilador que o mantém vivo. Olha para a porta. Não está ali ninguém.

Algo se apodera dela, um pensamento que finalmente lhe promete alívio, e Whitney quer perseguir esse sentimento, não pode deixá-lo escapar-lhe, está desesperada. Ganha incentivo. *Vá lá. Ninguém há de saber. É melhor assim*. Deu cabo dele. Dera cabo dele muito antes daquela noite de quarta-feira.

Fecha os olhos e aperta o tubo.

Corta-lhe o ar.

Rebecca

Está desesperada a ponto de permitir que a mente faça o que é necessário fazer. O sangue pode ser de outra coisa. Da placenta. De uma rotura no revestimento do útero. Poderá ser apenas uma pequena mancha, sem que a hemorragia progrida. Estende a mão enquanto conduz, não quer tocar em nada. Continua a alternar o olhar entre a estrada e os dedos. Já fizera aquela pesquisa vezes sem conta nos fóruns de gravidez. Houve outras mulheres que sangraram e ficaram bem.

Agarra-se a esta esperança enquanto acelera na autoestrada de regresso a casa. Se a Polícia a mandar parar, vai mandá-los à merda. Mostrar-lhes os dedos ensanguentados. Nunca se sentiu tão impulsiva. Pisa o acelerador.

Só sente o pânico quando entra de repente na Harlow Street e a ilusão desaparece. Põe o carro em ponto-morto e bate no volante. Volta a enfiar os dedos nas cuecas e sente mais sangue fresco.

Ainda não começaram as contrações, mas sabe que não tardará a sentir o primeiro puxão, lento.

Só consegue pensar no bebé arroxeadado e translúcido que deverá sair-lhe do corpo. A cabeça e o corpo, desta vez, serão proporcionais. Haverá um cordão. Sobrancelhas e pestanas incipientes. Não quer segurá-lo na mão novamente, no chão da casa de banho.

As opções, porém, são o chão da casa de banho ou o serviço de urgências. Onde não dão prioridade a situações como a dela. Vão deixá-la mudar de posição e ter dores e sangrar numa cadeira de uma sala de espera até haver um lugar disponível, e depois um interno sem experiência em abortos interrogá-la-á muito lentamente acerca do seu historial clínico familiar e das vacinas que tomou. A seguir, se tiver sorte, se houver lugar, será encaminhada para o bloco de partos, onde verá aquelas barrigas enormes cobertas com uma bata da cor de ovos de pisco a deambular pelos corredores, mantendo o equilíbrio com uma respiração longa e ruidosa. Poderá receber aí uma cama, e ao lado ouvirá uma mulher a rir desenfreadamente de alegria ao travar conhecimento com o seu recém-nascido, que não pára de berrar,

enquanto Rebecca, deitada no seu quarto vazio, os fica a ouvir.

— Está tudo bem consigo?

A voz de Mara, distante, chega-lhe através da janela do carro. Rebecca tenta sair do banco do condutor, mas não consegue pôr-se de pé. Mara pousa-lhe a mão nas costas, ajuda-a a dobrar a cabeça entre as pernas.

— Respire fundo. Está tudo bem.

Rebecca sente o seu próprio cheiro, aquela mistura de suor e sangue. Há uma mancha escura agora a passar pela ganga das calças.

— É o seu bebé? — pergunta Mara. Aperta os lábios, esperando que Rebecca confirme. É a forma como Mara o diz, «o seu bebé». A validação do que está dentro dela.

Rebecca fecha os olhos com força enquanto assente com a cabeça. Mara ajuda-a a levantar-se e a subir os degraus até à porta da rua. Apercebe-se de que a mulher ainda está com a camisa de dormir vestida.

— O seu marido não está em casa — informa Mara. A palavra «marido» tem um sabor amargo na boca dela. Desvia o olhar de Rebecca e olha através da entrada para a cozinha, situada nas traseiras.

Rebecca fica inquieta ao aperceber-se da apreensão de Mara.

— Está tudo bem, Mara, pode ir à sua vida. Já passei por isto antes.

— Bem sei, coitada.

Mara segura o queixo de Rebecca entre o polegar e os outros dedos, e esta ternura faz com que Rebecca sinta vontade de dar vazão às suas emoções. Os olhos fecham-se-lhe e não consegue conter as lágrimas. Deixa Mara lá fora e encaminha-se lentamente até à casa de banho. Senta-se na sanita e olha entre as pernas e observa a fina corrente carmesim a afundar-se em espiral, como fumo.

Whitney

Hospital

Suspende a respiração e põe-se a choramingar, pensa *não, não, não*, mas não deixa de o fazer, fica à espera de que o sinal sonoro comece a tocar e que alguém entre e lhe tire a mão do tubo de ar do filho. Para o salvar da mãe.

Começa a contar. Os números vão fluindo lentamente. Fundem-se na sua mente.

Não lhe resta outra opção. Consegue sentir o alívio mesmo à sua frente, apressa-se para o acompanhar, está quase lá.

— Está tudo bem?

Whitney suspira e solta o tubo. Olha para a mão.

A enfermeira puxa a corrente da luz do teto e desloca-se rapidamente para o outro lado da cama, enquanto Whitney sacode a cabeça e tenta encontrar as palavras.

— Pareceu-me que algo não estava bem, e eu estava a tentar resolver.

— Está tudo bem — diz a enfermeira, mas verifica os tubos, os acessórios, olha para o monitor e ajusta a sonda no dedo de Xavier.

Whitney sente a cabeça a andar à roda e interroga-se se irão levá-la dali, se irão prendê-la. Deveriam prendê-la. Ele não está seguro com ela, nunca esteve.

Treme com tanta violência que tem a certeza de que a enfermeira se irá aperceber.

— Ele está bem? — pergunta.

— Hum?

— Ele está bem?

A enfermeira assente com a cabeça segurando o dedo de Xavier contra o ecrã da bomba de infusão, dizendo algo baixinho, repetindo um número, verificando o boletim clínico, averiguando novamente o número. Verifica o braço de Xavier no sítio onde está a intravenosa. A seguir, sai do quarto.

É então que Jacob clareia a garganta. *Oh, meu Deus*, pensa

Whitney.

Está sentado na cadeira ao fundo do quarto.

Ela não o tinha ouvido a entrar. Quando é que terá entrado? O que é que terá visto?

Apoia-se na barra metálica da cama de Xavier e olha para o chão. Tem o rosto afogueado. Jacob tê-la-ia impedido, pensa Whitney. Não a teria deixado fazer o que estava prestes a fazer.

Às vezes, porém, sente que o marido anda a testá-la. Para ver até onde é que ela seria capaz de chegar se ele não estivesse ali a observá-la, a salvar o filho, a chamá-la novamente à razão.

— É melhor saíres daqui um bocadinho — diz-lhe Jacob. — Estás a precisar de dormir. E os gémeos estão com saudades tuas e do Zags. Eu fico.

Whitney abana a cabeça sem tirar os olhos do filho. Não vai deixá-lo. Jacob não a pode obrigar a ir. Agarra-se à barra metálica da cama. Não vai deixar ninguém tirá-la dali.

Volvidos alguns minutos, ouve o farfalhar das calças de ganga de Jacob quando este descruza as pernas e se põe de pé. O marido sai do quarto sem dizer uma palavra. Não lhe trouxera nada para comer.

Teria Whitney realmente acabado de fazer aquilo? Olha para a mão. Talvez não o tivesse feito. Talvez tenha tido alucinações, tão grande é o cansaço. Não sabe quem era aquela mulher.

Pensa nas mensagens, nas repetidas perguntas das autoridades, na iminência de perder tudo.

Leva a mão à alavanca e baixa a barra lateral da cama. Desloca o corpo do filho uns escassos centímetros. Primeiro as ancas, a seguir, lentamente, o tronco e depois ergue-lhe delicadamente a cabeça. Ajoelha-se então na cama, ao lado dele, e encolhe-se. De frente para Xavier, faz deslizar o braço sobre o peito dele, sob a autoestrada de tubos e fios, e encosta a sua face trémula à dele. Não quer saber se aquilo não é permitido. Não se importa se está a violar um protocolo de segurança. Vai ficar ali deitada com o filho naquela cama até alguém levar algum deles dali para fora.

Imagina-os sentados, juntos, no chão do quarto dele, enquanto Xavier lhe explica tudo o que sabe sobre xadrez. Whitney tem as pernas cruzadas, como as dele, e vai-o interrogando. Toma notas, para ele se sentir importante. Desenha um sinal numa folha de papel que diz «NÃO INCOMODAR! ESTÁ A DECORRER UMA LIÇÃO DADA POR UM ESPECIALISTA!» e afixa-a com fita-cola na porta. Passam uma hora assim, juntos, no chão, e, pela primeira vez, Whitney presta atenção a cada detalhe. A amplitude dos olhos de Xavier quando está absorto num pensamento. Os gestos que adotou da professora, a maneira como assente com a

cabeça, os elogios que lhe tece como se fosse um adulto. Os novos termos que utiliza. A forma como cuidadosamente tira a franja dos olhos, como quem corre uma cortina.

Recorda, então, uma sensação particular, um momento num dia aparentemente normal. Tinha Xavier cinco meses. Whitney estava cansada. Deitou-se no chão do berçário, sobre um tapete de lã grossa, a olhar para a esfera brilhante de vidro fosco no centro do teto, com a bomba a sugar-lhe o leite para um saco de plástico frágil que iria selar, datar e guardar no congelador. Não conseguia tirar o cheiro de vaselina do nariz. Deixou-se embalar pela batida rítmica do motor que tinha na mão. De repente, a luz de cima pareceu-lhe a Lua. O aposento afigurou-se-lhe como o seu mundo inteiro, e não era suficiente. Nada disso era suficiente, nem mesmo o bebé que amava, no quarto contíguo, onde o pai tentava adormecê-lo. Pensara nisso, então — *Vou sempre querer mais.*

Ouve as máquinas. Ainda está vivo. Não o matou. Nunca o teria feito. Nesse estado opaco de vigília, frui do alívio de não sentir nada durante uma fração de segundo, antes de a memória do que fez voltar a manifestar-se. Apetece-lhe voltar à inconsciência do sono, mas a voz de Jacob afasta-a. Também ouve outras pessoas. Sente um forte cheiro a café e abre um olho para ver se há luz solar atrás da persiana, se terá dormido o dia todo ou quinze minutos, mas não se sente o ritmo do dia a dia naquele quarto.

— É positivo, sim, mas geralmente é um processo lento.

— Vamos adiar a cirurgia por enquanto.

— É um momento crítico.

Jacob promete-lhes que vai acordá-la agora, agradece-lhes o facto de, desta vez, terem contornado as regras. Whitney ouve a enfermeira atrás de si a trocar os frasquinhos, o clique dos grampos dos tubos a abrirem e fecharem. Sente o cheiro da fita adesiva médica, o aroma de mãos higienizadas por cima da cabeça.

O bafo de Jacob chega-lhe agora ao ouvido. Houve um movimento. Diz-lhe que Xavier estava a tentar abrir os olhos enquanto ela dormia com ele na cama. Que deve tê-la sentido ali com ele. Whitney leva os lábios ao rosto de Xavier, beija-o repetidas vezes, até que o marido lhe puxa os ombros para trás, afastando-a do filho.

Whitney

Oito anos antes

Se alguém lhe pedir que identifique o momento pelo qual anseia, é quando entram nela. A entrega. Tenho-te, estás em mim, rendeste-te. É animalesco, ela sabe. Dentes de um predador num pescoço.

No elevador do hotel, a subir, pensa na forma de chegar a esse ponto o mais rápido possível, se poderá pedir-lhe que se sente aos pés da cama, a observar, enquanto ela elimina a necessidade das polpas dos dedos dele na sua pele, a remoção performativa das suas cuecas. Não há nenhuma parte desta troca que lhe interesse, embora pensem que sim, embora julguem que estão a ganhar a parte que se segue. A sua excitação, porém, reside na própria possibilidade — em permiti-lo a si própria.

Está numa viagem de negócios a Paris. É a última noite que vai passar ali.

Guarda as alianças no cofre do hotel.

Pousa o telemóvel virado para baixo sobre a mesinha de cabeceira, no silêncio.

Há roupa interior que guarda para estas ocasiões, para não misturar os prazeres.

O cheiro a azeitonas do bar no hálito deles, o guardanapo de *cocktail* no bolso do casaco deles. As meias, as palhetas para os colarinhos que, uma vez por outra, por ali ficaram, depositadas no caixote do lixo depois de eles se irem embora, antes de ela lavar a cara, acalmar o rubor das faces, lavar os dentes e depois lavá-los novamente, e a seguir bochechar com elixir de menta. Foi-se, foi-se tudo, pode dar-se ao luxo de acreditar que é mesmo fácil.

Só que, desta vez, alguém bate à porta do quarto às sete da manhã, no momento em que ela leva a flange da bomba ao mamilo. Tem os peitos prestes a rebentar.

Estava apenas com quatro horas de sono.

O marido. O marido inesperado. Apanhou o voo noturno para Paris, uma surpresa, daquelas que levam semanas a planear e que

implicam preparativos secretos para o filho ficar bem entregue. Traz nas mãos cafés expressos de um *takeaway*.

Ela ainda está inchada e húmida entre as pernas quando Jacob pousa a palma da mão na cama. Vai pensar que é por causa dele. Isso e o rosto afogueado, o pulsar do coração quando encosta a cabeça ao peito dela.

Depois, pedem o pequeno-almoço para o quarto e falam sobre o seu filho. A criança de que Whitney não teve saudades até ver o marido parado no corredor do lado de fora da porta do quarto do hotel. Veem vídeos do filho enquanto estão nus, esfregando os pés. O primeiro chapinhar na parte rasa da piscina do condomínio, o esgar de desagrado pela acidez do puré de maçã na língua pela primeira vez. Coisas que têm mais importância do que os pais imaginam.

O olhar dela segue Jacob através do quarto, e, agora que os corpos não se tocam, ela interioriza alguns segundos de terror. Se ele não tivesse apanhado um voo noturno. Se tivesse chegado na noite anterior. Jacob pede para virem recolher o carrinho da comida. Começa a folhear as revistas amontoadas num tabuleiro pousado em cima da secretária onde está o telefone.

— O que é isto?

Refere-se a um bilhete. Escrito num daqueles blocos de papel que há sempre nos hotéis.

Nunca ninguém lhe deixou um bilhete. Nem passara pela cabeça de Whitney verificar.

— Mostra lá...

Esforça-se por parecer surpreendida. Divertida, até. Senta-se, tentando manter a compostura enquanto a estrutura do seu corpo se desintegra. Parece flutuar acima de ambos. Como uma mera espectadora.

Jacob nem olha para ela. Arranca o papel do pequeno bloco retangular e encaminha-se na direção dela. O papel parece flutuar em câmara lenta até ao bojo formado pelos pés dela sob os cobertores.

Não tem o nome dela escrito. Poderia ser um bilhete deixado para qualquer pessoa.

«Foda-se, foste incrível.

Podemos manter-nos em contacto?»

O número de telemóvel, o nome dele.

— Parece que o hóspede anterior se divertiu a valer — comenta Whitney com um risinho. — Só que, foda-se, isso pode entalar uma pessoa. Estou a falar a sério! Até parece que a empregada deixou isso

aí de propósito para gozar com alguém.

— Talvez. — Jacob pega numa revista sobre a cadeia de hotéis, mas depois pouso-a.

Deve estar a ponderar a possibilidade. Apanha as calças de ganga do chão e sacode-as, tira o cinto das presilhas. Mantém-se em silêncio. Não desfaz a mala. Normalmente gosta de desfazer a mala.

Whitney apercebe-se de que estão à beira da implosão. Tem de dizer alguma coisa.

— Tenho a tarde livre, só tenho uma reunião às onze da manhã e a seguir um almoço de trabalho.

— Ótimo.

— Podíamos ir dar um passeio, tomar um copo numa esplanada qualquer e observar os parisienses nas suas andanças.

— Pode ser.

Jacob consulta o telemóvel. Batem à porta para virem recolher o carrinho da comida. Whitney entra no polibã, põe a água a correr e curva-se, levando os cotovelos aos joelhos.

Quando sai da casa de banho, enrolada a uma toalha, vê o bilhete em cima da mesinha de cabeceira ao lado do seu telemóvel.

Só então lhe ocorre que o marido poderia ligar para o tal número. Tem de se desfazer do bilhete o quanto antes.

Percebe, porém, que Jacob terá posto aí o bilhete por algum motivo. *Convince-me de que estou errado*, diz-lhe o papelinho.

Senta-se na cama ao lado dele. Jacob está a ler algo no telemóvel, com um braço atrás da cabeça.

— Porque é que puseste aqui o bilhete? — pergunta ela. — Já me está a deixar arrepiada. Faz-me pensar que estive aqui uma prostituta antes de nós.

Faz uma careta, levanta-se de repente, finge descontração. Amachuca o bilhete e atira-o para o cesto dos papéis debaixo da secretária. Só há um rumo a seguir, e nunca foi diferente. Abre a porta do roupeiro e suspira.

— Manga curta? Como está o tempo hoje, sabes?

Jacob olha para cima, mas não lhe responde.

Whitney

Hospital

A enfermeira pergunta-lhe se quer ajudar.

Sente uma toalha molhada nas pontas dos dedos e, em seguida, põem-lhe a mão numa bacia de água morna. Há um sabonete *Ivory*. Tem a obrigação de saber o que fazer a seguir. É mãe dele.

Mas está noutro sítio.

Os dedos dele, dentro dela. Sente-os, a forma como a acaricia, e não consegue abstrair-se disto, nem sequer quando observa a enfermeira a tirar cuidadosamente a bata de hospital do corpo do filho.

O hálito quente dele no seu ouvido. Ela diz-lhe exatamente o que ele deve dizer, e ele di-lo. Tenta não sentir agora o que normalmente sente quando isto acontece. A enfermeira diz-lhe para fazer espuma no pano com o sabonete.

Comprou bilhetes de avião para Jacob, para feiras de arte, exposições, sítios que o fariam ter de se ausentar vários dias de cada vez. Fez com que parecesse um favor que lhe tinha feito. Ele abraçou-se a ela e disse-lhe que ela era a melhor mulher do mundo. Que a apreciava. Prolonga o abraço durante mais tempo do que o habitual antes de partir para o aeroporto.

A enfermeira ergue o braço de Xavier e, com um gesto, pede a Whitney que se aproxime. Ela espreme a água do pano.

Limpa sempre tudo depois de terminarem, com uma caixa de lenços de papel que guarda no barracão, lenços que usam para assoar os miúdos. Nem sempre consegue tirar tudo e sabe que, às vezes, fica esperma no chão do barracão, na borda da prateleira, e que, de manhã, Louisa e os miúdos entram para irem buscar os camiões, as cordas de saltar, o acessório do aspersor.

A enfermeira segura-lhe a mão agora, mostra-lhe o que deve fazer, como limpar o cheiro debaixo do braço dele, três movimentos suaves.

Whitney pensa nele enquanto Jacob a leva ao orgasmo na cama deles, enquanto Jacob diz o nome dela, elogiando-lhe a beleza. Que a

ama. E ela também o ama, ama-o tanto que o que fez poderá dar cabo dela.

Tem a mão novamente na água morna, e a enfermeira levanta a bata na zona da cintura dele, diz-lhe para fazer mais espuma.

Sente a garganta novamente a picar. Podia vomitar na bacia. Agora não consegue virar-se outra vez para ver o rosto do filho, pelo que entrega à enfermeira o pano molhado e ouve a água a escorrer para o chão. A enfermeira diz-lhe que está tudo bem, mas não está.

Havia outros, muito antes deste, pouco depois do nascimento de Xavier. Outros dedos dentro dela, outras vozes no ouvido. Eventos singulares que poderá esquecer habilmente, tal como as feições dos rostos deles e o esquema de cores dos quartos de hotel de luxo. Varrer tudo da memória. Nunca dera o seu apelido, não por temer que a voltassem a procurar, mas por o seu apelido ser o de Jacob, pelo que nunca teria tido a coragem de o pronunciar.

Nunca teve que ver com Jacob, mesmo nessa altura.

Tem que ver com a sua necessidade de se sentir fora dele, afastada de todos eles. Das responsabilidades, das expectativas que lançou sobre os seus próprios ombros durante décadas. Dos três filhos que não sabe criar. Os quais irá sempre defraudar, por muito dinheiro que haja ou por muito que ela se esforce.

Parece possível sobreviver a tudo isto, e mesmo saboreá-lo, quando usufrui desta pequena liberdade.

Obviamente, não se trata de modo nenhum de uma liberdade.

A enfermeira fala com ela, menciona a milagrosa resiliência das crianças, do seu corpo jovem e desafiante. Da esperança a que ela se deve agarrar como mãe. Os olhos dele pestanejaram quando ela estava com ele, poderiam voltar a pestanejar caso ele sentisse a sua presença, calma e amorosa. Poderiam até abrir-se. Whitney quer enfiar o pano na boca, tem vontade de ficar sozinha com o filho sem o som de outra voz. Contudo, a mão da enfermeira repousa agora no seu ombro.

Não houve nenhuma impulsividade, característica geralmente associada a casos de infidelidade. Whitney nunca é impulsiva. O que fez nestes últimos nove meses foi calculado. Há risco e há benefício, e há boas pessoas a quem mente, e boas famílias que ameaça, e há vergonha em jogo. Tanta vergonha. No entanto, pareceu sempre, mesmo sempre, ter valido a pena.

Só que começou a sentir-se cada vez mais ávida. E o desejo de se sentir excitada por ele invadia-lhe o pensamento, ao contrário do que seria de esperar. E então sentia-se ansiosa quando passava um dia sem um vislumbre dele, um lembrete de que poderia ter novamente essa sensação, caso precisasse. E teria que ver com ele, especificamente?

Ou seria tão simples quanto isto: ele não é o marido que é melhor do que ela, não é a sua obrigação inexorável, e ela não o decepciona vezes sem conta. Não se fundiu nela como um metal pesado.

O prazer tornou-se um hábito. Já não havia controlo, nenhum mesmo.

Bate com o punho contra o coração. Recorda aquela noite de quarta-feira.

A enfermeira diz que lhe vai buscar um copo de água, que ela tem de se cuidar. De ser forte. Que a família precisa dela. Encaminha-a novamente para a cadeira do outro lado de Xavier. Whitney, porém, não quer o copo de esferovite nos lábios. Não quer sentir-se forte. Já se sentiu forte antes. Sentiu-se invencível, sentiu as rédeas nas mãos durante décadas. E agora chegou ao fim. Rende-se.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

Aiden e Blair são os únicos que continuam na festa. Os fornecedores de comes e bebes já abalaram. Os gémeos já foram para a cama. Blair ajuda Whitney a limpar a ilha da cozinha, a embrulhar os restos de comida que recolheram. Paira entre elas um silêncio pouco habitual.

Chloe e Xavier entram na cozinha, e o rapaz desembulha o prato de sobremesa, enfia os dedos na fruta cuidadosamente arranjada e pega numa fatia de ananás. Chloe encontra um lugar debaixo do braço de Blair e encosta o rosto ao peito da mãe.

— Não toques na comida, Xavier — diz Whitney.

— Queres jogar xadrez connosco? — Xavier dirige-se apenas a Blair.

Whitney tira-lhe a mão da fruta. Ele resmunga, a mãe manda-o calar-se. Limpa-lhe os dedos com o pano de cozinha. Tira um copo de vinho em perigo de cair da borda da ilha da cozinha. Ele faz sempre o que ela não quer que ele faça, e Whitney gostaria de não se aperceber destas coisas, de ser imune a estas irritações.

— Adorava jogar contigo, Xavi, mas está a ficar tarde — responde Blair.

O semblante dele mostra desconsolo e Blair toca-lhe no braço. Esfrega-lhe a parte superior do braço e segue-lhe o olhar até conseguir encará-lo. Sorri-lhe com um ar divertido; Xavier fica novamente radiante. Whitney olha para eles, imaginando se Blair alguma vez vacila. Se berra.

— Vá, despede-te, Xavier. Toca a ir para o banho — diz Whitney, mas ele ignora-a.

— Sabias que o jogo de xadrez mais longo de sempre teve duzentas e sessenta e nove jogadas? Ou talvez fossem seiscentas e vinte e nove. — Xavier dá esta informação a Blair, mas olha para Whitney antes de voltar a falar. Whitney reorganiza a fruta num prato mais pequeno, evitando o olhar do filho. — Uma vez joguei um jogo para aí com cento e vinte jogadas. O professor do clube de xadrez

disse que foi o jogo mais longo a que assistiu.

— Ena, que bom para ti! Na próxima semana podes dar-me mais uma lição?

Ele assente com a cabeça, leva os dedos à cobertura dos miniqueques e lambe-os. Normalmente não é assim tão falador. Whitney observa em silêncio. Quer ver Blair dali para fora.

— E sabias que o voo mais longo de um avião de papel é de vinte e nove vírgula dois segundos? Com uma dobra chamada *Star Fighter*. Uma vez fiz um. Tens de apertar a pontinha, assim... — Xavier aperta o nariz de Chloe entre o polegar e o indicador, e esta ri-se antes de o afastar.

— Xavier, já te disse para ires para cima.

— Chloe, podes ir dizer ao teu pai que está na hora de irmos embora? — Blair dá-lhe um beijo e uma pancadinha no rabo e a seguir solta um suspiro agradável. Como se não houvesse tensão.

Esta noite, este fingimento faz Whitney sentir-se tola, como se Blair estivesse a fazer-lhe um favor tendo pena dela.

— Vamos fingir que nunca aconteceu? — pergunta Whitney.

Blair fica chocada com as palavras de Whitney. Não consegue encontrar uma resposta. *Não é isso que fazemos uns pelos outros?*, pensa ela. *Fechamos os olhos? Protegemos a dignidade uns dos outros? Como se atreve ela a fazer-me isto?*, pensa Blair. *Como se atreve a humilhar-me?* Fica chocada por Whitney trazer à baila o facto de Aiden olhar para ela daquela forma, fixamente. Nunca tiveram um momento de confronto anteriormente, e o constrangimento é avassalador. Vira-se para o logradouro nas traseiras da casa, para ver se Aiden vem a caminho. Para garantir que Chloe não as possa ouvir.

Só que Whitney diz então:

— A maneira como gritei com ele lá em cima. Passei-me dos carros. Foi lamentável, não foi?

Blair expira. Afinal ela refere-se à gritaria. Whitney tem os braços cruzados sobre o peito, como se tivesse admitido tratar-se de uma escolha questionável no que toca ao vestido a usar num churrasco de bairro, e Blair apercebe-se de que ela perdeu a ousadia. Fecha a torneira do lava-louça e torce o pano de cozinha. Sabe que não estão a falar do facto de Whitney o ter tratado com tanta agressividade. Sabe que estão a falar do facto de toda a gente ter ouvido.

— Olha, não podes deixar que isto te desgaste. Vão acabar por se esquecer do que aconteceu.

— Não vão nada.

— O Xavi já se esqueceu; ainda agora estava tão bem-disposto. — Sabe que vai custar a Whitney ouvi-la realçar a alegria que Xavier demonstra na presença de Blair.

Whitney pressiona a testa com a mão.

Blair poderá insistir que a gritaria que vinha do quarto não era por aí além, poderá falar até Whitney ficar convencida. Mentiras que poderão reconfortar Whitney. Contudo, ao pensar nos seios perfeitos de Whitney em flagrante exibição e na conta da empresa de comes e bebes paga sem pestanejar e no facto de Whitney a ter puxado para dançar, apesar de saber que ela detesta dançar, Blair decide não lhe facilitar a vida.

— Então é aquilo que disseste sobre o Xavi às mães dos colegas dele, a seguir? Que ele estava com problemas graves e que está a ser seguido por um especialista comportamental. Está mesmo?

Whitney pousa o tabuleiro com as sobremesas recolhidas. Vendolhe o maxilar inferior descaído, Blair lamenta ter abordado o assunto. Houvera o constrangedor acesso de raiva. E depois a mentira sobre o filho.

— Tinha de dizer alguma coisa àquelas mulheres, Blair. Para elas, sou uma mãe de merda.

— Não é isso que elas acham. Sabem que tens uma grande carga em cima. — Faz uma pausa. Blair poderia continuar a tranquilizá-la. Em vez disso, remata: — Só queria ter a certeza de que está mesmo tudo bem com ele. Que não há nada a respeito dele que te preocupe. Será que ele está com alguma dificuldade? Será que...

— Foi apenas uma mentira inocente. Ele está bem, como sabes.

Blair pensa para consigo pela primeira vez: *Será que sei? Será que sei que o Xavier está bem? Será que a Whitney acredita mesmo que ele está bem?* Imagina a sensação de ter sido o alvo daquela raiva explosiva. Interroga-se quantas vezes acontecerá. Pensa no facto de o rapaz se mostrar tão meigo e bem-comportado quando vem a casa dela sem a mãe.

Whitney está prestes a dizer alguma coisa quando Aiden e Jacob chegam do logradouro.

— Bela festa, Whit, obrigado. — Aiden toca-lhe no ombro e dá-lhe um beijo de despedida na face. — Tenho uma garrafa de tequila de trezentos dólares com o teu nome, presente de um cliente. Tens de experimentar. Eu trago-ta.

— Sim, quando quiseres. — Whitney, porém, está ocupada a aplicar película aderente. Nem olha para ele.

Chloe puxa Aiden para longe dela, levando-o até à porta.

Na cozinha, Whitney lança a Blair um último olhar que diz:

Pensava que estavas do meu lado. Pensava que podia contar contigo para melhorar a situação. O que Blair nunca confessaria é que não é a raiva o que mais a preocupa, nem sequer a mentira que Whitney contou sobre Xavier. O que não lhe sai da cabeça é a naturalidade da mentira. A facilidade com que aquelas palavras pareciam sair da boca dela.

Blair está a sair da cozinha atrás da família quando ouve a voz de Whitney, baixinho.

— Blair, mais uma coisa.

Whitney olha para trás, em direção à porta da rua, onde Aiden está na conversa com Jacob enquanto Chloe ata os sapatos. Fora do raio de audição. Leva as mãos à parte posterior das ancas e morde o lábio inferior, o que deixa Blair mais nervosa. Abre a boca, tem algo para dizer, algo que lhe moldou o semblante, dando a entender a Blair que, neste momento, é ela que sente pena. Que Blair também tem motivos para se preocupar. Naquele compasso de silêncio, Blair sabe que não pode dar-se ao luxo de ouvir o que quer que saia da boca de Whitney a seguir. Tem uma sensação terrível de que será algo sobre Aiden. Detém-na antes da primeira palavra.

— Desculpa, Whit, mas tenho de ir andando.

A mandíbula de Whitney fecha-se. Blair achara que ela ficaria incomodada, mas parece aliviada. Um alívio que constitui para Blair um motivo de preocupação maior do que todos os outros episódios da festa que hão de povoar-lhe o pensamento nos dias seguintes. Antes de Whitney retomar a sua tarefa com a película aderente, Blair sente o olhar dela preso nos calções verde-azeitona que traz vestidos, nos bolsos bojudos, na bainha dobrada e enrugada, e, ao chegar a casa, deita-os no contentor do lixo ao lado de casa.

Blair

Blair senta-se no banco perto da porta da rua segurando o cartão de Chloe e o avião fundido de Xavier. Passara-lhe pela cabeça que Whitney poderia estar envolvida no que aconteceu a Xavier, mas a responsabilidade poderá ser da sua própria filha. Não tem a certeza se será capaz de ir ao hospital, sabendo o que Chloe fez. Tem estado a pesquisar frases no Google do telemóvel que parecem impossíveis: «Poderá uma criança de dez anos cometer suicídio?» «Taxas de suicídio em crianças com menos de doze anos.» Sente uma pressão na cabeça, que se arrasta da nuca até às têmporas. Xavier é tão novo. Agora, porém, apercebe-se disso — havia nele uma certa penumbra. Havia sempre uma tristeza. Era algo com que Whitney não conseguia lidar, o ar abatido, a inquietação do filho. A ansiedade dele.

— Ela estava bem quando a foste levar?

Aiden surge junto a Blair, com o casaco do fato pendurado no dedo indicador; está atrasado para o trabalho.

— Pareceu-me que sim. Vou enviar um *e-mail* à professora, não sei até que ponto a escola está informada. — Blair dobra os dedos trémulos no colo. Não consegue repetir o que Chloe lhe contou na farmácia. Tem de manter o controlo da situação e arranjar forma de a resolver. E se Xavier morrer? Não pode obrigá-los a carregar o peso daquela culpa nos anos vindouros, com os miúdos na escola, os professores. Os pais. Não o fará. Tem de se chegar à frente, antes que toda a gente tire a sua própria conclusão sobre a causa da ocorrência. — Acho que vou outra vez ao hospital ver a Whitney.

Observa Aiden a curvar-se para pegar nos sapatos, a estremecer. Espera pela reação dele ao nome de Whitney, mas ele nada diz. Blair passou a última hora inteira sem pensar na possibilidade de eles andarem enrolados. Não consegue decidir se está ou não arrependida de lhe ter mostrado a chave.

— Posso perguntar-te uma coisa? — diz devagar. Quer ganhar tempo para recuar. Mas é a família dela. A filha dela. — Não achas estranho ninguém falar sobre a forma como o Xavier caiu? Porque é que ele estava acordado àquela hora da noite, à janela? Se estava

mesmo sozinho?

Aiden suspira, ata os atacadores.

— Sei lá, a verdade é que nunca pensei nisso. É provável que tenham feito algumas perguntas no hospital e ficado convencidos de que foi um acidente inocente. Não nos serve de nada especular, pois não?

Blair abre o cartão e lê a mensagem de Chloe. «Adoro-te, Xavi. Gostava que fôssemos amigos para sempre.»

— E se tivéssemos de especular? Se tivéssemos de adivinhar?

Aiden repousa os antebraços sobre os joelhos mantendo o rosto virado para baixo. Um aceno subtil com a cabeça enquanto pensa.

— Estás a insinuar que a Whitney perdeu a paciência com ele.

Blair mantém-se em silêncio. Se Aiden tivesse um caso com Whitney, iria querer desvincular-se agora, numa altura em que o mundo dela está à beira do caos. Não se pode confiar nela para manter sigilo, pelo menos neste estado de crise. O caso teria os dias contados. Talvez tenha ficado abalado ao ver a chave. Talvez tenha decidido começar a proteger-se. E talvez isso possa funcionar em prol da família.

Blair quer que ele continue a falar, que inicie uma narrativa que possam construir continuamente até começar a parecer verdade. Precisam de uma teoria diferente da que envolve Chloe. Algo que Blair possa incutir, de forma discreta e delicada, a qualquer pessoa que venha perguntar-lhe. As mensagens não tardarão certamente a chegar em catadupa, já está à espera disso. Blair instiga-o:

— O que eu quero dizer é que de vez em quando há acidentes. Mas há aqui qualquer coisa que não bate certo. E o Jacob não estava presente, e a Louisa já teria ido para casa. Então, se ele tivesse acordado e não conseguisse voltar a adormecer, se estivesse a fazer-lhe a vida negra. A dar-lhe cabo da paciência. A irritá-la. Ela poderá ter-se passado.

Blair poderia referir a chávena de café partida no quarto de Xavier, mas depois teria de lhe contar acerca da sua visita. Fica à espera de ver a reação dele, mas Aiden mantém os olhos no chão.

— É uma suposição bastante grave.

Blair permanece em silêncio.

Aiden parece pensativo, como se estivesse a testar uma ideia. Diz então:

— Acho que pouca gente a conhece tão bem como tu. — Pensa um pouco mais. — É certamente possível. Mas se aconteceu alguma coisa do género naquela noite, a Whitney não vai admiti-lo a ninguém, isso é mais do que certo. Vai mentir para se safar.

Blair tem a cabeça a fervilhar enquanto ele fala, cresce-lhe a tensão nas têmporas. Acaba por fechar os olhos. Sente que Aiden tem motivos pessoais para a secundar nesta questão. A implicação deixa-a perturbada, mas é disso que precisa. De algo que possam referir a Rebecca, com preocupação. E às mulheres na escola que queiram saber mais. Aos vizinhos curiosos.

— Porque é que dizes isso?

— Olha, não queria falar mal dela, sobretudo nesta altura. Mas ela põe-se sempre em primeiro lugar, não é verdade? Porque é que seria diferente neste caso? — Aiden encolhe os ombros. — E se o Xavier não sobreviver, então... ela não tem ninguém que possa desafiá-la.

— Aiden. — Não é habitual nele esta frieza contundente. Costumava achar que Whitney não cometia erros. Algo mudou. E, embora dê jeito a Blair, a deslealdade deles parece-lhe perturbadora.

Blair pensa no ar mortício de Xavier na cama do hospital. A deficiência que poderá ter de enfrentar caso sobreviva.

— Sinto muito, sei que é duro. Mas foste tu que perguntaste. Eu encararia com algumas reservas a versão dela sobre a maior parte das coisas. É só isso que estou a dizer. — Ele curva-se novamente e ata os atacadores do outro sapato. Pega na pasta. Vira-se quando está prestes a transpor a porta. — Achas mesmo boa ideia ires ao hospital hoje? Parece-me que ontem tiveste um dia complicado. Fica em casa e tenta desanuviar um pouco a cabeça.

Blair nota-o no semblante dele. Ontem instigou-a a ir ter com Whitney imediatamente, mas agora não a quer de modo nenhum perto dela. Quer que ela pense que Whitney é mentirosa. Que é má rês. O rosto dele apresenta um rubor fora do comum. Tem a testa húmida. Blair olha para a saída de ar do *hall* de entrada, de onde sopra uma brisa fria que lhe ergue os cabelos descaídos sobre os braços gelados. Sabe que tem de voltar a vê-la.

Mara

A chiadeira dos pneus quando Blair arrancou com o carro leva Mara a suspeitar que algo grave se passa. Iria a caminho do hospital? Poderá ter uma surpresa quando encontrar lá uma certa pessoa. Embora, como a maior parte das coisas dignas de nota hoje em dia, isso não seja da sua conta. Além disso, é mais do que certo que aquelas mulheres não se interessam minimamente pela vida dela.

Mara cruza os tornozelos e os braços. Tem frio no alpendre esta manhã, mas não consegue ir vestir-se, lavar os dentes, comer. Desde ontem que não consegue concentrar-se em nada. Tem curiosidade em saber quanto tempo levarão até perceberem que o marido dela morreu. Não conheciam Alberto melhor do que a conhecem a ela, mas, se o tivessem conhecido, considerá-lo-iam um homem tão simpático como todos os outros. Trabalhador. Fazia todas as perguntas certas no decorrer de uma conversa. Sessenta e dois anos de casamento, diriam, incrédulos. Diriam esse número repetidamente, tentando perceber a sensação dessa extensão de tempo; Mara ficaria admirada se algum deles descobrisse por si próprio.

Toda a gente vai ficar a pensar que o coração dela ficou desfeito assim que o dele sucumbiu no chão da cozinha.

A crueldade dele era velada.

As pessoas raramente são o que aparentam.

Às vezes, porém, são as pessoas boas que cometem as piores ações.

Ontem, quando estava sentada no sofá da cave, prestes a dobrar a última pilha de roupa, Mara ouvira Alberto a chamá-la da cozinha.

— Por amor de Deus, será que ele não pode esperar uns minutos? — murmurara de si para si.

Dissera-lhe duas vezes que iria tratar da roupa. Não podia andar sempre a subir as escadas para ver o que é que ele queria e depois regressar à cave para acabar de dobrar a roupa e a seguir voltar para cima com a cesta. O que quer que precisasse, ele teria de esperar.

Voltara a chamá-la. Duas vezes. Três vezes. Mara parara de dobrar

a roupa, segurara a camisola interior dele, já amarelecida. Ouvira então algo a chocar com a mesa da cozinha, depois a colidir com a perna metálica da cadeira e, por fim, a embater com estrondo no chão.

Sentira o coração em sobressalto. Ficara quieta e a olhar para a pilha de roupa dele. Houvera outro ruído, um gemido, uma lamúria, e talvez o nome dela. A seguir, indubitavelmente, o nome dela. E talvez um murmúrio de oração. E, ao seu redor, parecia-lhe ter visto a silhueta de Marcus, perto da velha cadeira de cozinha dele, posta a um canto; Alberto insistira que já não precisavam dela à mesa. Etérea, como fumo. Esticara a cabeça em direção ao fundo das escadas da cave e pusera-se à escuta.

Pegara na camisola interior que tinha ao colo e dobrara-a ao meio. E depois em quatro. Ouvira algo bater no chão, talvez o pé dele. Com os braços trémulos, colocara a camisola na pilha que se mantinha em equilíbrio instável. E depois pegara nas calças de fato de treino azul-marinho de Alberto. Alisara-as. Engolira em seco. Dobrara-as. Uma ambulância. Teria de chamar uma ambulância. Iria dobrar apenas mais uma peça. Não voltaria a procurar a silhueta de Marcus, não deixaria que a sua mente a provocasse daquela forma.

Erguera outra camisola interior de Alberto, manchada nas axilas, manchada na gola. Ficara com a boca seca, já não conseguia engolir enquanto olhava para o algodão canelado desbotado. Pensara nesta possibilidade ao longo dos anos, interrogando-se como seria. Até fantasiara. Dobrara a camisola interior. Pegara na peça seguinte. E depois em mais uma. E depois em mais uma. E depois em mais uma.

— Vou subir agora. Vou — sussurrara finalmente, ao ter a certeza de que os ruídos vindos de cima haviam cessado. Ao ter a certeza de que seria demasiado tarde. Não se aguentava nas pernas. Apoiara a cesta na anca e atravessara vagarosamente a cave até ao fundo das escadas. Podia jurar que sentira Marcus no aposento.

— Não sei o que aconteceu. Subi as escadas e fiquei chocada ao vê-lo ali no chão — foi a mentira que pregou aos paramédicos. — Ele tem problemas cardíacos.

Quando lhe deram um minuto sozinha na cozinha para se despedir dele na maca, Mara levava os lábios ao ouvido dele, como Marcus lhe fazia a ela antes de Alberto lhe roubar os murmúrios do filho. Dissera-lhe a única coisa que quisera dizer-lhe durante décadas:

— Odeio-te pela forma como o trataste. Sempre desejei que tivesses sido tu a morrer.

Blair

Mostra o cartão de visitante quando passa pela recepção do serviço de internamento e desce o corredor até ao quarto de Xavier. A enfermeira de ontem diz-lhe que Jacob acabou de sair — foi passar umas horas com os gémeos. Blair está mais nervosa do que durante a viagem até ali, quando se sentiu determinada a descobrir o que estava realmente a acontecer. Todas as vezes que tão magistralmente ignora lhe gritam naquele instante, e sentira um momento de confiança no carro. Sabia de alguma coisa. Podia confiar em si própria. A chave, a forma como Whitney a tratara no dia anterior, a maneira como Aiden a queria convencer de que Whitney era mentirosa.

Agora, porém, ao olhar para a porta do quarto do hospital, essa convicção começa a desvanecer-se. Não consegue tirar da cabeça as palavras de Chloe. O manto da culpa pesa-lhe nos ombros. Entra lentamente, com curiosidade em saber se Whitney lhe pedirá novamente que saia. Whitney mantém-se na mesma cadeira, embrulhada na camisola que Blair lhe trouxera no dia anterior, a acariciar a mão de Xavier com o polegar. Não ergue o olhar.

Há mais máquinas do que da última vez, mais sacos de líquido a escoar para o interior dele. Há gaze fixa com fita adesiva ao coração do rapaz, com dois delgados tubos brancos pendurados, cuja extremidade oposta entra num orifício no pescoço. Tem a cabeça parcialmente rapada. É como se não estivesse presente. Blair já nem se lembrava do inchaço das pálpebras dele, da órtese à volta do pescoço. Com os dedos sob os olhos, tenta estancar as lágrimas. Da cadeira posta do outro lado da cama, pega-lhe na mão mole e quente.

Ninguém se importaria se morresses.

Ele já parece morto.

Blair sente-se tonta.

Ele só tem dez anos. Tinha, porém, mais sabedoria do que aquela idade deixaria antever. E não tinha sido ele próprio, pelo menos naquele ano letivo. Estava a retrair-se, enquanto a filha dela florescia. A recuar no tempo, enquanto Chloe se integrava com as outras meninas. Blair sente a vergonha a crescer. Estava a criá-la para ser

amável e boa pessoa. Todavia, algures nesse percurso, falhou.

Aproxima a boca do ouvido de Xavier.

— A Chloe não queria dizer aquilo — sussurra. — Quer pedir-te desculpa.

A enfermeira bate à porta para dizer que o cirurgião chegará dentro de um minuto. Blair ergue-se e enxuga o rosto. Não pode conspirar contra Whitney — não pode tentar fazer dela a má da fita quando a sua filha pode ter culpas no cartório. Não é justo. Não é esse género de pessoa.

Precisa, porém, que Whitney lhe dê uma razão para deixar de pensar o pior sobre ela e Aiden, para deixar de andar obcecada com a chave. Uma razão qualquer.

— Fiz alguma coisa de mal? — pergunta Blair. A voz treme-lhe. — Ou tem que ver com a Chloe?

Whitney finalmente ergue o olhar de Xavier. Fita a parede atrás de Blair.

— Não posso falar sobre isso agora, Blair, já te pedi para não...

— Sobre o que a Chloe fez no recreio?

Whitney mantém-se assustadoramente imóvel.

— Vá lá, Whit, temos uma ligação mais forte do que isso. — Blair estende a mão em direção ao braço de Whitney. Tem vontade de a abanar para a acordar, de a beliscar até ela falar, de acabar com aquela tensão ridícula entre elas, mas Whitney afasta o braço.

— Blair, por favor. — Whitney parece agastada com ela. Abana a cabeça. Fecha os olhos por breves instantes, como Blair a via a fazer quando os filhos a dececionavam. Olha para o filho.

Blair sente-se humilhada. Estava errada: elas não tinham uma ligação mais forte do que aquilo. Blair não tem grande significado para Whitney.

Deve ter sido tão fácil traí-la.

Tem no bolso do casaco a chave que encontrou na gaveta de Whitney. Uma granada com a cavilha retirada. Tira-a do bolso e segura-a a escassos centímetros do rosto de Whitney.

— Porque é que tens isto contigo? — pergunta Blair.

Whitney olha devagar para o porta-chaves de Aiden. As iniciais. Mais uma vez, nem pestaneja. Inclina então ligeiramente a cabeça, como se lhe tivesse ocorrido algo. Algo que finalmente lhe libertou a mente do aperto de um torno. Só então Blair se apercebe daquilo a que terá de responder.

Whitney olha para cima.

— Isso pergunto eu.

Rebecca

Já se passaram três horas desde o início da hemorragia, e as dores ainda não começaram, mas Rebecca tomou três *Naproxenos*. Tem vontade de desaparecer e ir para um sítio onde não sinta nada. Na fronteira entre a vigília e o sono, imagina-se sobre uma mesa de cirurgia, a cortar-se com um bisturi, a abrir as suas entranhas, a atirar cada um dos seus órgãos reprodutivos para um carrinho de metal e a impeli-lo com um pontapé pela sala estéril, o estrondo dos instrumentos, as bacias de aço a chocalharem no chão, o seu útero a espirrar como um balão de água. O som do chapinhar acorda-a.

Abre os olhos, vê o candeeiro sobre a sua mesinha de cabeceira, o copo de água vazio, o diário de bolso. Três segundos, quatro, e lembra-se. Não tem vontade de enfrentar o que lhe está reservado.

Não haverá mais oportunidades depois desta. Para ela, acabou-se. Não há, afinal, nenhuma esperança, e a injustiça é insuportável. Rola na cama enfiando o rosto na almofada.

Lá em baixo, deambula pela cozinha, arrasta coisas, as cadeiras, o caixote do lixo. Atira as chaves para o outro lado da divisão. Fica à espera de que a dor se apodere da zona lombar, enquanto a névoa dos analgésicos começa a desvanecer. O cérebro reconhece o que está para vir, e tem o corpo tenso, já exausto. O espaço sublingual enche-se de saliva, que ela cospe com a cabeça inclinada sobre o lava-louça.

Ben não enviou nenhuma mensagem, não ligou. É quase meio-dia. O rosto dela contorce-se com o arrependimento de ter partilhado a notícia da gravidez com ele. Quatro horas e meia demasiado cedo. Bate com o punho na porta do armário.

Ben poderia voltar para casa a qualquer momento e dizer-lhe que a sente — a esperança. A melhor hipótese que já tiveram. Que lhe perdoa, que lhe está grato por ela nunca ter desistido, que ela, afinal, tinha razão a respeito dos milagres. E ela irá cair de joelhos.

Caminha até à janela da sala de estar, com as mãos na zona lombar, à procura dele. Há algo coral a ondular — a camisa de dormir de algodão de Mara, na brisa. Está nas escadas. Não se foi embora. Rebecca abre a porta, mas Mara mal se vira enquanto fala.

— Queria ter certeza de que está bem — diz ela.

— Obrigada. Mas já pode ir à sua vida, a sério. Deixou a porta aberta. — Parece-lhe ouvir o telemóvel de Mara a tocar. — O Alberto está em casa? É o seu telemóvel? — Mara, porém, não parece ouvi-la. — O Ben não tardará a chegar, está tudo bem.

— O Ben foi ao hospital. Ouvi-o a dizer ao taxista quando saiu. — Mara gesticula para a rua.

— Ao hospital? — Rebecca pensa no serviço de urgências a que fora da primeira vez. Não consegue perceber como é que ele sabe que ela está a perder o bebé outra vez. E por que razão teria ido ao hospital sem ela. Já nada lhe faz sentido.

— O hospital onde a Rebecca trabalha — explica Mara. — Onde está o rapaz da casa ao lado. E a mãe dele.

Rebecca considera várias explicações. Ben deve ter pensado que a chamaram para uma consulta. Deve andar à procura dela.

Mas é a forma como Mara diz «a mãe dele». A forma como as sobranceiras se ergueram. A forma como agora amassa o polegar na palma da outra mão.

Mara volta a encarar Rebecca. Esta observa o peito da mulher a subir e depois a descer, uma respiração longa e pesada. Deixa a porta da rua aberta e vira-se para ir buscar o portátil dele, que está na mesa da cozinha. Nunca fizera tal coisa, invadir a privacidade dele. Nunca tivera motivo para isso. Abre, porém, o ecrã e clica no ícone do *e-mail*.

Digita o nome de Whitney na barra de pesquisa e prime *Enter*.

«Whitney Loverly (Sem Assunto) 2 de novembro de 2018»

Um *e-mail*. Apenas um *e-mail*. Imagina o que dirá: Podes pôr o nosso lixo lá fora enquanto estivermos fora? Recolher o nosso correio?

«Olá! Obrigada novamente pela nova luva, ele adora. Gostava de ter tido a oportunidade de retribuir o gesto. Se a Rebecca estiver a trabalhar hoje à noite e precisares de companhia, aparece para voltarmos a tomar um copo. A propósito, queria perguntar-te: não será melhor comunicarmos por SMS? W.»

Blair

Só no parque de estacionamento do hospital, quando revista furiosamente a mala à procura das chaves do carro, é que repara que se esqueceu de entregar a Xavier o cartão de Chloe e o aviãozinho fundido. Assim que entrar em casa, Chloe vai perguntar-lhe. Um presente causaria boa impressão. Passa o polegar pelo decalque desbotado da American Airlines na parte lateral do avião amarelecido. Devia ser de Jacob quando era miúdo. Vai deixá-lo do lado de fora da porta.

Do corredor, espreita para o quarto para ver se o cirurgião ainda se encontra lá. Em vez disso, vê Jacob, de costas para a porta. Devem ter-se quase cruzado no corredor.

Jacob estende o braço para tocar na face de Whitney com as costas da mão. Whitney afasta-se ligeiramente dele. Jacob tenta novamente, e desta vez Whitney nem se mexe. O cabelo cai-lhe sobre o rosto como uma cortina e os ombros começam a tremer-lhe. Está a chorar — a visita de Blair deve tê-la perturbado. Jacob desliza a mão para a nuca de Whitney e acaricia-a com o polegar, enquanto a cabeça dela se aproxima lentamente do peito dele, como se estivesse finalmente a sucumbir a alguma sensação de alívio. A mão dele desliza para o colarinho da camisa dela. A seguir olha para trás, para a porta.

Blair afasta-se do vidro, mas, antes de conseguir desviar o olhar, apercebe-se de para quem está a olhar — para Ben. O olhar dele foge para o chão, enquanto os lábios se movem rapidamente. Está a dizer algo breve a Whitney. Algo em desespero. Whitney volta-se, ficando de costas para ele e para a porta. Ben vai até ao outro lado do quarto, onde sabe que Blair não consegue vê-lo.

Blair pousa o aviãozinho e o cartão no chão. Não consegue processar exatamente o que testemunhou, mas algo acaba de os implicar a todos, e cada segundo que passa é mais intenso do que o seguinte, à medida que os acontecimentos se tornam mais claros.

Carrega com força no botão do elevador e recorda a forma como Ben tocou no rosto de Whitney, no pescoço. A intimidade é mais

chocante do que as visões de carne com as quais se torturou durante semanas. Carrega outra vez com força no botão e as portas do elevador abrem-se. As repercussões giram tão depressa que Blair mal consegue processá-las. Isto está a acontecer a Jacob e a Rebecca. Não a ela. A chave não significa nada.

Aiden. Aiden, que tinha razão sobre o tipo de pessoa que Whitney é. Aiden, que, não sendo perfeito, lhe perdoa a maneira como o trata repetidamente, porque a ama. Aiden, que nunca deixou de estar presente para a família. Nunca lhe faria uma coisa destas. Pode olhar, pode fantasiar, mas não acariciaria o rosto de outra mulher com a ternura que Blair acabou de presenciar. Não é nada parecido com aqueles dois. Depois do que acabou de testemunhar, nunca se sentiu tão segura. Apetece-lhe baixar-se sobre o chão do elevador e chorar de alívio.

Ouve o sinal sonoro do elevador. Piso 4 do parque de estacionamento.

Quer manter-se longe do que está a acontecer naquele quarto do hospital. Daquela vergonha. Daquela sabor pútrido que lhe deixaram na boca. Terão de fingir todos que ela nunca esteve lá.

No carro, porém, não consegue ligar a ignição. A adrenalina já passou e sente um aperto no peito. Está a tremer. Baixa o queixo e pressiona as têmporas com toda a força, e, quando ergue a cabeça, o barulho que sai de dentro de si é monstruoso. Só experimentara esta capacidade uma vez, quando trouxera Chloe ao mundo. Deixa o som encher o carro enquanto os pulmões o permitirem, sente-se fora de si, exposta, sente que é tudo o que nunca lhe é permitido ser. Sente a reverberação da sua voz muito depois de deixar de a ouvir.

Olha em redor para os carros vazios na penumbra. Está exausta.

As pessoas parecem pensar apenas em si próprias. Quando é que ela fez uma escolha pensando apenas nas suas necessidades, satisfazendo apenas a sua vontade? Quando é que se pôs à frente da própria família? Quando é que pôs a felicidade *deles* em risco em prol da sua? Nunca o fez, por muito que perdesse com isso. Nunca foi tão egoísta, tão impulsiva, tão cruel. É mãe. É esposa. É boa pessoa.

Bate com a mão na janela do carro. Sente a garganta arranhada.

Ainda tem o anúncio imobiliário, embora o apartamento já esteja arrendado há muito tempo. Está enrolado como um pergaminho na parte de trás da gaveta da cozinha onde guarda a tralha. Tivera uma reunião no banco passados alguns dias, a seguir falara ao telefone com um advogado especializado em direito de família, um daqueles grandes escritórios de *franchising* que oferecem vinte minutos grátis. Precisava de saber qual era a sensação. E faz questão de a reviver

todos os dias. Só para ver.

Todavia, quem é ela sem esta vida que tem, se não for esta mãe, esta esposa? Quem é ela?

Assoa-se e consulta o relógio. Tem de fazer compras para o jantar. E precisam de sacos de papel para os detritos do quintal, porque a recolha é amanhã. Estas responsabilidades mundanas não terminam. Estas responsabilidades mundanas são, por vezes, tudo o que tem. Respira fundo e massaja as bochechas para aliviar o inchaço. Endireita as costas. Põe o cinto de segurança. A seguir, liga finalmente o motor.

Blair

Quatro meses antes

— Em que dia pretende mudar-se? Dia 1 de março?

Ela nega rapidamente com a cabeça. Não gosta da pergunta, parece demasiado decisiva.

— Não há datas definidas. Sou flexível.

Passa o dedo pelo balcão laminado e, em seguida, abre um armário vazio com prateleiras forradas com papel de parede floral. Vivia ali uma mulher mais velha, sozinha. Talvez tenha morrido ali. Pensa em abastecê-lo com coisas que só ela gosta de comer. Em qual seria a sensação de se livrar daquela dúzia de latas fora de prazo e especiarias não utilizadas e cereais intactos e do bafiento saco de *marshmallows*.

Pousa a mão no vidro da janela do quarto principal do apartamento, porque é algo que as pessoas fazem. Tem algo que ver com a perda de temperatura, não tem a certeza. Na moldura da janela há uma alavanca que, ao girar, deixa entrar o ar através de uma abertura de quinze centímetros; se vivesse sem Aiden, poderia deixar entrar a brisa fresca durante toda a noite. Ele insiste em manter o quarto quente.

O polibã é combinado com uma banheira rasa. Um painel de vidro com bolhas corre ao longo da parte lateral, numa calha preta do bolor. Mas ela pode limpar o bolor. Pode limpar o espelho. Pode substituir a iluminação do toucador, que faz lembrar a de um motel.

Há um roupeiro com cabides que deixaram ali ficar. Pensa nos filhos, já crescidos, que talvez tenham vindo retirar os pertences da senhora que morreu. Pega num deles e cheira-o, na expectativa de encontrar o odor da morte. Da solidão. De perfume floral. Mas não cheira a nada.

Arrumaria a sua roupa de forma diferente naquele roupeiro, haveria apenas um cesto de roupa suja em baixo, à espera de que o enchesse. Por vezes, usaria uma roupa o dia todo sem que mais ninguém a visse antes de a voltar a tirar.

Vira-se para o sítio onde ficaria a cama, e parece-lhe que só há espaço suficiente para uma cama de casal normal. Sente-se reconfortada com a eventualidade de aquele aspeto poder ser determinante. *Bem, seja como for, o tamanho da cama não é suficiente.* Bem, nunca houve espaço para outra pessoa. Está sozinha, desesperada e dolorosamente solitária, ao contrário do que seria de esperar numa mãe de família. Ali, porém, a solidão seria diferente. Autoimposta e razoável.

O segundo quarto tem a melhor vista, e é assim que vai vendê-lo à filha inocente cuja vida iria virar de pernas para o ar. Dali quase que se consegue avistar a zona ribeirinha. Quase conseguiriam lobrigar os veleiros quando o tempo aquecesse. *É quase como a nossa família era antes, quase a vida que queria para ti,* pensa. Pensar em Chloe naquele quarto deixa-a sentimental.

— Dá para o seu sofá? Tem um modular? — A agente imobiliária mantém as mãos na aba do *blazer* verde-escuro enquanto percorre a divisão, fazendo ressoar no parquê o som firme dos saltos das botas de cano alto.

— Nem sei o que tenho — responde Blair. O que não deixa de ser verdade.

O semblante da agente imobiliária exprime alguma pena, como se já tivesse passado por aquela situação. Como se soubesse perfeitamente por que razão Blair está ali, e que não haverá nenhuma comissão e que aquela mulher à sua frente, a enrolar o prospecto como se fosse um pergaminho, está apenas a testar-se a si própria. É a forma como Blair, a meio do apartamento, se vira como se fosse uma criança assustada entre uma multidão, à procura do adulto que a trouxe ali. Isso e o facto de não fazer muitas perguntas sobre a renda. Não tenta negociar.

Quando descem no elevador, mantêm-se em silêncio.

— Depois entro em contacto — diz Blair na desinteressante entrada do prédio.

— Claro.

Blair aquece o carro e espera que o pulso acalme. Sente-se animada e liberta, e ouve um zumbido na cabeça que não se lembra de ter ouvido antes. Poderia dirigir-se ao banco e abrir uma conta própria. Utilizou uma calculadora gratuita no *site* de um advogado especializado em divórcios para calcular a pensão mensal que ele teria de pagar, e talvez chegasse. Mesmo à justa. Tenta imaginar-se a viver ali. A separar-se, a vender a casa. Preocupada com o dinheiro. A trabalhar todos os dias, uma mãe solteira. Será liberdade? Será insensatez? Pensa no que Whitney disse há uns meses, quando foi lá a

casa tomar um copo de vinho. Sobre a mãe dela. O bilhete de autocarro que guardou durante anos. A saída. Não tem conseguido parar de pensar nisso. Queria saber qual seria a sensação de ter essa possibilidade. Olha para o prospecto que tem na mão.

Contudo, tudo lhe parece um disparate. E sente uma profunda angústia devido às latas de sopa fora de prazo no armário e ao lavatório conspurcado pelo barbear do marido e ao toque dos dedos dos pés no tapete das escadas, que detesta. O som dele a voltar para casa. Chloe entre eles na cama de casal. A rotina a que estão presos. É isto que acontece quando fantasia sobre uma separação; volta sempre atrás. Para a segurança de uma vida menos plena.

Tira o telemóvel da mala e liga à mãe.

Tenta novamente. E mais uma vez. A mãe já raramente atende o telemóvel. Pelo menos quando Blair lhe liga, eufórica, a dar novidades sobre Chloe e Aiden e a pôe a par de tudo. Nunca tenta ligar para o telefone fixo lá de casa, pois pode ser o pai a atender.

Está prestes a desistir quando ouve a mãe a clarear a garganta.

— Sou eu — diz Blair. Tem a voz embargada. Engole em seco. — Há tanto tempo que não falamos. Só queria saber o que tens feito.

A mãe pede-lhe para esperar um pouco e Blair imagina-a a atravessar a casa em direção ao logradouro das traseiras, onde o pai não a ouve. Volta a pôr o telemóvel no ouvido e suspira.

— Foi no Dia de Ação de Graças, acho eu — diz-lhe a mãe, mas ela não acha, sabe.

Blair olha para o tejadilho do carro e apetece-lhe dizer que o telemóvel funciona nos dois sentidos.

— Sim, pois, tenho andado atarefada. E tenho-me sentido... um bocado estranha. — Arrepende-se logo do que disse. Só se sentem à vontade uma com a outra à distância. Contudo, por vezes, interroga-se se a mãe não lhe terá rancor pela vida aparentemente feliz que leva. Talvez pudessem resgatar algo entre as duas se a mãe percebesse que Blair se identifica mais com ela do que ela julga.

— Hum-hum — diz a mãe. — Bem, sempre tiveste dificuldade em lidar com o *stress*. Está tudo bem com a Chloe?

Blair faz uma pausa antes de lhe contar que Chloe está a trabalhar no seu primeiro projeto científico. Que ela e Aiden vão nadar duas vezes por semana, que está a aprender todos os movimentos.

— Bem, fico contente por as coisas estarem a correr bem, então.

Blair fica à espera de que a mãe lhe pergunte por que razão anda a sentir-se estranha. A mãe, porém, preferiu falar num desconto que obteve no bilhete de comboio para ir ter com a tia de Blair e ficar na casa nova dela, onde o administrador de propriedade limpa as janelas

exteriores e trata das jardineiras sazonais de toda a gente.

E a seguir a mãe diz que tem de desligar. Blair sabe que não consegue pensar em mais nada inócuo para preencher a conversa. Nenhuma delas menciona o pai de Blair.

Larga o telemóvel no assento ao seu lado e olha para a entrada envelhecida do prédio.

Quando chega a casa, Aiden pergunta-lhe onde estão os sacos, e há uma fração de segundo em que Blair acha que o marido sabe onde ela esteve. Que está pronto para embalar as coisas dela naqueles sacos, e que, num envelope pardo grande sobre a mesa da cozinha, haverá documentos redigidos por um advogado. E que esta casa deixará de lhe pertencer, e que ela ficará sem ele, e que a família que constituiu deixou mesmo de existir.

— Os sacos das compras — esclarece Aiden perante o silêncio dela. — Não foste ao supermercado? — Aiden leva algo à boca. Caju, talvez. Os últimos. À espera de que ela reabasteça o frasco, que reabasteça sempre tudo o que eles precisam.

Embora, nessa noite, Blair vá adormecer com esperança de ter coragem para mudar, de ser uma mulher mais forte do que a mãe, abraça-se agora aos ombros do marido e convence-se de que vai correr tudo bem. Que são fases passageiras e que, em breve, mais uma vez, esta há de passar. Que esta vida será suficiente. Fica com o corpo tenso; Aiden dá-lhe uma pancadinha nas costas. Já não se beijam. Blair já nem se lembra da sensação de beijar o marido.

— Esqueci-me da carteira — é tudo o que diz.

Setembro

Logradouro dos Loverlys

Whitney, com as cuecas de renda pelos tornozelos, respira para as palmas das mãos, que cheiram a estranhos, como as que apertou a tarde toda. Recorda a sua reentrada na festa há quinze minutos. Os olhares a desviarem-se. O semblante depreciativo de Jacob, como o dececionou novamente. Debate-se contra a humilhação, mas esta está presente, está quente na sua pele, a raiva ainda a pulsar-lhe nos ouvidos. O recuo de Xavier. Acabou de urinar, mas não consegue mexer-se, não pode sair daquela casa de banho. Apoia os cotovelos sobre os joelhos e agarra punhados de cabelo. Tem os olhos rasos de lágrimas, mas há maquilhagem para preservar, e faltam horas para o fim e...

— Oh, merda, peço imensa desculpa — diz alguém.

Ela tenta tapar-se. Não tem por hábito trancar a porta da casa de banho na sua própria casa. Enxuga os olhos, tenta rapidamente limpar os borrões que os rodeiam e, quando abre a porta, espera que a pessoa que entrou inadvertidamente já se tenha ido embora. Mas não foi. Ben.

— Peço imensa desculpa, Whitney. Tive vontade de voltar lá para fora para evitar o constrangimento, mas pareceu-me que estavas... Está tudo bem contigo?

Whitney alisa o vestido sobre as ancas e responde-lhe com um «tsc» à preocupação dele. Claro que está bem, claro que está ótima, e ele está a divertir-se? Quer mais uma bebida? Já experimentou os mini-hambúrgueres? Endireita as pulseiras e tenta sorrir. Finalmente, Ben inclina-se para a frente, reprimindo um sorriso.

— O que aconteceu não tem grande importância, na verdade — diz ele. — O coelho do mágico ficou um bocado desnordeado nesse preciso instante, por isso... Não foste só tu a dar espetáculo.

Whitney protege os olhos. Murmura «Meu Deus» e esboça um pedido de desculpa, mas sorriem os dois. Dão um passo para o lado, deixam outra pessoa entrar na casa de banho. Whitney lembra-se, então, de ter sentido o olhar de Ben nela no início da tarde. Antes de

ter gritado a Xavier. Quando ele tinha a mão no bolso de trás de Rebecca, sobre o rabo dela.

— Ouvi dizer que andavas a treinar a equipa de *softball* da escola primária. O Xavier quer experimentar na primavera, mas não tem muito jeito para o desporto. — Whitney arqueia o sobrolho, tentando deixar transparecer uma brandura que não corresponde propriamente à realidade.

Ben parece um pouco nervoso na presença dela. O que lhe agrada. Agrada-lhe sentir que mexe com ele.

— Posso passar algum tempo com ele a jogar à bola, antes que o tempo arrefeça. Podemos trabalhar nas capacidades dele, prepará-lo para as provas.

— Seria simpático da tua parte. O desporto não é com o Jacob, mas não lhe contes que eu te disse isso. — Acrescenta, então, sentindo que é necessário: — Ele é um bom rapaz. Aquele incidente lá em cima foi só... A culpa foi minha.

Parece mais fácil ser franca com Ben do que com aquelas mulheres lá fora. Ben abana a cabeça, murmura breves palavras sobre compreensão, sobre esquecer o que aconteceu. Encaram-se, olhos nos olhos, e Whitney fica à espera de que a situação se torne constrangedora.

Pensa no que Mara lhe disse sobre Xavier na primavera anterior. Deixara à porta deles uma braçada de lindos ramos de lilases do seu arbusto. Para lhes lembrar, talvez, que ela ainda estava ali. No dia seguinte, Whitney parara junto ao alpendre de Mara para lhe agradecer.

«E, a propósito, se o Xavi algum dia abusar e andar a bisbilhotar junto à vedação, diga-me.»

Mara emitira um som com a língua, afastando aquela preocupação com um gesto. E então, quando Whitney se virara para ir à sua vida, dissera: «O seu filho faz-me lembrar um rapazito sossegado que conheci. Há algo no olhar dele...»

Interrompera-se, como se tivesse falado demais. Não desviara o olhar dos seus malmequeres, continuando a virar o vaso de terracota para apanhar mais luz solar.

Whitney pensa nessas palavras agora, ao falar sobre Xavier com Ben. Os olhos de Ben parecem-lhe familiares. Parecem os do filho dela. Terá sido tristeza que Mara quisera dizer? Terá sido isso que Mara vira nos olhos de Xavier?

— De certeza que estás bem? — Ben leva a mão ao ombro dela.

— Sinto-me melhor agora, sabendo do coelho.

Sorriem novamente, ele para o chão, ela para o corte juvenil do

cabelo dele, encaracolado em redor do pescoço. Nenhum deles dá mostras de querer afastar-se. Nenhum deles diz «Bem, é melhor voltar lá para fora.» «Obrigada por teres vindo.» «Obrigado por me receberes.»

— Vou aceitar essa tua oferta para ajudar o Xavi a melhorar os lançamentos. — Whitney olha para o logradouro, onde Rebecca pede água ao empregado do bar, onde Jacob dá uma gorjeta ao mágico.

— Com todo o gosto. Se depois tiver direito a uma cerveja bem fresquinha.

— Talvez algo um pouco mais forte. Mas sim. Vamos a isso.

O ritmo lento com que vão dizendo que sim com a cabeça. A contenção dos sorrisos. E, a seguir, o tom rosado nas faces dele, os lábios entreabertos. Como se houvesse mais coisas que Ben lhe quisesse dizer.

Muito mais tarde, a conversa com Ben fora da casa de banho não lhe sairá da cabeça. Nem naquela noite, deitada na cama, acordada, com o ecrã de Jacob a brilhar no colo dele ao seu lado. Nem na manhã seguinte, no polibã, com oito horas de reuniões consecutivas pela frente. Nem na noite seguinte, na cozinha, depois do trabalho, ainda com o fato vestido, a ouvir Xavier a dar sucessivos pontapés na perna da mesa enquanto emborca uma malga de gelado derretido, e a sentir o aperto daquela vida pela coluna acima, centímetro a centímetro, até que bate com a mão na mesa e a raiva se apodera dela novamente.

Rebecca

Fecha com força o portátil de Ben.

O seu cérebro começa finalmente a carburar mais depressa. «Voltarmos», escrevera Whitney no *e-mail*. Ben nunca lhe dissera que fora a casa dos Loverlys beber um copo. À noite. Aliás, nunca lhe dissera nada sobre os Loverlys. Era apenas a família do outro lado da rua. Pensa na inicial com que Whitney assinou. W. Parece revelar bastante intimidade. Demasiado informal para uma mulher que ele mal conhece.

Olha para os pés, que se movimentam sobre as tábuas de carvalho branco como se não lhe pertencessem. Regressa à porta aberta e chama por Mara. Ela sabia da gravidez. E das outras também. E tinha ficado à espera lá fora para lho dizer.

Mara está sentada no cimo das escadas da casa de Rebecca. Mas não se vira.

— Conteí-lhe que tinha um filho e que ele morreu. — Mara faz uma pausa. — Bem, o que não lhe contei é que eu podia tê-lo evitado. Fui responsável. E não há um dia em que não pense nisso. — Rebecca agacha-se atrás dela e toca-lhe no ombro. — Oh, não há necessidade disso, está tudo bem. Foi há muito tempo. — Mesmo assim, Mara pousa a mão sobre a de Rebecca e esfrega-a. — Não tem obrigação de ouvir os meus problemas numa altura destas. Só queria dizer-lhe que, não obstante todas as adversidades, a sua força interior vai ajudá-la a seguir em frente, da forma mais inesperada. Há de aparecer uma oportunidade, na hora certa, quando mais precisar — diz-lhe, gesticulando na direção dos sapatos de enfiar, já desgastados, que repousam sobre o degrau inferior do alpendre. — Mas tem de esperar. Ter paciência.

Dá uma pancadinha na mão de Rebecca e tenta pôr-se de pé. Rebecca ajuda-a a equilibrar-se. Quer agradecer-lhe, dizer umas palavras cordiais, mas Mara não vai querer ouvi-la. Já desceu os degraus e põe-se a caminho do outro lado da rua. Rebecca desloca-se lentamente para o interior da sala de estar e olha para o portátil.

O peso vindo da região pélvica, subindo-lhe pelas costas, começa a

deixá-la enjoada. Contorce-se para aliviar a dor, mas esta persiste. Vai até à casa de banho, cobrindo a boca para conter o vômito quando as contrações começam a subjugar-lá. Ajoelha-se no mosaico e inclina a cabeça sobre a borda fria do assento da sanita. Tenta encontrar um último suspiro no espaço entre a dúvida e a certeza, mas a acidez enche-lhe a boca, e rende-se.

Blair

Regressada a casa, com os mantimentos para o jantar e os sacos do lixo do quintal, ajoelha-se no jardim da frente e puxa as raízes teimosas das ervas daninhas espinhosas repreendendo-se por não ter visto tudo antes. O caso de Whitney com o marido de Rebecca, a extensão do egoísmo dela. É difícil admitir todo o afeto que tinha por ela. Quanto invejava a vida dela. É perturbador que uma amizade tão íntima como a delas possa definhar tão rapidamente. Com um fim tão doloroso, embora tão impercetível. Tão pouca coisa mudará na sua vida sem Whitney, ao contrário do que aconteceria com a perda do seu casamento, que a viraria do avesso, a ela e a tudo o resto.

Contudo, perder Whitney parece-lhe ser algo mais delicado. Mais pessoal. Como uma morte. A amizade entre elas era o único espaço em que ambas eram versões melhores de si próprias, e agora Whitney roubou-lhe esse espaço e tudo o que continha. Mas não tinha esse direito. Blair arranca um punhado de miosótis. Por que razão Whitney lhes terá feito tal coisa? Perder Whitney vai consumi-la. Whitney, porém, tem outros problemas pela frente, pensa Blair, enfiando as ervas daninhas no saco do quintal e engolindo o nó que sente na garganta. Blair será relegada para segundo plano, a relação delas ficará esquecida entre os destroços.

E talvez seja melhor assim, sabendo Blair o que sabe. Lembra-se, então, da chave que ainda traz no bolso. Da explicação que nunca chegou a receber.

Consulta o relógio. Está quase na hora de ir buscar Chloe à escola. Olha para trás, para o outro lado da rua, e vê que Jacob já abriu os cortinados na fachada da casa dele. Blair protege os olhos do sol e vê-o a deambular pela cozinha, talvez a preparar mantimentos para levar a Whitney no hospital. Whitney já deverá ter pedido a Ben para se ir embora, apesar de este, aparentemente, ainda não ter chegado a casa.

Blair sabe que deve ficar onde está, ali mesmo, ajoelhada na terra. Não convém voltar a aproximar-se da casa dos Loverlys.

Sente, porém, a escalada de uma audácia que nunca teve antes.

Pensa na forma como Jacob põe os dedos na cintura da mulher

quando esta passa por ele. A ênfase que dá ao nome de Whitney quando fala dela, como se estivesse a enunciar o nome de um monarca. Whitney não merece nada disso. E Blair pode tirar-lhe tudo, numa só conversa. A amizade delas nunca tivera os pratos da balança tão inclinados a seu favor. Nunca sentira este tipo de poder.

Põe-se de pé e fica ali parada, no jardim, percebendo claramente a oportunidade. Tira as luvas e dá por si a percorrer a calçada de acesso à casa de Jacob, embora as pernas possam ceder a qualquer momento.

Jacob abre a porta e abraça-a. Blair sente o cheiro a sândalo no pescoço dele. Percorre o braço dele com os dedos, de alto a baixo, enquanto ele se afasta.

Enquanto fala, Blair sente o eco da própria voz. Diz que lamenta imenso, que não pode acreditar que aquilo tenha acontecido. Pergunta pelo estado de saúde de Xavier naquela manhã, qual é a situação clínica, como se não tivesse lá estado nesse dia. Jacob relata-lhe o pestanejar, os pequenos e subtis movimentos que viram. Que poderia ser um bom sinal, ou uma falsa esperança. Que a cirurgia já está marcada. Esteve com Thea e Sebastian, acabou de chegar, mas está prestes a voltar para o hospital. Ainda não dormiu desde que recebeu a chamada. Whitney não come.

Blair, porém, só consegue pensar no que vai dizer a seguir.

Tenho uma coisa para te dizer, e sei que não é a melhor altura, mas...

Só estou a fazer isto porque te respeito e acho que devias saber...

Espero que me perdoes por isto, Jacob, mas não é correto esconder-te uma coisa destas...

Tão simples como isto. Como saltar para um lago frio. Basta agir sem pensar, é o que diria a Chloe. Basta contar até três e saltar. Superar as expectativas que os outros têm em relação a nós.

Blair abre a boca, interrompe-o, diz o nome dele com uma voz cujo timbre difere do habitual.

— Jacob, tenho de... Há uma coisa...

Jacob volta a pousar a mão no ombro dela. Aperta-o bem. Blair pensa na forma como vasculhou as coisas dele, com tanta intimidade, como levou a roupa interior dele ao nariz.

— Eu sei. É melhor conversarmos — diz ele. Fica ruborizado. — Não queria ter esta conversa contigo. Peço desculpa. Acho que as autoridades já estão satisfeitas, mas as pessoas podem fazer-te algumas perguntas. E haverá rumores. E precisamos de poder contar contigo para... esclarecer tudo.

Blair vai assentindo com a cabeça, porque Jacob quer que ela entenda o que ele quer dizer sem ter de pronunciar as palavras. Blair, porém, não vê bem aonde ele quer chegar. Parece constrangido. A

Polícia continua a farejar? Whitney admitiu alguma coisa? Viram a caneca partida, o café espalhado pelo quarto de Xavier? Ou, pior ainda, falaram com a escola, souberam do incidente com Chloe? Há de acontecer — é uma mera questão de tempo, a não ser que um rumor mais condenatório se sobreponha.

Jacob continua a agarrar-lhe o ombro.

Blair murmura:

— Claro, nem é preciso referir isso. — Diz-lhe que podem contar com ela. Tenta esboçar um sorriso.

Jacob inclina-se para a abraçar novamente e Blair sente a mão dele a esfregar-lhe as costas lentamente, sobre o fecho do *soutien*. Recorda as carícias que fez a si própria na cama dele no andar de cima. E a mão de Ben a afagar o pescoço de Whitney no quarto do hospital.

— Como é que a Chloe lidou com a notícia?

Blair afasta-se para lhe ler o semblante. Terá dado ênfase ao nome de Chloe? Terá sido só na imaginação dela?

— A Chloe... Ela está bem... Quero dizer, está destroçada, é claro. Deixei no hospital um cartão dela. Hoje.

— Oh — diz ele. Parece confuso, e Blair lembra-se de anteriormente ter dado a entender que não fora ao hospital naquele dia. — Então provavelmente não nos cruzámos por pouco.

— Sim, provavelmente — diz ela, e a seguir encolhe os ombros, um gesto que parece pecar por demasiado tardio.

— É uma boa miúda. A melhor amiga dele. — Jacob assente com a cabeça ao proferir estas palavras, mas parece sério. Demasiado sério. Ainda está ruborizado.

Blair sente que Jacob consegue ler-lhe a mente e deseja libertar-se dele. Não consegue recuperar a coragem que a trouxe ali; em vez disso, sente-se de alguma forma ameaçada. Será isso, uma ameaça? Será que ele sabe a forma como Chloe tratou o filho dele?

Sente um enorme alívio por ter mantido a boca fechada há pouco. O que sabe sobre Whitney e Ben poderá ter mais valor se ficar calada por enquanto. Caso tenha de vir a proteger a própria família de rumores.

Atravessa lentamente a rua de regresso a casa, tentando processar o que Jacob acabou de fazer. Ou o que poderá ele saber mais sobre o que está a acontecer. Os erros devastadores que a sua mulher cometeu. Talvez, à sua maneira, ele seja tão fraco como ela. Sente os olhos de Mara a segui-la até à porta da rua, mesmo quando Jacob a chama e, atravessando a sua propriedade, se dirige a ela.

Blair tira o telemóvel do bolso, abre a conversa de grupo com as

mães da escola e começa a digitar.

«Não sei se já sabem. Houve um acidente na casa dos Loverlys.»

Olha para o texto. E, em seguida, apaga a última frase. Escreve novamente.

«Houve um incidente com a Whitney e com o filho. Quando souber mais alguma coisa, aviso. Estamos todos de rastos, sobretudo a Chloe.»

Prime o botão de enviar e volta para as ervas daninhas.

Whitney

Hospital

Sente-se insegura até Jacob regressar. O marido põe-se atrás dela e encosta a face à dela, onde Ben lhe tocou. Whitney interroga-se se Jacob conseguirá sentir o cheiro de Ben no quarto, como ela ainda consegue. Fecha os olhos com força e fica à espera de que ele perceba que há alguma coisa de diferente, que faça algum comentário inocente que, ao crescer e intensificar-se na mente dele, evidencie o que ela lhe fez. Interroga-se quando é que Jacob vai afastar as mãos do rosto dela e dizer-lhe finalmente: «Olha para mim. Exijo franqueza da tua parte.»

Em vez disso, porém, fala com Xavier, como se este pudesse ouvi-lo. E talvez possa. A sua voz é terna, a voz de um sonho. Põe-lhe na mão o aviãozinho de brincar. Fala-lhe das saudades que Thea e Sebastian têm dele. Que, quando regressar a casa, querem brincar com ele, em correrias sob a água do aspersor. As palavras, porém, doem. A esperança dói, e Whitney sabe que ambos conseguem sentir essa dor.

Jacob vira-se para ela. Quem é que ele acredita que ela seja? Do que acha que ela é capaz? Tem vontade de lhe dizer que nunca teria levado até ao fim a sua intenção de lhe cortar o oxigénio. Que só queria ver qual era a sensação. Qual seria a sensação de estar *quase*. Como alguém à beira de um precipício, bem alto. Com os dedos dos pés já sem chão. A olhar para baixo.

Jacob, porém, diz-lhe que voltou a reunir-se com o cirurgião. Decidiram avançar com o procedimento no dia seguinte. É essa a palavra que utiliza: «procedimento». Como se alguma coisa estivesse simplesmente prestes a ser cortada, apertada ou afinada. Mas não, vão retirar-lhe as placas do crânio. Vão desaparecer pedaços inteiros dele. A sala de operações está reservada para a primeira hora da manhã. Há páginas acerca de riscos que têm de assinar.

Whitney prefere que ele não lhe diga mais nada. Não consegue conceber que o cérebro do filho vá ficar exposto ao ar. À lâmina afiada de um instrumento médico. É aí que se encontra tudo o que diz respeito a Xavier, os seus pensamentos, os sentimentos, a

personalidade. Esse cérebro é quem ele é, quem ela queria desesperadamente mudar. Agora, porém, tem vontade de lutar contra todos eles, arrancar-lhes as mãos do corpo dele, quer que todos deixem o filho em paz. Se ele vai morrer, não quer que morra nas mãos deles, manuseado e desfeito.

Ou talvez possam cometer um erro. O mais pequeno deslize de uma mão. Um erro que prejudique a memória de Xavier. E então Whitney livrar-se-á de tudo. Do que fez. De quem tem sido.

É um microflash de pensamento, mas é perverso.

Jacob puxa-a para cima, diz-lhe que ela não pode continuar a dormir tão pouco. Quer ficar com ela, estar em sintonia com ela, sentirem algo um pelo outro. Whitney pensa em tudo o que ele não sabe. Dantes não pareciam mentiras. Pareciam decisões privadas, escolhas que ela tinha o direito de fazer porque alimentavam uma necessidade no seu interior, uma necessidade que Jacob não tem. Esta vida era suficiente para ele; Jacob era bom nesta vida. Mas ela não, e queria mais. Queria sentir olhares diferentes no seu corpo. A excitação a afirmar-lhe: *Não és como as outras mães. As outras mães não podem fazer uma coisa destas.*

Assumiu a responsabilidade de garantir que Jacob nunca viesse a saber. Todas aquelas medidas cuidadosas, todas aquelas regras que estabelecera para si própria, pareciam a lista de precauções que alguém percorria antes de embarcar num veleiro; sim, o barco poderia virar, havia sempre essa possibilidade com uma mudança inesperada na direção do vento, mas isso provavelmente não aconteceria se uma pessoa soubesse o que andava a fazer.

A seguir, todas as vezes, fora uma mãe melhor. Tê-lo-iam sentido, às vezes? Que havia dias em que ela gostava mais deles? Assim sendo, se era disso que ela precisava, aquela coisa sem grande importância, não poderia ser perdoada?

Mas agora.

Ali de pé no quarto do hospital do filho, testa com testa, os dedos do marido no cabelo dela, todo aquele desejo faminto parece atroz.

— Vamos ultrapassar isto, Whit. Mas precisamos um do outro. Precisamos um do outro.

Não pára de lho dizer. Vezes sem conta. Quase como se soubesse de tudo e estivesse a tentar convencê-los aos dois. Jacob agarra-lhe na cabeça. A seguir a sua mão desliza até ao pescoço dela. Whitney engole em seco.

Passa-lhe pela cabeça. Que ele poderia esganá-la. Que ele saiba que é isso que ela merece. Jacob mantém aí a mão, enterrando lentamente os dedos nela. Whitney tenta não tossir. Consegue senti-lo

a começar a chorar.

Mara

O telefone não pára de tocar, o som agudo ecoa pela casa, cada vez mais estridente. Mara tem andado a cirandar entre o alpendre e a cozinha o dia todo, imaginando quanto tempo poderá evitar aquilo que tem de fazer a seguir. O corpo. As chamadas para Lisboa. São quase três da tarde. Já passou quase um dia inteiro desde que Alberto morreu.

Não se sente capaz de agir de forma racional. Talvez fosse melhor não se imiscuir na vida daquela gente, sobretudo nesta altura, atendendo ao que aconteceu a Xavier.

Conhece a sensação.

Depois de ter garantido a Rebecca que esta encontraria esperança da forma mais inesperada, lembrou-se de que ainda precisava de inspecionar o logradouro. Esquadrinhar os arbustos para ver o que consegue encontrar. Jacob viera um pouco mais cedo. Tinha a testa suada. Parecia estar de rastos.

— Ouviu alguma coisa? — perguntara-lhe Jacob. — Na quarta-feira à noite?

— Se ouvi alguma coisa? Alguma coisa como?

— Não sei — respondera Jacob. Olhara para a janela da cozinha dela, inclinando a cabeça como se estivesse a tentar enxergar o interior da casa, à procura de Alberto. — E o seu marido? Será que ele estava acordado por volta da meia-noite? Pode ir perguntar-lhe?

— Estávamos os dois a dormir — respondera Mara. E foi tudo.

Mara já era responsável por demasiadas coisas.

Tinha visto Blair a encher dois sacos do quintal com ervas daninhas há cerca de uma hora. Arrebatara cada uma delas do chão como quem puxa o cabo de um motor antigo que teimasse em não arrancar. De vez em quando, parava e olhava para a terra, com os cotovelos sobre os joelhos.

Mara também poderia ter ido ter com Blair para meter conversa e tentar sacar nabos da púcara. Ter-lhe levado um punhado de tulipas-papagaio do quintal e perguntado amavelmente se ela tinha um minuto.

Contudo, já interferira o suficiente por hoje.

Só que tinha um fraquinho por Rebecca. Não lhe parecia correto deixar toda a gente safar-se à custa da dignidade de Rebecca. Ela merecia saber a verdade. É a única pessoa que olha para Mara e vê a mulher por trás da idade espelhada no rosto, alguém que não é assim tão diferente dos demais. É por causa de Rebecca que Mara ainda não desapareceu completamente da Harlow Street. Imagina que será a primeira a reparar que Alberto desapareceu. Há de parar no alpendre um dia para conversar, gesticular na direção da casa e dizer: «A propósito, como é que ele está? Foi dar uma voltinha à cidade?» Talvez a semana que vem. Ou o mês que vem.

Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse ficado sentada naquele alpendre os meses que tivessem sido necessários para ver tudo a implodir. Sem se intrometer na vida de todas aquelas mulheres. De qualquer forma, em breve a rua irá ficar novamente decorada com placas imobiliárias.

Entra em casa e encosta-se à porta da rua. Não estava preparada para a sensação de ser a única sobrevivente. A única com alguma memória de quem eles eram juntos, os três. A única que pode pensar em Marcus todos os dias. Que conhece o peso dele no seu colo. Pesado e real. Quando ela partir, ele também terá partido, e é só por esta razão que fica aliviada quando os olhos, ao abrirem-se todas as manhãs, se deparam com o teto de gesso com textura de pipocas do seu quarto.

Em meados da década de 1970, tinha ele dezasseis anos, Mara comprou finalmente dois bilhetes de avião. Iria tentar novamente. Durante anos, poupava algum dinheiro todos os meses da mesada que Alberto lhe dava, economizando nas compras e mentindo sobre o que precisava de conserto, para poder embolsar a quantia destinada a pagar esses serviços. Disse a Alberto que fora a sua tia-avó a pagar a passagem aérea. Ele não levantou nenhum problema, acreditasse ou não. Não era necessário discutirem se Alberto os acompanharia na viagem — Mara já sabia que ele ficaria em casa.

Nessa altura, Marcus tinha uma prateleira inteira de livros sobre aviões. Um manual de piloto que encontraram num alfarrabista, um manual de informações aeronáuticas e o livro *Stick and Rudder: An Explanation of the Art of Flying*. Mara queria que o filho conhecesse finalmente a sensação de estar num avião. Queria que saíssem da Harlow Street, nem que fosse por uma vez. Para longe do peso mortífero de Alberto.

Sonhava novamente em observar Marcus a assimilar os detalhes

do aeroporto, os aviões a rolarem lentamente para o terminal, a tripulação elegantemente vestida a correr para a porta de embarque, um vislumbre dos controlos do *cockpit* por cima da cabeça dos pilotos antes da descolagem. Queria ver o rosto dele a ficar radiante e deleitar-se ao vê-lo a transbordar de alegria. Aparentemente não havia muita coisa que o empolgasse na adolescência, mas os miúdos da idade dele eram assim. A viagem seria diferente.

Manteve-a em segredo até à noite anterior ao voo, quando lhe mostrou os bilhetes. Marcus estudou a cartolina que tinha nas mãos. Mara abanou-lhe os ombros.

— Vamos mesmo! Finalmente vamos. Seis horas no ar. Vamos ficar duas semanas com a minha família. — Apontou para o número dos assentos. — 22A e 22B. Arranjei-te um lugar à janela. — Marcus mordeu o interior das bochechas e pousou os bilhetes na mesinha de cabeceira. — Marcus. Foram caríssimos. Tu gostas imenso de aviões. Vais adorar fazer uma viagem, prometo-te. É o que fazem famílias como a nossa. Apanham um avião e regressam às origens, encontram-se com os primos e com os avós. Temos de ir, já devíamos ter ido há muito tempo. Não arranjes dificuldades, é só o que te peço.

Mara lamentou a tensão no seu tom de voz. Teve de se conter. Estavam os dois a pensar no que acontecera da última vez que planearam aquela viagem. Como tudo mudara depois disso. Não fizera, porém, muitas exigências ao filho. E havia uma parte de si que se sentia merecedora da emoção de, pelo menos por uma vez, fazer alguma coisa que *ela* queria fazer. Já há quase dezassete anos que não ia a casa para visitar a família. Queria que eles conhecessem o filho. Assim como a família de Alberto, embora este não ligasse nenhuma aos planos deles. Avisou-a de que a viagem era má ideia, que Marcus não se daria bem num sítio novo, em casas cheias de estranhos, com o caos do aeroporto. Como se ele soubesse alguma coisa acerca do que era bom para o filho.

Deu um beijo de boa-noite a Marcus e acabou de fazer as malas lá em cima.

De manhã, Marcus vestiu a linda roupa que a mãe lhe deixara e sentou-se para tomar o pequeno-almoço, enquanto Mara verificava novamente os passaportes e relia o itinerário. Alberto saía para o trabalho mais cedo do que o habitual.

— Estás entusiasmado com o avião, Marcus? — Ele nem olhou para ela, mas assentiu com a cabeça. — Ainda bem! Eu estou em pulgas. Vamos andando. Vais adorar.

Deu-lhe um beijo na cabeça e demorou os lábios sobre os seus cabelos castanhos. Nesse momento, permitiu-se acreditar que

poderiam sentir-se pessoas completamente diferentes.

No aeroporto, Marcus, mantendo-se alguns passos atrás da mãe, não perdia pitada. Sentaram-se mesmo ao lado da porta de embarque e ficaram à espera da chamada. Mara teve de lhe segurar os joelhos para impedir que as pernas saltassem. A ansiedade de Marcus era inevitável. Acalmar-se-ia assim que se sentassem nos seus lugares. Quando chamaram a fila deles, Mara empurrou-o ao longo da ponte de embarque. Geralmente conseguia ter sempre paciência com ele; era uma necessidade da sua vida em comum. Contudo, desta vez, isso parecia-lhe difícil, com a tensão da viagem a apoderar-se dela, a sacola pesada ao ombro, a fila de pessoas que eles estavam a empatar, a catrefada de documentos que tinha nas mãos e não queria deixar cair. Queria que o filho desfrutasse daqueles momentos. Queria ela própria desfrutar deles.

— Vá lá, Marcus, despacha-te. — Um jovem casal com malas de rodinhas, ao passar por eles, bateu-lhe no cotovelo, e os bilhetes, os passaportes e a carteira espalharam-se pelo chão. Marcus observou-a, atrapalhada, a recolher tudo enquanto a fila crescia atrás deles. — Marcus, ajuda-me, por amor de Deus! Não fiques aí especado!

Mara corou de vergonha perante a passividade do filho. Ouviu um «tsc» de uma passageira a movimentar-se à volta deles e apeteceu-lhe mandar a mulher à outra parte. Enfiou tudo na sacola e ajeitou a franja, que estava emaranhada sobre a testa.

— Ouve lá — sibilou a Marcus, segurando-lhe o queixo entre o polegar e o indicador. — Vê lá se acordas. Anda mais depressa e porta-te como um miúdo da tua idade para variar. Já estou pelos cabelos.

Afastou-lhe a cabeça antes de a soltar. Nunca dissera tal coisa: «Já estou pelos cabelos.» Acabara, porém, de o dizer. Ficou com os olhos marejados assim que iniciou o percurso até à porta do avião, durante o qual nem olhou para o filho, que seguia atrás dela. Recompôs-se a tempo de encarar a alegre assistente de bordo que os recebeu no avião.

Foi pouco antes da descolagem que reparou na alteração da respiração do filho enquanto este olhava pela janela para a pista. Contorcia-se denotando desconforto. Tomou a mão dele na sua, acariciou-lhe os nós dos dedos. Sentiu-se culpada por ter perdido a paciência anteriormente, queria reconciliar-se com ele.

— Fecha os olhos e começa a contar — lembrou-lhe. — Vai ficar tudo bem.

O avião percorreu a pista com estrondo. Mara ouviu o tilintar do

metal contra o apoio do braço do filho, mas percebeu tarde demais que ele tinha desapertado o cinto de segurança. Sentiu o cheiro da axila dele quando ele se debruçou sobre ela para se agarrar ao apoio da cabeça do homem ao lado dela no assento do corredor. Estava a tentar passar por cima dela, para sair do avião. Mara empurrou-o para o assento dele e envolveu-o apertando-o o mais que conseguia. Marcus já era do tamanho da mãe e tinha tanta força quanto ela. Mara sentiu a camisa húmida dele contra o seu rosto. Sentiu o pulsar do coração dele. Marcus ofegou no ouvido da mãe. Mara sussurrou-lhe:

— Está tudo bem, Marcus, fica quietinho e limita-te a respirar. Está tudo bem contigo. Há muita gente que se sente ansiosa num voo. É perfeitamente normal.

O homem ao lado dela afastou-se deles. Acendeu um cigarro antes de sacudir a página do jornal. Mara tinha o rosto a ferver.

Marcus tocou no peito, no sítio onde a ansiedade muitas vezes lhe causava dor.

— Eu sei — acalmou-o a mãe. — Não tarda nada já te vais sentir melhor. Olha. — Apontou para a janela de Marcus em direção à camada de algodão branco estirado que se afundava abaixo deles. Foi arrebatada pela sensação de algo que já tinha visto. Algo que localizou então: o sonho que tivera quando estava grávida de Marcus. O ventre repleto de nuvens como as que viam naquele momento. A paz com que Marcus flutuara dentro dela. O silêncio.

Soltou-o e recostou-se no assento. Descansou os olhos. O ruído branco no avião acalmou-os aos dois. Marcus iria ficar bem. A parte mais stressante estava ultrapassada. Iriam admirar as profundas orlas verdejantes de Lisboa durante a descida, e Marcus iria adorar. Perguntou-se quando é que iriam servir o café. Se Marcus iria querer um copo de sumo de tomate.

Foi então que sentiu o punho de Marcus a golpear-lhe o estômago. Faltou-lhe o ar.

Começou a ofegar, enquanto observava o filho a ficar rígido no seu assento, a tentar agarrá-la. A tentar dizer-lhe alguma coisa. Com a outra mão, Marcus puxou a gola da camisa, o rosto a contorcer-se de dor. Estava numa enorme aflição. O coração. Mara engoliu desesperadamente em seco e finalmente recuperou o fôlego.

— O meu filho! Ajudem-nos! Ele está a sentir-se mal!

Puxaram-no para o corredor, no chão, desaparecendo da vista da mãe. Mara trepou pelos assentos, gritando por ele, empurrando os corpos para abrir caminho. Alguém a agarrou pelas axilas e a arrastou para a parte de trás do avião, a esbracejar. Bateu com a cabeça no canto de um carrinho de serviço. Seguraram-na contra a porta de

emergência, com as mãos atrás das costas e o rosto pressionado contra o metal frio. Ela abanou a cabeça, tentando expulsar dos ouvidos o estrépito dos altifalantes, gritando suficientemente alto para Marcus conseguir ouvi-la, mas a mão de alguém empurrou-lhe o crânio com mais força.

Quando o avião aterrou em Houston, levaram-na para o hospital para ser suturada e sedada. Ficou internada. Não viu o corpo de Marcus durante dois dias. Disseram-lhe que tinha sido o coração dele, que se fora depressa. Provavelmente um problema de saúde preexistente, desencadeado pelo *stress*. Recusou a autópsia — não precisava de nada confirmado, não tinha importância. Sabia que o tinha matado ao fazê-lo entrar no avião. Se tivesse dado ouvidos a Alberto, o filho estaria vivo.

Ligou para casa para contar ao marido na manhã seguinte à morte de Marcus. Alberto soluçara. O seu desgosto parecia cruel e imerecido, mas Mara soubera sempre que houvera amor, algures nas profundezas da crueldade. Desligara o telefone enquanto ele chorava.

Depois da morgue, de regresso ao motel, sentou-se numa banheira vazia com uma faca de carne que roubara no restaurante, onde ficara especada duas horas a olhar para um prato com comida. Matutou longamente sobre o que acreditava ser verdade. Havia o Céu, e havia o Inferno. E havia a promessa que tinha precisamente naquele momento, a garantia de que, se permanecesse viva, poderia vê-lo quando fechasse os olhos. Poderia enfiar o nariz no cheiro que persistia na fronha dele lá em casa. Poderia segurar nos aviões fundidos dele enquanto dormia. Poderia tomar o pequeno-almoço a olhar para a cadeira dele vazia, sabendo que ele tivera importância.

Dentro de uma hora o sol da tarde irá mergulhar sob a linha do telhado do terceiro andar dos Loverlys. Mara atravessa a rua até à porta da casa deles e baixa-se para depositar o aviãozinho de papel na soleira da porta.

Rebecca

Whitney sobressalta-se quando a mão fria de Rebecca lhe toca no antebraço. Rebecca aproxima a boca do ouvido de Whitney.

— O meu marido esteve aqui?

Whitney não responde.

Rebecca pede-lhe para sair com ela do quarto. O facto de Whitney lhe obedecer é a única confirmação de que precisa sobre a anterior presença do marido. E sobre a existência de um caso entre eles. A adrenalina entorpece a dor na zona lombar. O penso higiénico pesa-lhe entre as pernas.

Abre a porta que dá acesso a uma salinha vazia ao fundo do corredor. Whitney hesita.

— Senta-te. Preciso que te sentes.

Whitney acaba por o fazer. Rebecca desloca-se com passos curtos e rápidos. Tem-na ali naquela sala, mas não dispõe de nenhum plano. Queria que Ben ali estivesse, queria conhecer a sensação de os ver juntos.

— Como é que pudeste deixar-me consolar-te? Segurar-te na mão?

— Rebecca, agora não, preciso de...

— Não — replica ela. Desvia o olhar quando Whitney começa a tremer. Está a perder o filho, mas Rebecca não tem nada. Está de rastos. Não consegue formular as perguntas que deveria fazer.

Tenta montar uma história do que aconteceu, mas nada se encaixa. Não há espaço para mal-entendidos ou para uma explicação diferente. «Já não és a mesma pessoa», disse-lhe Ben naquela manhã. Ela, é ela. As perdas mudaram-na, é verdade. A obsessão consumiu-a, é verdade. Mas o que ele queria dizer era: «Já não és quem eu quero que sejas. Já não és suficiente para mim.» Estavam ambos feridos, mas não se tinham destruído os dois.

Alguém bate à porta, e a seguir assoma a cabeça de Jacob. Diz a Whitney que já voltou, que lhe trouxe uma muda de roupa. Repara então que a mulher parece estar em pânico. Dá um passo para o interior da sala.

— O que se passa, estás bem?

Whitney move-se tão perto de Rebecca que esta consegue sentir-lhe o cheiro da acidez, o odor das axilas. É nesta mulher que Ben toca. É a carne desta mulher que segura contra a sua. Apetece-lhe estender a mão para tocar em Whitney também ela, para imaginar a sensação que terá Ben. A camisola dela. As pontas do cabelo arrançadas. Apetece-lhe girar o brinco de diamante no lóbulo da orelha dela. Há sentimentos, deve haver sentimentos, mas Rebecca não consegue entender que ele tenha a capacidade de amar outra pessoa. Esta pessoa. Sente-se enojada. Afasta o rosto do bafo de Whitney, que lhe sussurra ao ouvido:

— Não faças isso, peço-te. Não lhe digas nada.

Whitney, com os seus três filhos. Seios que amamentaram. Um colo do útero que deu à luz.

— Whit — diz Jacob, impaciente. — Vais dizer-me o que se passa?

— Está tudo bem, querido. Vamos. Preciso de estar com o Xavi.

Whitney recua, afastando-se de Rebecca, embora sem encarar o marido. Em vez disso, implora a Rebecca com o olhar. Jacob leva as mãos aos ombros da mulher, que finalmente se vira e se inclina para ele. Esfrega-lhe os braços vigorosamente, como se estivesse a tentar reanimá-la.

Rebecca apoia-se nas costas de uma cadeira, com a dor a apoderar-se dela novamente. Sente o telemóvel a vibrar no bolso e já sabe que é Ben.

— Whit — diz Jacob. — Vai andando. Quero fazer umas perguntas à Rebecca sobre a cirurgia, e sei que não queres ouvir isto.

Whitney e Rebecca entreolham-se. O medo cresce no olhar de Whitney, mas não pode dar um passo em falso. Por isso, assente com a cabeça e sai lentamente da sala. Jacob tem o cuidado de verificar se a mulher já está fora do raio de audição.

— Sei que estás numa posição delicada e que tens deveres éticos como médica. Só te peço que nos avises se surgir mais alguma coisa sobre o que aconteceu. Combinado? Só um aviso, é tudo o que peço. Como te disse antes, ela não terá feito nada de errado naquela noite, posso garantir-te. — Faz uma pausa. Engole em seco. Parece mais desesperado por que ela acredite nele do que ontem.

— Sendo assim, o que achas que aconteceu então, Jacob? Era tarde. O Xavier já devia estar a dormir. — Ele parece espantado por ela o estar a interrogar. Rebecca repara que cerra os maxilares. — Vejo a luz lá em casa sempre acesa às três da manhã. Ela tem insónias, não tem? Toma alguma coisa para isso? Toma comprimidos quando se põe a beber todas as noites? É uma combinação que pode mesmo foder o estado de espírito a uma pessoa. E o seu discernimento. A

Polícia sabe que ela estava a beber uma garrafa de vinho na noite de quarta-feira? Deixou o copo vazio no vosso logradouro. Ainda lá está. — Mal consegue reconhecer-se. Prossegue, porém, aguçando a voz. — Sabes a sorte que tens por seres branco e teres algum dinheiro, certo? Por estes assistentes sociais treinados nem sequer estarem a levantar-vos problemas? Quando olham para vocês, nem lhes passa pelo subconsciente que possa ter havido negligência.

Jacob olha diretamente para ela.

— Porque é que estás a fazer isto?

Só que Whitney volta a assomar à porta. Rebecca permanece em silêncio.

— Jacob, porque é que estás a demorar tanto? Também devias vir — diz-lhe Whitney, com a voz embargada. — Vá lá.

Rebecca vê-os a sair. Agacha-se então para se recompor. Tem de pôr a cabeça a funcionar. O telemóvel vibra novamente. E a seguir outra vez.

Sente um aperto no útero quando se encaminha na direção oposta à de Jacob e Whitney, descendo o corredor até ao posto de enfermagem. A dor envolve-lhe as costas, e tenta não fazer nenhum esgar. Implora para que o sangue não lhe manche as calças. Para que ninguém repare no suor na linha do seu cabelo.

Poderia ir ter com a assistente social agora, confessar-lhe que tem preocupações relativamente à mãe de Xavier, comportamentos anteriores que conhece. Poderia fazer precipitar os acontecimentos.

Iriam, porém, perguntar-lhe por que razão não tinha falado antes.

Vê Leo a empurrar uma máquina de pressão arterial escassos metros à sua frente.

Então pensa no que a Dra. Menlo lhe disse junto aos elevadores quando chegou. A sedação de Xavier está a passar e já decidiram não a reforçar. Querem verificar como se dá sem ela. A Dra. Menlo ainda não contou aos pais. Não quer dar esperanças a ninguém — as coisas tanto podem dar para um lado como para o outro. Tem, porém, razões para acreditar que há uma hipótese.

«Que ele possa acordar», Rebecca esclarecera, agarrando-se ao corrimão do corredor. Sabe que a Dra. Menlo não pode partilhar nada específico.

«Bem, vamos fazer figas», disse a Dra. Menlo. «Tenho alguns casos para atender lá em cima, mas volto dentro de uma hora. Vamos ver o que acontece.»

O momento por que Whitney tem estado à espera ao lado do filho. Um momento que não poderia de forma alguma perder.

Rebecca consulta o relógio.

Chama Leo para um canto. Pergunta-lhe se poderá fazer-lhe um favor.

— Precisava que transmitisses uma mensagem aos pais de Xavier. Agora mesmo. Já regressaram ao quarto dele.

Leo fita o chão enquanto Rebecca fala, pronto para se concentrar nas instruções que vai receber.

Com uma voz que lhe ecoa nos ouvidos, Rebecca diz-lhe que a Dra. Menlo insiste para fazerem uma pausa enquanto levam Xavier para outro exame. Seria melhor irem para casa, tomarem um banho e recompoem-se antes da cirurgia do dia seguinte, estarem um bocadinho com os gémeos. Se houver alguma coisa urgente, a Dra. Menlo há de ligar. A seguir pede a Leo que os acompanhe até aos elevadores. Para garantir que se vão mesmo embora. É muito importante que o faça.

— Mas... — Leo parece confuso. — Acho que a anestesiologia está a travar a sedação; será que eles não gostariam de estar presentes para isso?

O coração de Rebecca dispara. Enquanto abana a cabeça, tenta manter o semblante neutro apesar da dor.

— Está tudo bem. — É tudo o que tem a dizer-lhe. Fica à espera de que Leo a interrogue, mas este limita-se a assentir com a cabeça.

A seguir pede, como quem não quer a coisa, que Leo não refira ter sido ela a mensageira. Não quer que fiquem ofendidos por não ter ido ter com eles; só veio ao hospital para uma reunião rápida e já está atrasada. Leva a mão ao relógio.

Nunca deu a Leo uma razão para este questionar a sua integridade. Mas, não fosse ele fazê-lo, vai-se embora antes que o enfermeiro tenha oportunidade de falar. Apoia-se no corrimão ao longo do caminho. Franze o sobrolho, enrugando a testa. Já não consegue manter a compostura.

Ben volta a ligar-lhe.

Encontra uma casa de banho e arranca o penso higiénico, que agora pesa tanto como uma bola de futebol. Está quente e húmida e começa a tremer. Senta-se na sanita e abre uma fotografia no telemóvel. É de Whitney. Tirou-a quando a trouxe pela primeira vez para ver Xavier, quando se sentou em frente a ela do outro lado da cama e sentiu, de alguma forma, que havia uma ligação a esboçar-se entre elas. Foi por isso que lhe contou sobre a gravidez. A razão por que tinha ido ao logradouro na noite anterior. Uma parte dela sabia que havia algo mais.

Limpa a mancha de sangue da parte interna das coxas e substitui o penso higiénico. Irá de moto próprio ao hospital que fica do outro

lado da rua. Vai responder às perguntas deles. Cinco gravidezes. Nenhum filho. Vai indicar o número da mãe como contacto de emergência. Vai olhar para o relógio na parede até chamarem o nome dela, vai deitar-se numa marquesa atrás de uma delgada cortina azul, vai puxar os joelhos para o peito e balouçar o corpo apesar da dor, e não vai ter esperança, e não vai rezar, vai fazer a única coisa que pode fazer. Aguardar.

Blair

Aiden e Chloe estão novamente a jogar ao jogo da força na mesa da cozinha. O molho para o esparguete está a ferver no fogão. Blair está sentada em frente a eles com o portátil aberto, a pesquisar mais uma vez. Causas de suicídio em crianças. Os suicídios são erroneamente declarados como acidentes. Notícias de crianças da primária que sofrem *bullying* até à morte.

É invadida por uma nova vaga de medo.

Chloe grita, vitoriosa. Aiden esfrega os nós dos dedos na cabeça dela. Chegou cedo do trabalho para estar com elas. Mais um jogo, suplica a rapariga, e o pai concorda. Chloe desenha a força.

Aiden e Blair entreolham-se, e ele mantém o olhar fixo na mulher. Na sequência de tudo o que aconteceu, sente-se mais branda em relação a ele. É imperioso. Aiden começa a perfilar-se, pela primeira vez, como a única coisa segura na vida dela. Blair já não quer encará-lo como o problema. Tem de se curar da animosidade da qual se tornou dependente.

Logo à noite, vai rolar em direção a ele, dizer-lhe que lamenta. Que não deveria ter acreditado que ele tinha um caso, e vai ser sincera. Que deseja melhorar o estado da relação deles. Vai agarrar-se a ele debaixo dos cobertores, esperar que ele fique teso na mão dela.

Ele vai provocá-la, deixar aquilo para trás com a mesma facilidade de sempre, e a seguir vai puxá-la para si e morder-lhe o lábio inferior, ainda a saber a pasta dentífrica, e beijar-lhe o ombro, e depois os seios, que ela vai querer tapar, e vão ter relações pela primeira vez em muito tempo. Blair vai dizer-lhe para pôr a boca nela. Sentirá o alívio de nunca ter de deixar outro homem tocá-la nos sítios onde ele lhe toca.

Ouve portas de carro a bater. Fecha o portátil e encaminha-se até à janela da frente. Jacob está a segurar Whitney, levando-a lentamente para a porta de casa. Blair já sente um aperto devido às saudades que tem dela; o coração ainda não está em consonância com o cérebro consciente, e talvez nunca venha a estar. Contudo, nada será igual entre elas. Fortalece-se com uma respiração profunda. Enviara uma

mensagem a Rebecca naquela tarde a pedir novidades sobre Xavier, mas ainda não recebera nenhuma resposta, o que é pouco habitual. Observa Whitney a recuar para deixar Jacob destrancar a porta, após o que o marido volta a estender-lhe a mão. Ficam nessa postura, quietos, até que Jacob a leva para dentro.

Blair pensa na traição que arde a coberto daquela ternura. O casamento admirável que Whitney ameaçou tão estupidamente. E para quê? Para conseguir ainda mais atenção? Alguém que a foda melhor? Deveria ter percebido que Whitney era perigosa. Isto faz com que Blair sinta novamente a traição. Por ter sido tão fácil Whitney mentir-lhe. Por invejar tão profundamente aquele amor.

Corre o cortinado.

A conversa no grupo estava ao rubro. As perguntas, marcadas por uma vaga solidariedade, solicitavam mais informações a Blair. Como é que Whitney estava a lidar com a situação. Se tinha havido algum tipo de investigação de rotina, dada a natureza do «incidente», o envolvimento de uma criança. Há um tom de suposição na forma como escrevem, tal como Blair esperava. Sobre Whitney. Os passos cuidadosos, textos habilmente elaborados por abutres. Até agora, ninguém mencionou o que aconteceu a Chloe, pelo menos a ela. Consegue, porém, sentir o ímpeto da curiosidade delas, o que a deixa nervosa. Blair desligara o telemóvel e pusera-o de lado, sem pretender usá-lo durante a noite. Ainda não tem a certeza como reagirá a seguir.

De regresso à mesa da cozinha, inclina-se para beijar Aiden na face. Passa a mão pelo longo rabo de cavalo de Chloe. O aroma do perfume de Whitney — leva o pulso ao nariz. No lava-louça, liga a água quente, esguicha detergente de limão na pele e estremece com a dureza das cerdas da escova. Tinha ido a casa dos Loverlys nessa tarde, depois de Jacob ter saído. Só uma última vez.

Tudo lhe parecia diferente ao atravessar a casa. Fria e sem vida. Parara junto à bancada da casa de banho e borrifara-se com o perfume de Whitney, uma vez, e depois outra. Reparara que as alianças já não estavam no prato de joias.

Subira cuidadosamente as escadas até ao quarto de Xavier. Nada fora remexido desde que ali estivera, no dia anterior — o café derramado secara no chão e a janela ainda estava aberta, o quarto fresco. Esfregara a parte de cima dos braços e olhara pela janela para o logradouro, mas tudo parecia igual. Vira Mara no jardim dela ao lado. Esquadrinhava com a mão os arbustos de hortênsias, como se andasse à procura de algo específico.

Os rabiscos caóticos de tinta preta na parede de Xavier. Passara os dedos por cima deles e reparara que havia algo escrito por baixo que o

rapaz estaria a tentar encobrir. Apurara a vista, juntando as letras, e a seguir recuara, até perceber o que Xavier escrevera.

As palavras tiraram-lhe o fôlego:

«JÁ NÃO QUERO SER TEU FILHO»

Chloe e Aiden começam uma partida de desempate no jogo da forca. Blair diz que volta já para pôr a massa ao lume e sobe as escadas até ao quarto. Fora a casa dos Loverlys naquela tarde à procura da condenação de que precisava. *Tens de ser grata pela vida que tens. Pela menina que ainda te dá a mão. Pelo marido que te ajudou a construir esta vida e com quem fizeste esta filha preciosa, o marido que ainda tem vontade de se enfiar na cama à noite contigo, para te envolver com a perna sob os cobertores. Porque tudo pode ir-se num ápice, se não tiveres cuidado. Se baixares a guarda.*

O casamento não tem que ver com amor, mas sim com escolhas. E ela escolheu esta pessoa e esta vida. Ansiar agora por algo que não consegue definir, algo que nunca encontrará, parece não passar de ingratidão. De uma fome egoísta. Já não pode viver assim.

Tira o porta-chaves do bolso e deixa-o cair no saco de desporto de Aiden. É apenas uma chave perdida e encontrada. A seguir abre a gaveta da cómoda e leva o canto do papel de alumínio cor de esmeralda para a casa de banho. Parece-lhe patético agora, nada mais do que um pedaço de lixo na mão. Deixa-o cair na sanita e vê-o a flutuar. A seguir, lentamente, o triângulo começa a submergir, como a vela de um barco virado. Leva o dedo ao manípulo. Tem uma vida boa, uma vida abençoada. Vai parar de se convencer do contrário.

Mara

Olha para o outro lado da rua, para o aviãozinho de papel que deixou no alpendre dos Loverlys, e interroga-se novamente como estará Xavier. Se ainda estará vivo. Sentir-se-ia mais responsável por tudo aquilo se não tivesse estado acordada até altas horas da noite na quarta-feira, incapaz de dormir devido aos roncoss de Alberto, e se não tivesse ouvido o barulho no logradouro dos Loverlys. Fechara a janela com força e fora dormir lá em baixo, na velha cama de Marcus.

Mal sabia que seria a última noite de Alberto com vida.

No verão passado, Xavier costumava acompanhá-la na jardinagem. Todas as quintas-feiras de manhã, bem cedo, o rapaz espreitava por cima da vedação a perguntar se podia ajudar, embora ela viesse a saber que ele não gostava de sujar as mãos. Mara comprara-lhe umas luvas de jardinagem de tamanho júnior e dissera-lhe que o filho também não gostava da sensação de sujidade debaixo das unhas. Nunca antes fizera referência a um filho.

Certa manhã, no final do verão, do nada, Xavier interrogou-a sobre ele novamente. Mara disse-lhe que ele tinha partido há muito tempo.

— Partiu para onde?

— Morreu — respondeu Mara. — Morreu numa viagem de avião.

Xavier parecia pensativo, passando o dedo pelas asas do jato fundido que Mara lhe oferecera uns meses antes, pelo qual Marcus tinha grande estima. Fazia-a lembrar tanto o filho perdido. Mara sentia que Xavier queria saber mais. Numa viagem de avião, como? Numa viagem de avião, para onde? Devia saber, porém, que não é de bom tom fazer muitas perguntas sobre um rapaz falecido.

Encontrou pela primeira vez os aviõezinhos de papel na manhã da quinta-feira seguinte, a primeira semana de escola, quando Xavier já não podia vir observá-la a fazer a jardinagem. Estava a ser um dia particularmente complicado, com a pergunta mais difícil a invadir-lhe novamente os pensamentos... *E se, e se, e se.* E lá estava então, mesmo aos seus pés quando olhou para baixo.

Depois disso, passou a percorrer o logradouro mais cedo todas as

quintas-feiras recolhendo os aviõezinhos de papel onde quer que tivessem pousado. Por vezes aninhados nos galhos dos arbustos, outras vezes perto da vedação das traseiras ou espalhados pela relva, com o nariz dobrado ou o papel encharcado do orvalho. Nunca contou a Alberto, com receio de que este dissesse alguma coisa aos Loverlys a esse respeito.

Perguntou a Xavier uma vez se os aviõezinhos eram dele. Inicialmente ele parecera preocupado, sabendo que a brincadeira iria acabar se arranjassem problemas por ficar acordado até tarde, com a janela aberta, a lançar aviõezinhos para o logradouro do casal de idosos.

Jurou que não, que não fazia ideia do que ela estava a falar. Mara murmurou: «Sendo assim, esquece o assunto.» Viu-o então a reprimir um sorriso de satisfação. Talvez quisesse que ela pensasse, por um momento de maravilhosa ingenuidade, que poderiam ter vindo do Céu.

Agora, pensando no assunto, Mara sorri.

Já há muito tempo que não toma uma bebida como deve ser. Vai buscar um copo ao armário e a garrafa de rum ao aparador da sala e dirige-se para a cave.

Vai ter saudades daqueles aviões de papel.

Whitney

Jacob desliga o motor na calçada de acesso e ficam sentados.

Obrigou-a a sair do hospital, insistiu. Whitney sabe que o marido está aliviado por a Dra. Menlo a ter mandado sair do quarto pela primeira vez em dois dias. Querem que ela tome banho. Que aproveite para dormir e comer. Para ver a última réstia de luz do dia no céu. Não tem mais nada dentro de si.

Talvez achem que já não está a ajudar.

Talvez a médica saiba alguma coisa.

Whitney não queria vir-se embora, mas era mais seguro concordar, sair do hospital, onde Rebecca poderia mudar de ideias a qualquer momento. Aonde Ben poderia ir ter com ela novamente. Mal conseguira respirar durante o tempo em que Rebecca permanecera na pequena sala sozinha com Jacob. Encostara-se à parede do corredor e sentara-se no chão frio de resina a observar os pés a passarem por ela. Antevendo o fim.

Não sabe por que razão Rebecca os terá poupado.

Blair talvez não o faça.

A imaculada e virtuosa Blair. Tinha sido alguém que Whitney aspirava ser — o estilo de mãe que poderia aprender a imitar. Tinha obrigação de saber que essa tentativa era inútil. Apesar das melhores intenções de Blair, não há ninguém que a faça sentir-se uma mãe mais vergonhosa. Ninguém que a julgasse de forma mais severa caso soubesse a verdade sobre a noite de quarta-feira. Whitney mal conseguia respirar quando Blair estava no quarto do hospital ao seu lado. A mera presença dela era suficiente para Whitney se sentir sufocada pelo sentimento de culpa.

«Foda-se, eu resolvo isto», sussurrara Whitney a Ben quando viram Blair a observá-los juntos. «Acalma-te e vai-te embora antes que o Jacob volte.» Não sabia, porém, como resolveria o problema. A vergonha era paralisante. Nunca mais teria Blair do seu lado, soube disso imediatamente. Estava a perder toda a gente. Uma pessoa de cada vez. Precisava de pôr a cabeça em ordem.

Não imagina como é que Blair conseguira obter a chave. Nem o

que poderá saber mais.

Há um mês, Whitney chegara à calçada de acesso a sua casa no momento em que o *Honda* vermelho parou junto à casa de Blair. Olhando pelo retrovisor, reparou na rapidez com que o carro tinha parado, a forma como a condutora o pôs em ponto-morto antes de tirar o pé do acelerador. Uma loura de calças de ganga justas e *t-shirt* curta — talvez com os seus trinta anos, Whitney não tinha a certeza — saiu e bateu com a porta. A mulher ficou parada defronte da casa de Blair. Whitney observou-a pelo espelho e não ficou com boa impressão dela. Sem saber propriamente porquê. Não parecia o tipo de mulher que Blair pudesse conhecer.

Sem perder tempo, saiu do carro e dirigiu-se à mulher enquanto esta se aproximava da casa de Blair. Chamou-a com o tom de voz mais baixo possível para Blair não a ouvir lá dentro.

— Olá. Olá! Posso ajudá-la? — A mulher virou-se, e Whitney reparou que parecia nervosa. Como se estivesse prestes a fazer algo que a assustasse. Whitney aproximou-se dela. Reparou que tinha o branco dos olhos muito rosado, as faces coradas. — Perguntei-lhe se a posso ajudar.

— Vim cá para devolver uma coisa ao parvalhão que mora aqui.

Whitney percebeu logo.

— Refere-se ao Aiden?

A mulher projetou o queixo para o lado. Estava a pensar. Estava a ponderar o que poderia dizer, e os músculos dos braços pareciam retesados. Estava tensa e luzidia. Enfiou a mão na mala e tirou uns óculos de sol, à cata de outra coisa, e Whitney reconheceu imediatamente a armação. A forma quadrada, a marca cor de pêssego na carapaça de tartaruga. A mulher estivera no churrasco do bairro em setembro. Era a namorada do colega de faculdade de Jacob.

Lembra-se, então, de ter ouvido aquela mulher e Aiden a falarem na festa na altura em que Blair se encontrava dentro de casa a arrumar as coisas. A ousadia com que Aiden se atirara a ela, a forma como aquela mulher lhe segurara o braço durante um momento demasiado longo. Ouvira-o a dizer-lhe em que edifício de escritórios trabalhava, no centro da cidade. Que muitas vezes, a seguir ao trabalho, ia beber um copo no bar do piso térreo da torre. Whitney não gostara. Estivera mesmo para dizer alguma coisa a Blair no final da noite, na cozinha, quando esta se preparava para sair com Aiden e Chloe. *Olha, não quero afligir-te, não quero arranjar problemas. Mas se estivesse no teu lugar gostaria de saber.*

Contudo, acabara por não lhe dizer nada. Porque era Blair. E Blair

não teria querido saber. Naquela tarde, Whitney percebera novamente a importância da amizade de Blair na sua vida. Não poderia ter arriscado o que tinham, pondo nas mãos de Blair uma bomba que esta nunca teria desejado.

A mulher sacou da mala uma bolsinha de cetim cor-de-rosa, da qual tirou uma chave com as iniciais de Aiden na etiqueta. Whitney olhou para a janela da frente de Blair para se certificar de que esta não estava a espreitar por entre os cortinados. Não via o carro de Aiden em lado nenhum. Precisava que aquela mulher se fosse embora antes que Blair reparasse nelas e abrisse a porta.

— Dê-me isso. Eu encargo-me de a devolver — disse Whitney. A mulher ficou a olhar para a palma da mão dela. — A chave. Dê-ma. E depois vá-se embora.

A mulher parecia atordoada. Olhou então para a casa novamente. Voltou a pôr a chave na bolsinha. Whitney conseguia percebê-lo no rosto dela, a representação do que deveria ter acontecido, a fantasia de vingança de que se convencera há semanas. A esposa desleixada a abrir a porta, a sua meiguice a dissolver-se em medo.

— É melhor tirar daí a ideia. Pode crer. Garanto-lhe que se vai arrepender. — A mulher olhou para a mão dela durante um instante que lhe pareceu um minuto inteiro. Em seguida deixou cair a bolsinha com a chave na sua palma. Franziu os lábios. Poderia ter pensado em arrebatá-la novamente a chave, mas esta já estava no bolso do casaco de Whitney. — Vá-se embora. E nunca mais volte aqui, porra.

Enquanto a mulher se afastava, Whitney viu Mara no alpendre dela a acompanhar com o olhar o carro pela rua. Entreolharam-se e Whitney entrou em casa, com o coração sobressaltado. Sentiu o cheiro a caril de lentilhas de Louisa, ouviu os gritos das três crianças a brincar às escondidas com ela no andar de cima. Foi direita ao fogão e levantou a tampa para ver o que restava na panela; já tinham comido todos. Passou a colher pelas sobras, convencendo-se de que agira corretamente. Será que Blair suspeitava de alguma coisa? Será que aquilo andava a destruí-la discretamente? Apeteceu-lhe ir a casa dela e abraçá-la. Não queria este conhecimento para si, mas agora tinha-o, e a sua amiga ficaria humilhada ao saber que ela sabia. Blair gostaria de lidar com o assunto em privado, caso alguma vez viesse a descobrir. Por isso, Whitney não lhe iria dizer absolutamente nada. Como no churrasco de setembro, respeitaria a dignidade dela fingindo que aquilo nunca acontecera.

E também existia a outra questão que complicava tudo. A hipocrisia de estar tão preocupada com a melhor amiga, tão revoltada com Aiden.

Continuou a mexer o conteúdo da panela. Sem parar de pensar.

Ouviu os pés de Jacob a descer as escadas. A seguir sentiu os lábios dele.

— Olá, posso perguntar-te uma coisa? — disse Whitney. — Aquela namorada do Jamie, aquela que veio ao churrasco. Ele ainda anda com ela?

— Acabaram há algum tempo. Ao que parece, não era mulher para ele. — Jacob afastou-se dela. Abriu o frigorífico e tirou uma água com gás. — Porque é que estás a perguntar?

— Perguntei por perguntar. Lembrei-me agora de que a tinha visto no outro dia no elevador, lá no escritório.

Jacob assentiu com a cabeça. Mas não disse nada.

— Acho que ela tem um *Honda* vermelho — continuou Whitney. — Já o viste por aqui?

Jacob ergueu o sobrolho. Encolheu os ombros. Abanou a cabeça. Poderia ter dito «Como é que sabes que ela tem um *Honda*? Por que razão estaria por estas bandas?» Contudo, virou-se para sair da cozinha e Whitney ficou com a sensação de que ele lhe ocultava alguma coisa. Talvez também soubesse do que se passara com Aiden. Whitney, porém, não acrescentou mais nada; já tinha ido demasiado longe. Não queria que aquelas palavras — um caso — andassem a pairar por ali.

Sabia que os estilhaços estavam por todo o lado, uma ameaça sob os seus pés, em casa, entre eles, enquanto dormiam. Estes destroços condenatórios — o silvo à medida que se aproximam, o peso do impacto — eram os mais traiçoeiros. E desconfortáveis. A vida poderia explodir a qualquer momento.

Não, não iria referir o assunto, nem a Jacob, nem a Blair.

Havia tanto intercâmbio no que não era dito. No que era protegido.

Era assim que poderia encarar a questão. Poderia carregar tudo dentro de si, dividida, como o jantar servido aos filhos, tão exigentes que os alimentos no prato nem podiam tocar uns nos outros.

Rebecca

É Ben a primeira pessoa que avista quando transpõe as portas do serviço de urgências, vinda do hospital pediátrico situado no outro lado da rua. O marido levanta-se da cadeira na sala de espera. Rebecca repara na incerteza, no sobrolho erguido, no relaxamento dos maxilares, com o qual pretende passar por inocente. Como se não tivesse nenhum motivo para pedir desculpa, nada além de a ter deixado na cozinha quando deveria ter ficado. Quando deveria ter posto as mãos no bojo do bebé deles e ter dito que os queria aos dois.

Passando por ele, dirige-se ao balcão de atendimento e procura o cartão de identificação na mala. Quando concluem o registo para lá da janela de acrílico — «Aborto espontâneo», «Sim, tenho a certeza», «Não, ainda não tenho vinte semanas», «Não tenho alergias» —, senta-se na primeira fila vazia de lugares. Já não consegue manter os olhos abertos. Respira para enfrentar a próxima vaga de dor e, em seguida, sibila por entre os dentes. Sente alívio por uns instantes, mas sabe que vai acabar, começa a pressão entre as pernas, e há um sinal vermelho de ocupado na porta da casa de banho a dez metros de distância.

— A Mara disse-me vinhas para aqui — explica ele. Rebecca sente o peso dele na almofada do assento ao seu lado. Sente a mão dele no tornozelo. — Eu não devia ter saído daquela forma. Lamento imenso.

A dor voltou rapidamente. Rebecca cantarola, alongamentos longos e monótonos.

— Saí porque fiquei assustado e chocado. Mas, logo que me disseste, soube que também queria este bebé.

Rebecca só consegue rir. Delírio. Mexe as pernas, tenta encontrar alívio com um movimento diferente. Como embalar um bebé chorão, este bebé chorão, daqui a quatro meses. Mantém os olhos fechados. Fica à escuta, ansiosa para ouvir o clique da porta da casa de banho. Em baixo, tem a sensação de abertura. Sabe que deveria ir até à triagem, dizer à enfermeira que precisa de uma cama, mas agora não lhe interessa onde acontece, não lhe interessa se ficar agachada no chão da sala de espera enquanto as sete pessoas que ali se encontram se afastam, desviando o olhar do que sai.

Havia uma pergunta na documentação da clínica de fertilidade que cada um deles tivera de preencher o ano passado. «Por que razão é importante para si ter filhos biológicos?» Ben voltara-se para ela. «Como é que respondeste a esta?» Rebecca encolhera os ombros, estivera também a olhar fixamente para a questão, pensando que não era justo terem de exprimir aquilo quando milhões de pais não tinham de o fazer. Para ver como as suas características faciais se fundiriam? Por ser uma coisa natural que os seres humanos em idade reprodutiva supostamente desejam? Nunca tinham falado sobre o *motivo* pelo qual queriam um filho, apenas se queriam um filho. Ben pusera um traço a atravessar a caixa de resposta, um protesto. Rebecca olhara para o papel dele e depois fizera o mesmo no dela.

Não quer que ele explique por que razão tem um caso. Já sabe que se sentia claustrofóbico na presença dela. Que se dissociaram discretamente do futuro que tinham juntos, ponto por ponto, um desmantelamento, embora ele envidasse todos os esforços para a convencer do contrário. Que ele ficava acordado à noite sentindo pena de si próprio, como uma criança rabugenta que não conseguia obter a única coisa que pretendia. A única coisa que ele sentia que lhe era devida. E, embora Whitney não lhe desse a tal coisa, Rebecca não tem dúvidas de que estar com ela tornava aquela vida sem filhos mais fácil para ele. Rebecca azedava-lhe a vida; Whitney era um neutralizador. Fazia com que conseguisse aguentar estar com Rebecca.

Ou talvez fosse apenas algo animalesco. Uma atração por uma mulher com órgãos reprodutivos que funcionavam. A mãe que ele pode foder.

O seu gemido sobe de tom. A dor escala impiedosamente, devastando cada centímetro das suas costas. Há mãos sobre ela agora, mãos que não são as de Ben. Há uma braçadeira para medição da pressão arterial à volta do braço. O peso entre as pernas parece-lhe ameaçador agora, como um saco de papel encharcado prestes a rasgar-se, e já sabe o que vem a seguir.

— Para mim acabou-se — sussurra a Ben. — Não vou continuar com isto.

Ben ajoelha-se junto à cabeça dela e pega-lhe na mão, pressionando-lhe a testa.

— Não temos de desistir de ter um filho — diz-lhe baixinho. — Não é preciso perdermos a esperança. Eu não tinha razão. Vamos superar isto, vamos voltar à clínica de fertilidade...

— O que quero dizer é que para mim isto acabou, isto *contigo*. Não vou continuar com isto, *contigo*.

Ben fica confuso. Olha para a enfermeira que está de volta com

um saco de água quente e que diz a Rebecca que vai vagar uma cama dentro de alguns minutos.

— Estás perturbada e com dores, vamos levar-te...

— Começaste a fodê-la em novembro — diz Rebecca. — Quando me disseste que querias que deixássemos de tentar ter um filho. Foi isso que mudou, não foi?

Ben recosta-se. Olha para o ventre dela.

— Nem consegues perceber todo o amor que tenho por ti, como quero...

— Vai para casa e leva as tuas coisas. Deixa-me o carro e as tuas chaves de casa.

Volta a fechar os olhos com força. Ben mantém-se em silêncio. Ela rola do banco, equilibrando-se de gatas. A enfermeira esfrega-lhe a região entre os ombros. Diz-lhe que vai acompanhá-la, que vão começar a intravenosa quanto antes. «Venha.» Ajuda-a a manter o equilíbrio quando se levanta e encaminha-a para o corredor das camas.

E Rebecca começa então a sentir o que estava à espera. Um rugido de força. Como se conseguisse alcançar o seu interior e carregar o bebé adormecido na palma segura e quente da sua mão. Como se fosse mãe.

Whitney

Jacob pega na mão dela e acompanha-a até à porta de casa. Inclina-se para apanhar qualquer coisa do chão.

Um aviãozinho de papel feito com uma folha de papel almaço amarelo. Há algo escrito com uma bonita letra cursiva entre a dobra a meio.

Que tal me saí? Nada mal para uma velhota.

Fico à tua espera.

Mara

Whitney vira-se para a casa de Mara, à espera de que ela e Alberto estejam lá, como acontece à noite. Mas não está lá ninguém. E as luzes estão todas apagadas.

Passa pelo *hall* de entrada e olha para o logradouro através da cozinha. A sensação de vazio na casa é impressionante.

Aproxima-se das janelas das traseiras e avista o relvado.

Acontece tudo novamente na sua mente.

A pancada que ele deu com a cabeça.

Apetece-lhe voltar para o carro a correr, sentar-se ao volante, percorrer a Harlow Street a todo o gás, atravessar a cidade, de regresso a ele. Sem parar em nenhum sinal vermelho. Subir três degraus de cada vez nas escadas que conduzem ao piso onde ele se encontra, com as coxas a arder.

Jacob leva-a para o último degrau das escadas e ajuda-a a sentar-se. Coloca as coisas deles uma a uma sobre a bancada da cozinha, o saco de viagem, o seu relógio, as chaves. O aviãozinho de papel. Parece comedido, metódico. Esvazia os bolsos.

— Ah. Pois. Já me esquecia de que te levei isto. Para o hospital. — Abre a mão. As alianças dela. Whitney olha para elas. — Não as puseste na noite de quarta-feira.

Não é uma pergunta. Jacob não indaga o motivo. O coração de Whitney bate com força. Ele enche dois copos de água muito lentamente. Ergue um deles na direção dela e ambos observam a mão

dela a tremer quando pega nele.

— Escuta uma coisa — diz Jacob. — Estive a pensar. Aquilo que a Louisa me disse ontem ao telefone. De o Xavi ter ficado perturbado na quarta-feira depois de a Chloe o ter tratado abaixo de cão na escola. Lembras-te de te ter contado isso hoje à tarde?

Whitney lembra-se, embora não o reconheça. *Tem que ver com a Chloe?*, perguntara-lhe Blair no hospital. E, obviamente, tinha, de certa forma; Chloe, a filha ideal para a mãe perfeita. Os padrões aos quais nenhum deles conseguia corresponder.

— Acho que é melhor dizermos alguma coisa às assistentes sociais — prossegue Jacob. — E a qualquer pessoa que pergunte. Que ele tinha dificuldades de socialização na escola e que depois a melhor amiga dele no mundo inteiro basicamente lhe disse que era melhor ele matar-se. À frente de toda a gente.

Whitney inala bruscamente pelo nariz. Matar-se. Por que razão estará Jacob a dizer-lhe aquelas palavras em voz alta? Whitney pensa no que Xavier escreveu na parede do quarto. «JÁ NÃO QUERO SER TEU FILHO.» Nas coisas que ela lhe disse. Ameaçou-o.

— Jacob. Já foste lá acima ao quarto dele? Desde que aquilo aconteceu?

— Não consigo entrar lá.

Ela observa-o a encher de novo o copo, o fio de água a sair da torneira, quase gota a gota, como se cada movimento que fizessem agora tivesse de ser cuidadoso. Tudo o que disserem.

— Porque é que não me perguntaste, Jacob?

— Não te perguntei o quê?

— PORQUE É QUE NÃO ME PERGUNTASTE O QUE ACONTECEU, PORRA? — O copo dela rola pelo chão e a poça de água cresce entre eles. Ela levanta-se, abanando a cabeça, enrugando o rosto enquanto chora. — Não me perguntaste porque não acreditas que eu não tenha alguma coisa que ver com o que se passou. Não acreditas que eu não seria capaz de lhe fazer mal, embora desses tudo para acreditar nisso. Tens um medo terrível da verdade, sempre tiveste. Então, o que nos resta? Um acidente estranho a meio da noite em que mais ninguém vai acreditar? Um suicídio que atribuímos a uma miudinha, cuja mãe é uma porra de uma mártir? As outras mulheres não vão muito à bola comigo, Jacob, acham que não vale a pena protegerem-me. Tenho sido demasiado egoísta. Perdi muita coisa. Deixei-as ouvir-me a gritar com ele! — Recupera o fôlego, a vergonha daquela tarde de setembro apodera-se dela novamente. Limpa o nariz com as costas da mão. — Não sou como elas. Será que não percebes isso?

Jacob tem as mãos nas ancas. Não desvia o olhar da água que se aproxima dos seus pés.

— Estavas a observar-me no quarto do hospital esta manhã? — pergunta ela. — Estavas a testar-me?

Jacob franze o sobrolho. Abana a cabeça.

— De que é que estás a falar?

Entreolham-se. Desafiando-se mutuamente. O que estará cada um deles disposto a assumir?

Jacob é o primeiro a desviar o olhar.

Whitney sabe que a conversa terminou, porque a alternativa, a verdade sobre o que ela fez e o que ele realmente pensa dela, é demasiado dolorosa para os dois.

— Vou encher-te a banheira — diz ele.

Ela espera até ele chegar ao cimo das escadas antes de se deitar no degrau inferior.

Pode tirá-los desta casa, desta rua, desta cidade, e podem recomeçar todos. Vai pedir dispensa da empresa, afastar-se por uns tempos. Vai encontrar uma forma de viver consigo própria depois do que fez a todos eles. Pelo que quase destruiu.

Jacob, porém, tem razão. Ela precisa de um plano. Porque, se Xavier acordar, talvez se lembre do que aconteceu na noite de quarta-feira. E ela não pode perdê-los. Não pode deixar esta vida explodir.

Soluçã com a cara entre as mãos. Não deveria ter deixado Xavier. Deveria ter feito um esforço para ficar ao seu lado. E se, neste preciso momento, ele sentir que ela se foi embora? E se, finalmente, abrir os olhos e estiver sozinho? Whitney precisa que ele a veja lá. Imagina a ronda de rostos estranhos a pairar sobre ele, as suas mãozinhas a arrancarem o cateter do pénis, a puxarem a fita adesiva agarrada à pele e a intravenosa do braço. As enfermeiras a correrem para o impedir. É visceral, a agitação do quarto a ecoar nela agora.

Ouve Jacob a fechar a torneira lá em cima e limpa o nariz à manga. Vai tomar banho rapidamente e trocar de roupa. E depois voltará para junto de Xavier. Há uma sensação de náusea que surge do nada e lembra-se de que tem estado com o estômago vazio, da necessidade de privação que sentia quando estava sentada ao seu lado. A náusea, porém, aumenta novamente e é mais forte desta vez.

Lembra-lhe alguma coisa: as suas gravidezes. Ergue o polegar sob a camisa para tocar no mamilo esquerdo ao lado do coração acelerado, e só então se apercebe da sensibilidade inconfundível. O tempo deixa de ter qualquer significado para ela, pelo que não adianta contar as semanas, os meses que se passaram desde que teve o período. As vezes que deixou cada um deles penetrá-la. Já sabe. E fica

atordoadada com essa percepção.

Enquanto tenta processar o que deixou acontecer, apercebe-se do telemóvel de Jacob a vibrar sobre a bancada da cozinha. O zumbido pára. O hospital, podia ser do hospital. Disseram que ligariam se houvesse alguma coisa urgente. O telefone fixo começa então a tocar na cozinha e o ruído confunde-a, é quase irreconhecível. Nunca ninguém lhes liga para casa. Mal se aguenta nas pernas enquanto se encaminha até ao aparelho, mas consegue lá chegar e atende.

É a Dra. Menlo.

Ouve Jacob a descer as escadas a correr. Vira-lhe as costas e atravessa a cozinha em passo acelerado em direção ao logradouro, segurando no auscultador para ele não lho poder tirar, para poder ser ela a ouvir aquelas palavras.

— Ele morreu? Não pode ter morrido, eu preciso dele! Diga-me imediatamente!

Jacob diz-lhe para parar com aquilo. Manda-a calar-se. Tenta tirar-lhe o telefone da mão, mas ela afasta-o com toda a força, pressionando o auscultador contra o ouvido.

Whitney deixa-se cair na relva.

Xavier está acordado. Está a chorar pela mãe.

Quarta-feira, a Noite da Queda

Pousa o café com força na mesinha de cabeceira dele enquanto olha para a parede. Do corredor vem luz suficiente para conseguir ler o que está escrito.

«JÁ NÃO QUERO SER TEU FILHO»

As palavras ficam-lhe presas na garganta. Os olhos, rapidamente marejados de lágrimas, não lhe permitem digerir tudo aquilo. Sente Xavier a observá-la, sente o medo dele. Está à espera de que ela expluda. É o que esperam os dois.

A raiva, porém, não está presente, ao contrário do que acontece sempre. Whitney sente-se fraca. E vazia.

Exauriu-se durante dez anos com tudo o que o filho precisava e queria dela. E agora Xavier percebe o que ela sempre percebeu, está escrito na parede do quarto dele: ela nunca será suficiente para ele.

— Dá-me a tua carteira — diz ao filho.

Ele não esboça um movimento. Whitney abre a gaveta de cima, onde Xavier guarda a sua carteirinha de lona com uns cobres que arrecadou de aniversários e da fada dos dentes. Encontra-a debaixo das meias dele e atira-a para cima da cama.

— Tu é que vais pagar a pintura desta parede.

Xavier puxa lentamente os cobertores para baixo e senta-se. Tira as notas e as moedas. Whitney estende-lhe a mão. Ele, porém, olha-a nos olhos; está à procura da faísca. À espera de que o fósforo pegue. Atira o dinheiro para o chão, aos pés dela. Volta a deitar-se.

— Não queres ser meu filho? — pergunta ela, num compasso de espera. A testar-se a si própria. — Então vou deixar-te. Para nunca mais voltar. Já não tens mãe.

Sustém a respiração, sentindo as palavras a ecoar nos ouvidos. Não esperava que o queixo dele tremesse como está a tremer. Xavier afasta-se e fica defronte da janela. Whitney apanha o dinheiro do chão e sai do quarto.

Tem o coração sobressaltado. Encosta-se à porta fechada. *Vou-me embora. Vou-me embora.* É a primeira vez que diz algo do género. Um reconhecimento da possibilidade ao seu alcance. De que tem escolha.

A única diferença, porém, entre ela e uma mãe que se vai embora, se é que há grande diferença, é que Whitney já sabe que o facto de se

ir embora não trará nenhum alívio. Pelo menos se o filho estiver no mundo, se existir sem ela. Nunca deixará de estar envolto na sua consciência, de se infiltrar nos seus sonhos, um fluxo incessante de vergonha. Em vez disso, Whitney aprendeu a ficar ausente quando se encontra por perto. Tem a capacidade de olhar através das crianças, de ver os lábios delas a mexer-se enquanto vai assentindo com a cabeça, consegue estar lá e noutro sítio ao mesmo tempo. Whitney é uma ilusão. Mas nunca saiu de cena.

Põe-se a pensar que seria melhor explicar a Xavier que não queria dizer aquilo, que devia voltar ao quarto para o confortar antes que ele adormecesse. Está farta de o dececionar. A parte mais cruel da maternidade é que foi ela que o transformou na pessoa que ele é, incluindo cada uma das suas facetas frustrantes. É ela a fonte de tudo o que o aflige, é ela a razão pela qual o filho está sozinho, mesmo quando a mãe se encontra presente. Pressiona as mãos contra as faces. Não quer chorar.

Mas ouve-se um forte estrondo contra a porta, seguido do som de estilhaços no chão de madeira. Sente o cheiro a café, e, em seguida, os calcanhares molhados. E, de repente, a raiva apodera-se de si novamente.

Uma hora e meia depois, acorda com as páginas da sua apresentação sobre o peito — não fazia tenção de adormecer. Tem uma sensação estranha, uma eletricidade nela, como se o seu sonho tivesse carregado uma corrente. Em que estava a pensar, numa breve sesta? Em fragmentos a que não consegue atribuir nenhum sentido temporal ou espacial, está a arrastá-lo pelos cabelos pela relva. Ele grita, implorando-lhe que pare, mas Whitney está tão consumida por esta adrenalina, pelo impulso sexual que sente (será que levou a mão lá abaixo para se tocar durante o sono?; será que foi uma sensação assim tão real?) que não consegue largá-lo.

Passa a mão pelos olhos e quer que tudo desapareça. A luta com Xavier. O sonho horrível.

Fita o relógio luminoso do telemóvel. São 22h45.

Ainda não há resposta de Jacob em Londres. Ele leu as últimas seis mensagens dela.

Sente-se inquieta com o silêncio dele.

Deveria ter cancelado. Para ficar segura. Ainda poderia fazê-lo.

Contudo, põe a água a correr no polibã.

A seguir, veste um roupão de seda azul-marinho que lhe fica ligeiramente acima dos joelhos. Apura o ouvido junto aos quartos das crianças para se certificar de que estão todos a dormir.

Serve-se de um pouco menos de meio copo de vinho.

Lá fora, no logradouro, há humidade nas superfícies e no ar, e Whitney pousa as almofadas secas nos móveis do pátio. Percorre as manchetes no telemóvel e está prestes a tomar um gole do vinho quando sente umas mãos a tocarem-lhe nos ombros.

Sente o bafo dele no pescoço. Ele baixa a mão até ao peito dela e dedilha o mamilo com o polegar. Whitney gosta quando ele não quer falar primeiro, quando vem logo pronto para ela. Move a cabeça para trás, contra a cadeira, e não lhe apetece fazer uma pausa, mas têm de ir para o barracão. É onde o fazem, todas as vezes; Whitney, curvada com os cotovelos apoiados na prateleira de aço depois de ter varrido com o braço os baldes de plástico e os camiões basculantes em miniatura. Diz-lhe baixinho «Vamos para o nosso sítio», mas ele volta a empurrá-la para baixo, diz-lhe que quer fodê-la cá fora esta noite. Na dispendiosa cadeira exterior com os braços de vime largos.

— Ainda nos veem aqui — sussurra-lhe ela. E, ao proferir estas palavras, fica mais húmida e sente o dedo dele a escorregar para dentro de si.

Arqueia-se, quer-o mais fundo. Despe o roupão. Quer ficar em cima dele agora. Tira-lhe a camisola pela cabeça, arrebatá-lhe as calças. Senta-se sobre o margalho, de costas para ele, e ele envolve-a com as mãos para sentir tudo o que deseja tocar. As nuvens movem-se lestras e regressa o luar, e Whitney quer que ele a veja. Manda-o ajoelhar-se à frente dela. Gosta de se sentir em exibição, exposta, madura. Perde-se no que acontece a seguir, desaparece em si própria.

Nem se apercebe do som que emite até a mão dele lhe tapar a boca, a reverberação do seu prazer cortada como um arame. Whitney saboreia-se a si própria na aspereza da palma da mão dele. Ele puxa-lhe a cabeça para trás e a Lua parece brilhar contra as pálpebras dela.

— Mãe, pára!

Whitney abre os olhos.

E vê Xavier à janela do quarto dele, lá em cima. Está a observá-los.

Ben arranca-a da sua ereção e afasta-se da casa. Whitney, arrastando-se de gatas, procura o roupão. O vinho derrama-se, o copo rola sobre o betão.

— O que é que fazemos? Foda-se! — Ben atrapalha-se com o cinto.

— Cala-te — diz-lhe Whitney. Aperta o roupão. Não consegue olhar para cima. Consegue sentir Xavier ali, imóvel, a olhar pela janela aberta. — Tens de ir embora imediatamente.

Whitney sai do raio de visão de Xavier, encosta-se à porta de vidro

da cozinha e tenta encher os pulmões de ar. Ele vai contar a Jacob, vai contar a toda a gente. Vão ficar com a vida desfeita por causa disto. Por que carga de água estava acordado?

— Mãe!

Apetece-lhe gritar para o mandar calar.

— BEN? — chama Xavier. Está à procura deles.

Whitney vê a sombra dele a ficar mais comprida, está a debruçar-se da janela. Fecha os olhos com força. Pensa na forma como se expusera para que Ben a visse ao luar. Como o lambera ferozmente, como espalhara o esperma dele sobre si, qual tinta para pintar com os dedos, as obscenidades que dissera. Interroga-se há quanto tempo Xavier poderia estar a observar.

— MÃE!

Agora parece zangado, ou em pânico, Whitney não tem a certeza. Deveria ir lá a cima a correr para o confortar, pegar-lhe nos braços e dizer-lhe que lamenta imenso. Convencê-lo de que o que viu não é o que ele pensa que é. Mas Xavier saberá. Este episódio ficará para sempre como uma pedra no sapato no relacionamento deles. Whitney tem lutado contra a imagem de mãe que se espera dela desde o dia em que Xavier nasceu, e agora percebe que nunca iria ganhar.

— MÃE! BEN!

Whitney entra sorrateiramente pela porta das traseiras para se esconder dele, inclina-se sobre a ilha de mármore e tenta encontrar uma saída para o pânico, mas não consegue. Tem a boca repleta de saliva e parece-lhe que vai vomitar. Tem de pensar no que há de fazer a seguir. No que há de dizer.

— MÃE, ainda estás aí fora? Já te foste embora?

Xavier acha que Whitney o vai deixar, tal como ela disse que faria. Acreditou nela. Por que razão lhe terá dito isso?

Ao virar-se, dá com o seu reflexo na porta de vidro.

E é aí que ouve.

O ténue baque do corpo dele contra o chão.

Whitney caminha lentamente até à porta de vidro e abre-a com a mão trémula.

Ele parece morto.

Não há espaço dentro dela para pânico, medo ou qualquer sensação. Ajoelha-se na relva húmida, junto à cabeça do filho, e passa a mão por baixo, para ver se há sangue no couro cabeludo. Mas não há nada. Envolve o rosto do filho com as mãos em concha e ergue-lhe as pálpebras dos olhos com os polegares trémulos. «Vê que estou aqui», implora. «Estende-me a mão!» Ele, porém, não se mexe. Ela puxa-o para si. Quere-o novamente dentro de si, o único lugar onde

ele alguma vez esteve a salvo dela.

O cheiro de sémen nas mãos. A vulva inchada.

A operadora diz-lhe o que deve fazer; Whitney põe o telemóvel em alta-voz enquanto segue mecanicamente os passos. Arranja forma de encher os pulmões de ar e, em seguida, sopra-o para o interior dos dele. A adrenalina ajuda-a a concentrar-se, a fazer exatamente o que tem de fazer, mas sabe que essa dádiva de tempo sem sentido é fugaz. É uma corrida, e vai acabar. Ouve atentamente a mulher do lado de lá da linha, quer fazer tudo exatamente como ela diz. Ela diz-lhe que se saiu bem, que só lhe resta esperar, que os paramédicos estão a minutos de distância, que irão diretamente ter com eles ao logradouro.

Whitney vê então o aviãozinho de papel perto da ilharga de Xavier, que o teria na mão quando caiu. Lembra-se de o ter visto anteriormente naquela noite. No quarto dele.

O quarto dele.

Sobe os degraus dois a dois, sente-se desenfreada, a bater nas paredes. No quarto dele, escorrega no café e apressa-se a alcançar o marcador preto no chão. Rabisca o máximo que consegue sobre cada uma das palavras que o filho escreveu. Foram palavras sentidas. Está frenética e choraminga, sente os dedos em brasa e quer voltar para o segurar no relvado. Chegou ao fim o período em que pôde desfrutar da sensação de leveza e ausência de medo. Whitney está quase a terminar. Vai continuar a responder às perguntas da operadora, vai dizer a Xavier que o ama, vezes sem conta, não o deixará nunca mais, mas primeiro tem de encobrir aquelas palavras.

O som das sirenes. Deixa cair o marcador. E corre para ele.

Epílogo

Duas semanas depois

— Porque é que estás aqui?

As palavras dele detêm-na à porta do quarto do hospital de Xavier. O tom de Jacob parece acusatório, mas Whitney recorda a si própria que se trata de mera paranoia. O sofrimento de uma mentira.

— Acordei cedo, por isso pensei em vir substituir-te. Porque é que não vais para casa para estar um bocadinho com os gémeos? — Whitney olha para Xavier, o qual, na cama, com o tronco erguido, está entretido com um jogo no *iPad*. Ainda não falou. Tal poderá acontecer, Whitney e Jacob estão confiantes, o regresso ao estado inicial poderá levar algum tempo, mesmo na melhor das hipóteses, como é o caso dele, quando o resultado dos exames é favorável. Toda a gente se movimenta em seu redor fingindo que esta nova normalidade é suportável, vendo filmes a espaços na televisão volumosa montada na parede, falando à volta dele, sobre ele, sobre todas as atividades conjuntas que voltarão a ter em família quando tiver alta. É em prol do bem-estar emocional de Xavier, obviamente, mas Whitney também o quer — este conforto. Esta garantia.

Jacob volta a pôr os seus escassos pertences no saco de viagem, dobra o lençol e, em seguida, usa o telefone do quarto para pedir o pequeno-almoço de Xavier ao serviço de refeições. Põe o saco ao ombro.

— Tens a certeza? — pergunta à mulher.

Whitney tem evitado ficar sozinha no hospital com Xavier desde que este acordou. Jacob fica com ele todas as noites, dorme no banco do quarto, enquanto ela fica acordada na cama deles em casa, com Thea e Sebastian, um de cada lado. Jacob só sai para fazer uma pausa quando Louisa e os gémeos chegam.

Já ninguém fala sobre o que aconteceu naquela noite — toda a gente deixou isso para trás. As perguntas repetitivas, as conversas discretas que Whitney ouvia junto à porta.

E seria melhor que ela também deixasse isso para trás.

Contudo, não pode viver desta forma, entorpecida com o medo do que pode vir à tona quando Xavier começar a falar.

Tem de ficar sozinha com ele.

Jacob parece hesitante em sair. Whitney permanece de pé com as mãos na cintura, fitando-o, enquanto mantém os olhos fixos no filho. Mais uma vez, a paranoia.

— Há algum problema? — Ela engole em seco.

Jacob toca no pé de Xavier sob o cobertor. E a seguir aproxima-se dela vagarosamente, pousa-lhe uma mão meiga entre as omoplatas, toca-lhe ao de leve com os lábios na face.

— Absolutamente nenhum — responde. Whitney espera que o marido não consiga sentir o coração dela a bater descompassadamente. — Liga-me se precisares de mim. Amo-te.

Ela sai para o corredor e fica à porta a observá-lo a entrar no elevador. A seguir, regressa ao quarto e vira a placa da porta para «PRIVACIDADE».

Xavier já largou o *iPad* e está a olhar para o quadro branco na parede onde fazem o acompanhamento da evolução do seu estado clínico, onde anotam a hora de qualquer alteração cognitiva, para depois a enfermeira poder transpor os dados para o boletim clínico do paciente. Tremores. Gaguez. Confusão.

Whitney senta-se na parte lateral da cama e pega-lhe na mão. Abana-a ligeiramente, na brincadeira, tentando arrancar-lhe um sorriso. Volta a fazê-lo, encosta a testa à dele. *Agora estou diferente, pretende dizer-lhe. Estou mesmo aqui. Estou mesmo a ouvir. Estou a ver-te.*

— Podes dizer-me seja o que for, sabes.

Interroga-se se é assim que deveria sentir-se, se é isto que tem estado a perder ao longo de todo este tempo. Será este o anseio que nunca conheceu, este desespero de ser amada da forma que só o seu filho a pode amar? Este desejo de absorvê-lo na sua alma, de existir apenas e exatamente do modo que ele precisa que ela exista? *Sou tua, quer dizer-lhe. Posso esquecer quem eu era antes, e tu?*

Afasta-se e acaricia-lhe as bochechas, tão inchadas com os esteroides que dificilmente alguém o reconheceria. Chamam-lhe cara de lua cheia. A Lua, o luar. A nudez dela, iluminada.

— Seja o que for — repete ela baixinho. — Vamos manter isto entre nós. Mesmo que seja sobre aquela noite. Sobre o que aconteceu. — Espera que ele não consiga ouvir o tremor da sua voz. Espera que ele se sinta seguro ao seu lado desta vez. Será que ele voltará alguma vez a sentir-se seguro ao seu lado? Não quer pressioná-lo demasiado. Diz-lhe então, em voz baixa: — Mesmo que seja alguma coisa que não tenhas a certeza se é verdade... alguma coisa que te faça confusão na cabeça. Pode ser o nosso segredo. Estás a perceber? Nem preciso de

lhes dizer que falaste. Pelo menos até te sentires pronto.

Acaricia-o novamente. Xavier não tira os olhos do quadro branco.

E a seguir assente com a cabeça.

— Podes dizer-me? — Whitney olha para a porta fechada e, em seguida, para a mão dele apertada na sua.

Sente agora os olhos dele a percorrerem-lhe o rosto. Ele tem algo a dizer. Estava à espera de que ficassem sozinhos. Whitney sente-o.

— Diz lá. — Apetece-lhe aceder ao íntimo do filho e arrancar-lhe aquelas palavras, para as ter ali mesmo nas mãos. Para moldar o que quer que ele diga de acordo com as suas necessidades. — Vá lá.

Ele acaricia-lhe os nós dos dedos com o polegar. O gesto é tão meigo, tão recíproco, e o alívio traz lágrimas aos olhos de Whitney.

— Está bem — diz ele.

Whitney suspira baixinho ao som da voz dele. Tinha razão, ele precisava de ficar sozinho com ela, só com ela.

Entreolham-se fixamente, e a seguir Xavier inala, olha para as mãos deles. Whitney prende a respiração. Ele morde os lábios secos. As lágrimas escorrem-lhe ao longo das bochechas inchadas. Limpa o nariz com as costas da outra mão.

— O que é que vai acontecer? — pergunta, e passa novamente o polegar pelos nós dos dedos da mãe, só uma vez.

Whitney envolve-lhe o rosto com as mãos em concha e fica angustiada por amar tanto aquele filho. Por querer tanto melhorar as coisas. Abana a cabeça, não percebe o que ele quer dizer.

— A ti — diz ele. — Quando eu lhes contar tudo.

Agradecimentos

Agradeço à maravilhosa Madeleine Milburn e à incomparável equipa da Madeleine Milburn Agency. Estou grata por ter contado com o apoio de Esmé Carter, Hannah Ladds, Liv Maidment, Giles Milburn, Valentina Paulmichl, Georgina Simmonds, Liane-Louise Smith e Rachel Yeoh.

Agradeço a Pamela Dorman, Maxine Hitchcock e Nicole Winstanley, por terem sido tão pacientes, atenciosas e encorajadoras durante a elaboração deste romance. É uma alegria e um privilégio trabalhar convosco, e estou-vos incrivelmente grata pela vossa dedicação à minha escrita.

Às fantásticas equipas editoriais que, com tanto carinho e entusiasmo, trouxeram ao mundo *Instinto* e, agora, *Rumores*, obrigada por todo o vosso trabalho. Em particular, a Brian Tart e à equipa da Pamela Dorman Books e da Viking: Marie Michels, Jeramie Orton, Lindsay Prevette, Rebecca Marsh. A Louise Moore e à equipa de Michael Joseph: Clare Bowen, Jen Breslin, Riana Dixon, Helen Eka, Christina Ellicott, Laura Garrod, Sophie Marston, Kelly Mason, Sriya Varadharajan, Lauren Wakefield e Madeleine Woodfield. E a Kristin Cochrane e à equipa da Penguin Canada: Beth Cockeram, Dan French, Charidy Johnston, Beth Lockley, Bonnie Maitland, Alanna McMullen e Meredith Pal.

Agradeço ao Dr. Lennox Huang, do SickKids, à Dra. Kim Aikins, do Starship Children's Hospital, e à Dra. Sony Sierra, do TRIO Fertility, que generosamente disponibilizaram o seu tempo e experiência para enriquecer partes deste romance relacionadas com cuidados médicos e fertilidade. (Devo referir que tomei a liberdade de fazer algumas adaptações em prol do enredo e das personagens, pelo que nem tudo reflete fielmente o seu conhecimento — peço desculpa!)

Agradeço aos primeiros leitores, Beth Lockley, Ashley Thomson, Robin Kotisa e Karma Brown, e à Dra. Kristine Laderoute, pelo seu prisma de psicóloga. O meu agradecimento a Carley Fortune, Nita Pronovost e Harriet Alida Lye, por constituírem um grupo de amigas e escritoras tão encantadoras.

A minha parceira de escrita, Ashley Bennion Tait, leu mais rascunhos medonhos do meu trabalho do que qualquer pessoa deveria

ser obrigada a fazer. Tirei enorme proveito dos seus múltiplos talentos e também da sua amizade. O seu primeiro romance, *Twenty-Seven Minutes*, será publicado em 2024; espero que não deixem de comprar um exemplar — é tão brilhante quanto ela.

As minhas preciosas amigas têm-me apoiado na minha escrita de forma extremamente amável e atenciosa — adoro-vos a todas. Um agradecimento especial à minha querida Jenny Leroux, por todos os motivos.

O meu agradecimento aos leitores, livreiros, bibliotecários e escritores que apoiaram *Instinto* ao longo dos últimos anos, e àqueles que enviaram uma mensagem, escreveram um comentário ou partilharam uma publicação nas redes sociais. São gestos de grande significado.

O maior privilégio da minha vida é ter a família que tenho. Agradeço aos meus pais excepcionais e amorosos, Mark e Cathy Audrain, às minhas irmãs Sara e Samantha, e a Alex, Brendan e Brayden. O meu agradecimento aos Fizzells e aos Aikins por todo o vosso amor e apoio. E à nossa dedicada ama, Jackelyne Napilan.

Finalmente, a MJF, por tudo. E a Oscar e Waverly, por serem tão tolerantes com a minha vida de escritora e por constituírem uma fonte constante de maravilhosa inspiração. Amo-vos.

Sobre este livro

**UM *THRILLER* PSICOLÓGICO TENSO E SOMBRIO QUE
EXPLORA OS SACRIFÍCIOS SILENCIOSOS DA
MATERNIDADE, AS INTUIÇÕES QUE SILENCIAMOS E O
PERIGO DA INVEJA**



Xavier, de dez anos, está em coma no hospital depois de ter caído da janela do seu quarto a meio da noite. A mãe, Whitney Loverly, só consegue ficar sentada junto à cama do filho no hospital, recusando-se a falar.

Os amigos e vizinhos estão em choque, e os rumores sobre o que poderá ter acontecido naquela terrível noite vão-se multiplicando: Terá sido acidente? Poderá Whitney, cujo acesso explosivo de raiva com Xavier todos testemunharam meses antes, ter sido de alguma forma responsável? Teria Xavier saltado propositadamente?

Os acontecimentos dos últimos meses são-nos contados pelas vozes das mulheres de quatro famílias do bairro dos Loverlys, à medida que são forçadas a enfrentar os segredos dentro das paredes das suas próprias casas e as verdades incômodas que as ligam umas às outras. E os rumores, que começaram por ser quase inaudíveis, tornam-se cada vez mais sonoros, revelando uma verdade devastadora que mudará a vida destas quatro mulheres para sempre.

Sobre Ashley Audrain

Ashley Audrain é uma escritora canadiana que trabalhou como relações-públicas e, mais tarde, no departamento de *marketing* de uma editora.

Instinto, o seu primeiro romance, foi *bestseller* imediato em todo o mundo, tendo sido publicado em mais de quarenta países. Foi aclamado pela crítica internacional e os seus direitos televisivos foram adquiridos pela empresa de produção de *Once Upon a Time... in Hollywood*, *Marriage Story* e *Gravity*.

Rumores, o seu segundo romance, também um bestseller internacional, foi Escolha do Editor da Amazon e escolha de leitura da *Time*, da *Elle*, do *Washington Post*, entre outros.

Ashley vive em Toronto com o companheiro e os dois filhos.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA EM:

www.ashleyaudrain.com